

Narrativas **da pandemia de covid-19** experiências em saúde coletiva

RITA DE CÁSSIA MACIAZEKI-GOMES
CERES BRAGA AREJANO
STELA NAZARETH MENEGHEL
(ORGS.)



Narrativas

da Pandemia de COVID-19:
Experiências em Saúde Coletiva



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE FURG

Reitor

DANILO GIROLDO

Vice-Reitor

RENATO DURO DIAS

Chefe de Gabinete do Reitor

JACIRA CRISTIANE PRADO DA SILVA

Pró-Reitor de Extensão e Cultura

DANIEL PORCIUNCULA PRADO

Pró-Reitor de Planejamento e Administração

DIEGO D'ÁVILA DA ROSA

Pró-Reitor de Infraestrutura

RAFAEL GONZALES ROCHA

Pró-Reitora de Graduação

SIBELE DA ROCHA MARTINS

Pró-Reitora de Assuntos Estudantis

DAIANE TEIXEIRA GAUTÉRIO

Pró-Reitora de Gestão e Desenvolvimento de Pessoas

LÚCIA DE FÁTIMA SOCOOWSKI DE ANELLO

Pró-Reitor de Pesquisa e Pós-Graduação

EDUARDO RESENDE SECCHI

Pró-Reitora de Inovação e Tecnologia da Informação

DANÚBIA BUENO ESPÍNDOLA

EDITORA DA FURG

Coordenadora

CLEUSA MARIA LUCAS DE OLIVEIRA

COMITÊ EDITORIAL

Presidente

DANIEL PORCIUNCULA PRADO

Titulares

ANDERSON ORESTES CAVALCANTE LOBATO

ANGELICA CONCEIÇÃO DIAS MIRANDA

CARLA AMORIM NEVES GONÇALVES

CLEUSA MARIA LUCAS DE OLIVEIRA

EDUARDO RESENDE SECCHI

ELIANA BADIALE FURLONG

LEANDRO BUGONI

LUIZ EDUARDO MAIA NERY

MARCIA CARVALHO RODRIGUES

Editora da FURG

Câmpus Carreiros

CEP 96203 900 – Rio Grande – RS – Brasil

editora@furg.br

Integrante do PIDL

Editora Associada à



ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA
DAS EDITORAS UNIVERSITÁRIAS



ASSOCIAÇÃO DAS EDITORAS
UNIVERSITÁRIAS DO RIO SUL

Rita de Cássia Maciazeki-Gomes
Ceres Braga Arejano
Stela Nazareth Meneghel
Organizadoras

Narrativas

da Pandemia de COVID-19: Experiências em Saúde Coletiva



Rio Grande
2023

© Rita de Cássia Maciazeki-Gomes, Ceres Braga Arejano, Stela Nazareth Meneghel

Proposição:

Grupo de Estudos em Saúde Coletiva dos Ecossistemas Costeiros e Marítimos – GESCEM – FURG

Grupo de Estudos Rotas Críticas: Desigualdades Sociais, Generificadas e Racializadas (UFRGS)

Núcleo de Estudos do Trabalho e Constituição do Sujeito (NETCOS-FURG).

Arte da Capa: Andressa Silveira da Silva

Diagramação da capa: Murilo Borges

Imagem da Capa e Seções: Leandro Machado

Projeto Gráfico e Diagramação: Jackson Pereira Cardoso, Cíntia Raquel Ongaratto, João Balansin

Grupo de Leitura e Revisão de conteúdos:

Alice Monte Negro de Paiva, Andressa Silveira da Silva, Diônvera Coelho da Silva, Graziela Silva Rodrigues, Jaciana Marlova Gonçalves Araujo, Jackson Pereira Cardoso, Ceres Braga Arejano, Rita de Cássia Maciazeki-Gomes, Stela Nazareth Meneghel.

Revisão Ortográfica e Linguística: Júlio Marchand

Ficha catalográfica

N234 Narrativas da pandemia de COVID-19: experiências em Saúde Coletiva [Recurso Eletrônico] / Organizadoras Rita de Cássia Maciazeki-Gomes, Ceres Braga Arejano, Stela Nazareth Meneghel. – Rio Grande, RS : Ed. da FURG, 2023.
336 p. : il. color.

Modo de acesso: <http://repositório.furg.br>
ISBN 978-65-5754-187-6 (eletrônico)

1. Saúde da família 2. Psicologia social 3. Saúde mental 4. Estágio em Psicologia 5. Residência em saúde I. Maciazeki-Gomes, Rita de Cássia II. Arejano, Ceres Braga III. Meneghel, Stela Nazareth IV. Título.

CDU 614.255

Catálogo na Fonte: Bibliotecário José Paulo dos Santos – CRB10/2344

Sumário

Apresentação — Registrar para não esquecer, narrar para compartilhar as experiências do viver ...	8
Rita de Cássia Maciazeki-Gomes; Ceres Braga Arejano; Stela Nazareth Meneghel	
Seção I — Falando sobre experiências em serviços de saúde em tempos de COVID-19	
1. A saída sempre será coletiva: narrativas de um estágio em Psicologia Social junto ao Dispositivo Clínico Espaço de Expressão	25
Gabriela Viana de Oliveira; Fernanda Pereira Morais; Leonardo Roman Ultramarí; Diogo Dias Ramis; Rita de Cássia Maciazeki-Gomes; Jackson Pereira Cardoso.	
2. A fragilização da Estratégia Saúde da Família na Atenção Básica à Saúde e a pandemia de COVID-19: uma narrativa sobre a experiência de estágio em Psicologia Social no município do Rio Grande/RS	55
Fernanda Camilotto Bortoluzzi; Letícia Ferreira Coutinho; Estephani de Almeida Vargas; Bruna Rosa Farias; Ceres Braga Arejano	
3. Percursos de uma (ou mais) escuta(s): relato de bordo	78
Ana Paula Moreira Ferreira; Andreli Dalbosco; Flavia de Moraes; Jéssica Aguirre da Silva; Josiane Flores Pinheiro; Juliano Barros Dalmas; Mariana Schuh, Pedro Alves Fagundes; Renata Ceconello Mônico, Renata de Lima Corrêa; Analice de Lima Palombini	

4. Entre a casa e o estágio: experiências, afetos e narrativas pandêmicas em meio à prática de estágio na assistência social	92
Gabriela Del-Ponte; Sophia Souza; Carine Ortiz Fortes	
5. Vigilância em saúde do trabalhador: relato de estágio em psicologia em meio à pandemia do novo coronavírus	119
Mattheus Vinicius Gomes Pessano	
6. Acompanhamento terapêutico como meio de (re)inventar o cuidado em saúde mental em tempos de pandemia: uma análise cartográfica	138
Amilton Gonçalves Schir; Douglas Casarotto de Oliveira	
7. Sobrevoos, pouso e linhas de fumaça: registros de um diagnóstico comunitário produzido por residentes multiprofissionais em Saúde da Família (RMSF/FURG)	161
Aline das Neves Cordeiro; Daniela dos Santos; Lara Irene Leite da Costa; Juliana Cotting Teixeira	
8. Da graduação à pós-graduação: o processo de formação durante a primeira onda da pandemia de COVID-19 pelo olhar de uma residente e uma estagiária de psicologia	187
Mariana de Oliveira Garcia; Mariana da Cunha Aires; Mariana Gauterio Tavares	
9. Intervenções psicológicas em uma Unidade de Terapia Intensiva no contexto da COVID-19: estudo de caso sobre a importância da participação da família no processo saúde-doença	205
Ana Cristina Holzschuh Machado; Tarcis Murilo Sartor	

Seção II – Compartilhando experiências poético-expressivas em tempos de COVID-19

10. 2020, o ano em que reinventamos o contato ...	228
Lilian Ney	
11. Portas e janelas, música, trabalho e fotografia: narrativas de um professor em pandemia	246
Alan Goularte Knuth	
12. Cartas da formação docente em tempos pandêmicos	258
Aline Machado Dorneles	
13. O Hospital na pandemia	276
Gicelda Mara F. Silva	
14. A importância de dizer a palavra e narrar sobre dias pandêmicos — a escrita como possibilidade de encontro e conversa	281
Débora Medeiros do Amaral; Aline Dornelles	
15. Realidades descontinuidas	298
Andrew Oliveira de Oliveira	
16. Vilões vilões violam violentam violas violões	318
Leandro Machado dos Santos	
Sobre as(os) autoras(es)	322

APRESENTAÇÃO

Registrar para não esquecer,
narrar para compartilhar
as experiências do viver

*Rita de Cássia Maciazeki-Gomes; Ceres Braga Arejano;
Stela Nazareth Meneghel*

Em dezembro de 2019, na China, foi detectada a COVID-19, uma doença infecciosa, altamente transmissível, causada por um novo coronavírus (SARS-CoV-2). A Organização Mundial da Saúde, em março de 2020, decretou estado de emergência vindo a se configurar numa pandemia, que levou o planeta a uma crise sanitária (WHO, 2020).

Nos anos de 2020 e 2021, em atenção às orientações sanitárias, foi instituída uma série de medidas priorizando o distanciamento e/ou o isolamento social. Com isso, muitas mudanças se fizeram necessárias em atividades diárias e cotidianas, nos nossos modos de se relacionar com nós mesmos e com os outros e, também, nas estratégias de educação e formação em saúde.

A obra **“Narrativas da Pandemia de COVID-19: Experiências em Saúde Coletiva”** resulta de uma parceria entre o Grupo de Estudos em Saúde Coletiva dos Ecossistemas Costeiros e Marítimos (GESCEM-FURG), o

Grupo de Estudos Rotas Críticas: Desigualdades Sociais, Generificadas e Racializadas (UFRGS) e o Núcleo de Estudos do Trabalho e Constituição do Sujeito (NETCOS-FURG). E emerge da necessidade de registrar e de compartilhar as narrativas das experiências de professores, estudantes e trabalhadores, durante a pandemia de COVID-19.

Poderíamos nos perguntar com Benjamin (1994a) como transmitir uma experiência diante do empobrecimento das possibilidades de sua transmissão na contemporaneidade? Talvez algumas pistas sejam encontradas no próprio autor quando nos fala da importância de narrar o vivido, refletir sobre o que se passou, compartilhar os efeitos de nossas experiências (BENJAMIN, 1994b). Aqui, tomamos a experiência como produção coletiva (SCOTT, 1998) em sua construção discursiva, histórica e socialmente situada (HARAWAY, 1995).

O ato de narrar, por sua vez, produz um posicionamento político, enlace de um viver que se faz na relação com os outros. O **“Registrar para não esquecer, narrar para compartilhar as experiências do viver”**, sinaliza um esforço coletivo de dar visibilidade, refletir e problematizar o que se tem vivido. Narrar para compartilhar as experiências do viver nos auxilia a produzir um rasgo na linearidade e naturalização da vida. Insta a possibilidade de juntos refletirmos e nos inquietarmos com o que tem se passado. A potencialidade do narrar, já diria Benjamin, está na possibilidade de transmissão da experiência.

Nesse sentido, experiência e narração articulam modos outros de falar, escutar, compartilhar, visibilizar, reverberar saberes periféricos, negligenciados pela história oficial (MACIAZEKI-GOMES e ORTUÑO, 2020). Experiência e narração tomam contornos políticos ao encarnar os fragmentos de uma história que se-faz-sendo,

não linear, mas recortada e (re)inventada na arte de narrar e dela fazer arte(sanato) (MACIAZEKI-GOMES, 2017).

A contribuição dos textos, apresentados neste livro, constrói-se a partir de fragmentos do cotidiano, num descompasso entre o escrever, o sentir e o viver uma história viva, que se faz a cada dia. Histórias que se compõem em meio aos efeitos da pandemia de COVID-19. O conjunto de textos (re)afirma uma política da narratividade que se faz com os saberes situados (HARAWAY, 2014). A narrativa traz visibilidade a uma gama de experiências em Saúde Coletiva produzida em espaços de atenção e de formação, atravessados pela pandemia. Narrativas que compartilham desassossegos, dúvidas, medos e incertezas, como também, estratégias de reinvenção frente ao distanciamento social ou à ausência da presença física. O uso de tecnologias passou a ser acionado, em larga escala. Os encontros, conversas, grupos de acolhidas e trocas passaram a ser mediados pelas telas dos computadores e celulares. Muitas vezes, evocavam questionamentos como: Seria possível se produzir afeto, contato e proximidade com o outro através das telas? Seria possível a produção de cuidado mediada pelo uso das tecnologias digitais? Como (se) reinventar em meio a uma pandemia?

A construção de estratégias de comunicação, muitas delas inéditas até então, demonstraram a capacidade de trabalhadores, acadêmicos e professores de se reconstruírem a si mesmos e a seus processos de trabalho, frente aos impactos e efeitos devastadores da pandemia de COVID-19, no sistema sanitário brasileiro. Inúmeros fatores precisaram ser levados em consideração nos processos de adaptação e ajustes necessários às novas exigências. A proposta de um grupo online, por exemplo, foi atravessada por requisitos mínimos para sua realização, como o acesso à internet. A

questão do acesso, mais uma vez, desnudou nossas fragilidades diante das desigualdades sociais e econômicas históricas em nosso país. Assim, promover mudanças nos modos de cuidar, na gestão e formação em saúde exigiu que fossem levadas em conta, além das questões técnicas, as especificidades socioculturais e econômicas, locais e regionais, na proposição de soluções para os problemas apresentados.

Neste registro, a política de localização das narrativas demarca o fio condutor dos capítulos, aqui apresentados. Registra e compartilha os fragmentos de experiências, em contextos de formação, gestão e atenção em saúde, desde a região sul do estado do Rio Grande do Sul, Brasil. As escritas se passam em diferentes dispositivos das políticas públicas de saúde, educação, assistência social e, até mesmo, dentro de nossas próprias casas. Nesse contexto, o público e o privado se diluem, ao passo que as distâncias geográficas, no meio virtual, também. As experiências registradas, ainda em movimento, dizem de um momento presente, que pede passagem para serem compartilhadas e processadas de modo coletivo. Demarcam um compromisso social ao buscar pensar estratégias de como se (re)inventar, contam de movimentos em prol de um esperar, da busca por possibilidades em um tempo com tantas limitações e restrições. Dizem da produção de estratégias de cuidado consigo e com o outro que encadeiam um cuidado em rede, de modo coletivo.

Para apresentação das produções, os textos que compõem o livro foram agrupados em duas seções temáticas: **“Falando sobre experiências em serviços de saúde em tempos de COVID-19”** e **“Compartilhando experiências poético-expressivas em tempos de COVID-19”**.

Na seção I **“Falando sobre experiências em**

serviços de saúde em tempos de COVID-19” são apresentados textos escritos por estudantes da graduação, residentes em programas de saúde da família e professores de cursos do campo da saúde. Esses textos autorais mostram o desejo de enfrentar os medos, as angústias e as inseguranças produzidas pela pandemia e agudizadas pela sua má gestão, no Brasil. A seguir, traremos uma breve apresentação de cada um dos textos, contextualizando os cenários onde ocorreram e os aspectos singulares de cada um deles.

O primeiro capítulo, intitulado *A saída sempre será coletiva: narrativas de um estágio em Psicologia Social junto ao dispositivo clínico Espaço de Expressão*, aborda as transformações nos processos educativos e de formação em Psicologia. As autoras e os autores, Gabriela Viana de Oliveira, Fernanda Pereira Morais, Leonardo Roman Ultramari, Diogo Dias Ramis, Rita de Cássia Maciazeki-Gomes e Jackson Cardoso compartilham um registro das experiências vivenciadas no estágio, durante a pandemia de COVID-19, no ano de 2021. Registra a reorganização das práticas de estágio em Psicologia Social, realizadas, de modo remoto, junto ao dispositivo clínico Espaço de Expressão (EE), vinculado ao laboratório do Grupo de Estudos em Saúde Coletiva dos Ecossistemas Costeiros e Marítimos (GESCEM). Entre as questões levantadas pelo grupo, estão: Que território é esse que se constitui com a ausência da presencialidade? Que tipo de presença existe no modelo virtual e que corpo é esse que se constitui através das telas? E ainda, será possível que esses corpos se afetem?

A fragilização da Estratégia Saúde da Família na Atenção Básica à Saúde e a pandemia de COVID-19: uma narrativa sobre a experiência de estágio em Psicologia Social no Município do Rio Grande/RS compõe o segundo

capítulo, de autoria de Fernanda Camilotto Bortoluzzi, Letícia Ferreira Coutinho, Estephani de Almeida Vargas, Bruna Rosa Farias e Ceres Braga Arejano. O registro traz reflexões sobre as experiências de estágio em Psicologia Social, no acompanhamento das Equipes Multiprofissionais, antigo Núcleo Ampliado de Saúde da Família e Atenção Básica (NASF-AB), durante o período de outubro de 2020 a abril de 2021. O relato enfatiza que o estágio foi atravessado por duas grandes crises: uma ligada à expansão do pensamento neoliberal na gestão das políticas públicas em saúde, expressa na elaboração de um novo financiamento da Atenção Básica no Brasil (Portaria 2.979, DE 12 de novembro de 2019), provocando o desmonte dos princípios e diretrizes do SUS (PAULINO et al, 2021); e outra vinculada à maior crise sanitária deste século: a pandemia da COVID-19.

O texto *Percursos de uma (ou mais) escuta(s): relato de bordo* apresenta narrativas sobre as experiências de estágio remoto em psicologia clínica. Compartilha um registro sensível sobre os muitos desafios em produzir-se terapeuta, mediado pelas telas e seus temores. Segundo, Ana Paula Moreira Ferreira, Andreli Dalbosco, Flavia de Moraes, Jéssica Aguirre da Silva, Josiane Flores Pinheiro, Juliano Barros Dalmas, Mariana Schuh, Pedro Alves Fagundes, Renata Cecconello Mônico, Renata de Lima Corrêa e Analice de Lima Palombini: “*o encontro terapêutico mesmo sendo também um encontro, ele não pode ser desprezioso. A escuta tem propósito. É um esperar, um temer e muitos outros verbos que qualificam a experiência de ser terapeuta*”. Entre os desafios “*do encontro terapêutico*” sobressaem os sentimentos de medo, imprevisibilidade e incerteza a todas as mudanças que a pandemia acarretou.

O quarto capítulo, *Entre a Casa e o Estágio: experiências, afetos e narrativas pandêmicas em meio à*

prática de estágio na assistência social, traz a perspectiva de estagiárias de Psicologia Social junto aos dispositivos do Centro de Referência Especializado de Assistência Social – Medidas Socioeducativas (CREAS-MS), do Centro de Referência Especializado de Assistência Social – Medidas Protetivas (CREAS-MP) e do Programa Família Acolhedora (PFA), no período 2020 e 2021. As autoras Gabriela Del-Ponte, Sophia Souza e Carine Ortiz Fortes trazem as repercussões cotidianas acionadas pelas experiências do fazer-se estagiária na política de Assistência Social, durante a pandemia de COVID-19. O texto salienta as dificuldades de viabilizar as atividades planejadas, o medo do contágio e de contagiar familiares, as contradições e, por vezes, a vontade de desistir. Mas também assinala as potências, as aprendizagens significativas, os enfrentamentos e o afeto presente em toda a caminhada.

Em *Vigilância em Saúde do Trabalhador: relato de estágio em psicologia em meio à pandemia do novo coronavírus*, Mattheus Pessano narra o registro da realização do primeiro estágio em Psicologia Social, junto à Vigilância da Saúde do Trabalhador (VISAT). Relata as muitas dificuldades ocorridas durante a realização do estágio, com a passagem do estágio presencial para o remoto. Porém, mesmo com os entraves sofridos, nos mostra a abertura de novos campos de atuação, a importância do olhar e da escuta da psicologia nos ambientes relacionados à vigilância em saúde, no caso a saúde do trabalhador. As discussões atentam para a importância das notificações dos agravos a saúde do trabalhador, que denunciam o mal-estar, o sofrimento físico e psicológico, responsável pelos efeitos deletérios à saúde mental dos trabalhadores, que vão do Burnout ao suicídio. E, ainda, traz visibilidade para o fato de que, na pandemia de COVID-19, os trabalhadores da saúde foram

um dos grupos mais afetados, tanto em termos de adoecimento, quanto de mortes.

O *Acompanhamento terapêutico como meio de (re)inventar o cuidado em saúde mental em tempos de pandemia: uma análise cartográfica* é a temática abordada por Amilton Gonçalves Schir e Douglas Casarotto de Oliveira. O texto apresenta as reflexões das experiências de um acadêmico de psicologia como Acompanhante Terapêutico (AT), junto a um projeto de extensão em um Centro de Atenção Psicossocial (CAPS-II), no interior do Rio Grande do Sul. O texto registra a eclosão de sentimentos como medo, angústia, solidão, insegurança e pânico social, que tomaram conta da comunidade acadêmica, no início da epidemia. Registra, também, o sofrimento psíquico decorrente das situações de desemprego, doença e morte em familiares, a superlotação de hospitais e a escassez de suprimentos. Compartilha reflexões sobre as atividades de cuidado do AT no SUS, como a realização de rodas de conversa, oficinas de rádio, relato de caso, retomada da horta comunitária no CAPS. As narrativas dessas experiências explicitam o cuidado em rede, em sua dimensão coletiva.

O texto seguinte traz reflexões sobre o *Sobrevoo, Pouso e Linhas de Fumaça: registros de um diagnóstico comunitário produzido por residentes multiprofissionais em saúde da família (RMSF/FURG)*. No registro, Aline das Neves Cordeiro, Daniela dos Santos, Lara Irene Leite da Costa e Juliana Cotting Teixeira compartilham reflexões dos resultados advindos do diagnóstico comunitário realizado no território de atuação em saúde, junto à atenção básica. Jovens “desejantes”, como elas mesmas se denominam, produzem mapas, itinerários, cuidados e afetos. Nesse percurso, criaram exercícios de decolagem e sobrevoo e, no trajeto, identificaram questões de gênero e de saúde mental, inventaram estratégias usando “linhas

de fumaça”, fazendo uso e abuso da linguagem literária, poética, metafórica. O relato está ancorado no território vivo, geográfico, econômico, cultural e humano, como havia descortinado Milton Santos. Sem medo de ser feliz, o texto encerra acenando com linhas de fumaça, ou estratégias inventadas pelas residentes para driblar a epidemia.

Em *Da Graduação à Pós-Graduação: O processo de formação durante a primeira onda da pandemia de COVID-19 pelo olhar de uma residente e uma estagiária de psicologia*, as autoras Mariana de Oliveira Garcia, Mariana da Cunha Aires e Mariana Gauterio Tavares apresentam os desafios e potencialidades do processo de formação em nível de graduação e de especialização. A partir de diferentes posições, como residente, estagiária de psicologia social e supervisora e preceptora, compartilham reflexões sobre as mudanças e (im)possibilidades na formação e atuação em saúde, em um hospital universitário, no extremo sul do país. Destacam entre os desafios: a formação deficitária em Psicologia para intervenções nas situações de emergências e desastres, a adaptação aos protocolos, o uso de Equipamentos de Proteção individual (EPI's), o distanciamento físico de pacientes, equipe e a dificuldade de acesso à internet. Entre as potencialidades ressaltam a flexibilidade da equipe, a adaptação das atividades para o modo remoto, o uso de tecnologias no cuidado e aproximação de pacientes e familiares.

No último capítulo desta seção, Ana Cristina Holzschuh Machado e Tarcis Murilo Sartor compartilham as *Intervenções psicológicas em uma Unidade de Terapia Intensiva no contexto da COVID-19: estudo de caso sobre a importância da participação da família no processo saúde-doença*. O texto contempla reflexões sobre a atuação da Psicologia no cenário de internações hospitalares, em

situações de adoecimento grave, de despedida e morte, durante a pandemia da COVID-19. No registro, os autores compartilham as experiências de visitas virtuais a uma paciente internada na Unidade de Terapia Intensiva, que veio a falecer. Na impossibilidade da realização de visitas presenciais, a estratégia adotada contribuiu para a vivência dos rituais de despedidas, auxiliando na elaboração dos processos de luto, trazendo conforto possível para o paciente, sua família e equipe de saúde.

Já na seção II, **“Compartilhando experiências poético-expressivas em tempos de COVID-19”**, são apresentados textos de autoria de artistas, poetas, estudantes da graduação, pós-graduação e professores. Os textos compartilham experimentações clínicas e educativas, ao mesmo tempo em que registram as reflexões acerca das (im)possibilidades de escuta, encontros e linhas de fuga que dão (an)coragem para seguir adiante, reinventando modos outros de cuidar de si e dos outros, em tempos de pandemia. A seguir, traremos uma breve apresentação de cada um dos textos, contextualizando os cenários onde ocorreram e os aspectos singulares de cada um deles.

O texto de Lilian Ney: *2020, o ano em que reinventamos o contato*, constrói um percurso narrativo singular, que evoca cenas, cenários, fragmentos, lembranças das mudanças, transformações e ressignificações ocasionadas pelo advento da COVID-19. O registro aponta a escrita como elo, possibilidade de suspiro e elaboração do vivido: *“escrevo memórias, lembranças, desejos, sonhos, vontades, reais e inventadas”*. A escrita, por vezes intimista, compartilha sentimentos, memórias, mudanças nas rotinas diárias, transições e adaptações cotidianas na vida pessoal e, também, no mundo do trabalho. Encontramos, aqui, com a escrita como um arquivo vivo, um rasgo no tempo, na

história, deixando marcas para os que virão.

Em *Portas e janelas, música, trabalho e fotografia: narrativas de um professor em pandemia*, Alan Goularte Knuth compartilha seus registros, tendo como eixo transversal a Saúde Coletiva. O texto salienta as mudanças no mundo do trabalho docente, que passou a ser realizado dentro de casa. O registro encadeia as dimensões ético-políticas, ao dar corpo à narrativa de um “professor remoto”, atravessado pelas questões do seu tempo, como dos “links, câmeras e microfones, do desejo de sobrevivência, da lamentação pelas perdas, da repulsa pelo negacionismo como estratégia política até o reconhecimento do Sistema Único de Saúde (SUS) como um marco de proteção aos brasileiros e o advento da vacina como estratégia para retomadas”. Enfatiza a dimensão coletiva, ao compor estratégias imagéticas, expressivas e sonoras que, de algum modo, entrelaçam as relações de proximidade e de cuidado consigo mesmo e com os outros.

Aline Machado Dorneles escreve *Cartas da formação docente em tempos pandêmicos*. As cartas são um convite a continuar tecendo reflexões sobre o cotidiano, a vida e o trabalho de professores e professoras, em tempos de pandemia. As cartas acionam um convite para um encontro com a escrita narrativa. As cartas escritas no presente emergem entre os desafios da (con)vivência com o imprevisível, o inesperado e como estratégia de reinvenção. A escrita narrativa torna-se uma estratégia para expressar sentimentos e aprendizagens. A escrita de cartas instiga o registro e o testemunho do vivido no endereçamento da mensagem narrada. A escrita narrativa traz à tona uma escrita sensível, reflexiva, de modo a levar em conta as muitas singularidades e produzir conexões no tempo, no espaço e na relação com os outros. Na docência, a narrativa se associa ao caráter

formativo, como potencialidade para produzir práticas investigativas sobre fazer e os efeitos das experiências educativas.

No próximo capítulo, Gicelda Mara F. Silva traz o poema *O hospital na pandemia*, numa inspiração do poema “A escola” de Paulo Freire. A escrita poética produz um olhar humanizado para o hospital, de modo a integrar todos aqueles atores que, no seu processo de trabalho, estabelecem laços de convivência no dia a dia da instituição hospitalar. A escrita acolhe, estabelece laços e produz visibilidade a todos aqueles que cuidam e que dão de si na linha de frente de uma pandemia. Abre, assim, espaço também para um cuidado daqueles que cuidam.

A proposta de uma *conversa-escrita* é trazida por Débora Medeiros do Amaral e Aline Dornelles em *A importância de dizer a palavra e narrar sobre dias pandêmicos – A escrita como possibilidade de encontro e conversa*. As autoras propõem uma escrita ampliada, trazendo possibilidades de encontros em outros tempos, pausas e alentos. A escrita *conversa-leitura*, com textos escritos por outros, que são encontrados, em outros tempos, por cada um de nós. O texto registra as cenas do cotidiano, as demandas e sobrecargas na vida e no trabalho impostas pelo trabalho remoto. As cartas refletem sobre as experiências acionadas com o(s) tempo(s) e a docência na educação infantil. As cartas evocam memórias de um vivido e movimentos de um vir a ser. As cartas registram memórias e acionam práticas permeadas pelo compromisso social “*da memória e a necessidade de dizer a palavra*”. As narrativas deixam em aberto uma conversa-escrita inacabada e o convite para continuidade da conversa.

Em seu ensaio poético *Realidades Descontinuadas*, Andrew Oliveira de Oliveira apresenta as primeiras impressões frente à vivência pandêmica da COVID-19. Acompanhamos com ele um mundo que pára, à medida que

os processos inconscientes passam a tomar conta do cenário, da realidade. Existe um sentimento de estranhamento frente à velocidade dos acontecimentos, entre eles, o contágio, o adoecimento que se instala e acomete a população. O texto produz uma sensação onírica de vertigem. Mas, antes do final, surge renovada a esperança da oportunidade do despertar e a possibilidade de capturar novas memórias, novos segredos. O texto aciona imagens e nos convida à imaginação.

No capítulo final, o artista plástico Leandro Machado dos Santos compartilha os registros de sua exposição: “*Vilões vilões violam violentam violas violões*” – título da ocupação artística realizada no espaço *Majestic*, na *Casa de Cultura Mario Quintana*, em Porto Alegre/RS, durante os meses de outubro e novembro de 2021. Algumas das imagens da exposição podem ser acompanhadas ao longo de todo o livro, desde a capa à abertura de cada um dos capítulos. As imagens escolhidas para compor o livro, ao passo que denunciam as inúmeras dificuldades e violações sofridas em meio à COVID-19, abrem espaços para a “*reflexão – encontro – ocupação*”. Um convite para que juntos possamos compartilhar experiências, em sua diversidade de sensações, sentimentos, percepções e entendimentos. Uma pausa para nos deixar afetar, buscar alento e compor estratégias coletivas diante das dificuldades enfrentadas.

Agradecemos a todas as pessoas que compartilharam seus textos, imagens, cartas, poesias e narrativas para que esta coletânea fosse possível. Almeja-se com este livro contribuir no processo de registro, memória e narrativa das experiências em Saúde Coletiva, em tempos de pandemia. Que as narrativas das experiências compartilhadas, aqui, possam inspirar outras tantas formas de (re)existência e criação. Desejamos uma boa leitura!

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BENJAMIN, Walter. Experiência e Pobreza. In: W. Benjamin. **Obras Escolhidas 1 – Magia e técnica, arte e política: ensaios 209 sobre literatura história e cultura** (pp. 114-119). São Paulo: Brasiliense, (1994a).

BENJAMIN, Walter. O narrador. Considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. In: W. Benjamin. **Obras Escolhidas 1- Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura história e cultura** (197-221). São Paulo: Brasiliense, 1994b.

BRASIL. **Portaria nº 2.979**, de 12 De Novembro De 2019. Institui o Programa Previne Brasil, que estabelece novo modelo de financiamento de custeio da Atenção Primária à Saúde no âmbito do Sistema Único de Saúde, por meio da alteração da Portaria de Consolidação nº 6/GM/MS, de 28 de setembro de 2017. Disponível em: <https://www.in.gov.br/en/web/dou/-/portaria-n-2.979-de-12-de-novembro-de-2019-227652180>. Acesso em 06 de nov. de 2021.

HARAWAY, Donna. Saberes localizados: a questão da ciência para o feminismo e o privilégio da perspectiva parcial. **Cadernos Pagu** (5), 07-41, 1995.

HARAWAY, Donna. Videoconferência. Colóquio Internacional **Os Mil Nomes de Gaia: Do Antropoceno à Idade da Terra**. Casa de Rui Barbosa, Rio de Janeiro. Disponível em <https://youtu.be/1x0oxUHOIA8>. Acesso em 06 de nov. de 2021.

MACIAZEKI-GOMES, Rita de Cássia e ORTUÑO, Judit Herrera. Devir Margarida: narrativas de si em experienciefetos. **Interface – Comunicação, Saúde, Educação** [online]. 2020, v. 24 e190180. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/Interface.190180>>. Epub 09 Abr 2020. ISSN 1807-5762. <https://doi.org/10.1590/Interface.190180>.

MACIAZEKI-GOMES, Rita de Cássia. **Narrativas de si em movimento: uma genealogia da ação política de mulheres**

trabalhadoras rurais do sul do Brasil 2017, 231p. Tese (Doutorado em Psicologia) – Universidade do Porto em cotutela com a Universidade Federal de Santa Catarina, Porto, 2017.

PAULINO, Keytlin. et al. Reflexões sobre o novo financiamento da atenção básica e as práticas multiprofissionais. **Brazilian Journal of Development**, Curitiba, v. 7, n. 1, p. 5362-5372, jan. 2021.

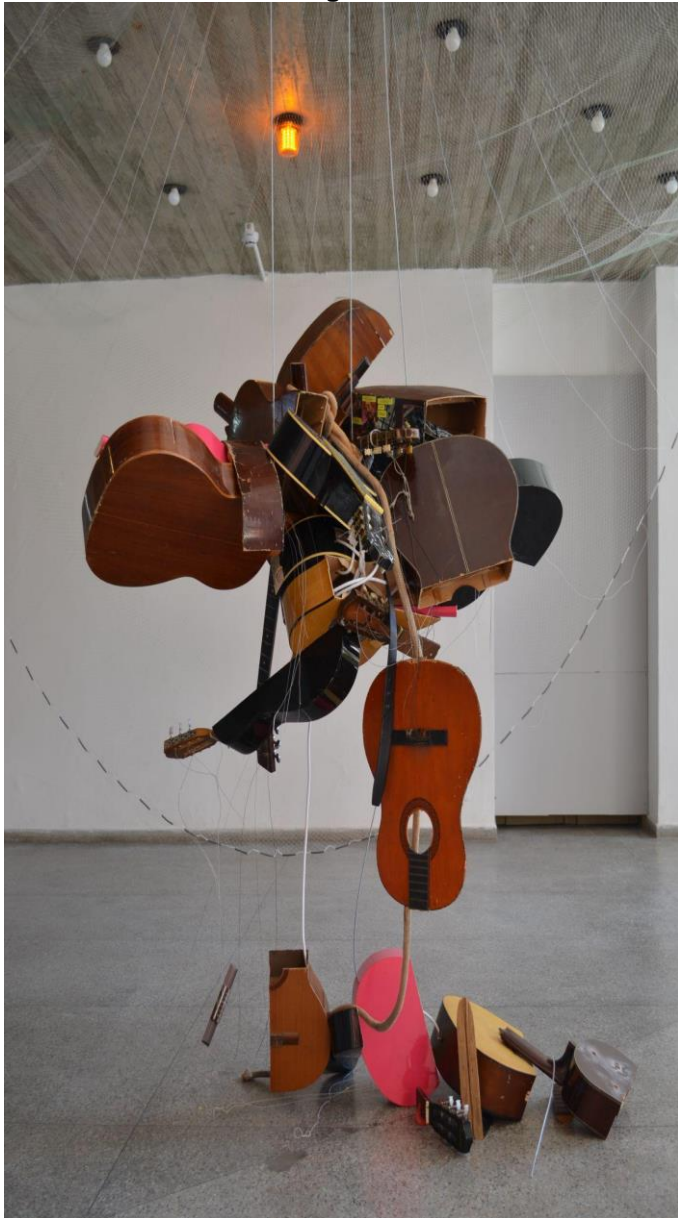
SCOTT, Joan. A invisibilidade da experiência. Trad. Lúcia Haddad. **Proj. História**. São Paulo, 16, 297-325, 1998.

WHO – **WORLD HEALTH ORGANIZATION**. The impact of COVID-19 on mental, neurological and substance use services: results of a rapid assessment. Disponível em: <https://www.who.int/publications/i/item/978924012455>. Acesso em: 15 junho 2021.

Seção I

FALANDO SOBRE EXPERIÊNCIAS EM SERVIÇOS DE SAÚDE EM TEMPOS DE COVID-19

Imagem 1



Fonte: Leandro Machado dos Santos

A Saída Sempre Será Coletiva: Narrativas De Um Estágio Em Psicologia Social Junto Ao Dispositivo Clínico Espaço De Expressão

*Gabriela Viana de Oliveira; Fernanda Pereira Moraes;
Leonardo Roman Ultramari; Diogo Dias Ramis;
Rita de Cássia Maciazeki-Gomes; Jackson Pereira Cardoso.*

INTRODUÇÃO: SOBRE AFETOS EM UM NOVO TERRITÓRIO

“Um corpo é definido por sua capacidade de ser afetado por outros corpos” (Tadeo Cervante, 2021)

O registro apresentado neste capítulo surge a partir das experiências vivenciadas no Estágio Obrigatório de Psicologia Social, do curso de Psicologia¹, da Universidade Federal do Rio Grande (FURG), durante os dias de pandemia de COVID-19, no ano de 2021. O estágio foi realizado inteiramente de modo remoto, junto ao Dispositivo Clínico Espaço de Expressão (EE), vinculado ao laboratório do Grupo de Estudos em Saúde

¹ O referido curso é composto por estágios obrigatórios em duas ênfases, sendo elas: 1) Psicologia Social e 2) Psicologia Clínica e da Saúde.

Coletiva dos Ecossistemas Costeiros e Marítimos (GESCEM). O GESCEM busca integrar, de forma interdisciplinar, diferentes saberes, articulando atividades de ensino, pesquisa e extensão em diálogo com políticas públicas e diferentes coletivos.

A pandemia de COVID-19 trouxe inúmeras problemáticas para a população em geral e, portanto, para o campo da Psicologia Social e da Saúde Coletiva. Diante do seu agravamento e do longo período de medidas de isolamento, tomadas para que a propagação do vírus fosse contida, o território presencial foi impossibilitado e substituído pelas telas. Desse modo, as possibilidades de ação dentro do campo foram limitadas e as/os profissionais e futuras/os profissionais da Psicologia foram convidadas/os a repensar suas práticas. Afinal, que território é esse que se constitui com a ausência da presencialidade? Que tipo de presença existe no modelo virtual e que corpo é esse que se constitui através das telas? Será possível que esses corpos se afetem?

A crise político-econômica do país também foi – e ainda é – um fator agravante para o mal-estar da nossa sociedade nos anos de 2020 e 2021. Além das milhares de mortes diárias e do luto vivenciado pelas famílias, o crescimento do desemprego, o aumento dos preços de itens básicos e a insegurança alimentar² nos colocam em um cenário social caótico e desesperançoso, em que as/os estudantes e profissionais da Psicologia também estão inseridas/os e pelo qual são afetadas/os. Aqui, questionamo-nos: diante de tantos atravessamentos e limitações, quais práticas podemos desenvolver? E como nos mantermos saudáveis para conseguir atuar dentro desse cenário?

² De acordo com a Rede PENSSAN (2021), 20,5% da população brasileira enfrenta insegurança alimentar moderada ou grave.

Realizar o estágio em Psicologia Social em território virtual nos colocou em frente a inúmeros desafios que serão expostos a seguir. Buscamos, assim, construir reflexões sobre algumas das experiências vivenciadas nesse contexto, indagando-nos a respeito das possibilidades e desafios que se colocam às práticas de cuidado na especificidade do território virtual. É o caso, neste escrito, não de estabelecer uma leitura sobre determinado estado de coisas ou trazer respostas fechadas para as questões aqui colocadas, mas de produzir agenciamentos, na medida mesma em que fazemos conexões, dispondo sobre um plano, alguns rastros das nossas intensidades. Compomos, assim, uma narrativa coletiva, que surge a partir das experiências vivenciadas no contexto do estágio realizado junto ao EE.

Tomamos narrativa na perspectiva de Galindo, Martins e Rodrigues (2014, p. 296), como “dispositivos de escrita que mobilizam expressões verbais, carregam mundos de práticas, reordenam espacialidades, temporalidades e são engajamentos ativos na constituição de modos de viver.”

Desse modo e mais especificamente, neste escrito, trabalhamos a partir da noção de “narrativas ficcionais” (REIGOTA, 1999; GALINDO et al., 2014). Trata-se, assim, não de escrever ficção, mas “de deixar que a escrita seja perpassada por pessoas, lugares, acontecimentos.” (GALINDO et al., 2014, p. 303). Essa escolha se dá por diversas razões: 1) por problematizar os limites que opõem o campo do factual daquele da imaginação; 2) por se embasar nos critérios de compromisso ético e de pertinência temática; 3) por não se dobrar às linhas duras da descrição e explicação, convocando sujeitos-autores e sujeitos-leitores ao engajamento ativo com o processo de produção de sentidos. Assim, partimos de uma concepção na qual as narrativas são vistas em seu caráter

performático, jogando com mediações e mediadores e inscrevendo no processo de pesquisa a abertura para o múltiplo, o diverso, a não-unidade (GALINDO et al., 2014).

Tratamos, assim como Deleuze e Guattari (1995, p. 11) referem, de escrever exclusivamente sobre

multiplicidades, linhas, estratos e segmentaridades, linhas de fuga e intensidades, agenciamentos maquínicos e seus diferentes tipos, os corpos sem órgãos e sua construção, sua seleção, o plano de consistência, as unidades de medida em cada caso.

Dessa forma, tomamos o Dispositivo Clínico Espaço de Expressão como um rizoma, com suas características de heterogeneidade, conexão, multiplicidade e ruptura. Portanto, entendemos que o processo aqui registrado está em constante construção e desconstrução, de modo que se rompe e se (re)configura a cada novo corpo, a cada novo acontecimento e a cada nova crise.

O ESPAÇO DE EXPRESSÃO

O Espaço de Expressão surgiu no ano de 2018, buscando atender a uma demanda trazida durante o evento “I Saúde Mental e Direitos Humanos: Produzindo estratégias de cuidado em rede”, quando um usuário dos serviços de saúde mental do município do Rio Grande expôs a necessidade de criação de espaços comuns para troca de vivências e experiências, onde fosse possível expressar, de forma criativa e lúdica, o que sentimos coletivamente, elevando a capacidade de atravessamento dos nossos corpos. O EE se configura em um dispositivo que dialoga com a Rede de Atenção Psicossocial (RAPS) e o Sistema Único de Saúde (SUS) no município do

Rio Grande, e atua sob a ética e a política do cuidado em liberdade, criando novos territórios existenciais coletivos (CARDOSO, 2021). Suas atividades, desse modo, inserem-se no âmbito da Saúde Coletiva, compreendido como um amplo campo multiparadigmático e interdisciplinar de práticas que conjugam saberes das ciências biológicas, sociais e humanas (NUNES, 2006). Tais atividades, portanto, estão centradas na dimensão coletiva do cuidado, aspecto que ocupa um lugar de destaque nas produções do campo da Saúde Coletiva (MELLO, 2009).

O Espaço³ foi idealizado em formato presencial, com corpos físicos, cheiros e texturas. Nas intervenções dentro dos espaços da FURG eram disponibilizados materiais artísticos para aqueles que desejassem se expressar através da arte. Também foram promovidas rodas de conversa e aulões públicos sobre assuntos que abarcavam o contexto político-social daquele momento. Desde seu surgimento, o dispositivo busca maneiras de fazer Psicologia e produzir cuidado para além dos modos e saberes preponderantes e institucionalizados. Dessarte, o dispositivo tem o objetivo de promover atividades de integração, encontro e escuta em espaços públicos, criando territórios de cuidado mútuo e de promoção de saúde mental sob a perspectiva antimanicomial (CARDOSO, 2021).

Além disso, já foram realizadas atividades na Unidade Básica de Saúde da Família (USBF) e no Centro de Atenção Integral à Criança (CAIC/FURG), localizados nas proximidades do campus Carreiros da FURG (SILVEIRA et al., 2021). Vinculando-se à rede de atenção básica, o EE se aproxima da comunidade para além do meio acadêmico, colocando-se a serviço da população

³ Forma afetiva de nos referirmos ao Espaço de Expressão.

externa e buscando compreender a multiplicidade das realidades existentes, na tentativa de atender também às suas demandas.

Imagem 2 – Espaço de Expressão realizado na Unidade Básica de Saúde da Família (USBF)



Fonte: autor desconhecido, acervo Espaço de Expressão, 2018

Imagem 3 – Espaço de Expressão realizado no Centro de Convivência da FURG



Fonte: Ramiro Duarte, acervo Espaço de Expressão, 2018

Entretanto, diante da pandemia de COVID-19 e com a necessidade de cumprimento de medidas sanitárias (dentre elas a do distanciamento social), o dispositivo também precisou se adaptar. Assim, deu-se início ao “Espaço de Expressão: em tempos de pandemia”. Frente ao momento pandêmico em que nos encontramos reféns das telas dos dispositivos eletrônicos, perguntava-se: que estratégias poderiam ser desenvolvidas para que os sentidos e os sentires continuassem se conectando através delas? Qual a potência desse cuidado produzido dentro de um território com acesso limitado? Seria ele o suficiente?

Sabemos que a condição virtual impõe uma série de requisitos que dificultam o acesso daquelas/es que poderiam fazer uso do serviço. Torna-se necessário possuir acesso à internet e a um dispositivo eletrônico, além de um local privado para que o sujeito possa se expressar. Dentro de um cenário socialmente calamitoso, essas foram algumas das diversas limitações que

precisamos levar em consideração quando pensamos em um território virtual: quem pode acessá-lo? Segundo Cardoso, Ferreira e Barbosa (2020, p. 43),

é necessária a compreensão de que o Brasil carece de políticas públicas de inclusão digital e que a desigualdade social é fator que fomenta a desigualdade de acesso aos bens tecnológicos. Essa exclusão digital, sempre visível, tem sido sentida substancialmente durante a pandemia de Covid-19 [...]

Foi dentro de um contexto sociopolítico de luto e luta que o EE propiciou o ingresso de alunas e alunos do curso de Psicologia na modalidade de estágio obrigatório, o que conferiu um fluxo sazonal de ingressos e partidas de integrantes. Mesmo estando sob a alcunha hierarquizante de estagiárias/os, o Espaço nos abraçou e produziu, de forma calorosa, um território amigável onde tivemos nossos desejos, inquietações e dúvidas ouvidas durante todo o processo, de forma que nos sentíssemos parte da idealização, construção e execução de todas as atividades e estratégias que viriam.

Assim, ingressamos. Diante da deliberação 23/2020 da FURG e das recomendações do Conselho Federal de Psicologia (CFP, 2020) e da Associação Brasileira de Ensino em Psicologia (CFP; ABEP, 2020) para o momento singular em que vivemos, o meio virtual nos atravessou desde a nossa seleção. O “Espaço de Expressão: em tempos de pandemia” nos foi apresentado junto aos seus desafios, anseios, propostas e inquietações, convidando-nos a fazer parte do âmago latente que ali havia, para que em conjunto pudéssemos dar significado às novas possibilidades que surgiam à frente. Através de um processo inicial teórico e reflexivo,

compreendemos mais acerca das novas abordagens em saúde mental, bem como discutimos sobre formas de produzir estratégias de cuidado em rede na especificidade do virtual, tomando como norte perspectivas de ajuda e suporte mútuos (VASCONCELOS, 2013) baseadas na produção de liberdade e autonomia, sem deixar de lado o acolhimento e a transversalidade dos saberes.

O CUIDADO ATRAVESSA

O Espaço acolhedor, seguro e amigável que foi formado por toda a equipe desde o processo de seleção das/os estagiárias/os se mostrou fundamental para a manutenção da saúde das/os próprias/os estudantes. As reuniões semanais se transformavam em um local de troca, em que não debatíamos apenas as possíveis estratégias de ação, mas também compartilhávamos os anseios, as dificuldades e as alegrias do momento.

O EE acaba se tornando, para além de uma equipe de trabalho, uma equipe de amigas/os, e nos apresenta uma nova forma de conexão, sem os cheiros e texturas, mas ainda cercada de afeto e acolhimento. A partir do vínculo formado dentro da equipe, deparamo-nos com as novas alternativas do território virtual e percebemos que, mesmo dentro das limitações impostas pelo remoto, nossos corpos ainda podiam afetar e ser afetados, mesmo que fisicamente distantes. As dinâmicas propostas as/os usuárias/os visavam a seu protagonismo, e nós, enquanto facilitadoras/es dos grupos de ajuda e suporte mútuos, também éramos convidadas/os a participar durante os encontros, o que nos tirava da posição de técnicos-ouvintes e nos colocava também na posição de participantes.

Conforme a *Cartilha [de] ajuda e suporte mútuos em saúde mental* (VASCONCELOS, 2013, p. 20), os

grupos de ajuda mútua buscam “constituir um espaço de acolhida, troca de experiências e de apoio emocional”, estimulando a livre expressão e valorizando a experiência de cada uma/um das/os participantes. Os dispositivos grupais do Espaço de Expressão se constituem, assim, como relações em que a rigidez dos papéis é suspensa, buscando construir, aos poucos, uma dinâmica autogerida – pois reconhecemos a dificuldade em se formar um grupo que seja totalmente autogerido – na qual os lugares hierárquicos são interrogados, e os saberes encontram circulação, devir, movimento, onde há trocas e alternâncias. Espaço, portanto, que se (re)configura a cada encontro, a cada agenciamento.

Dessa forma, o que poderia ser uma relação hierarquizada entre paciente-psicólogo se transformava em uma relação horizontalizada, em que nós também compartilhamos medos e inseguranças com as/os demais participantes, mostrando que, ainda que sejamos estudantes e profissionais da área da saúde mental, também possuímos questões e não estávamos alheias/os à angústia. O compartilhamento mútuo nos mostrou como nossa participação nos grupos vai muito além dos papéis de facilitadoras/es. Ao vermo-nos no discurso do outro, as sensações de desesperança e solidão, amplificadas diante do luto coletivo e do isolamento social, encontravam amparo e acolhimento. Desse modo, o cuidado ali produzido e perpassado por histórias múltiplas atravessava nossos corpos e promovia em nós, também, efeitos terapêuticos.

UM DISPOSITIVO EM MOVIMENTO

Quando ingressamos como estagiárias/os, durante o período letivo de 2021, o EE promovia quatro grupos virtuais psicoterapêuticos, de ajuda e suporte mútuos,

direcionados a diferentes públicos e com propostas distintas: o CuidArte, voltado para estudantes universitárias/os com a proposta de incentivar o cuidado através de expressões artísticas; dois grupos de Bem-Estar, sendo um com pessoas adultas/os e outro com idosas/os; e um grupo com adolescentes. Para além deles, o dispositivo também mantém uma parceria frutífera com a Associação de Usuários dos Serviços de Saúde Mental de Pelotas (AUSSMPE), que atua na cidade vizinha e, da mesma forma, viu-se obrigada a repensar seu funcionamento durante a chegada do momento pandêmico.

A AUSSMPE visa ao empoderamento das/os usuárias/os dos serviços de saúde mental, pautando a autonomia na decisão relacionada à direção de seus tratamentos em saúde, assim como o planejamento de suas vidas. A Associação também participa da Comissão Municipal de Saúde, posicionando-se contra o sucateamento dos Centros de Atenção Psicossocial (CAPS), reivindicando o fechamento de Hospitais Psiquiátricos e a implementação de um CAPS III, que acolha a população em situação de crise durante 24 horas, dentre outras pautas relacionadas (PACCE et al., 2021). À vista disso, o EE se relaciona com outras instituições que atuam junto à atenção básica e na rede pública de cuidado em saúde mental, de forma que participa ativamente das reuniões da associação, compartilhando vivências e saberes com a comunidade de usuárias/os.

O Espaço acaba atravessando diversos lugares, criando, em conjunto, novas linhas de fuga e agenciando as múltiplas demandas dentro de suas possibilidades. Seu rizoma, heterogêneo e multilinear, é composto por diversos braços, que se esticam em direção àquilo que inquieta e desassossega, possibilitando a produção de

novas formas de cuidado. Sua natureza muda a cada novo corpo que o compõe, formando infinitas possibilidades de ruptura e conexão (CARDOSO, 2021).

Por algumas semanas, nós, enquanto estagiárias/os, frequentamos os quatro grupos existentes no EE, simultaneamente participando das reuniões da AUSSMPE, com o intuito inicial de observar, conhecer melhor seus funcionamentos e, assim, pouco a pouco, habituarmos-nos com a prática e firmarmos nossa participação. Com a nossa entrada, o Espaço se modificou, e o movimento do grupo, que antes contava com menos integrantes (cerca de nove) e possuía uma dinâmica de organização interna que se adaptava bem ao seu tamanho e suas propostas, viu-se frente a novos corpos.

Diante do exposto, a consequência foi a produção de rachaduras na estrutura grupal, dadas na medida em que surgiram novas demandas e ideias, relacionadas principalmente ao desejo de ampliar nossa prática a partir da percepção de que o dispositivo tinha capacidade para produzir mais efeitos do que estava produzindo no momento (ULTRAMARI et al., 2021). Passadas as primeiras semanas, fomos observando uma monotonia que pairava sobre as atividades, visto que, com exceção do CuidArte, os outros três grupos contavam com baixa adesão após o recesso entre os semestres letivos de 2020 e 2021. As inquietações foram levadas às reuniões para o resto da equipe e insurgiram no grande grupo. Tendo em vista que muitas/os compartilhavam das mesmas sensações, as angústias foram acolhidas, e, assim, as práticas institucionalizadas foram questionadas, colocando o EE sob análise (ULTRAMARI et al., 2021). Após uma grande troca surge, então, o consenso em descontinuar os grupos que contavam com baixa adesão, e o EE passa por uma reavaliação das suas estratégias. Junto a isso, chegaram até o EE demandas de outras

instituições, como o Centro de Referências em Direitos Humanos da FURG (CRDH) e o Centro de Atenção Psicossocial (CAPS) de Pelotas. Na tentativa de atender a elas, o dispositivo passa a idealizar novos grupos voltados para a população universitária – com o objetivo de compartilhar as dificuldades do período remoto – e, também, aos usuários do Centro de Atenção Psicossocial.

Desde sua criação, o Espaço tem, na sua especificidade, a potência de ser um dispositivo autogerido, sempre disposto a se reavaliar quando a dinâmica carece de mudanças. Assim se fez em todos os seus momentos, desde o acolhimento da inquietação da/o usuária/o dos serviços de saúde mental do município – que demandava novos contatos com a comunidade externa à universidade –, até o momento em que a pandemia instituiu desarranjos nos quais fomos instadas/os a repensar formas, agora virtuais, de mobilizar os afetos frente a uma presença completamente diferente. Portanto, chegou o momento não de reestruturação, mas de agenciar outros movimentos que nos permitissem dar um novo sentido para um novo presente posto adiante.

AGENCIANDO OS MOVIMENTOS

A partir do *feedback* de algumas/uns participantes dos grupos que foram descontinuados, notamos que, após certo período, as temáticas discutidas pareciam se repetir e percebemos, então, mais uma dificuldade do modelo remoto: mesmo em casa, a vida ainda impõe o movimento e cria novas demandas. Como manter o serviço sem que seu sentido se perca na rapidez e fluidez que confere o território virtual? Desse modo, e acolhendo a demanda de construção de espaços voltados para a comunidade universitária, optamos, então, por oferecer grupos com número de encontros limitados na tentativa de

que os encontros não perdessem a adesão inicial. A equipe mais uma vez se divide para acolher a demanda.

Surgiu, então, a proposta de um grupo psicoterapêutico virtual com universitárias/os, aberto para participação de universitárias/os da graduação e da pós-graduação de qualquer universidade. Organizando a produção de um formulário para inscrição e com uma larga divulgação nas redes sociais e nos espaços institucionais da universidade, os primeiros movimentos para sua construção estavam dispostos.

A partir das 58 respostas obtidas através do formulário, o grupo do EE se dividiu em duplas para a etapa de acolhimentos. Cada uma delas entrou em contato e agendou um encontro virtual e individual com uma parte das/os estudantes que responderam ao formulário. Após a etapa de acolhimentos e tendo em vista a adequação aos horários de disponibilidade das/os inscritas/os, foi possível estruturarmos três grupos, separando-os por turnos e dias da semana: segundas-feiras pela tarde, terças-feiras pela manhã e sextas-feiras pela noite, cada um dos grupos passando a contar, assim, com quatro integrantes do EE e um número variável de participantes da comunidade universitária (de 9 a 13 pessoas).

Assim, foram realizados quatro encontros durante quatro semanas⁴ para o público universitário. A utilização das tecnologias digitais de informação e comunicação (TDICs) se fizeram necessárias como recurso para a participação nos grupos psicoterapêuticos, visto que, através delas, os integrantes já acompanhavam as aulas da universidade. Mesmo com certas limitações, como

⁴ Com exceção do grupo das manhãs, que a partir do consenso dos participantes optou por realizar um quinto encontro, em caráter excepcional.

algumas instabilidades na rede, os grupos fluíram naturalmente sem dificuldades nos seus andamentos, com variação acerca dos dispositivos utilizados, sendo eles computador de mesa, celular, notebook etc. As temáticas discutidas acompanharam as sugestões que surgiram a partir do formulário de inscrição, dos encontros de acolhimento e durante os encontros grupais. Sendo assim, apesar de todos os encontros terem sido planejados em reuniões da equipe do EE com participantes dos três grupos, cada grupo seguiu o seu fluxo, respeitando as multiplicidades e narrativas ali existentes.

Uma questão que se colocava, nesse sentido, era a de como poderíamos possibilitar a autogestão nos grupos. Nas reuniões de planejamento surgiam temas como: autocuidado, autocompaixão, estratégias de enfrentamento e produção de narrativas. Foi nessa perspectiva que, para o encontro de encerramento, planejamos uma intervenção cujo mote seria a produção, espontânea e em grupo, de uma narrativa. Tal proposta era dividida em dois momentos: no primeiro, o grupo construiria um personagem, com as características que as/os participantes considerassem pertinentes; e no segundo, incluiríamos esse personagem em um enredo, falando especialmente sobre o contexto de pandemia, seus impactos, e os desafios de adaptação da vida acadêmica ao território virtual. Um dos acontecimentos que planejamos incluir no enredo era a entrada desse personagem em um grupo psicoterapêutico para estudantes universitárias/os, proposta através da qual buscávamos ver, refletidas nas produções de sentido sobre esse acontecimento, os afetos e atravessamentos que os nossos encontros puderam agenciar nas vidas das/os participantes. Entretanto e para a nossa surpresa, as/os próprias/os participantes do encontro incluíram, na

narrativa, a entrada do personagem em um grupo. E não apenas isso, como também, na narrativa, esse personagem foi o idealizador do grupo, que passou a ser chamado “Conversa de Corredor”⁵. Dessa forma, nas intervenções grupais, a clínica se evidenciava enquanto um espaço de mudança, de transformação. Nossos movimentos, ora intensos e provocadores, ora lentos e delicados, agenciavam-se para implicar o coletivo nos processos de cuidado.

Assim, quando a clínica é desestabilizada por fluxos que a colocam em queda, desconstruindo suas verdades, tentamos fazer desaparecer os artifícios desnecessários, buscando desnudar nossos movimentos e experimentar aquilo que, de fato, coloca-nos em encontro com o outro. (BARONE; PAULON, 2019, p. 8)

Esse caso mostra que, nesses espaços, construídos e desconstruídos coletivamente, tratava-se de dar corpo a um dispositivo, isto é, a “algo que faz funcionar, que aciona um processo de decomposição, que produz novos acontecimentos, que acentua a polivocidade dos componentes de subjetivação.” (BARROS, 1993, p. 151). Desse modo, mesmo que planejássemos em conjunto temas e intervenções para cada um dos encontros, isto é, mesmo que partíssemos de um roteiro, cada grupo viria a agenciá-lo a seu modo, cada coletivo viria a torná-lo um roteiro-outro, um antirroteiro. Desse modo, os agenciamentos e as intensidades atravessavam os grupos, compondo mapas e enunciações: fazendo rizoma. Talvez no antirroteiro

⁵ Essa intervenção foi realizada nos três grupos. No entanto, os agenciamentos relatados nesse caso ocorreram no grupo que se encontrava virtualmente nas sextas-feiras à noite.

resida um devir necessário à ideia de autogestão.

O próprio caráter rizomático almejado pelo coletivo se mostrou, por diversos momentos, antagonista ao roteiro; em diversas situações, quando as/os próprias/os participantes do grupo tomavam a palavra, era possível constatar como o potencial de circulação de afetos ali presente oxigenava toda a estrutura que naquele ambiente vegetava, permitindo a ramificação de novos brotos no emaranhado de redes de cuidado e suporte que ali se tocavam e inevitavelmente se entrelaçavam.

Logo, diversas surpresas do acaso contribuíram para o fortalecimento dessa rede e para comprovar toda a potência dos grupos de ajuda e suporte mútuos, como no exemplo do turno da tarde, no qual aconteceu um inusitado encontro de colegas do mesmo curso, que ainda não se conheciam presencialmente devido ao advento do ensino remoto. Foi possível presenciar, nesse sentido, o surgimento de vínculos afetivos entre participantes que pareciam ter a capacidade de superar o local digital que nos era imposto para a realização dos encontros.

Em paralelo aos grupos com universitárias/os, houve também o surgimento de um grupo com usuárias/os do CAPS de Pelotas, o qual, porém, construiu-se sem limitações de encontros. Antes de seu início, muitas fantasias e dúvidas permeavam a mente das/os estagiárias/os responsáveis. Por se tratar de um grupo com pessoas que já estavam em atendimento formal pelo CAPS, tínhamos que elas estivessem em momentos mais delicados e desorganizados psicologicamente em comparação às/aos participantes dos demais grupos com os quais havíamos tido contato, e que nossas estratégias, pensadas para esses determinados grupos, talvez precisassem ser avaliadas.

Percebemos, logo no primeiro encontro, que nossos medos eram preocupações sem fundamento e

estavam atravessados por estigmas sociais. Mesmo atuando sob as perspectivas de transversalidade, autogestão e cuidado mútuo, buscando trazer autonomia para as/os usuárias/os, nossos pensamentos ainda eram baseados em uma racionalidade carcerária, em que as/os usuárias/os ainda eram vistas/os como figuras atípicas da nossa realidade. Assim, percebemos o quanto nossas fantasias estavam equivocadas. Na medida em que as dores e as alegrias eram compartilhadas e nos atravessavam, abrimos mão do controle e das idealizações, possibilitando que o Acaso se tornasse um campo de invenção e imprevisibilidade afetivas. Abrindo mão de “recortar o Desconhecido com o bisturi da racionalidade explicativa” (PELBART, 1991, p. 95), fomos capazes de desacomodar nossas percepções sobre aquelas pessoas, permitindo-nos atravessar e ser atravessados por suas histórias, sentires, pesares e felicidades.

Com o decorrer dos encontros, a união do grupo foi ficando cada vez mais consistente. Observamos que ali se formava um grupo de “amigos que se cuidam”, como foi denominado por um dos nossos participantes-facilitadores. Em diversos momentos, as histórias compartilhadas encontravam-se no meio do território virtual, que ali se compunha, formando uma rede de afeto e cuidado mútuos, que se estabelecia para além das telas.

A adesão ao grupo diminuiu após alguns encontros. Algumas/uns dos participantes começaram a trabalhar, outras/os estavam envolvidas/os com outras atividades e algumas/uns foram impossibilitados por outros acontecimentos da vida, assim como houve aquelas/es que se sentiram prontas/os para experimentar novos caminhos após sentirem os efeitos e afetos do grupo, comprovando que, mesmo limitada, a mudança se impõe. Os encontros pela plataforma do Google Meet

continuam, assim como o grupo formado pelo aplicativo WhatsApp, onde as/os usuárias/os podem pedir ajuda umas/uns às/aos outras/os em momentos difíceis ou compartilhar acontecimentos alegres do dia. Com a saída de algumas/uns e a entrada de outras/os, o grupo encaminha-se para o que apelidamos carinhosamente de “segunda temporada”, de forma que a ausência e a nova presença de corpos conferem mais um desafio a ser agenciado.

No momento desta escrita, durante o segundo semestre letivo de 2021, o EE está desenvolvendo quatro novos grupos, ainda voltados para o público universitário, mas dividindo-se em eixos temáticos específicos: universitárias/os que fazem uso de substâncias psicoativas, universitárias/os, mães/pais e universitárias/os LGBTQIAP+, bem como uma segunda edição do grupo para o público geral de universitárias/os.

Os grupos temáticos surgiram a partir de diversas linhas: do diálogo com o CRDH da FURG, que trouxe a necessidade de um espaço de acolhimento para as/os estudantes LGBTQIAP+; da experiência com o antigo grupo para universitárias/os, no qual havia diversas/os participantes que estavam atravessadas/os pelo assunto da parentalidade e as demais questões que abarcam o mundo acadêmico; e do interesse de algumas/uns de nós, estagiárias/os, de iniciar um grupo para acolher usuárias/os de substâncias. Notamos que as novas demandas surgem de múltiplos lugares, de forma que englobam o movimento constante de transformação que se decreta dentro do território online e impulsiona nosso rizoma a se esticar em diversas direções, agenciando novas rupturas e conexões.

Imagem 4 – Card de divulgação do grupo para universitárias/os que fazem uso de substâncias



Fonte: Instagram do Espaço de Expressão.

Imagem 6 – Card de divulgação do grupo para o público geral de universitárias/os.

grupo psicoterapêutico
PARA UNIVERSITÁRIES
2ª edição

um espaço seguro para
compartilhar o cansaço do Ead

INSCRIÇÕES PELO LINK NA BIO

Fonte: Instagram do Espaço de Expressão.

Imagem 7 – Card de divulgação do grupo para universitárias/os LGBTQIAP+.



Fonte: Instagram do Espaço de Expressão.

FUTURO?

“Todas as razões para fazer uma revolução estão lá. Não falta nenhuma. [...] Todas as razões estão reunidas, mas as razões não são o que fazem a revolução, são os corpos. E os corpos estão na frente das telas.” (tradução livre) (Tadeo Cervante, 2021)

Quando nos deparamos com a necessidade de realizar o estágio em Psicologia Social de forma remota,

fomos atravessados por muitos receios e dúvidas. Parecia impossível produzirmos qualquer estratégia que fosse de fato satisfatória sem que todos os nossos sentidos estivessem na rua. Além das dúvidas em relação ao estágio e nossa formação profissional, nossos corpos também carregavam o cansaço, o medo, o estresse e o luto que permeou toda a sociedade durante o período pandêmico. Não estávamos inteiras/os, mas despedaçadas/os.

O virtual transformou a forma como nos relacionamos e nos conectamos, e ainda não temos completa dimensão do seu impacto social. Levando em conta a dificuldade de acesso, a velocidade das informações e as limitações que as interações por uma tela nos colocam, esse território se apresentou como um meio cercado de incertezas, onde não sabíamos muito bem qual seria nosso papel, tão pouco como desenvolvê-lo.

Porém, descobrimos ser possível ocupar esse novo território, que não se encontra em um local físico, não possui cheiros, texturas e gostos, mas se forma a partir do afeto, do acolhimento, das câmeras, das vozes; forma-se com a presença, ainda que virtual, com o tempo disponibilizado e com as especificidades de cada localidade geográfica que se convergem através do digital. Esse território se configura de forma diferente para cada uma/um, dentro de suas casas, pedindo licença para invadir seu Espaço íntimo.

Percebemos que, ainda que os corpos estivessem fisicamente separados, eles estavam povoados por múltiplos atravessamentos – sociais, culturais, políticos – que se encontravam quando conectados pelas redes. Nossos medos e desejos conversavam através das telas. Em um momento de muitas incertezas sobre o que viria a seguir com a pandemia de COVID-19, pudemos encontrar amparo, formando uma barricada de afetos que se protegiam mutuamente.

Adaptamo-nos dentro das imposições do momento, tecemos uma rede em conjunto e através do compartilhamento nos unimos, formando um território novo a cada encontro, um local vivo em meio ao luto pandêmico, um lugar que se movimenta, transforma-se, deforma-se, mas sobretudo acolhe.

O inegável efeito terapêutico que os grupos virtuais mobilizaram em nós, estagiárias/os, foi fundamental para que a escuta e a entrega fossem integrais e atentas, possibilitando que esse território fosse realmente um local de transversalidade, onde os papéis se flexibilizam e se complementam. Assim, enfrentamos as limitações que o momento impôs, fomos desacomodadas/os e reacomodadas/os.

No momento presente, enquanto finalizamos este escrito, a possibilidade de sair das telas nos ronda. Com a vacinação avançada e as centenas de pesquisas voltadas para o vírus em todo o mundo, vislumbramos, finalmente, a possibilidade de voltar a colocar nossos sentidos e sentires mais uma vez na rua, mas o que (e quem) restou nessas ruas?

Novamente, a vida impõe a mudança e mobiliza novas incertezas. Após descobrir as possibilidades de resistência e afeto diante das telas, como iremos agir fora delas? Quais atravessamentos nos atingirão? Após quase dois anos com centenas de milhares de mortes e isolamento, como voltaremos?

Ainda é cedo para termos respostas fechadas para as múltiplas questões que atravessam esse período pandêmico. Os desdobramentos que virão, bem como os estudos a serem desenvolvidos sobre ele, ainda vão nos revelar o quanto esse momento afetou nossa população. A única resposta que encontramos e, portanto, concluímos, é que a saída sempre será coletiva. Não importa se estamos em modo físico ou virtual, o território

se forma a partir dos encontros, do amparo, das trocas. Sendo assim, aguardamos os novos desafios e esperamos encontrar um novo modo de união, formando uma política e um cuidado de corpos-barricadas, que se unem através do afeto.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARONE, Luciana Rodriguez; PAULON, Simone Mainieri. Ensaio de uma clínica do chão: cartografando a Saúde mental na Atenção Básica em interface com a dança. **Interface**, Botucatu, v. 23, e180599, 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/Interface.180599>. Acesso em: 29 nov. 2021.

BARROS, Regina Duarte Benevides de. Grupos e Produção. *In*: LANCETTI, Antonio (Dir.). **Saúde Loucura 4**. São Paulo: Ed. Hucitec, 1993. p. 145-154.

CARDOSO, Cristiane Alves; FERREIRA, Valdivina Alves; BARBOSA, Fabiana Carla Gomes. (Des)igualdade de acesso à educação em tempos de pandemia: uma análise do acesso às tecnologias e das alternativas de ensino remoto. **Revista Com Censo: Estudos Educacionais do Distrito Federal**, v. 7, n. 3, p. 38-46, ago. 2020. ISSN 2359-2494. Disponível em: <http://www.periodicos.se.df.gov.br/index.php/comcenso/article/view/929>. Acesso em: 29 nov. 2021.

CARDOSO, Jackson. **O que pode o Espaço de Expressão com/junto à Atenção Básica?: Experimentações em dias pandêmicos**. TCC (Graduação em Psicologia) – Instituto de Ciências Humanas e da Informação, Universidade do Rio Grande. Rio Grande, p. 50. 2021.

CERVANTE, Tadeo. **Artillería inmanente**. Hacia una política de corpo-barricadas. <https://artilleriainmanente.noblogs.org/>, [S. l.], 14 fev. 2021. Disponível em: <https://artilleriainmanente.noblogs.org/?p=2102>. Acesso em:

21 nov. 2021.

CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA. **Resolução nº 04/2020, de 26 de março de 2020.** Dispõe sobre regulamentação de serviços psicológicos prestados por meio de Tecnologia da Informação e da Comunicação durante a pandemia do COVID-19. Brasília, 2020. Disponível em: <https://atosoficiais.com.br/cfp/resolucao-do-exercicio-profissional-n-4-2020-dispoe-sobre-regulamentacao-de-servicos-psicologicos-prestados-por-meio-de-tecnologia-da-informacao-e-da-comunicacao-durante-a-pandemia-do-covid-19?origin=instituicao&q=04/2020>. Acesso em: 29 nov. 2021.

CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA; ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE ENSINO DE PSICOLOGIA. **Práticas e estágios remotos em psicologia no contexto da pandemia da COVID-19: Recomendações.** 1 ed. Brasília: CFP, 2020. Disponível em: <http://www.abepsi.org.br/>. Acesso em: 06 dez. 2021.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia.** 1 ed. São Paulo: Ed. 34, 1995.

GALINDO, Dolores; MARTINS, Mário; RODRIGUES, Renata Vilela. Jogos de armar: Narrativas como modo de articulação de múltiplas fontes no cotidiano da pesquisa. *In*: SPINK, Mary Jane Paris; BRIGAGÃO, Jacqueline Isaac Machado; NASCIMENTO, Vanda Lúcia Vitoriano do; CORDEIRO, Mariana Prioli (Org.). **A produção de informação na pesquisa social: compartilhando ferramentas.** Rio de Janeiro: Centro Edelstein de Pesquisas Sociais, 2014. p. 295-322.

MELLO, Vania Roseli Correa de. **Estratégias de humanização do cuidado em saúde mental: Cartografando as intervenções de apoiadores institucionais.** Dissertação (Mestrado em Psicologia Social e Institucional) - Instituto de Psicologia, Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, p. 100. 2009.

NUNES, Everardo Duarte. Saúde coletiva: Uma história recente de um passado remoto. *In*: CAMPOS, Gastão Wagner de Sousa; MINAYO, Maria Cecília de Souza; AKERMAN,

Marco; DRUMOND JUNIOR, Marcos; CARVALHO, Yara Maria de (Orgs.). **Tratado de Saúde Coletiva**. São Paulo: Editora Hucitec e Editora Fiocruz, 2006. p. 19-40.

PACCE, Benjamin; GOES, Isadora Garcia de; MARSHALL, Edryne; MACIAZEKI-GOMES, Rita de Cássia. Narrativas de um estágio em psicologia social em tempos de pandemia de COVID-19. **Revista Signos**, v.42, n.2, 2021.

PELBART, Peter Pál. Manicômio mental: a outra face da clausura. *In*: LANCETTI, Antonio (Dir.). **SaúdeLoucura 2**. São Paulo: Ed. Hucitec, 1991. p. 129-138.

REDE BRASILEIRA DE PESQUISA EM SOBERANIA E SEGURANÇA ALIMENTAR E NUTRICIONAL. **Inquérito Nacional sobre Insegurança Alimentar no Contexto da Pandemia da Covid-19 no Brasil**. Brasil: Instituto Vox Populi, 2021. Disponível em: <http://olheparaafome.com.br/VIGISAN/Insegurancaalimentar.pdf>. Acesso em: 21 nov. 2021.

REIGOTA, Marcos. **Ecologistas**. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 1999.

SILVEIRA, Roberta; CARDOSO, Jackson.; SILVA, Diônvera; BORTOLUZZI, Fernanda; MACIAZEKI-GOMES, Rita. Espaço de Expressão: Arte, Cuidado e Saúde. *In*: PRADO, D.; GONÇALVES, C.; DOMINGUES, B. (Org.). **Extensão Universitária da FURG: A produção de conhecimento a partir da prática extensionista**. Rio Grande: Ed. FURG, 2020 p. 248-258. Disponível em: <http://repositorio.furg.br/handle/1/9308>. Acesso em: 21 nov. 2021.

ULTRAMARI, Leonardo Roman; RODRIGUES, Fernando; FARIA, Jessica Isis; GOES, Isadora Garcia de; MORAIS, Fernanda Pereira. Reinvenção de um dispositivo clínico: Um relato de experiência. *In*: Mostra de Produção Universitária, 20., 2021, Rio Grande, **Anais da 20. Mostra de Produção Universitária**, Rio Grande: FURG, 2020. Disponível em: <https://mpu.furg.br/anais1/28-mpu-2021/196-2-17anais-mpu-2021-seminario-de-extensao-ext>. Acesso em: 06 dez. 2021.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE. (Rio Grande).

Deliberação nº 023/COPEA, de 10 de julho de 2020. Dispõe sobre as Diretrizes Acadêmicas Gerais para o ensino de graduação durante o período emergencial. Disponível em: <https://conselhos.furg.br/deliberacoes/coepea/pleno/2020/deliberacao-023-20-20>. Acesso em: 29 nov. 2021.

VASCONCELOS, Eduardo Mourão (Coord.). **Manual [de] ajuda e suporte mútuos em saúde mental: para facilitadores, trabalhadores e profissionais de saúde e saúde mental**. Rio de Janeiro: Escola do Serviço Social da UFRJ; Brasília: Ministério da Saúde, 2013, 255 p.

Imagem 8



Fonte: Leandro Machado dos Santos

2

A Fragilização Da Estratégia Saúde Da Família Na Atenção Básica À Saúde E A Pandemia De Covid-19: Uma Narrativa Sobre A Experiência De Estágio Em Psicologia Social No Município Do Rio Grande/RS

Fernanda Camilotto Bortoluzzi; Letícia Ferreira Coutinho; Estephani de Almeida Vargas; Bruna Rosa Farias; Ceres Braga Arejano

INTRODUÇÃO

Os movimentos de luta pela Reforma Sanitária no Brasil ensejaram uma série de mudanças na vida política e cotidiana do país durante o processo de abertura democrática em meados dos anos 80 do século passado. Uma das conquistas históricas foi o capítulo da saúde na Constituição Federal de 1988, que, em sua segunda seção, versa sobre o compromisso do Estado brasileiro com um sistema público de saúde. Nele se reconheceu a saúde como um “direito de todos e dever do Estado” e são lançadas as bases de um sistema único, ancorado nos seguintes princípios e diretrizes: 1) a universalidade; 2) a descentralização, com direção única em cada esfera de governo; 3) o atendimento integral, com prioridade para

as atividades preventivas, sem prejuízo dos serviços assistenciais; 4) a equidade e 5) a participação comunitária. Dessa forma, a Constituição produziu os alicerces para a criação das leis orgânicas da saúde: a Lei 8080/1990, que instituiu o Sistema Único de Saúde (SUS) e a Lei 8.142/90 que promove a participação popular na gestão do Sistema Único de Saúde/SUS.

O SUS é organizado em “redes de atenção à saúde” (MENDES, 2008), compostas por um conjunto de serviços de saúde que se articulam por meio de uma missão, objetivos comuns e ação cooperativa e interdependente. Estruturam-se de maneira “poliárquica” (MENDES, 2008), de modo que todos os pontos de atenção são igualmente importantes e possuem relações horizontais. Constituem-se a partir de três elementos: i) a população; ii) a estrutura operacional e iii) o modelo de atenção à saúde. O escopo do nosso trabalho reside especialmente no segundo componente, dessa forma nos atermos um pouco mais a ele.

Mendes (2008) discorre sobre os cinco elementos que compõem a estrutura operacional das redes de atenção à saúde. Os três níveis de atenção – primário, também chamado de “atenção básica”, secundário e terciário – e os sistemas de apoio¹ aparecem como os “nós” das redes. Os sistemas logísticos fazem a comunicação entre esses “nós”. E o sistema de governança rege as relações entre os quatro primeiros.

Esse modelo de rede implica um *continuum* da atenção à saúde em seus três níveis. Nesse sentido, a

¹ Chama-se sistema de apoio os dispositivos institucionais que prestam serviço a todos os pontos das redes, como os serviços de diagnóstico por imagem, de medicina nuclear diagnóstica e terapêutica, eletrofisiologia diagnóstica e terapêuticas, endoscópicas, hemodinâmica e patologia clínica e a assistência farmacêutica (MENDES, 2008).

atenção primária ou básica, expressão utilizada no Brasil, constitui-se como “nó intercambiador”, ou seja, um centro de comunicação em que os fluxos e contrafluxos do sistema de atenção à saúde são ordenados a partir daí. A Atenção Básica à Saúde (ABS) também é responsável por buscar solucionar mais de 85% dos problemas de saúde no território, tendo em vista sua capilaridade, ou seja, por estar situada mais próxima do lugar onde as pessoas vivem e convivem (2019, jun, 27). Desse modo, a AB se responsabiliza em acolher, sanitária e economicamente, a população adscrita em seu território. A Estratégia Saúde da Família/ESF como modelo de ABS e o Núcleo Ampliado de Saúde da Família e Atenção Básica (NASF-AB) são os dispositivos que integram a atenção primária em saúde.

Assim, o objetivo deste relato é refletir sobre nossa experiência de estágio em Psicologia Social, realizado junto às Equipes Multiprofissionais, antigo NASF-AB da Secretaria do Município da Saúde do Rio Grande/RS. Destacamos que a nossa prática de estágio foi atravessada por duas grandes crises: uma ligada à expansão do pensamento neoliberal na gestão das políticas públicas em saúde, expressa na elaboração de um novo financiamento da Atenção Básica no Brasil (Portaria 2.979, De 12 de novembro de 2019), provocando o desmonte dos princípios e diretrizes do SUS (PAULINO et al, 2021); e outra vinculada à maior crise sanitária deste século: a pandemia da COVID-19.

A experiência do estágio remoto é completamente nova e desafiadora para nós e, também, para nossas supervisoras e as equipes de saúde locais justificam a necessidade de retratar e compartilhar nossas vivências enquanto estagiárias de Psicologia Social neste cenário pandêmico. Essas experiências foram marcadas tanto pelo luto do “estágio idealizado” *versus* o estágio possível,

mas também por muitas inquietações, reflexões e adaptações às novas exigências desse momento peculiar.

METODOLOGIA

Trata-se de um estudo qualitativo do tipo relato de experiência. Enquanto método, o relato de experiência configura-se como uma narrativa científica que compreende a experiência, o lugar de fala e o tempo histórico a partir de um espaço social e também é articulado através de estrutura teórica baseada na literatura científica (RAMOS DALTRO; DE FARIA, 2019). Assim, entendemos “experiência” como uma categoria de análise contextual e contingente (SCOTT, 1998), por se desenvolver a partir de interpretações discursivas e de construção política. Para esta escrita, utilizamos como materiais nossas anotações pessoais e o Diagnóstico Institucional (BLEGER, 1984), que foi escrito em conjunto. O Diagnóstico Institucional é uma das ferramentas de trabalho do psicólogo institucional e tem por objetivo detalhar a situação da instituição, podendo servir para sensibilizar reflexões e transformações dela.

Neste relato, apresentamos nossa experiência como estagiárias de Psicologia Social da FURG, sendo a nossa ênfase em Psicologia Social Comunitária. O estágio obrigatório em Psicologia Social/FURG se apresenta com uma carga horária de 360 horas anuais de atividades, dessas 240 horas são executadas no local do estágio junto com as/os supervisores locais, que são os profissionais responsáveis pela/o estudante, e 120 horas são destinadas para supervisão acadêmica, do professor responsável junto com as/os estudantes (FURG, 2012). Nossa experiência se deu no acompanhamento das Equipes Multiprofissionais da Secretaria do Município da Saúde vivenciadas em quatro territórios do município do Rio Grande (Urbano I, Urbano II, Rural e Portuário) durante o período de outubro de 2020 a abril de 2021.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os resultados e discussão foram divididos da seguinte forma: (a) Histórico do Núcleo Ampliado de Saúde da Família e Atenção Básica (NASF-AB); (b) A Fragilização Da Estratégia Saúde Da Família Na Atenção Básica À Saúde E A Pandemia De Covid-19 e (c) O Sonho Que Se Sonha Junto.

Histórico do Núcleo Ampliado de Saúde da Família e Atenção Básica (NASF-AB)

O NASF-AB foi criado pelo Ministério da Saúde no dia 4 de janeiro de 2008, através da Portaria nº 154 e posteriormente remodelado pela Portaria nº 2.436/2017. O NASF-AB é composto por uma equipe multiprofissional interdisciplinar. Sua finalidade é atuar em conjunto com a Equipe de Saúde da Família (EqESF) para a efetivação da assistência primária em saúde. Como parte da Estratégia de Saúde da Família (ESF), visa ampliar a abrangência da assistência em saúde e promover melhor resolubilidade através da territorialização e regionalização do cuidado. O núcleo é responsável por articular um conjunto de ações técnico-pedagógicas e clínico-assistenciais, buscando ofertar integralidade do cuidado aos usuários do Sistema Único de Saúde (SUS) (BRASIL, 2010).

O NASF-AB embasa suas práticas nos conceitos de (1) territorialização e responsabilidade sanitária, que envolve a responsabilidade sobre a saúde de determinado contingente populacional; (2) trabalho em equipe, colaborativo e interdisciplinar; (3) integralidade; e (4) autonomia dos indivíduos e coletivos, que visa à ampliação da autonomia dos sujeitos e à capacidade de governarem suas próprias vidas (BRASIL, 2014). As

ações de prevenção e promoção da saúde, discussão de casos, atendimento – conjunto ou não –, interconsultas, construção conjunta de projetos terapêuticos singulares, educação permanente, discussão do processo de trabalho das equipes, intervenções no território e na saúde de grupos populacionais e da comunidade são alguns exemplos de atividades desenvolvidas por essas equipes (BRASIL, 2012).

O município do Rio Grande, localizado no extremo sul do Rio Grande do Sul, instituiu, em 2007, a Rede de Apoio Matricial em Saúde Mental (Rede Gaivota) a partir da identificação de demandas em torno da saúde mental nos territórios de abrangência da ESF. Após um período de quatro anos de trabalho conjunto das EqESF e da Rede Gaivota, sentiu-se a necessidade de ampliar as áreas de matriciamento e o escopo das ações da Atenção Básica para além da saúde mental. Naquele momento, surgiu, no município, o projeto do NASF-AB, encaminhado para o Conselho Municipal de Saúde, aprovado por unanimidade no dia 11 de fevereiro de 2011. Posteriormente, foi encaminhado ao Ministério da Saúde a fim de ser implantado no mês de abril do mesmo ano. Após essas etapas, entrou em vigor, em 20 de julho de 2011, a lei nº 7.070 (PREFEITURA MUNICIPAL DO RIO GRANDE, 2011), implementando na cidade duas equipes de NASF-AB, uma responsável pelas demandas da Zona Urbana e outra para atender às da Zona Rural. Na época, o NASF-AB para Zona Litorânea estava em processo de planejamento.

As frentes de trabalho elegidas para atuação das equipes NASF-AB rio-grandinas foram em saúde da mulher, saúde da criança e do adolescente, saúde do idoso, práticas corporais, alimentação e nutrição. As equipes eram compostas por um(a) assistente social, um(a) psicólogo(a), um(a) educador(a) físico(a),

um(a)nutricionista e um(a) fisioterapeuta. As equipes trabalhavam diretamente com as EqESF, por meio de visitas periódicas às Unidades Básicas de Saúde da Família (UBSF) pertencentes ao seu território de abrangência.

Alguns exemplos de atividades desenvolvidas por essas equipes são: ações de prevenção e promoção da saúde, discussão de casos, atendimento conjunto ou não, interconsultas, construção conjunta de projetos terapêuticos singulares, educação permanente, discussão do processo de trabalho das equipes, intervenções no território e na saúde de grupos populacionais e da comunidade (BRASIL, 2012). As reuniões de apoio matricial (RAM), visitas domiciliares, interconsultas e grupos são as modalidades elegíveis pelas equipes para o alcance dos objetivos propostos.

Durante a Reunião de Apoio Matricial, é elaborado o Plano Terapêutico Singular (PTS) que pode ser, tanto individual, quanto por um grupo familiar, e são discutidas propostas de intervenções como interconsultas, visitas domiciliares, participação em grupos de orientações, encaminhamentos para outros dispositivos (CAPS – Centro de Atenção Psicossocial, Centro de Referência Especializado de Assistência Social – CREAS, Ambulatório de Saúde Mental, Conselho Tutelar, entre outros). Além da RAM, os profissionais do NASF também desempenham outras funções como reunião de equipe, atividades intersetoriais, reuniões ampliadas de núcleos (reuniões com outros NASF's), supervisões de grupos, e participação no Programa Saúde na Escola PSE (FONSECA et al., 2015).

De acordo com a NOTA TÉCNICA N° 3/2020-DESF/SAPS/MS,

a composição de equipes multiprofissionais deixa de estar vinculada às tipologias de equipes NASF-AB. Com essa desvinculação, o gestor municipal passa a ter autonomia para compor suas equipes multiprofissionais, definindo os profissionais, a carga horária e os arranjos de equipe. O gestor municipal pode então cadastrar esses profissionais diretamente nas equipes de Saúde da Família (eSF) ou equipes de Atenção Primária (eAP), ampliando sua composição mínima. Poderá, ainda, manter os profissionais cadastrados no SCNES como equipe NASF-AB ou cadastrar os profissionais apenas no estabelecimento de atenção primária em vinculação a nenhuma equipe (p. 1).

A partir da desvinculação presente na nota técnica lançada em janeiro de 2020, os profissionais que até então produziam suas atividades de acordo com os princípios do NASF-AB passaram a se chamar de “Equipes Multiprofissionais”. Entretanto, apesar de não ter mais ligação com o NASF, suas ações profissionais seguiram o modelo e a prática que vinham sendo produzidas, já que o município do Rio Grande não elaborou outro plano de trabalho.

O município do Rio Grande possui seis Equipes Multiprofissionais, são elas: Urbano I, Urbano II, Urbano III, Rural, Portuário, Litorâneo. Neste relato, iremos discorrer sobre a nossa atuação enquanto estagiárias nas Equipes Multiprofissionais Urbano I, Urbano II, Rural e Portuário.

A Fragilização Da Estratégia Saúde Da Família Na Atenção Básica À Saúde E A Pandemia De Covid-19

A prática do estágio em Psicologia Social nos Núcleos Ampliados de Saúde da Família (NASFs) era

uma experiência teórico-prática desejada pelos acadêmicos de Psicologia, que ainda não havia sofrido as alterações (fragilizações causadas pelo desmonte ocorrido no SUS) para Equipe Multiprofissional. No decorrer de diversas aulas, colegas compartilharam suas experiências de estágio nesse local, bem como as demandas, limitações e contribuições do estudante de Psicologia, despertando ainda mais o nosso interesse em desenvolver a prática de estágio nesse dispositivo. O processo seletivo para o estágio na Equipe Multiprofissional contou com a abertura de quatro vagas, avaliadas em duas etapas: envio do currículo e entrevista coletiva. A partir do resultado do processo seletivo, ainda no mês de dezembro de 2019, as expectativas e interesse cresceram, evidenciando o desejo latente pulsando em cada uma de nós. O desejo de finalmente poder vivenciar a experiência prática do estágio a partir de alguns anos de experiência teórica.

As aulas iniciaram no fim do mês de fevereiro de 2020. Em março, começamos o processo burocrático de preenchimento dos papéis necessários para começarmos o estágio. Entretanto, nesse período, houve a chegada da pandemia COVID-19 no Brasil. Com diversas mudanças acontecendo no mundo todo, a fim de reduzir os impactos da pandemia e minimizar a disseminação do vírus altamente transmissível, a Prefeitura do município do Rio Grande decretou estado de emergência pública e a Universidade Federal do Rio Grande/FURG suspendeu as aulas presenciais e as práticas de estágios obrigatórios e não obrigatórios – incluindo o nosso estágio em Psicologia Social.

Posteriormente, o contexto da pandemia trouxe diversas modificações, transformações e adaptações à vida das pessoas, com proporções diferentes de acordo com os fatores individuais, culturais e sociais. Assim, após

o período de suspensão do calendário acadêmico da FURG, ocorreu o retorno, de forma remota, das atividades acadêmicas, sendo permitido que seguissem os estágios obrigatórios e não obrigatórios, sobre responsabilidade de cada curso, segundo a Deliberação 023/2020 (FURG, 2020). Sabemos que todas fomos (e ainda somos) impactadas pelas consequências do isolamento social e pela adaptação das novas formas de relações, interações, trabalho e de aprendizagem, como as aulas e estágio de forma remota.

Entretanto, gostaríamos de destacar aqui um luto proporcionado pelo momento pandêmico: o luto do estágio idealizado. Aqui, gostaríamos de pontuar que não estamos falando de um processo de luto comum entre o estágio idealizado *versus* o estágio real, mas da particularidade do que o período remoto é capaz de imprimir em cada uma de nós. Não estamos falando de se deparar com o modo de funcionamento do trabalho na prática e poder elaborar novos olhares sobre a Instituição. Estamos falando da dúvida sobre qual é esse olhar sobre os nossos locais de estágio, intermediados pelo olhar de outras pessoas? Como analisar quais necessidades da população, visíveis, explícitas, aparecem nos pedidos de atendimento, nos encaminhamentos de outros serviços profissionais quando não estamos presentes na Instituição? Como analisar quais necessidades da população, não visíveis, ocultas, distorcidas, ignoradas, não registradas ou não conhecidas, poderiam ser detectadas se não estamos caminhando pelo bairro? Nessas reflexões, aqui cabe mencionar a contribuição de Martin-Baró (1997), que norteia o fazer da Psicologia Comunitária,

Ao assumir a conscientização como horizonte do *que fazer* psicológico, reconhece-se a necessária centralização da psicologia no âmbito do pessoal,

mas não como terreno oposto ou alheio ao social, mas como seu correlato dialético e, portanto, incompreensível sem a sua referência constitutiva. Não há pessoa sem família, aprendizagem sem cultura, loucura sem ordem social; portanto, não pode tampouco haver um eu sem um nós, um saber sem um sistema simbólico, uma desordem que não se remeta a normas morais e a uma normalidade social (p. 17).

Nossas inquietações movimentaram reflexões no período inicial do estágio de forma remota, a partir da dificuldade de pensar em possibilidades e de aprendizados na atual conjuntura. Entretanto, no dia a dia do estágio remoto foi possível adotar uma nova perspectiva sobre a realização do estágio, de um lugar não como o desejado, mas como o possível.

O Sonho Que Se Sonha Junto

Apesar das experiências de estágio propriamente ditas serem realizadas em diferentes territórios, em que cada uma de nós estava inserida em uma região territorial específica, acompanhadas por uma psicóloga da área de abrangência, ainda assim há alguns elementos que se encontram e perpassam os distintos locais do estágio. Dentre as nossas práticas do estágio possível, podemos destacar as seguintes atividades desenvolvidas: (1) participação em grupos do Whatsapp; (2) reuniões de round² remotas com as equipes da ESF, (3) confecção de materiais informativos e educativos.

A participação da população através dos grupos de

² Reuniões na qual se tem como finalidade a passagem dos casos que são acolhidos nas unidades básicas de saúde para as/os profissionais.

Whatsapp aconteceram por meio de demanda já existente, pois havia ainda poucas atividades possíveis de se fazer de forma online. Os grupos funcionaram, de certa forma, como grupos de apoio mútuo com a disponibilização e/ou discussão de materiais sobre assuntos diversos e, dentre os principais, estavam “formas de lidar com o distanciamento social”, que incluíam dicas para criar uma rotina em isolamento social, maneiras de identificar sinais de ansiedade e ser capaz de reagir a esses, e, também, uma forma de os participantes sentirem que não estavam passando por esse momento pandêmico sozinhos. Os grupos funcionaram como uma possibilidade de rede de apoio para as participantes, que podiam encontrar ali um espaço de troca de experiência, conversas e acolhimento uma das outras, não só mediado por nós ou pelas psicólogas, mas uma prática de apoio mútuo entre as próprias participantes do grupo.

A participação de forma online nas reuniões de round (antigas reuniões de apoio matricial), junto às equipes multiprofissionais, trouxe maior aproximação da vivência do estágio presencial, já que nessas reuniões a participação intensa nas discussões da equipe de saúde da ESF e os repasses feitos por cada profissional da Equipe Multiprofissional sobre os casos preenchiam nosso imaginário sobre a realidade vivenciada pelos usuários do SUS.

A confecção de materiais de forma conjunta, como cartazes e publicações nas redes sociais alusivas à campanha do “Novembro Azul”; um folder sobre “Estratégias de enfrentamento à ansiedade”; e outro material também em formato de folder sobre a temática “Como cuidar da Saúde Mental do profissional de Saúde?”, e também materiais feitos de forma individual, como um material alusivo ao “Janeiro Branco” e um folder sobre “Precauções nas festas de fim de ano” no cenário

de pandemia foram alguns exemplos de materiais que confeccionamos a partir de pequenas demandas identificadas pelos grupos do Whatsapp, no contato com a equipe ou até mesmo uma solicitação das supervisoras locais do estágio.

Um dos elementos mais centrais da nossa prática de estágio foi a dificuldade de ver uma Psicologia Social Comunitária que não estivesse inserida presencialmente na comunidade; não ter tido a oportunidade de conhecer as pessoas fisicamente, não lembrar dos rostos e nem sequer do nome de todo o grupo de profissionais que compunham cada equipe de trabalho; não poder sentir o frio na barriga ao chegar em uma sala e dizer “prazer, deixa eu me apresentar”. Essas indagações fizeram com que questionássemos sobre qual era o nosso papel enquanto estagiárias de Psicologia Social naquele momento pandêmico e a serviço de quem nossas atividades estavam sendo pensadas?

No início do estágio remoto, a dificuldade da criação de vínculos por meio virtual é algo que também gostaríamos de ressaltar. Porém, não somente quanto aos vínculos entre nós e as supervisoras, mas também entre nós e as equipes e entre nós e a comunidade. Sentimos, no início da prática de estágio, uma inquietude em como estabelecer essas relações, e um certo receio de estar atrapalhando as supervisoras locais por sabermos que o trabalho era exaustivo para cada uma delas nessa nova realidade, isto é, uma pandemia que afetava a todas nós, provocando altos níveis de estresse pelo medo constante da contaminação pelo vírus.

Entendemos que seria muito injusto de nossa parte destacar apenas as problemáticas que envolveram o estágio sem apontar as potências e movimentos que surgiram a partir disso. As experiências singulares de estágio em cada um dos territórios foram extremamente

necessárias para que pudéssemos desenvolver um novo olhar. É justamente a partir desse novo olhar que percebemos potencialidades e mudanças para a realização do estágio no momento de pandemia, percebemos que somos capazes de nos adaptar e criar alternativas que façam sentido dentro do contexto vivenciado.

O estágio de forma remota em meio a uma pandemia foi um momento desafiador, que exigiu adaptações e a vivência de situações de muita angústia. No entanto, as supervisões, tanto locais, quanto acadêmicas, permitiram que fosse possível se pensar em novas alternativas, e também colocar para fora esses sentimentos, por isso o acolhimento e os laços criados ao longo do estágio com as supervisoras foi fundamental nesse período. Entretanto, gostaríamos de dar um destaque especial para os encontros de supervisão acadêmica. Esse espaço, que acontecia todas as quartas-feiras pela manhã, começou a se tornar um momento de escuta, de acolhimento. Foram momentos em que pudemos digerir em conjunto os nossos sentimentos e nossas inquietações, que, na maioria das vezes, eram em comum, e, também, apoiarmo-nos e sentirmos o apoio da nossa supervisora acadêmica, que foi essencial nesse momento.

Nossa supervisora acadêmica foi a primeira psicóloga em atividade na Prefeitura Municipal do Rio Grande/RS. Desde sua graduação, teve aproximação com o Movimento Nacional da Luta Antimanicomial e com as áreas da Psicologia Social Comunitária, que priorizam a territorialização da assistência e do cuidado à saúde e à saúde mental. Durante seu trabalho na Prefeitura Municipal, estruturou e articulou uma série de políticas públicas voltadas à educação, à assistência social e, principalmente, à saúde, com ênfase na atenção básica e

saúde mental. Sua trajetória certamente nos inspira. Sua supervisão foi fundamental no sentido de nos mobilizar e nos incentivar a tecer ideias sobre um estágio possível, apesar de todas as adversidades enfrentadas.

A partir dos nossos encontros, fomos evidenciando elementos centrais nos locais de estágio. Por mais que cada lugar refletisse um pouco do trabalho de cada equipe e também da comunidade específica, ainda assim conseguimos identificar pontos em comum que permeavam esses territórios.

Depois de muitas atividades de supervisão, de muita conversa e de muitas reflexões, foi sendo construído, de forma coletiva, um questionário autoaplicável, com o objetivo de conhecer o perfil dos(as) trabalhadores(as) das Equipes Multiprofissionais que atuavam nos territórios Urbano I, Urbano II, Rural e Portuário. Esse formulário continha os seguintes blocos: (A) Perguntas sociodemográficas; (B) A relação do participante com o trabalho; (C) Os impactos da pandemia na relação do participante com o trabalho; (D) A percepção do participante em relação à sua saúde mental; (E) As mudanças na transição do processo de trabalho de NASF para Equipe Multiprofissional.

Quando o formulário de pesquisa foi concluído, buscamos a coordenação das equipes multiprofissionais para agendar uma reunião com as psicólogas, com o intuito de apresentar a proposta de pesquisa, receber sugestões, aprimorar as perguntas e, em seguida, começar o período de coleta de dados. Entretanto, não obtivemos retorno satisfatório da coordenação das equipes multiprofissionais, fazendo com que não tivéssemos mais tempo hábil para aplicação, discussão e análise dos resultados.

Em seguida, novas mudanças aconteceram na configuração do trabalho dos profissionais das Equipes

Multiprofissionais do município do Rio Grande/RS, destacando principalmente a nova forma de trabalhar com agendamentos de consultas. Assim, não só o questionário se tornou inviável, como também a nossa própria prática de estágio frente ao contexto presente. Precisamos de um certo tempo para elaborar essas questões dentro de cada uma de nós. Vimos a falta de lutas (que são a única forma de garantir a existência de uma saúde pública, universal e gratuita) se tornar um território fértil para o desmonte do entendimento Constitucional sobre o SUS e da própria prática de Psicologia Social. Podemos denominar esse período de finalização do estágio como mais um processo de luto frente ao encerramento precoce das atividades de estágio.

Ousamos dizer que foi o período mais difícil da realização do trabalho remoto, porque essas mudanças não implicam apenas no estágio de fato, mas com diversos sonhos que tínhamos e que envolviam o trabalho da Psicologia Social no território do NASF/Equipe Multiprofissional. Aqui, já não conseguimos dizer mais nada. Mas conseguimos sentir, e sentir muito. E, de certa forma, foi através do que sentimos e do que compartilhamos entre nós que conseguimos sonhar novamente.

Já no fim da escrita de um diagnóstico institucional, parece que novos caminhos e sonhos começaram a ser estruturados. Sabemos que a falta de luta permite espaço para o desmonte. Então, precisamos continuar lutando. Precisamos continuar lutando pelo SUS, pela garantia de uma Psicologia comprometida com a sociedade real. Precisamos continuar lutando para que a saúde continue sendo um direito de todos e dever do Estado. Continuamos lutando, porque não estamos sozinhas. Entendemos que, como disse Raul Seixas em sua canção denominada Prelúdio, “um sonho que se sonha só, é só

um sonho que se sonha só. Mas sonho que se sonha junto é realidade”. E, por isso, temos ainda mais certeza de que precisamos continuar sonhando juntas para que a realidade possa se transformar.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Participar “ativamente” de um momento histórico-crítico da atenção básica foi para nós estagiárias de Psicologia Social um momento que se dividia entre angústias frente à situação e aprendizados como possibilidade de superação. No dia a dia, éramos tomadas por sentimentos de impotência frente às decisões de gestão que iam na “contramão” dos princípios e diretrizes já consolidados no processo de trabalho da Atenção Básica. Num primeiro momento, foi preciso parar, ouvir o que estávamos sentindo e necessitando, acolher nossas dores que não só refletiam algo particular, mas também algo coletivo e, assim, nos encontros de supervisão acadêmica, optamos por encerrar o estágio antes do prazo estabelecido.

Depois de nos permitirmos vivenciar esse luto para além do estágio, quase como um processo natural e gradual, o luto foi dando espaço para a luta. Destacamos que, durante praticamente toda a escrita, colocamo-nos como agentes desse processo, no plural. Isso porque não estamos sozinhas. Não conseguimos, hoje, finalizar de outra forma que não seja reafirmando a ideia de que precisamos seguir, sim, sonhando e lutando juntas e juntos por uma Psicologia mais comprometida com a sociedade. **VIVA O SUS!**

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ATENÇÃO Primária é capaz de resolver 85% das demandas de saúde. CONASS, 2019. Disponível em: <https://www.conass.org.br/atencao-primaria-e-capaz-de-resolver-85-das-demandas-de-saude/#:~:text=Cerca%20de%2085%25%20dos%20problemas,dar%20solu%C3%A7%C3%A3o%20%C3%A0%20maioria%20casos>. Acesso em: 06 de nov. de 2021.

BLEGER, J. Psico-higiene e Psicologia Institucional. Porto Alegre: Artes Médicas, 1984.

BRASIL. **Lei 8. 142**, de 28 de setembro de 1990. Dispõe sobre a participação da comunidade na gestão do Sistema Único de Saúde – SUS e sobre as transferências intergovernamentais de recursos financeiros na área da saúde e dá outras providências. Diário Oficial da União, Brasília, 1990. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l8142.htm. Acesso em: 06 de nov. de 2021.

BRASIL. Ministério da Saúde. Gabinete do Ministro. **Portaria nº 154**, de 24 De Janeiro De 2008. Cria os Núcleos de Apoio à Saúde da Família - NASF. Diário Oficial da União, Poder Executivo, Brasília, DF. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l8142.htm. Acesso em 15 de maio de 2021.

BRASIL. Ministério da Saúde. Gabinete do Ministro. **Portaria nº 2.979**, de 12 De Novembro De 2019. Institui o Programa Previne Brasil, que estabelece novo modelo de financiamento de custeio da Atenção Primária à Saúde no âmbito do Sistema Único de Saúde, por meio da alteração da Portaria de Consolidação nº 6/GM/MS, de 28 de setembro de 2017. Disponível em: <https://www.in.gov.br/en/web/dou/-/portaria-n-2.979-de-12-de-novembro-de-2019-227652180>. Acesso em 06 de nov. de 2021.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde, Departamento de Atenção Básica – Caderno de Atenção Básica nº 27 – **Diretrizes do NASF: Núcleo de Apoio à Saúde da Família**. Brasília: Ministério da Saúde, 2010.

Disponível em:

https://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/caderno_atencao_basica_diretrizes_nasf.pdf. Acesso em: 15 de maio de 2021.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde, Departamento de Atenção Básica – Caderno de Atenção Básica no 39 – **Diretrizes do NASF: Núcleo de Apoio à Saúde da Família**. Brasília: Ministério da Saúde, 2014.

Disponível em:

https://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/nucleo_apoio_sau_de_familia_cab39.pdf. Acesso em: 15 maio de 2021.

BRASIL. Ministério da Saúde. **Política Nacional de Atenção Básica**. Brasília, 2012. Disponível em:

<http://189.28.128.100/dab/docs/publicacoes/geral/pnab.pdf>.

Acesso em: 15 maio de 2021.

BRASIL. **NOTA TÉCNICA Nº 3/2020-DESF/SAPS/MS**, de 28 De Janeiro De 2020. Disponível em:

<https://www.conasems.org.br/wp-content/uploads/2020/01/NT-NASF-AB-e-Previne-Brasil.pdf>. Acesso em: 15 maio de 2021.

BROOKS, S. K. et al. The psychological impact of quarantine and how to reduce it: rapid review of the evidence. **The Lancet**, [S.l.], v. 395, p.912–20, 2020. Disponível em:

<https://www.thelancet.com/journals/lancet/article/PIIS0140-6736%2820%2930460-8/fulltext>. Acesso em: 23 de out. de 2021.

DALTRO, M. R.; FARIA, A. A. Relato de experiência: Uma narrativa científica na pós-modernidade. **Estud. pesqui. psicol.**, Rio de Janeiro, v. 19, n. 1, p. 223-237, jan. 2019.

Disponível em:

http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1808-42812019000100013&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 23 de out. de 2021.

FARIA, B. R.; VARGAS, E. A.; BORTOLUZZI, F. C.; COUTINHO, L. F. Diagnóstico institucional das Equipes Multiprofissionais Urbano I, Urbano II, Rural e Portuário no Município de Rio Grande - RS, 2021. No prelo

FERGUSON, N. M. et al. Report 9: Impact of non-pharmaceutical interventions (NPIs) to reduce COVID-19 mortality and healthcare demand. **Imperial College COVID-19 Response Team**. [S.l.]. 2020. Disponível em:

<https://www.imperial.ac.uk/mrc-global-infectious-disease-analysis/covid-19/report-9-impact-of-npis-on-covid-19/>. Acesso em: 23 de out. de 2021.

FONSECA, D. R.; LADEIRA, C. R.; DORNELES, M. V. P.; DENOTI, M.; DUARTE, V. (2015). Núcleo de apoio à saúde da família: trilhando caminhos e rompendo desafios na zona rural do município do Rio Grande-RS. **Revista Didática Sistêmica**, v. 16, n. 1, p. 409. Disponível em:

<https://periodicos.furg.br/redsis/article/view/5254>. Acesso em: 07 abr. 2021.

FURG, Curso de psicologia. **Projeto Político Pedagógico do Curso de Psicologia**. 2012. Disponível em:

<https://psicologia.furg.br/images/ppp_psico_2012.pdf>. Acesso em: 04 maio 2021.

MARTÍN-BARÓ, I. O papel do psicólogo. **Estudos de Psicologia**, Natal, v. 2, n.1, p.7-27, 1996. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1413-294X1997000100002>. Acesso em: 07 abr. 2021.

MENDES, E. V. As redes de atenção à saúde. **Rev. Med Minas Gerais**; 18. (4Suppl.4):3-11, Dez, 2008. Disponível em: <http://rmmg.org/artigo/detalhes/1262>. Acesso em: 03 nov. 2021.

PAULINO, C. K. et al. Reflexões sobre o novo financiamento da atenção básica e as práticas multiprofissionais. **Brazilian Journal of Development**, Curitiba, v. 7, n. 1, p.5362-5372, jan. 2021. Disponível em:

https://www.researchgate.net/publication/348981380_REFLEX

OES SOBRE O NOVO FINANCIAMENTO DA ATENÇÃO BÁSICA E AS PRÁTICAS MULTIPROFISSIONAIS REFLECTIONS ON THE NEW FINANCING OF BASIC CARE AND MULTIPROFESSIONAL PRACTICES. Acesso em 05 de maio de 21.

PREFEITURA MUNICIPAL DO RIO GRANDE. **Lei nº 7.070**, de 20 de julho de 2011. Cria o núcleo de apoio às Equipes de Saúde da Família (NASF), da Secretaria Municipal da Saúde e dá outras providências. Rio Grande. Disponível em: <https://leismunicipais.com.br/a/rs/r/rio-grande/lei-ordinaria/2011/707/7070/lei-ordinaria-n-7070-2011-cria-o-nucleo-de-apoio-as-equipes-de-saude-da-familia-nasf-da-secretaria-municipal-da-saude-e-da-outras-providencias?q=nasf>. Acesso em: 07 abr. 2021.

PREFEITURA MUNICIPAL DO RIO GRANDE. **Decreto nº 17.046**, de 19 de março de 2020. Nomeia e constitui a coordenação de emergência pública no município do Rio Grande/RS. Rio Grande. Disponível em: <https://leismunicipais.com.br/a/rs/r/rio-grande/decreto/2020/1705/17046/decreto-n-17046-2020-nomeia-e-constitui-a-coordenacao-de-emergencia-publica-no-municipio-do-rio-grande-rs>. Acesso em: 07 abr. 2021.

SEIXAS, R. Sonho que se sonha só. Intérprete: Raul Seixas. **In: Show em Santos**. Santos: 1983. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=AyWV4wBo7L4>. Acesso em: 23 de out. 2021.

SCOTT, J. W. A invisibilidade da experiência. **Proj. História**, São Paulo, (16). fev. 1998. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/revph/article/view/11183>. Acesso em: 23 de out. de 2021.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE. Regulamento Interno para Estágios Obrigatórios e Não-obrigatórios para o período Emergencial no contexto da pandemia da COVID-19. Rio Grande, 2020. Disponível em: https://psicologia.furg.br/images/Anexo_II_-

_Regulamento_Estgjos_Obrigatrios_e_No-obrigatrios_ERE_Psicologia_2020_1.pdf. Acesso em: 23 out. 2021.

WILDER-SMITH, A.; FREEDMAN, D. Isolation, quarantine, social distancing and community containment: pivotal role for old-style public health measures in the novel coronavirus (2019-nCoV) outbreak. **MEDLINE**, [S.l.], v. 27, fev. 2020. Disponível em: <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/32052841/>. Acesso em: 23 de out. de 2021.

Imagem 9



Fonte: Leandro Machado dos Santos

3

Percursos De Uma (Ou Mais) Escuta(s): Relato De Bordo

*Ana Paula Moreira Ferreira; Andreli Dalbosco; Flavia de Moraes;
Jéssica Aguirre da Silva; Josiane Flores Pinheiro; Juliano Barros
Dalmas; Mariana Schuh, Pedro Alves Fagundes; Renata Ceconello
Mônego, Renata de Lima Corrêa; Analice de Lima Palombini*

Bússola: A maior parte dos males dos quais padecem as pessoas são os de estagnação. São males de certezas. Potência de vida é permitir-se ao desconhecido. É preciso estranhar algo pra aprender.

* * *

se está difícil escrever
escrevo a partir do que sinto
em busca de sentir
fazer sentir
talvez, dar sentido

Mais um semestre de forma remota. Mais um passo nessa caminhada... E um novo local de estágio, que loucura! Foi muito diferente do que imaginávamos de um estágio clássico de clínica. Não sabemos exatamente o que idealizávamos, talvez estarmos sentados(as) em um consultório fechado... Não em nosso próprio quarto, a passar experiências tão ricas e marcantes no ambiente

que nos é o mais familiar. O desafio não estava somente em se aventurar por meio de conexões online e formar um vínculo com pacientes no modo remoto. O desafio mais imponente não foi o conteúdo tratado em cada sessão, nosso envolvimento, as dúvidas de como, quando e por que intervir, ou de como sermos o(a) terapeuta que desejamos. Isso tudo também. Mas o maior desafio era nosso medo de todas as mudanças que a pandemia acarretou. A Covid-19 nos mostrou o inevitável: nós, terapeutas e as pessoas a quem atendemos partilhamos algo comum. Lembramo-nos da frase "Estamos no mesmo barco!" e da sua crítica: uns estão em barcos, outros em botes, outros jogados ao mar... A experiência do estágio nos permite conhecer diferentes formas de barcos, mas nos ensina que a maioria das pessoas que atendemos está em embarcações precárias, em situação de vulnerabilidade econômica, dentre outros atravessamentos sociais.

Começamos o estágio com a sensação de não estarmos prontos(as). Com medo, mesmo. Nossa experiência era mínima e carregava um balaio de expectativas e receios quanto ao desempenho. Atender a alguém parecia um grande mistério que ninguém nunca havia nos explicado. Que tipo de barco queremos construir?

sentir percorrer um caminho
ser percorrida por um caminho
acompanhar um caminho
(navegar)

Dar início aos atendimentos foi, para nós, um salto de coragem, uma aposta. É difícil presumir que estivéssemos seguras(os). Era como se houvesse um grande abismo entre o que havíamos aprendido e o

momento da prática. Todos os movimentos nos custavam um desembaraço que não tínhamos. Entrar em contato com as pessoas, agendar o primeiro encontro... Mesmo enviar uma mensagem pelo aplicativo requeria uma dose de bravura. Depois, tínhamos (e temos) uma insegurança sobre o que fazer com o que cada pessoa que atendíamos trazia, associado à teoria. Anotávamos tudo, tínhamos uma certa ânsia de responder e levar soluções, de entender o que se passava, “não deixar escapar nada” ... No entanto, perder a distração nos enrijece o olhar — medo de nos tornarmos psicólogas(os) sempre atentas(os).

Mas o que dizer para a pessoa à nossa frente? Lembramo-nos, então, de que não estamos ali exatamente para dizer algo, mas para escutar. Parece simples, mas não é. Escutar é uma arte. Na vida cotidiana, em nossas conversas, somos muito acostumadas(os) a responder, a ouvir e a falar. A escuta clínica, porém, convida-nos a uma outra dinâmica — escutar sem a necessidade de dar respostas. É assim que a experiência do estágio tem ressoado em nós, mostrando-nos que, tão importante quanto saber, é não saber. Tem-nos ensinado que o fazer psi envolve relacionar-se com o desconhecido, com o nunca-antes-visto e até com a própria ignorância. É preciso aprender a estar tranquilo nesse não-saber, pois é uma ferramenta essencial no processo terapêutico: é justamente o nosso não-saber que abre espaço para que a pessoa a quem atendemos traga à tona o seu próprio saber sobre si mesma.

sentir o que afeta
-se afetada
afetos
(o balançar)

Ultimamente, conseguimos escutar mais e escrever (responder) menos. Saímos dos atendimentos geralmente afetadas(os). Muitas vezes, curiosas(os), frustradas(os) ou confusas(os). Achamos que sempre saímos confusas(os) e mais alguma coisa (alguma coisa pode ser feliz). Fomos percebendo que o encontro na relação terapêutica é, também, um encontro entre duas pessoas, mesmo por meio das telas. Há elementos que estão além das técnicas, essas que justamente pareciam nos escapar. Olhar, escutar, emocionar-se são movimentos que dizem respeito àquilo que é humano. Não há outra maneira de escutar um relato de abuso a não ser com agonia, não há como ouvir sobre a morte de um parente querido ou uma doença terminal sem se comover com a dor da pessoa (e com sua perda) e não há como saber sobre aquilo que a alegra, sem espelhar o seu sorriso.

sentir acolher
buscar acolhimento nos espaços
ser acolhida
(a brisa)

Mas, ainda que o encontro terapêutico seja também um encontro, ele não pode ser desprezioso. A escuta tem propósito. É um esperar, um temer e muitos outros verbos que qualificam a experiência de ser terapeuta. A escuta flutua através da narrativa, boia por entre as palavras até que uma se destaque e sirva de porto. É difícil até de explicar por que, dentre tantas coisas ditas, justo essa ou aquela nos causa demora. A gente aprende, então, a guardar a palavra no bolso, deixar em espera. Conforme as pessoas seguem narrando suas histórias, alguns significantes se repetem e se complementam, fazendo ressoar aquilo que havia ficado

guardado. Escutar, aos poucos, deixa de ser automático e passa a ser algo a se exercitar e apurar.

O silêncio faz parte disso, mas, sem a presença física, estar em silêncio em frente à tela se torna bastante desconfortável. Não se enxergam as mãos que poderiam se torcer nervosamente ou as pernas que poderiam estar inquietas, ficam somente cabeça e ombros à vista. Achamos mais difícil, caladas(os), fazermos-nos presentes. Quando não mais suportamos é porque, como inventa Manoel de Barros, em seu Livro sobre nada, “uma palavra abriu o roupão pra mim, ela deseja que eu a seja”. A palavra é o lugar do próprio encontro. Ela cria choro, cria rima, cria uma outra voz para narrar o dia. A palavra é quem nos cria. Vez por outra jogamos uma palavra na sala e nos entreolhamos abismadas(os), nós e a pessoa, por termos criado um ciclone no pacífico sul. Quando isso acontece, temos a misteriosa impressão de que algo deu certo.

sentir atravessar os sentidos
ser atravessada
os sentidos se atravessarem
(avistar)

O riso também apareceu com frequência. Atendemos gente que ri bastante, que faz graça e que nos convida a rir também. Esses dias um paciente riu de nós. Falamos alguma coisa como quem fizesse uma analogia: “isso que aconteceu é como se fosse aquela outra coisa lá?”. Paciente riu, riu, riu, gargalhou, cobriu a cara. Depois, nos olhando através da tela, colocou a mão no queixo em sinal de positivo com a cabeça e disse “acho que sim”. Sorrimos encabuladas(os) em absoluto sinal de autocomplacência (até hoje ficamos pensando se ele achava mesmo que sim, e se isso seria realmente

importante). Fato é que a figura idealizada do analista, do profissional da psicologia é séria e não aparenta se dar às liberdades da risada. Entretanto, como não rir? O riso irrompe, não pode ser proposto ou introduzido cirurgicamente, ele nasce do momento, do encontro. O vínculo se dá nesses momentos de espontaneidade, quando é possível saber de outrem através de um vislumbre de afeto.

escrevo a partir do que sinto
pois o que sinto fala
mais do navegar
do que da chegada
(não sou eu quem me navega
quem me navega é o mar¹)

Os atendimentos ganharam ritmo. As inseguranças do começo foram diminuindo. Fomos nos acomodando um pouco melhor nesse lugar de terapeuta, na escuta e nas intervenções. As linhas costuradas ao longo do tempo, o desenrolar dos fios que seguem entrando na trama, vão fazendo efeito, ecoam dentro de nós. Sentimo-nos mais preparadas(os) para costuras outras mais adiante, com linha e agulha clínicas. Sempre estaremos “nos preparando”. A formação não acaba nunca, ainda bem. Hoje, ensinam-nos aquelas(es) a quem atendemos, e isso é só o começo.

Em um caso, as inúmeras associações, histórias, voltas que nos pareciam cansativas agora são percursos que se abrem cada vez mais, permitindo, além do acompanhamento, o apontamento, o pinçar, o aprofundar... o escutar, nosso e da pessoa mesmo. Em outro, as faltas, esquecimentos, avisos em cima da hora cancelando a sessão, que antes nos angustiavam, foram,

¹ Refrão do samba de Paulinho Viola, de 1993, “Timoneiro”.

aos poucos, percebidos como parte do processo de se ver pertencente ao espaço da terapia, de reconhecer seu próprio espaço de escuta e cuidado de si. Soubemos que esperar e suportar essa espera também fazem parte do clinicar.

Com uma, aprendemos a ser testemunhas de sua história, das dores antigas que ecoam tão forte no hoje e que, muitas vezes difíceis de acomodar dentro da gente, ensinam sobre os nossos limites e sobre os limites da prática clínica. Com outra, aprendemos que se emocionar no escutar da dor de outrem é parte da clínica. Está bem que isso aconteça, porque também estamos ali, naquele espaço, naquela relação, naquilo que é narrado com tanta dor, cruzeza e amor. Aprendemos a aceitar a tristeza que é narrada e a tristeza do momento que vivemos.

Com as mais idosas, soubemos que nem sempre estarão dispostas a elaborar seus sofrimentos, há um costume em viver a vida e uma vontade de partilhar suas memórias. Fomos presença em momento de necessidade. Com as crianças, no início de cada atendimento, frio na barriga, sensação de mãos atadas... Porém, percebemos, cada vez mais, que um espaço de silêncio e liberdade para a criança faz que ela nos salve desse limbo, faz com que a própria criança crie algo naquela partícula de tempo e de (não) espaço. A brincadeira é potente demais para ser parada pela tela, as crianças são pura criatividade, e nós nos sentimos revigoradas(os) e honradas(os) por esses encontros virtuais de brincadeiras e possibilidades em meio ao caos que estamos vivendo, fazendo o possível com o que temos no momento.

Cinco anos atrás não saberíamos nada disso. Hoje, após vivências na psicologia, pudemos ser terapeutas. Ser terapeuta requer a humildade de saber que o seu papel, em algum momento, é tornar-se desnecessário.

Até lá, no entanto, caminharemos ao lado de quem atendemos, nos lugares psíquicos por onde passar. Importante reconhecer, também, que a função do terapeuta não é a de tirar a pessoa do lugar onde se encontra nem evitar que sofra, mas estar com ela no sofrimento. Estar com, acompanhar, não deixar só. É o que importa. É de onde as respostas necessárias surgirão, mesmo em meio à obscuridade.

Clinicar é arte do encontro, exige criatividade e presença, afeto e calma, silêncio e humildade, empatia e confiança – em si, em outrem, na própria clínica e na vida. Demanda tempo também.

* * *

Um cais para aportar: Quando falamos de escuta clínica, de cuidado em liberdade, da ética nas nossas práticas, estamos falando de manter a pergunta, seguir questionando, de forma que isso seja parte constante do nosso trabalho, como motor ético-político de busca por possíveis e como resistência ao automatismo burocrático misturado ao cansaço de constantes ataques e desmontes que insistem em tentar abafar essas (e todas as) perguntas.

Porto Alegre, 25 de maio de 2021

* * *

A narrativa acima é fruto do espaço coletivo de supervisão acadêmica do primeiro semestre do estágio de ênfase em processos clínicos do curso de graduação em psicologia da UFRGS, ocorrido entre janeiro e maio de 2021. Partimos do entendimento de que a supervisão acadêmica configura lugar e tempo de confluência das múltiplas narrativas que se produzem nessa experiência

inaugural do clínico (PALOMBINI, 2004). As experiências são diversas. Envolvem uma multiplicidade de locais de estágio, com referências teóricas distintas entre si. Mas há um comum que atravessa essa aprendizagem pelo fazer, que oscila entre o temor de não saber fazer no encontro com o outro e o encantamento pelo que a abertura a esse encontro pode fazer gerar. Como revela Emerson Merhy (2013), é preciso um corpo sensível, antes que um corpo pensamento, para encontrar-se com o outro como quem encontra uma obra de arte, sendo capaz de ver a obra porque, antes de tudo, deixa-se ver por ela.

Mas como perfazer esse corpo sensível, pela tela fria do computador ou celular em que a pandemia nos confinou? Era a pergunta que se apresentava não somente ao grupo de estagiárias(os) na relação com as pessoas que lhes cabia atender, mas também à supervisora acadêmica de estágio diante da turma de novas(os) estagiárias(os): como romper os limites da superfície reticular dos pequenos quadrados presentes à sala de webconferência, nos quais, com sorte, uma cabeça movente podia se apresentar? Como fazer falar por meio da parafernália eletrônica em que nos enredávamos e nos encerrávamos? E, ao fazer falar, como tornar o sítio eletrônico um continente vivo das narrativas singulares que ali se apresentavam?

Dentre os dispositivos de que se lançou mão – música para ouvir enquanto esperávamos a chegada de todas(os) à sala web; exercícios de respiração; jogos corporais... – a escrita de narrativas era o único de que já fazíamos uso anteriormente à pandemia, mas, no contexto do ensino remoto emergencial, pareceu crescer em importância. Foi fundamental para a produção de grupalidade, tão afetada com a vida postada nas telas, uma a uma, fora das rodas, sem o aconchego das presenças, sem o calor dos corpos, sem abraço ou

sorriso, sem olho no olho nem conversa ao pé do ouvido.

A produção desta narrativa tem como inspiração o método de construção de narrativa utilizado nas pesquisas em torno da Gestão Autônoma da Medicação (PALOMBINI et al., 2020; ONOCKO-CAMPOS et al., 2012). Coube a cada estudante estagiária(o) realizar a escrita em primeira pessoa da sua experiência de estágio, para compartilhar com os demais colegas da turma. E coube à supervisora acadêmica de estágio recolher, do conjunto das narrativas, uma experiência comum, compondo, com fragmentos recolhidos dos textos pessoais escritos, esta narrativa em primeira pessoa do plural. Dessa forma, destacamos trechos como os que seguem abaixo, que dizem da experiência da presença do riso no ato terapêutico, vivida singularmente na primeira pessoa do singular:

Dentre tantas surpresas, o riso apareceu com frequência. (...) Tenho atendido pessoas que riem bastante, que fazem graça e que me convidam a rir também. A figura idealizada do analista, do profissional da psicologia, é séria e não aparenta se dar às liberdades da risada. Entretanto, como não rir? (...) O riso irrompe, não pode ser proposto ou introduzido cirurgicamente, ele nasce do momento, do encontro. Sinto que o vínculo, talvez até pra além da relação transferencial, se dá nesses momentos de espontaneidade, quando é possível saber do outro através de um vislumbre de afeto posto no encontro (fragmento da narrativa de Renata Cecconello Mônego).

* * *

Esses dias um paciente riu de mim. Falei alguma coisa como quem fizesse uma analogia daquilo que

o paciente dissera: “isso que aconteceu é como se fosse aquela outra coisa lá?”. Paciente riu, riu, riu, gargalhou, cobriu a cara. Depois, me olhando nos olhos, colocou a mão no queixo em sinal de positivo com a cabeça e disse “acho que sim”. Sorri um pouco encabulado em absoluto sinal de autocomplacência. Até hoje fico pensando se ele achava mesmo que sim, e se isso seria realmente importante (fragmento da narrativa de Juliano Barros Dalmas).

Tais trechos, denotando uma experiência coletiva, transformaram-se no texto em primeira pessoa do plural, reproduzido abaixo:

O riso também apareceu com frequência. Atendemos gente que ri bastante, que faz graça e que nos convida a rir também. Esses dias um paciente riu de nós. Falamos alguma coisa como quem fizesse uma analogia: “isso que aconteceu é como se fosse aquela outra coisa lá?”. Paciente riu, riu, riu, gargalhou, cobriu a cara. Depois, nos olhando através da tela, colocou a mão no queixo em sinal de positivo com a cabeça e disse “acho que sim”. Sorrímos encabulados(as) em absoluto sinal de autocomplacência (até hoje ficamos pensando se ele achava mesmo que sim, e se isso seria realmente importante). Fato é que a figura idealizada do analista, do profissional da psicologia, é séria e não aparenta se dar às liberdades da risada. Entretanto, como não rir? O riso irrompe, não pode ser proposto ou introduzido cirurgicamente, ele nasce do momento, do encontro. O vínculo se dá nesses momentos de espontaneidade, quando é possível saber de outrem através de um vislumbre de afeto.

Esse dispositivo de produção de narrativa coletiva tem sido experimentado há alguns anos, com diferentes turmas de supervisão de estágio, mesmo presenciais, e o resultado invariavelmente é de surpresa pelo que se revela comum a todas as experiências; de encantamento com o que se enuncia “nós”; e de intensificação do sentimento de pertença ao grupo. Na experiência de supervisão remota, o encontro com o texto coletivo, na primeira pessoa do plural, além do encantamento, produziu, certamente, esse sentimento de pertença ao grupo, que nenhum outro dispositivo, até então, tinha sido capaz de gerar, de forma tão abrangente, tocando a cada um(a) e a todas(os), furando, pela palavra escrita, coletivamente forjada, o enclausuramento das telas. Como se lê na narrativa: “a palavra é o lugar do próprio encontro”. É “um salto de coragem, uma aposta”. Potência de vida é, sim, permitir-se ao desconhecido.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARROS, M. **Livro sobre nada**. Rio de Janeiro/São Paulo, Record: 2004.

MERHY, E. Entrevista com o Professor Emerson Merhy - **Encontro Regional de Rede Unida** - Sudeste 2013.

Disponível

em https://www.youtube.com/watch?v=_F_g5ihrJtA Acesso em 21/10/2021.

ONOCKO-CAMPOS, R., PALOMBINI, AL., SILVA, AE., PASSOS, E., LEAL, E., SERPA, O., MARQUES, C., GONÇALVES, LL., SANTOS, D., SURJUS, L T., ARANTES, RL., EMERICH, B.; OTANARI, TMC.; STEFANELLO, S. *et alli*. Adaptação multicêntrica de um Guia para a Gestão Autônoma da medicação. *Interface: Comunicação, Saúde, Educação*, v. 16, n. 43, p. 967-980, out/dez/2012. Disponível em <http://dx.doi.org/10.1590/S1414->

32832012005000040Acesso em 18/10/2021.

PALOMBINI, AL. Formação profissional e construção de conhecimento em interação com a comunidade: supervisão na universidade. Em: NASCIMENTO, CT., LAZZAROTTO, GDR., HOENISCH, JC., CARVALHO DA SILVA, MC., MATOS, RL. **Psicologia e políticas públicas. Experiências em Saúde Pública**. Porto Alegre, CRPRS: 2004.

PALOMBINI, AL, FERRER, AL., OLIVEIRA, DC., ROMBALDI, JA., AZAMBUJA, MA., PASINI, VL., SALDANHA, OMFL. Produção de Grupalidade e Exercícios de Autonomia na GAM: a Experiência do Rio Grande do Sul. **Polis e Psique**, v.10, p.53-75, 2020. Disponível em <http://https://seer.ufrgs.br/PolisePsique/article/view/104142>[doi:10.22456/2238-152x.104142] Acesso em 18/10/2021.

Imagem 10



Fonte: Leandro Machado dos Santos

4

Entre a Casa e o Estágio: Experiências, Afetos e Narrativas Pandêmicas Em Meio à Prática De Estágio Na Assistência Social

Gabriela Del-Ponte; Carine Ortiz Fortes; Sophia Caldas de Souza

INTRODUÇÃO

Neste capítulo, pretendemos relatar as experiências subjetivas e coletivas de realização do Estágio Obrigatório em Psicologia Social, que busca proporcionar aos estudantes a possibilidade de compreender e visualizar a prática do/a profissional de Psicologia no campo da assistência social, interseccionando os conhecimentos teóricos adquiridos ao longo do processo formativo com a aproximação prática e cotidiana dos/as psicólogos/as nas instituições. Evidentemente, essa vivência teórico-prática contribui aos estudantes a partir do comprometimento ético, histórico, político e social desde o início de suas formações profissionais.

Essa narrativa é composta pelas experiências e afetos de três estudantes do curso de Psicologia da Universidade Federal do Rio Grande (FURG), que estiveram em estágio de outubro de 2020 a junho de 2021, em três instituições distintas: o Centro de Referência Especializado de Assistência Social – Medidas Socioeducativas e Medidas Protetivas; e o Programa Família Acolhedora. Os estágios foram realizados em períodos críticos da pandemia de COVID-19, trazendo novos desafios e possibilidades a toda a população e, dessa forma, grandes adaptações foram necessárias, tanto da parte dos profissionais e estudantes, quanto dos públicos atendidos pelas instituições.

Assim, é de extrema importância a documentação das experiências e práticas desenvolvidas durante o período de estágio na pandemia, visto que esse foi um marco importante tanto para os estudantes quanto para os profissionais. A pandemia reconfigurou os discursos destinados ao SUS como também ao Sistema Único de Assistência Social (SUAS), evidenciando os reflexos da precarização crescente dos serviços públicos, assim como representações salvacionistas em tempos de crise (SÁ; MIRANDA; MAGALHÃES, 2020).

A nossa escrita diz respeito a relatos de experiências em estágio e, também, à parceria estabelecida entre as instituições públicas de ensino e de políticas de assistência social, que visam garantir os acessos aos direitos constitucionalmente adquiridos, ainda que repetidamente violados durante o Governo Bolsonaro. É fundamental conhecer a atuação dos/as estudantes na área de assistência social, principalmente durante a pandemia, para, assim, contribuir com a formação e a produção de conhecimento, além de valorizar o papel do/a psicólogo/a no âmbito da assistência social.

De fato, os estágios obrigatórios nutrem boa parte das expectativas do estudante, pois são grandes oportunidades de visualizar a si, atuando na área de interesse. Portanto, entendemos que os estágios influenciam simbolicamente na representação social da profissão e emaranham-se às experiências afetivas ao longo do processo formativo.

Além disso, é possível inferir que potencializam a autonomia do estudante; influenciam ativamente na construção da identidade profissional; e conectam teoria e prática. Dessa forma, essas experiências intensificam conquistas de habilidades tanto no campo pessoal quanto profissional.

No curso de Psicologia da FURG, os estágios obrigatórios iniciam no sétimo período – com a realização da disciplina de Estágio Supervisionado em Psicologia Social. Já no nono período, há a realização do Estágio Supervisionado em Clínica e da Saúde, sendo importantes para a formação estudantil-profissional. Ambos são anuais.

O primeiro dá-se por meio da inserção dos estudantes no campo das Políticas Públicas, que são orientados por orientadores acadêmicos e supervisores locais. Nesse sentido, há a disponibilidade do corpo docente, através de um/a professor/a responsável pela área de atuação pretendida, bem como a disposição do/a profissional atuante na instituição selecionada para a prática de estágio, que o acompanha em campo. Assim, “o estágio em Psicologia Social vem sendo operacionalizado por meio da inserção de estagiários no âmbito das Políticas Públicas (PP), o que requer (re)pensar a dimensão ético-política” (MACIAZEKI-GOMES, D’AVILA, SANTOS, 2020, p. 3) tanto na assistência social, educação ou na saúde.

Espera-se que a partir desse estágio, o/a estudante

desenvolva métodos e técnicas de intervenção específicas e tenha experiências pré-profissionais (FURG, 2012). É a partir do estágio em Psicologia Social que há o primeiro contato com a realidade do território e a atuação do profissional de Psicologia no ambiente pretendido, vivenciando a prática enquanto espaço de transformação.

São oportunizadas aos graduandos experiências políticas revolucionárias de práxis, corroborando para a formação de profissionais reflexivos e conscientes (BARROS, ALMEIDA, 2019). Neste momento, temos a oportunidade de acessar diferentes perspectivas, tendo em vista um olhar institucional, e observar conquistas, avanços e entraves cotidianos na área das políticas públicas.

As autoras Maciazeki-Gomes, D'Ávila e Barsotti (2020), no artigo intitulado "*Reflexões sobre o estágio de Psicologia Social: narrativas de diferentes enfoques do processo de formação*" refletem e salientam sobre a importância desses estágios obrigatórios na formação e na vida dos estudantes. Essas experiências influenciam profundamente aqueles que participam desse processo, sejam docentes, discentes, trabalhadores e/ou usuários da rede. Esses estágios obrigatórios estão de acordo com as "Diretrizes Curriculares Nacionais (DCN) do Conselho Nacional de Educação (Resolução n. 5, 2011) para a graduação nessa área e está organizado em estágios básicos e específicos supervisionados" (MACIAZEKI-GOMES, D'ÁVILA, BARSOTTI, 2020, p. 3).

Com a pandemia de COVID-19, houve mudanças drásticas no cotidiano das instituições, incluindo alterações nos funcionamentos das instituições de ensino e das unidades de políticas públicas nacionais. Em Março de 2020, a fim de conter a propagação do vírus, são decretadas as medidas de distanciamento social, afetando as experiências de todos, inclusive a formação

profissional dos estudantes. Entre o período de recesso das atividades ao retorno do funcionamento das instituições de ensino, houve uma estimativa de seis meses de incertezas e questionamentos.

A PRÁTICA DO ESTÁGIO OBRIGATÓRIO NÃO ESTÁ DISSOCIADA DO CONTEXTO: CONSIDERAÇÕES HISTÓRICAS IMPORTANTES QUE RELACIONAM O ONTEM E O HOJE EM TEMPOS DE COVID-19

Em Rio Grande, foi instaurado estado de emergência pública em 19 de março, por meio do decreto 17.045/2020 (RIO GRANDE, 2020), deliberando redução de pessoas nos estabelecimentos e vedando aglomerações. Ao longo de 2020 e 2021, outros decretos foram lançados como parte da estratégia municipal e estadual de contenção da COVID-19, orientando medidas de distanciamento social, uso de máscaras e higienização apropriada.

Os dispositivos de assistência social do município foram diretamente atingidos pelos decretos municipais, havendo redução da carga horária, diminuição na equipe de profissionais e trabalho em regime remoto ou por escala. Já as atividades acadêmicas da FURG foram suspensas no dia 15 de março de 2020 (FURG, 2020), sendo a retomada das atividades apenas em 14 de setembro de 2020. Após a apresentação do Regulamento Interno para Estágios Obrigatórios e Não Obrigatórios Emergencial do curso de Psicologia (FURG, 2020), o estágio em Psicologia Social retornou de maneira remota e/ou híbrida, conforme acordos com os locais que disponibilizavam a vaga de estágio. Devido às exigências dos locais de estágio, desde o início, as nossas experiências se deram de forma híbrida com encontros presenciais e on-line, sendo, dessa forma, distintas dos

demais estagiários. A presencialidade nos colocava em risco e, ao mesmo tempo, denunciava esse ambiente simbólico de subalternidade em que os estudantes se encontram nas instituições – tanto de ensino quanto de estágio. Todas realizamos o estágio de maneira híbrida ou presencial e o encerramos em maio de 2021.

No que confere ao funcionamento das Políticas de Assistência Social na cidade de Rio Grande, todos os dispositivos funcionam conforme a legislação do Sistema Único de Assistência Social (SUAS). O SUAS propõe um reordenamento da política de assistência social no Brasil, ampliando sua cobertura. É dividido em Proteção Social Básica, cujo objetivo é prevenir situações de risco social e fortalecer a potencialidade dos indivíduos e das famílias, e Proteção Social Especial, que oferece proteção aos indivíduos e famílias que estão em situação de risco (BRASIL, 2005). Além disso, existe uma divisão entre os serviços de proteção social especial de média e alta complexidade, a partir da especialização exigida para a ação em cada serviço (BRASIL, 2005).

O Centro de Referência Especializado de Assistência Social (CREAS) se constitui como um dispositivo de média complexidade e tem como objetivo ofertar serviços no âmbito da Proteção Social Especial. De acordo com o expresso na Lei 12.435/2011 (BRASIL, 2011), o CREAS é uma unidade pública estatal de abrangência municipal ou regional e deve constituir-se como a referência no território da oferta de trabalho social especializado a indivíduos e suas famílias que estão em situação de risco pessoal ou social, por terem seus direitos violados. A oferta dos serviços do CREAS deve estar orientada para a garantia das seguranças socioassistenciais, conforme está previsto na Política Nacional de Assistência Social (PNAS) e na Tipificação Nacional de Serviços Socioassistenciais.

No que tange aos princípios e diretrizes da PNAS e parâmetros e conceitos propostos pelo SUAS, alguns eixos devem nortear o desenvolvimento e a estruturação do trabalho nos serviços do CREAS, além de consubstanciar o processo de implantação, organização e funcionamento. São eles: Atenção especializada e qualificação do atendimento; Território e localização; Acesso a direitos socioassistenciais; Centralidade na família; Mobilização e participação social; e Trabalho em rede.

Os serviços de Proteção Social Especial de Média Complexidade ofertados pelo CREAS são: o Serviço de Proteção Social a Adolescentes em Cumprimento de Medida Socioeducativa de Liberdade Assistida (LA) e de Prestação de Serviços à Comunidade (PSC); Serviço de Proteção e Atendimento Especializado a Famílias e Indivíduos (PAEFI); Serviço Especializado em Abordagem Social; Serviço de Proteção Especial para Pessoas com Deficiência, Idosas e suas Famílias.

No município, o CREAS foi institucionalizado em 2008, sucedendo o Programa Sentinela. Não foram encontrados materiais publicados que abordassem o histórico das medidas socioeducativas na cidade de Rio Grande, como referencial, utilizamos a nossa experiência de contato com o dispositivo e as trocas com as profissionais atuantes. As Medidas Socioeducativas não eram ofertadas pelo CREAS até 2014, sendo esse responsável pela oferta do PAEFI; do Serviço Especializado em Abordagem Social e do Serviço de Proteção Especial para Pessoas com Deficiência, Idosas e suas Famílias.

Sendo assim, de 2014 até 2015, os serviços de Proteção Social Especial do CREAS eram todos realizados no mesmo local, mas, em 2015, as Medidas Socioeducativas passaram a ser ofertadas em outro local.

Dessa forma, a oferta de estágio se dá para a atuação, conforme localização geográfica, ou nas Medidas Socioeducativas ou nas Medidas Protetivas. Sendo assim, ao longo do texto, a diferenciação dos dispositivos será ao chamarmos de CREAS – Medidas Socioeducativas (CREAS-MSE) ou CREAS – Medidas Protetivas (CREAS-MP).

Já o Programa Família Acolhedora constitui-se enquanto um dispositivo de alta complexidade e compõe a rede de instituições de acolhimento institucional do município de Rio Grande. É destinado à garantia e proteção de direitos de crianças e de adolescentes que se encontram em situação de vulnerabilidade social e estão em processos judiciais que envolvem suspensão, perda ou extinção do poder familiar – entendido enquanto “[...] conjunto de direitos e deveres atribuídos aos pais, com relação aos filhos menores e não emancipados, com relação à pessoa deste e a seus bens” (VANOSA, 2005, p. 355 *apud* PEREIRA, 2020, p. 6). Essa instituição é responsável pela seleção, capacitação e acompanhamento das famílias acolhedoras cadastradas, e do acompanhamento das crianças e adolescentes e suas famílias de origem.

Historicamente, a prática de acolhimento institucional de crianças e de adolescentes na cidade de Rio Grande remonta ao período colonial-escravagista, com a grande atuação da Santa Casa de Misericórdia de Rio Grande em 1843. Na época, a “Roda dos Expostos” – objeto cilíndrico localizado no muro da instituição, tinha como intenção uma alternativa àqueles que eram abandonados ou violados de alguma forma (TORRES, 2006, p. 103).

Ainda que baseada muito em uma perspectiva assistencialista, a Santa Casa de Misericórdia de Rio Grande fornecia a oportunidade de cuidados básicos e

acompanhamentos às crianças e aos adolescentes, resistindo até a década de 1930 (MENDES, 2021, p. 104). Em Rio Grande, há relatos de funcionamento até os anos 50.

Com o processo de (re)democratização e nova Constituição de 1988, são consideráveis os avanços no que diz respeito à proteção de direitos, desenvolvimento humano e integridade física, psíquica e comunitária. Além do reconhecimento de crianças e adolescentes enquanto sujeitos de direitos.

O Estatuto da Criança e do Adolescente (1990) revolucionou drasticamente as relações sociais e familiares, ao propor uma perspectiva integral e assegurar que

Art. 4º É dever da família, da comunidade, da sociedade em geral e do poder público assegurar, com absoluta prioridade, a efetivação dos direitos referentes à vida, à saúde, à alimentação, à educação, ao esporte, ao lazer, à profissionalização, à cultura, à dignidade, ao respeito, à liberdade e à convivência familiar e comunitária (BRASIL, 1990).

E é no Art. 19 que estipula, enquanto direito de toda criança e adolescente, “ser criado e educado no seio de sua família e, excepcionalmente, em família substituta, assegurada a convivência familiar e comunitária, em ambiente que garanta seu desenvolvimento integral” (BRASIL, 1990, p. 5). Além do ECA, também é considerável a importância da Lei Orgânica de Assistência Social (1993) e do Plano Nacional de Promoção, Proteção e Defesa do Direito da Criança e Adolescente à Convivência Familiar e Comunitária (2006) para que, hoje, tenhamos perspectivas mais dignas às crianças e aos adolescentes.

No município, o Programa Família Acolhedora oferece alternativas à institucionalização infanto-juvenil, atuando como serviço de acolhimento familiar desde 3 de julho de 2017, a partir do Decreto nº 14.476, alterando as leis municipais. A instituição não havia tido o seu próprio espaço físico, estando sempre às dependências de outras instituições do município, até ser realocado ao mesmo espaço físico do CREAS durante a pandemia de COVID-19.

Assim, o trabalho desenvolvido é diverso, multiprofissional e está inserido na rede de proteção aos direitos infanto-juvenis, unido a todos os outros dispositivos presentes no território. Ao contemplar a família de origem e as possíveis famílias acolhedoras, também está em contato com o sistema judiciário, bem como com outras instituições de acolhimento institucional. O trabalho em rede torna-se de extrema importância ao proporcionar a prioridade absoluta da criança e do adolescente em desenvolvimento, interseccionando a assistência social, a educação, a saúde, a segurança e a preocupação com as relações comunitárias e sociais do indivíduo.

Na cidade de Rio Grande, notamos que há ainda desconhecimento das atividades desenvolvidas pelo Programa Família Acolhedora, não apenas por questões de divulgação, mas pela dificuldade de aceitação desse novo serviço, visto que há preconceitos presentes na sociedade sobre a inserção de sujeitos marginalizados em meios familiares, de acordo com relatos na instituição.

Também identificamos carências de apoio das instituições responsáveis, como, por exemplo, na área de investimentos em infraestrutura e na contratação de novos profissionais capacitados à equipe, responsabilidades da Secretaria do Município de Cidadania e Assistência Social (SMCAS). Apenas no ano de 2020, estabeleceu-se o convênio institucional entre a

FURG e o Programa Família Acolhedora, destinado à abertura institucional para estágios de estudantes universitários e essa inserção foi atravessada por experiências em meio à pandemia de COVID-19.

Até então, não tínhamos conhecimentos sobre os funcionamentos dos dispositivos, tampouco das atividades desenvolvidas no programa, mas o que poderia ser visto enquanto um ponto negativo, torna-se logo positivo, pois tudo é novidade. E estagiar em um dispositivo tão recente abre espaço para construir a história junto à instituição.

Como descrito anteriormente, neste trabalho, daremos foco à experiência de estágio no dispositivo de média complexidade CREAS e no dispositivo de alta complexidade Família Acolhedora. O funcionamento dos serviços na cidade de Rio Grande se dá de uma maneira específica, sendo necessária a sua contextualização. A seguir, partimos de uma breve descrição do funcionamento dos dispositivos descritos na cidade de Rio Grande para o entendimento do presente texto.

AS EXPERIÊNCIAS TEÓRICO-PRÁTICAS-AFETIVAS COMO FONTE DE CONHECIMENTO

Apesar das especificidades institucionais, houve muitas similaridades na prática do estágio – não só pela aproximação ao campo da assistência social, como também pelo momento histórico ao qual vivenciávamos. A prática de estágio contribui para a formação, pois possibilita habilidades necessárias a fim de “investigar, analisar e intervir na realidade profissional específica, enredando-se com a realidade educacional, organização e o funcionamento da instituição educacional e da comunidade” (REIS, BAUTH, 2019, p. 4).

Como já mencionado, com a suspensão das

atividades acadêmicas em 15 de março de 2020, houve muitas expectativas, principalmente, de que o distanciamento social ocorreria por apenas 15 dias quando, na realidade, mostraram-se necessários cerca de 24 meses para o início do retorno às atividades presenciais, de forma mais próxima ao que já conhecíamos antes da pandemia.

De fato, novas palavras começaram a fazer parte dos nossos vocabulários, como: home-office/trabalho remoto; atividade síncrona/assíncrona. Em relação ao home-office ou trabalho remoto, apesar da ausência de legislação trabalhista, é tido “trabalho transferido para o ambiente doméstico se distingue de outras modalidades de trabalho realizadas distantes do espaço da empresa ou da instituição, caso do coworking, trabalhadores de rua (por aplicativos) ou “em domicílio” (BRIDI, *et. all*, p. 3).

Já as atividades síncronas e assíncronas referem-se àquelas atividades as quais ocorrem por meio da mediação da internet e da tecnologia de acesso à informação, na qual a comunicação se dá em tempo real, a exemplo de aulas por videoconferência e transmissão ao vivo (síncrono); assim como na ausência dessas características (assíncrono).

Aos poucos, essas novas formas de sociabilidade, aquisição de conhecimento e processos de aprendizagem foram se acomodando ao cotidiano, justamente através da prática do Ensino Remoto Emergencial (ERE), que fora instituída temporariamente às instituições de ensino públicas, sendo essa modalidade muito próxima na prática do Ensino a Distância (EAD), modalidade priorizada principalmente pelas instituições privadas. Com o avanço das atividades on-line, também foi possível acompanhar conferências, cursos, rodas de conversas, palestras e tantas outras atividades que aconteciam em diferentes partes do país, contribuindo para as nossas formações.

Nas instituições, houve ajustes em relação à prática do trabalho e do estágio. No CREAS-MSE, ocorreu também a redução da equipe de trabalho e a juíza responsável pela Vara Infância e Juventude Rio Grande suspendeu o cumprimento das medidas socioeducativas em meio aberto na segunda quinzena de março de 2020, mantendo até 18 de fevereiro de 2021.

O local onde funcionam as Medidas Protetivas e o Programa de Família Acolhedora ficou temporariamente fechado e os funcionários foram remanejados para os serviços de proteção social básica, que seguiam em funcionamento; no entanto, em abril de 2020, o dispositivo retornou ao seu funcionamento. Com o retorno das atividades, houve a redução da carga-horária nos serviços e na prática de estágio, foram necessárias as adaptações das atividades. Para tal, foi estabelecido um sistema de escala de horários e a redução dos membros das equipes, a fim de minimizar ao máximo a circulação de pessoas dentro do dispositivo e proteger os funcionários e os usuários; e a implementação da prática de *home-office*, além de distribuição de álcool em gel.

No Programa Família Acolhedora, as atividades continuavam a ser desenvolvidas de maneira remota e uma das estratégias utilizadas foi a criação de um grupo de WhatsApp, destinado a dúvidas daqueles que estavam participando da formação para se tornarem famílias acolhedoras, ligações regulares às famílias que já estavam acolhendo crianças ou adolescentes, e visitas presenciais, quando necessárias, para a avaliação do desenvolvimento infantil.

Com o retorno das atividades na Vara da Infância e Juventude, também ocorreram as chamadas “audiências concentradas”, de forma remota, com a finalidade de reavaliar a conjuntura jurídica e psicossocial da criança ou adolescente institucionalizado. As audiências

concentradas são “mecanismos responsáveis por viabilizar a reintegração familiar de crianças e adolescentes acolhidos institucionalmente” (OLIVEIRA, 2018, p. 143) ou encaminhar esses para os processos de adoção.

Nessas audiências, é solicitada a participação de diferentes instituições que participam do Sistema de Garantia de Direitos da Criança e Adolescente (SGDCA), que tem o intuito de fortalecer, assegurar e garantir a proteção integral da criança ou do adolescente. Durante as audiências concentradas, leva-se em consideração a perspectiva dos agentes responsáveis por cada uma das instituições que participam da realidade daquela criança ou adolescente.

Dessa forma, “concentram-se”, em um mesmo ambiente, representantes de instituições de ensino, saúde, segurança, educação, e assistência social a fim da tomada de “decisão coletiva sobre o destino da criança” (OLIVEIRA, 2018, 150). Vale lembrar que essas audiências concentradas ocorrem tanto em situações de cumprimento de medidas socioeducativas quanto medidas protetivas. De três em três meses são solicitadas audiências concentradas para a reavaliação do caso.

A partir das atividades on-line, também foi possível observar a atuação de diferentes profissionais, incluindo psicólogos e psicólogas que desempenham funções em diferentes dispositivos do SUAS. Esses momentos fizeram com que se ampliassem as perspectivas em torno da profissão, além de desconstruir ideias produzidas no senso comum acerca desses encontros.

A formação teórica também fez parte da prática do estágio. Estas eram consideradas atividades assíncronas e consistiam revisões de literaturas destinadas tanto a casos específicos como ao funcionamento das instituições, a partir de material teórico já disponibilizado

nos bancos de dados oficiais. Tivemos acesso a muitos materiais, como, por exemplo, às Referências Técnicas para Atuação de Psicólogo/a (CREPOP, 2008); às leis que regem os funcionamentos das instituições; ao aprofundamento de casos específicos que eram acompanhados em situação de estágio; às normativas disponibilizadas pelo governo federal etc. O que facilitou a construção e elaboração do diagnóstico institucional, de modo que, por meio desse documento, houvesse devolutivas para as profissionais a respeito da experiência do estágio.

Ao longo do processo de estágio, cada estudante, em sua instituição, também realizou, principalmente, atividades práticas, como: 1) reuniões de equipe, onde era permitido ampliar a criatividade e a sensibilidade a fim de construir estratégias que possibilitassem a promoção de saúde, organização e desenvolvimento da instituição; 2) reuniões de discussões de caso, que tratavam tanto sobre o desenvolvimento das crianças ou adolescentes contemplados pela instituição quanto possíveis intervenções necessárias ao contexto; 3) seleção e organização de material para a leitura e formação teórica junto ao grupo de supervisões locais e acadêmicas; 4) a organização de documentação física e virtual como fichas de cadastros e Plano Individual de Atendimento (PIA), que estavam presentes nas instituições. Esses momentos auxiliaram no entendimento de como ocorre a atuação profissional, e principalmente, nos afetos que se movimentam durante a prática.

Também, foram promovidas pelas estudantes algumas estratégias para visualizar a própria equipe e intervir nela, no sentido de conversar e refletir, no âmbito institucional, sobre práticas de autocuidado e promoção de saúde mental, pois era observável a exaustão dos trabalhadores durante o período pandêmico. Assim, a

valorização das pequenas conquistas foi uma estratégia utilizada tanto pelo grupo de estagiárias em supervisão acadêmica, tanto quando estavam em supervisões locais.

Além disso, houve aplicações de entrevistas nos profissionais de Psicologia, como parte da construção do diagnóstico institucional, a fim de entender como a pandemia influenciou o funcionamento do serviço e a autopercepção de saúde mental, biossegurança e respaldo institucional a essa trabalhadora/esse trabalhador que estava na “linha de frente”. A aplicação da entrevista se deu tanto de forma síncrona quanto assíncrona, pois respeitou-se o momento adequado aos entrevistados. Essas questões auxiliaram a visualizar, de forma mais criteriosa, o dia a dia da instituição.

Por determinação judicial promulgada pela juíza da vara infância e juventude de Rio Grande, o cumprimento das Medidas Socioeducativas e Medidas Protetivas retornaram em maio de 2021 e no CREAS-MSE E MP, sendo possível estabelecer os primeiros contatos com os usuários do dispositivo, de forma individual e através da tela do celular, sendo supervisionada por supervisoras locais. No Programa Família Acolhedora, não ocorreu contato direto com nenhuma das crianças ou famílias participantes do serviço, apenas ocorria o relato da mediação e das atividades, por meio da supervisora local, limitando, assim, diferentes experiências à estagiária. As Medidas Protetivas não pararam durante todo o estágio, no entanto, por medidas de segurança, os últimos meses de estágio ocorreram de maneira remota, distante do estágio.

Durante a pandemia de COVID-19, na cidade de Rio Grande foi explícito o descaso e o sucateamento das instituições de assistência social, como, por exemplo, a ausência de telefones institucionais no ambiente de estágio, para que se pudesse entrar em contato com

aqueles que eram beneficiados pelos serviços. Esse processo de desmoronamento de conquistas adquiridas ao longo de décadas de luta dos movimentos sociais, movimentos estudantis e intelectuais, em todos os âmbitos da vida humana, aliado a aspectos históricos do país, potencializam o extermínio da população brasileira, explicitando a intersecção entre gênero, raça, classe e políticas públicas, e refletida nessas quase 700 mil mortes de brasileiros em dezembro/2022, e brasileiras durante a pandemia de COVID-19.

SAÚDE MENTAL COLETIVA EM FOCO: AS AMBIGUIDADES PRESENTES DURANTE O PERÍODO DE ESTÁGIO EM 2020 E 2021

Ainda em 2020, após o retorno das aulas na FURG, de maneira remota, a partir de reuniões com a nossa supervisora acadêmica, iniciamos um processo de planejamento e organização, tentando encontrar estratégias para dar seguimento ao estágio. Entretanto, tendo em vista a solicitação constante das instituições de assistência social, passamos a estar presencialmente nos dispositivos. Essa ambiguidade na escolha entre “estar” ou “não estar” presencialmente no âmbito institucional, trouxeram diversos sentimentos que precisaram de tempo para se acomodar. As maiores dificuldades encontradas foram no quesito de desenvolver um estágio obrigatório de forma híbrida em meio à crise social, econômica, sanitária e de tantas outras ordens sem estarmos amparadas institucionalmente.

Nesse momento inicial, surge a vontade de experienciar o ambiente de estágio de forma mais semelhante com a que idealizamos. Essa vontade se misturou com o medo da exposição ao vírus, mas, como não encontramos outra alternativa, demos continuidade

ao estágio, tentando nos proteger como era possível. Concomitantemente, o discurso das instituições é de que era “impossível desenvolver esse estágio completamente a distância”, sem qualquer abertura ao diálogo, no Programa Família Acolhedora e no CREAS-MP, a presença física e, por vezes, além da carga horária semanal, era solicitada, já nas Medidas Socioeducativas, o retorno presencial foi gradual.

Até mesmo o processo de adaptação às atividades on-line foi difícil. O impacto das atividades virtuais e presenciais em meio à crise que transformou as nossas experiências de estágio. No início, houve longos períodos de readaptação às atividades on-line e as necessidades que surgiram através da implementação da EaD.

A atividade remota proporcionou uma ruptura às fronteiras entre o trabalho e a casa, sobrecarregando a todos: trabalhadores, estagiários e familiares. Há aspectos positivos e negativos de forma que “ao mesmo tempo que criou situação protegida contra a COVID-19, também inaugurou demandas e exigências, em condições laborais não reguladas, com potencial de incrementar os riscos ocupacionais e a ocorrência de adoecimento” (ARAÚJO, LUA, 2020, p. 5).

Nesse sentido, para muitos dos estudantes que viviam junto às suas famílias, a demanda por espaço, silêncio e ambiente tranquilo para desenvolver os estudos foram pontos em comum observados durante as supervisões acadêmicas e outros ambientes de disciplinas. Para aqueles que estavam sozinhos, outros fatores como sensação extrema de solidão e desamparo também foram apresentados. De qualquer forma, houve impacto direto na saúde mental e física de todos os estudantes e profissionais.

Iniciamos com este panorama que interliga as atividades híbridas, pois, a partir da solicitação das

instituições, que ofertavam os nossos estágios, de que os fizéssemos de maneira presencial ao ambiente institucional, outros sentimentos também surgiram ao longo do processo formativo. No início, a solicitação foi vista de forma muito positiva, pois teríamos o contato direto com a instituição, após o período de “encantamento”, observamos altos níveis de estresse através dos nossos autorrelatos em supervisão acadêmica em conjunto.

Na época, havia instabilidades constantes em relação às aberturas e fechamentos de comércio e instituições. Conforme a legislação vigente no estado do Rio Grande do Sul, o funcionamento das atividades nas cidades ocorria por meio de bandeiras, sendo elas: amarela (o estágio com menos restrição de circulação de pessoas); laranja; vermelha e preta (o estágio com maior restrição de circulação de pessoas, em que a maioria das atividades eram interrompidas).

No município de Rio Grande, de fevereiro de 2021, até o final do estágio, em maio de 2021, a bandeira vigente foi a preta e estávamos presencialmente durante todo o período enquanto estagiárias, sem direito aos EPIs ou à vacinação, assim, o medo de contaminar-se ou expor as nossas famílias ao vírus foi muito grande. Em nenhum momento as instituições de ensino e de assistência social intervieram a fim de fornecer as condições necessárias para a continuidade do estágio, demonstrando, também, esse local específico de subordinação e, por vezes, insignificância que os estagiários ocupam nas hierarquias institucionais.

Durante nossa experiência prática, como a maioria dos estágios realizados por nossos colegas eram realizados de maneira remota ou híbrida, não houve movimentos institucionais para facilitar o acesso à vacinação, portanto nós, enquanto estagiárias, fomos

vacinadas conforme calendário vacinal nacional por idade ou comorbidade, e não como profissionais ou estagiárias da saúde. Sobre a presença desse sentimento de receio, foi observado que a exaustão e o medo de contaminação de colegas e familiares, além da experiência de estresse contínuo, foram importantes fatores que influenciaram e prejudicaram tanto a saúde mental dos profissionais que estiveram em atuação durante o período pandêmico (PRADO, *et al.* 2020, p. 2) quanto a saúde mental dos estudantes em estágio.

Além disso, a desvalorização das instituições, a descrença nas organizações governamentais e a disseminação de *fakenews* também favoreciam ambientes sociais e institucionais assombrados por sentimentos de pânico e de insegurança. Muitos dos nossos questionamentos estavam em torno de compreender de que maneira iríamos vivenciar esse momento de estágio, em que a base estava justamente no contato humano e nas experiências rotineiras das instituições. E de como seria esse início da finalização das nossas graduações em Psicologia.

Entretanto, houve, também, sentimentos positivos no sentido de empolgação por experienciar fisicamente as práticas de estágio e, por vezes, experienciar a sensação de pertencimento institucional. Os primeiros contatos com os dispositivos foram tanto assustadores quanto empolgantes. Foi surpreendente perceber, por exemplo, que, exceto pelo número reduzido de funcionários, o CREAS – Medida Protetivas se parecia muito com aquele que se havia conhecido em março. A perspectiva temporal durante a pandemia se modificou de forma surpreendente, e o cotidiano das instituições havia se modificado drasticamente, fazendo-nos questionar com o que poderíamos contribuir com os serviços, quando em situações tão limitantes.

Assim, a criatividade ocupou papel importante nesse processo, e houve a elaboração de um questionário que visava conhecer a realidade e os impactos da pandemia na vida dos jovens em cumprimento de medidas socioeducativas. Também no Programa Família Acolhedora ocorreu a construção de redes sociais destinadas à divulgação e ao compartilhamento de informações sobre os serviços prestados pelo Programa no contexto local e nacional.

Boa parte do período de estágio consistiu, portanto, na elaboração de documentos, planilhas, tentativas de contatar os usuários, acompanhamento do supervisor local em suas atividades, participação de atendimentos, produção de documentação, visitas domiciliares e outras práticas comuns do psicólogo no serviço. Apesar de não ser aquilo que esperávamos, principalmente a elaboração e a análise de documentos são importantes habilidades que contribuem com o profissional de Psicologia.

Entre aspectos tanto positivos quanto negativos, foram possibilitadas transformações subjetivas e coletivas importantes. Foram momentos de contradições e dúvidas, em que precisamos escolher entre ter uma experiência prática de estágio significativa para a formação ou preservar a nossa saúde e dos nossos familiares. Por entender que de nada adianta uma vivência perfeita de estágio, empoderamo-nos e passamos a realizar as atividades de estágio em casa, de maneira remota, estudando sobre o serviço, realizando cursos disponibilizados pelo Ministério da Cidadania e acompanhando o dispositivo a distância.

O estágio se tratou de algo completamente novo, com muitas incertezas. Durante todo o percurso do estágio, vivemos momentos de sentimentos, frustrações, alegrias, expectativas e aprendizados extremos, tal qual a vida. Em alguns momentos, uma certa esperança de que

logo as coisas iriam normalizar; em outros, uma sensação de impotência frente aos cenários que foram sendo apresentados e, principalmente, uma frustração ao constatar que a experiência de que o idealizado em março não ocorreria. Houve muita dificuldade em pensar as práticas possíveis nesse contexto, sendo uma experiência altamente desafiadora.

No entanto, também tivemos a oportunidade de acompanhar o processo de adaptação e reinvenção de dispositivos de assistência social, bem como de seus profissionais atuantes, em meio a um contexto adverso jamais vivido anteriormente. Pudemos acompanhar nossa própria adaptação e reinvenção, e exercitar a nossa capacidade de utilizar as adversidades como potência nos nossos processos de “tornar-se” psicóloga. Essas experiências contribuíram para que se solidificassem representações mais vívidas acerca das identidades profissionais de cada uma.

Vale ressaltar que a presença das estagiárias também potencializa e promove a saúde mental no âmbito coletivo, tanto em relação aos usuários quanto aos trabalhadores ao passo que as intervenções em campo de estágio possibilitaram a criação de ambientes que visassem compartilhar angústias, vitórias e mudanças dos serviços de assistência social em meio ao período pandêmico. Já o diagnóstico institucional auxiliou na visualização das instituições de práticas que poderiam favorecer o serviço e apresenta, a partir de outros olhares, as próprias vulnerabilidades e fortalezas institucionais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A vivência dos estágios, que, no geral, é compartilhada entre os colegas, quando perpassada pela pandemia de COVID-19 tornou-se um processo muito

solitário: encarar a tela do computador e procurar ativamente por uma demanda; adentrar as portas do serviço, tendo como companhia apenas a máscara de proteção; procurar auxílio do corpo docente e não obter resposta, tudo requer força, resiliência e saúde. Questões que tornaram essa experiência mais desafiadora do que já seria naturalmente. Muitos sentimentos, práticas e estratégias de sobrevivência foram compartilhadas entre os estudantes, sendo um movimento importante para a continuidade e/ou não desistência da prática de estágio devido às adversidades.

Para além disso, o estágio é um processo que desconstrói e reconstrói o profissional em formação e contribui para a formação de seres conscientes e críticos da sua realidade. Acreditamos que a possibilidade de atuar na assistência social, mais precisamente na média e alta complexidade, possibilitou-nos desenvolver habilidades sociais e pessoais que, aliadas à sensibilidade crítica potencializam encontros que foram possíveis e proveitosos ao longo do percurso de formação, impactando profissional e subjetivamente todos os agentes das políticas públicas, sejam trabalhadores, sejam usuários.

Dessa forma, somos gratas pelas experiências que adquirimos e compreendemos que, com mais ou menos perdas, vencemos o estágio durante a pandemia de COVID-19 e vencer não diz respeito só a aprender as práticas institucionais e profissionais do SUAS, mas sobre termos saído desse estágio e dessa pandemia vivas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARAÚJO, T. M. de; LUA, I. O trabalho mudou-se para casa: trabalho remoto no contexto da pandemia de COVID-19. **Revista Brasileira de Saúde Ocupacional**, v. 46, 2021.

Disponível em:

<<https://www.scielo.br/j/rbso/a/LQnfJLrjgrSDKkTNYVfgnQy/abstract/?lang=pt>>. Acesso em: 25 de Dez. 2022.

BARROS, A. S.; Almeida, M. B. F. Estágio básico em contextos comunitários: momento prático na formação em Psicologia Social Comunitária. **Pesquisas e Práticas Psicossociais**. v. 14 n. 3. São João del-Rei. 2019. Disponível em:

<http://www.seer.ufsj.edu.br/index.php/revista_ppp/article/view/e3370/2177>. Acesso em: 23 agosto 2021.

BRIDI, M. A. al. O trabalho remoto/home-office no contexto da pandemia COVID-19. **Curitiba: Universidade Federal do Paraná, Grupo de Estudos Trabalho e Sociedade**, 2020.

Disponível em:

<https://www.eco.unicamp.br/remir/images/Artigos_2020/ARTIGO_REMIR.pdf>. Acesso em 05 de fev. 2023.

BRASIL, Lei Nº 12.435, Dispõe sobre a organização da Assistência Social. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 6 jul 2011. Disponível em:

<http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2011/lei/l12435.htm>. Acesso em: 22 abril 2021.

_____. Lei Nº 8.069. **Dispõe sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente e dá outras providências**. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 13 jul 1990. Disponível em:

<http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/L8069.htm>.

_____. Secretaria Nacional de Assistência Social. **Centro de Referência Especializado De Assistência Social – CREAS: guia de orientação**. Brasília, DF, 2005. Disponível em:

<http://www.mp.go.gov.br/portalweb/hp/8/docs/guia_de_orientacao_creas.pdf>. Acesso em: 04 maio 2021.

CENTRO DE REFERÊNCIA TÉCNICA EM PSICOLOGIA E POLÍTICAS PÚBLICAS.

Referência técnica para atuação do(a) psicólogo(a) no CRAS/SUAS. Brasília: Conselho Federal de Psicologia. 2008. Disponível em:

<http://crepop.pol.org.br/novo/wpcontent/uploads/2010/11/refer>

enciascras.pdf Acesso em 24 set 2022.

FURG, Curso de psicologia. **Projeto Político Pedagógico do Curso de Psicologia**. 2012. Disponível em: <https://psicologia.furg.br/images/ppp_psico_2012.pdf>. Acesso em: 04 maio 2021.

_____. Curso de psicologia. **Regulamento Interno para Estágios Obrigatórios e Não-obrigatórios para o período Emergencial no contexto da pandemia da COVID-19**. 2021. Disponível em: <https://psicologia.furg.br/images/Anexo_II_-_Regulamento_Estgios_Obrigatrios_e_No-obrigatrios_ERE_Psicologia_2020_1.pdf>. Acesso em: 04 maio 2021.

_____. **Reitoria Emite Nota Sobre Suspensão Das Aulas**. 2020. Disponível em: <<https://www.furg.br/reitoria/informes-da-reitoria/reitoria-emite-nota-sobre-suspensao-de-aulas>>. Acesso em: 20 abril 2021.

MACIAZEKI-GOMES, R. de C.; D'AVILA, G. T.; SANTOS, D. B. Reflexões sobre o estágio de Psicologia Social: narrativas de diferentes enfoques do processo de formação. **Pesquisas e Práticas Psicossociais**. v. 15 n. 4, São João del-Rei. 2020. Disponível em: <http://seer.ufsj.edu.br/index.php/revista_ppp/article/view/e3183/2476>. Acesso em: 23 agosto 2021.

MENDES, G. M. O Ato De Cuidar E Educar Na Roda Dos Expostos: Os Contextos Históricos De Uma Educação Assistencialista No Brasil. **Humanidades & Inovação**, 8(32), 103-116, 2021. Disponível em: <<https://revista.unitins.br/index.php/humanidadeseinovacao/article/view/1542>>. Acesso em: 05 de jan. 2023.

PRADO, A. D., PEIXOTO, B. C., da SILVA, A. M. B., & Scalia, L. A. M. A saúde mental dos profissionais de saúde frente à pandemia do COVID-19: uma revisão integrativa. **Revista Eletrônica Acervo Saúde**, v. 46, p.2, 2020. Disponível em: <<https://acervomais.com.br/index.php/saude/article/view/4128/2188>>. Acesso em: 05 jan. 2023.

PEREIRA, C. L. FAMÍLIA ACOLHEDORA: RELAÇÕES NO

ACOLHIMENTO E REINTEGRAÇÃO AO CONVÍVIO FAMILIAR. **Anuário Pesquisa e Extensão Unoesc São Miguel do Oeste**, v. 5, p. 15, 2020. Disponível em: <file:///C:/Users/carin/Downloads/24481-Texto%20do%20artigo-83228-1-10-20200617%20(1).pdf>. Acesso em: 16 de set. 2021.

RIO GRANDE. **Decreto nº 17.045, 2020**. Rio Grande, RS, 2020. Disponível em: <<http://leismunicipa.is/kjtwx>>. Acesso em: 23 agosto 2021.

_____. **Decreto nº 14.476, 2017**. Rio Grande, RS, 2017. Disponível em: <<https://leismunicipais.com.br/a/rs/r/rio-grande/decreto/2017/1467/14676/decreto-n-14676-2017-regulamenta-o-programa-familia-acolhedora-conforme-dispoe-o-artigo-14-da-lei-n-80512016-com-o-objetivo-de-propiciar-a-convivencia-familiar>>. Acesso em: 23 de Ago. 2021.

REIS, J. T.; FAUTH, G. A importância da coordenação, acompanhamento e fiscalização no estágio de estudantes. **Revista de Direito da Faculdade Guanambi**, v. 6, n. 02, p. e266-e266, 2019. Disponível em:

<<https://portaldeperiodicos.animaeducacao.com.br/index.php/RDFG/article/view/13926/7702>>. Acesso em: 05 de jan. 2023.

SÁ, C. M.; MIRANDA, L.; DE MAGALHAES, F. C. (2020). Pandemia COVID-19: catástrofe sanitária e psicossocial.

Caderno de Administração, v. 28, p. 27-36, 2020. Disponível em:

<<https://periodicos.uem.br/ojs/index.php/CadAdm/article/view/53596/751375150131>>. Acesso em: 05 de jan. 2023.

TORRES L. H. (2006). A casa da roda dos expostos na cidade do Rio Grande. **Repositório Institucional da FURG**. v. 20, p. 103-116. Disponível em:

<<https://repositorio.furg.br/bitstream/handle/1/280/218.pdf?sequence=1&isAllowed=y>>. Acesso em: 04 de Jan. 2023.

Imagem 11



Fonte: Leandro Machado dos Santos

5

Vigilância em Saúde do Trabalhador: relato de estágio em psicologia em meio à pandemia do novo coronavírus

Mattheus Vinicius Gomes Pessano

O presente texto busca relatar a primeira experiência do Estágio Obrigatório em Psicologia Social ocorrida na Vigilância em Saúde do Trabalhador (VISAT) em um município da região sul do Estado do Rio Grande do Sul, durante a pandemia de Covid-19. O projeto de estágio derivou-se a partir da leitura de que, desde o trabalho formal, informal ou não trabalho, nossas relações sociais são mediadas a partir do modo de produção vigente. Sendo assim, ao longo do século XX, a classe trabalhadora e o trabalho assalariado metamorfoseou-se e com o entendimento de que reestruturação produtiva teve papel central nesse processo e, portanto, é necessária para a compreensão da atual heterogeneidade e complexidade da “classe-que-vive-do-trabalho” (ANTUNES, 2006). Por conseguinte, o estágio teve como centralidade as discussões e problematizações da Saúde do Trabalhador (ST) caracterizada como o campo de estudos que concebe o trabalho enquanto determinante e condicionante dos processos de adoecimento dos sujeitos (CFP, 2019).

Buscando circunscrever os objetivos da VISAT, podemos defini-la como um dispositivo que visa à redução da morbimortalidade dos trabalhadores e trabalhadoras, através de ações que intervenham nos determinantes dos agravos em saúde, principalmente decorrente do processo produtivo (BRASIL, 2013). E podemos pensá-la situada dentro das prerrogativas de uma Saúde Coletiva voltada à prevenção em saúde e de seus diversos determinantes, como os processos de adoecimentos ocupacionais dentro de uma sociedade capitalista. Como trazido por Nunes (2006), as ciências sociais e humanas se consolidam na Saúde Coletiva pelo estudo dos processos e das relações sociais, objetos de estudo que compõem um escopo teórico-metodológico para compreensão das intersecções entre biológico, social e cultural.

Inicialmente, também é necessário pontuar sobre a organização do dispositivo para prosseguir com o delineamento na forma que se deu o estágio. De acordo com as portarias (Portaria nº 3.120/98, nº 2.728/09 e nº 1.378/13), que regulamentam a VISAT e dispõem sobre os dispositivos da Rede Nacional de Atenção Integral à Saúde do Trabalhador (RENAST), não é preconizada a atuação do profissional psicólogo nessa área, apesar de dispor sobre a possibilidade de participação. Diante disso, no local do estágio, em seu quadro de funcionários, não apresenta a presença de um(a) psicólogo(a) e, portanto, reside, nessa questão, o primeiro problema no campo de estágio. Buscando mediar a necessidade da presença de um profissional psicólogo na VISAT, entramos em contato com uma psicóloga da prefeitura, para convidá-la a uma orientação conjunta, que atuava também em perspectiva da ST para profissionais da Estratégia em Saúde da Família (ESF) e junto ao Núcleo de Educação em Saúde, Práticas Integrativas e Complementares e Cuidando do Cuidador (NEPICC/ESF). Posto isso, o estágio delineou-se em duas

frentes de trabalho: no NEPICC/ESF e na VISAT.

Entretanto, toda a organização e debates ocorridos para a realização e andamento do estágio obrigatório foram congelados por tempo indeterminado em março do ano letivo de 2020 por conta da pandemia de Covid-19. Devido aos avanços em conhecimento sobre o vírus Sars-Cov-2 e debates institucionais sobre retorno remoto, as atividades do ano letivo de 2020 foram retomadas gradualmente de forma online em setembro do mesmo ano, e, portanto, os estágios voltaram a reorganizarem-se nesse formato também. Com a retomada das atividades, as discussões sobre a Psicologia enquanto área da Saúde¹ Coletiva começaram a tomar maiores proporções na necessidade/importância de atuarmos presencialmente nos serviços de estágio, pensando principalmente que os dispositivos mantiveram os atendimentos presenciais por suas atividades serem consideradas serviços essenciais. Dessa maneira, em decisão conjunta com a orientadora acadêmica e supervisoras locais do estágio – ênfase em Psicologia Social, optamos pelo cumprimento presencial nas atividades, levando em conta três fatores principais: utilização de EPI's, locais com boa ventilação e protocolos de segurança individual e coletiva em relação à COVID-19 no estado do Rio Grande do Sul (RS).

De acordo com o objetivo deste relato, vou me ater às atividades realizadas junto à VISAT, e, sendo assim, o planejamento do dispositivo em vigilância em saúde do trabalhador, de acordo com a resolução nº 245

¹ Conforme a Resolução nº 287 de 1998 do Conselho Nacional de Saúde, a Psicologia integra as categorias profissionais consideradas como áreas da saúde, são elas: Biomedicina, Ciências Biológicas, Educação Física, Enfermagem, Farmácia, Fisioterapia, Fonoaudiologia, Medicina Veterinária, Nutrição, Odontologia, Psicologia, Serviço Social e Terapia Ocupacional.

(RIO GRANDE DO SUL, 2018) é orientado por três indicadores da Pactuação Interfederativa de Indicadores 2017/2021 para as VISAT, e são eles: Indicador Interfederativo 23, que define a proporção de preenchimento do campo ocupação nas notificações de agravos relacionados ao trabalho em 100%, o Indicador Estadual 3, que define a proporção de óbitos por acidentes de trabalho investigados em 100%, e o Indicador Estadual 4, que define a taxa de notificação de agravos para 40 notificações a cada 10.000 habitantes (40/10.000). Portanto, as atividades do estágio foram direcionadas ao cumprimento dos indicadores, como: a alimentação do Sistema de Informação de Agravos de Notificação (SINAN) com as notificações recebidas das fontes notificadoras, orientação sobre questões trabalhistas e encaminhamento (quando necessário) aos usuários que chegavam ao serviço, investigação de óbitos relacionados ao trabalho e orientação dos serviços da atenção básica sobre importância e compulsoriedade da notificação de agravos relacionados ao trabalho.

Entretanto, devido à pandemia, o período de realização das atividades de modo presencial na VISAT compreendeu os meses de janeiro e fevereiro de 2021. O período curto deu-se por conta da estratégia de distanciamento controlado tomada pelo governo no estado do RS em que o sistema era organizado pela divisão do estado em 21 regiões e da protocolização das atividades definidas por quatro estágios de controle (bandeiras): amarela, laranja, vermelha e preta². Sendo a amarela uma situação mais amena da contaminação por Covid-19 e conseqüentemente, menos restrições de movimentação e a preta uma situação de extremo risco à

² Para maiores informações, vide <https://sistema3as.rs.gov.br/como-funciona>.

contaminação e, portanto, muitas restrições dos serviços, em que, no dia 27 de fevereiro, houve mudança para bandeira preta na região, que se manteve até a finalização do período de estágio em 19 de maio de 2021.

Durante esse período na VISAT, realizei algumas atividades voltadas para a vigilância epidemiológica, como: conhecer e compreender como realizar a notificação compulsória enviada pelos serviços de saúde, fazer o recebimento e o registro de recebimento dessas notificações na organização interna do dispositivo, conferir se as informações necessárias estavam todas preenchidas, fazer a adequação ou busca ativa do trabalhador quando necessário e realização do cadastro das notificações para fomento de dados e informações no SINAN. Uma questão muito pertinente durante esse período foi a reflexão de quais atividades seriam direcionadas à Psicologia dentro do dispositivo justamente por nunca ter tido a presença de um profissional da área. Uma das conclusões a que nós chegamos para o enquadre da atuação foi que, em dispositivos de vigilância em saúde, o papel do psicólogo é voltado para um olhar multiprofissional. Não é delimitado ao psicólogo um conhecimento *strictu sensu*, mas é requerido o desenvolvimento de um olhar amplo sobre saúde, trabalho e processos de adoecimento. Sendo assim, o psicólogo, nesse espaço, contribui tanto com o seu conhecimento de área específico, mas, principalmente, com a articulação dos saberes e visões junto à equipe do local em que atua.

Como atividade de finalização do estágio, realizei uma entrevista semiestruturada com um profissional do dispositivo que teve duração de 1h e 30min em que conversamos sobre os temas: Trajetória Laboral, Trabalho, Vigilância em Saúde do Trabalhador e relações entre a Covid-19 e o Trabalho. Portanto, ao longo do texto,

refiro-me a alguns recortes das impressões do profissional às temáticas abordadas. Há também uma seção dedicada ao comentário da orientadora do estágio e um excerto retirado do diário de campo produzido ao longo do estágio. Começo com a pergunta “Qual sua ocupação?”, a seguir detalhada.

QUAL SUA OCUPAÇÃO? AS NOTIFICAÇÕES COMPULSÓRIAS NA VISAT

“A nossa base de trabalho são as notificações. Então, é o preenchimento da notificação, a identificação do que é o acidente de trabalho, de quem é esse trabalhador, então nosso trabalho é muito voltado a sensibilizar os profissionais de saúde, de ir nas unidades, de fazer essa informação essa, de ir nas unidades conversar com os profissionais, com os diferentes profissionais, envolver eles enquanto equipe, trazer novos atores para esse processo de notificação também, insistir com os hospitais para que seus fluxos internos sejam feitos. Então, esse processo de sensibilização, ele é muito rotineiro e toma assim boa parte do nosso trabalho diário, porque é o fundamental, quanto mais que eu conseguir sensibilizar os profissionais mais eles realmente vão ter esse olhar de preencher uma notificação e saber preencher uma notificação, quando preencher, né. E fazer a velha pergunta para o trabalhador” (Excerto da entrevista realizada com profissional, 2021).

Como descrito no trecho da entrevista anterior, as doenças e agravos passíveis de notificação são determinadas pela Portaria de consolidação n.º 4 (BRASIL, 2017), que define a lista nacional de notificação

compulsória de doenças, agravos e eventos de saúde pública, e, também, versa sobre a obrigatoriedade das notificações pelos profissionais da saúde públicos e privados que prestam assistência ao paciente. Na última atualização pela Portaria n.º 1.061 (BRASIL, 2020), podemos constatar como obrigatoriedade de notificação os acidentes de trabalho com exposição a material biológico e os acidentes de trabalho: grave, fatal e em crianças e adolescentes.

Também, de acordo com a Política Nacional de Saúde do Trabalhador e da Trabalhadora e a Portaria nº 205 (BRASIL, 2016), que define a lista nacional de doenças e agravos a serem monitorados pelas vigilâncias, é constado como atividade de monitoramento da vigilância em saúde do trabalhador:

- Câncer relacionado ao trabalho;
- Dermatoses ocupacionais;
- Lesões por Esforços Repetitivos/Distúrbios Osteomusculares Relacionados ao Trabalho (LER/DORT);
- Perda Auditiva Induzida por Ruído – PAIR relacionada ao trabalho; – Pneumoconioses relacionadas ao trabalho e,
- Transtornos mentais relacionados ao trabalho.

Logo, para a vigilância em saúde do trabalhador, as notificações constituem-se enquanto a base de orientação para as atividades do dispositivo e planejamentos de ação epidemiológicos. Essas notificações permitem caracterizar e cruzar dados sobre o perfil dos trabalhadores e todas as informações coletadas pela ficha de notificação, e, para além disso, essas informações servem como subsídios para definição de prioridade de ações do Poder Público e da Comissão Intergestores Tripartite (CIT) nas políticas públicas de promoção de

saúde (VELOSO et al., 2013). Ainda, a notificação é a estratégia central do Ministério da Saúde (MS) para o cuidado integral e, também, retirar os casos de violência da invisibilidade, provendo dados concretos para ação e garantia de direitos (BRASIL, 2017).

De modo geral, o que foi presenciado durante o período do estágio é a dificuldade na realização das notificações pelos profissionais e dispositivos de saúde. Apesar de as normativas darem caráter obrigatório à notificação de agravos em saúde do trabalhador, as portas de entrada demonstram dificuldade no preenchimento e de estabelecerem onexo causal do adoecimento com o trabalho. Essa dificuldade em estabelecerem onexo causal ocorre, muitas vezes, por não questionar durante o atendimento sobre a origem do adoecimento e qual a ocupação do usuário que chega às unidades³. Percebe-se que tal situação é relatada em outras pesquisas sobre as subnotificações de casos de violência (GARBIN et al., 2011; MOREIRA et al., 2013; VELOSO et al., 2013; PINTOR; GARBIN, 2019), demonstrando que a causa da subnotificação surge do desconhecimento dos profissionais acerca do preenchimento das notificações e como avaliar essas situações de agravos, assim como a falta de centralidade nos procedimentos técnicos. Como, por exemplo, no estado do RS trabalha-se com dois sistemas de notificações de agravos em saúde do trabalhador, em nível federal – o SINAN – e estadual – o Sistema de

³ Conforme Hennington (2015, p. 177), é interessante mencionar que, desde a publicação da obra “A doença dos trabalhadores”, de Bernardino Ramazzini, em 1700, o médico recomendava a inclusão na anamnese hipocrática à questão fundamental “qual sua ocupação?”. Como se viu nesse estágio, os/as trabalhadores da saúde nem sempre conseguem incluir essa pergunta para quem chega na Atenção Básica.

Informação em Saúde do Trabalhador (SIST), complexificando o processo de notificação que já é escasso.

Na busca de solucionar os problemas relacionados às notificações preenchidas de forma incompleta e das Unidades de Saúde que se mantinham sem informar agravos em saúde do trabalhador, os profissionais do serviço desenvolvem estratégias de formação continuada em saúde e reuniões com os gestores dos dispositivos da atenção básica para informar as equipes sobre a obrigatoriedade e a importância de identificar e realizar as notificações de agravos em saúde do trabalhador. Enquanto estagiário, consegui acompanhar duas reuniões informativas, uma com a enfermeira-chefe de uma Unidade de Pronto Atendimento (UPA) em que foram entregues cartazes para divulgação das notificações compulsórias, assim como conversar sobre a difusão para a equipe e a importância de notificar. Também acompanhei a orientação realizada com a coordenadora do Serviço de Atendimento Móvel de Urgência (SAMU) sobre a importância da notificação de agravos relacionados ao trabalho para atuação em rede e, mesmo que o SAMU não esteja classificado como uma porta de entrada da atenção básica, a articulação com a rede de urgência e emergência permite identificar principalmente acidentes de trajeto e possibilita uma nova fonte de informações.

Outrossim, uma atividade bastante recorrente que acompanhei foi a busca ativa dos trabalhadores que tinham notificações preenchidas de modo errado, incompletas ou ilegíveis. Nesse processo, muitas informações novas surgiam dos casos, como, por exemplo, em que uma notificação inicialmente veio incompleta e, durante o processo de diálogo e conversa com o trabalhador, descobriram-se práticas de assédio

moral na empresa para além da queixa principal. Posto isso, é visível a importância da notificação para a ação do dispositivo, seja ela de caráter epidemiológico para planejamentos de ações coletivas ou de busca e compreensão das recorrências no adoecimento dos trabalhadores e das trabalhadoras.

COVID-19 E AS AÇÕES EM VIGILÂNCIA

“Eu sinto falta realmente de ter protocolos mais rígidos sabe, de ter situações em que a gente seja mais enérgico, porque as pessoas ainda não entenderam o quanto a pandemia exige (...) do coletivo, (...) as pessoas ainda não entenderam, saúde pública, sabe. (...) então eu sinto falta hoje realmente de decretos mais enérgicos nesse ponto de fiscalizar e autuar realmente as empresas, pelo menos notificar, sabe” (Excerto da entrevista realizada com profissional, 2021)

O regime de flexibilização adotado pelo estado do RS fez com que algumas atividades retornassem na cidade ou nunca tivessem parado (serviços essenciais), como, por exemplo, os profissionais de saúde - caracterizados como a linha de frente à pandemia. Portanto, a pandemia de Covid-19 trouxe consigo novas estratégias em cuidado em Saúde Coletiva devido à sua alta transmissibilidade, principalmente aspectos de segurança e de exposição a risco biológico nos ambientes de trabalho. De acordo com as diretrizes básicas da Norma Regulamentadora 32 (NR32), que versa sobre segurança e saúde no trabalho em serviços de saúde, o risco biológico é caracterizado como a probabilidade de exposição a agentes biológicos exógenos (BRASIL, 2005), e, de acordo com essa definição, é possível extrapolar também para outros ambientes de trabalho

para além dos serviços de saúde, visto que, com a alta taxa de transmissão do vírus, essa exposição pode ocorrer a qualquer momento, inclusive no trajeto pela utilização do transporte público.

Em vista disso, pode-se observar umnexo causal entre a infecção por Covid-19 e o exercício das atividades laborais de alguns setores essenciais. Sendo assim, as ações em vigilância da saúde do trabalhador durante a pandemia foram voltadas principalmente em inspeções de ambientes de trabalho para prevenção e controle de propagação do vírus, difusão de informações sobre o uso de EPI's e o mapeamento e a notificação dos trabalhadores municipais da saúde infectados pela Covid-19. Enquanto estagiário, não consegui acompanhar as inspeções em ambientes de trabalho, principalmente por conta do maior risco de contaminação. Entretanto, a pandemia evidenciou a dificuldade do controle e registro das contaminações ocupacionais em nível federal e municipal, principalmente quando levamos em conta o fato de que o registro de agravo em saúde específico da infecção por Covid-19 apenas ficou disponível no SINAN a partir do terceiro trimestre de 2020 e com a exigência de uma investigação do nexotécnico e epidemiológico entre a infecção e o trabalho.

No entanto, o nexotécnico e epidemiológico mais óbvio entre as variáveis infecção por Covid-19 e trabalho é dos profissionais que compunham a linha de frente contra a pandemia, aqueles que atendiam diretamente casos de infecção do vírus. E, mesmo assim, os dados a que a VISAT teve acesso durante o período que estive presente no dispositivo não demonstrava número significativo de notificações nos hospitais. E tornou-se um questionamento constante sobre a subnotificação epidemiológica das infecções de Covid-19 relacionada às ocupações que entravam em desacordo com o

mapeamento da vigilância epidemiológica. Muito do que foi experienciado durante o período de estágio foi uma negligência do poder público em relação à fiscalização e ao controle sobre os processos produtivos do município, questões que extrapolavam para além das atribuições da VISAT. Além disso, a negligência das fontes notificadoras (Unidade Básica de Saúde, Hospitais, serviços públicos e privados) dificultaram o acesso aos dados, contendo o trabalho de prevenção frente à pandemia.

AS PALAVRAS DA SUPERVISÃO ACADÊMICA

Sob o marco de inspiração pela finalização do estágio e sob inspiração do artigo de Pereira et al (2018), apresento as palavras da supervisora acadêmica na intenção de mostrar a presença da Universidade nas políticas públicas, ainda que consideremos seus limites, possibilitam a formação em saúde, em especial no âmbito do Sistema Único de Saúde (SUS). Nas palavras da docente, escritas para compor este capítulo:

A experiência de estágio na Vigilância em Saúde do Trabalhador foi derivada de um arranjo nada comum ao estágio na ênfase em Psicologia Social: atuando especificamente na vigilância, sem a presença de um psicólogo vinculado à secretaria de saúde destinado a atuar especificamente nesse local e, para completar, com o início da pandemia, com pouca informação sobre o novo coronavírus - ou nenhuma em alguns casos, com os protocolos para os trabalhadores da saúde ainda em elaboração, ou seja, o estágio tinha tudo para ser um completo caos. No entanto, a proposta de estágio partiu do estudante e culminou com o desejo da docente e dos profissionais da VISAT em realizar, em algum momento, uma parceria entre

serviços e a formação em psicologia. O estágio foi a concretização desse desejo e da ideia de fortalecer laços e contribuir para a formação de trabalhadores em saúde, em especial, para atuar no SUS. E, para além dos desafios do serviço, que eram muitos, havia também os desafios da formação, pois, na área de Psicologia, eram realizadas várias discussões online protagonizadas especialmente nas figuras do Conselho Federal de Psicologia (CFP) e a Associação Brasileira para o Ensino de Psicologia, a ABEP, para pensar formas de realização do estágio em meio à pandemia do novo coronavírus. Felizmente, o estágio ocorreu e espero que tenha sido o primeiro de outras possibilidades de enriquecer a formação profissional em Psicologia, mais especificamente, em Psicologia Social do Trabalho, considerando que a saúde do trabalhador é um dos campos para a prática profissional nessa área (Excerto da entrevista realizada com a orientadora, 2021).

Completo com as minhas impressões de toda a trajetória e experiências desse período:

A concretização do estágio obrigatório na Vigilância em Saúde do Trabalhador mesmo em um momento atípico e de crise sanitária permitiu observar de perto a realidade e as contradições da saúde pública. E também deu um dimensionamento real da execução da Política Nacional em Saúde do Trabalhador e da Trabalhadora e seus arranjos. O estágio inteiro foi permeado por muitos afetos, desde o início da pandemia e as incertezas da execução dessa etapa (tanto burocrática, quanto importante para a formação) durante o período remoto. Muitos desses afetos foram acolhidos pelas supervisões acadêmicas em grupo e que permitiriam o compartilhar da fala e das angústias

com colegas e com a professora orientadora. A nossa proposta foi concretizada e finalizada com sucesso e, principalmente, todos envolvidos com saúde em meio ao caos pandêmico. Das coisas que nos marcam para a vida, eu destaco as relações desenvolvidas com as supervisoras e com os servidores do serviço, que me ensinaram o olhar voltado para os processos e pessoas. E também o acolhimento necessário em momentos em que todos vivenciamos o isolamento social (Excerto do diário de campo do estagiário, 2021).

E PARA ALÉM?

“então mudar essa realidade, mudar desde lá do contrato (...), é preciso, e a gente vem nesse processo todo, junto com essas empresas, nessa situação toda de pandemia que ninguém esperava tudo isso e se ia prolongar tanto não é, já estamos em maio praticamente” (Excerto da entrevista realizada com profissional, 2021).

Sendo assim, a Vigilância em Saúde do Trabalhador compõe um papel importante diante da Saúde Coletiva, contribuindo com a análise dos processos de adoecimentos ocupacionais. E, principalmente, durante a pandemia, quando o isolamento social foi rompido para a manutenção do capital e dos processos produtivos e apresentavam uma das principais fontes de contaminação. Assim, diante de todo o cenário pandêmico e a eferescência das contradições no mundo do trabalho a partir de um contágio que modificou as formas de se relacionar durante um grande período de tempo, é possível ainda ter esperanças na mudança. Infelizmente, o estágio teve pouco tempo de duração devido a todo o contexto explicitado, mas o que fica daqui para além dos erros, acertos, avanços e retrocessos é um grande afeto

por todos os profissionais que compõem nossa rede e todos os servidores públicos que, mesmo vivenciando um projeto político de recuo de direitos, trabalham voltados à mudança social. E, também, é importante reiterar o compromisso ético-político da psicologia diante da classe trabalhadora e da sociedade como um todo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANTUNES, R. L. **Adeus ao trabalho?** ensaio sobre as metamorfoses e a centralidade do mundo do trabalho (11a ed). São Paulo: Cortez. 2006.

BRASIL. **Resolução n.º 287** de 8 de outubro de 1998 do Conselho Nacional de Saúde. Relacionar as seguintes categorias profissionais de saúde de nível superior para fins de atuação do Conselho. Brasília: Ministério da Saúde: 1998. Disponível em:<

https://bvmsms.saude.gov.br/bvs/saudelegis/cns/1998/res0287_08_10_1998.html>. Acessado em: 08 Nov 2021.

_____. **Portaria n.º 3.120**, de 1º de Julho de 1998. Aprova a Instrução Normativa de Vigilância em Saúde do Trabalhador no SUS, na forma do Anexo a esta Portaria, com a finalidade de definir procedimentos básicos para o desenvolvimento das ações correspondentes. Brasil, 1998. Disponível em:

<<https://renastonline.enasp.fiocruz.br/recursos/portaria-3120-1o-julho-1998>>. Acessado em: 07 Nov 2021.

_____. **Portaria nº 485**, de 11 de Novembro de 2005. Ministério do Trabalho e Emprego. Aprova a Norma Regulamentadora nº 32 (Segurança e Saúde no Trabalho em Estabelecimentos de Saúde). Brasil, 2005. Disponível em:

<https://www.camara.leg.br/proposicoesWeb/prop_mostrarintegra;jsessionid=A0DFC9671C271F924ED67242202671FC.node2?codteor=726447&file=e=LegislacaoCitada+-PL+662+6/2009>. Acessado em: 07 Nov 2021

_____. **Portaria n.º 2.728**, de 11 de Novembro de 2009. Dispõe sobre a Rede Nacional de Atenção Integral da Saúde do Trabalhador (RENAST) e dá outras providências. Brasil, 2009. Disponível em: <http://bvsmms.saude.gov.br/bvs/saudelegis/gm/2009/prt2728_11_11_2009.html>. Acessado em: 07 Nov 2021.

_____. **Portaria n.º 1.378** de 09 de Julho de 2013. Regulamenta as responsabilidades e define diretrizes para execução e financiamento das ações de Vigilância em Saúde pela União, Estados, Distrito Federal e Municípios, relativos ao Sistema Nacional de Vigilância em Saúde e Sistema Nacional de Vigilância Sanitária. Brasil, 2013. Disponível em: <https://bvsmms.saude.gov.br/bvs/saudelegis/gm/2013/prt1378_09_07_2013.html>. Acessado em: 07 Nov 2021.

_____. **Portaria n.º 205**, de 17 de Fevereiro de 2016 . Define a lista nacional de doenças e agravos, na forma do anexo, a serem monitorados por meio da estratégia de vigilância em unidades sentinelas e suas diretrizes. Brasil, 2016. Disponível em: <https://bvsmms.saude.gov.br/bvs/saudelegis/gm/2016/prt0205_17_02_2016.html>. Acessado em: 07 Nov 2021

_____. Ministério da Saúde. Gabinete do Ministro. **Portaria de consolidação n.4**, 28 de Setembro de 2017. Consolidação das normas sobre os sistemas e os subsistemas do Sistema Único de Saúde. Brasil, 2017. Disponível em: <https://bvsmms.saude.gov.br/bvs/saudelegis/gm/2017/prc0004_03_10_2017.html#CAPITULO>. Acessado em: 07 Nov 2021

_____. Ministério da Saúde. Secretaria de Vigilância em Saúde. Departamento de Vigilância de Doenças e Agravos não Transmissíveis e Promoção da Saúde. **Notificação de violências interpessoais e autoprovocadas**. Brasília: Ministério da Saúde, 2017. Disponível em: <https://bvsmms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/notificacao_violencias_interpessoais_autoprovocadas.pdf>. Acessado em: 07 Nov 2021

_____. **Portaria n.º 1.061**, de 18 de Maio de 2020. Revoga a

Portaria nº 264, de 17 de fevereiro de 2020, e altera a Portaria de Consolidação nº 4/GM/MS, de 28 de setembro de 2017, para incluir a doença de Chagas crônica, na Lista Nacional de Notificação Compulsória de doenças, agravos e eventos de saúde pública nos serviços de saúde públicos e privados em todo o território nacional. Brasil, 2020. Disponível em: <https://bvsmis.saude.gov.br/bvs/saudelegis/gm/2020/prt1061_29_05_2020.html>. Acessado em: 07 Nov 2021.

CFP. **Saúde do trabalhador no âmbito da saúde pública:** referências para atuação da(o) psicóloga(o) (2a ed). Brasília : CFP. 2019.

GARBIN, C. A. S; ROVIDA, T. A. S; JOAQUIM, R. C; PAULA, A. M; QUEIROZ, A. P, D. G. Violência denunciada: ocorrências de maus tratos contra crianças e adolescentes registradas em uma unidade policial. **Revista Brasileira de Enfermagem**, v. 64, n.º4, p.665-670, 2011. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/reben/a/NzXzbQS7JdnFmbRHHdWGDxq/?lang=pt>>. Acessado em: 09 Nov 2021

HENNINGTON, Élide. Como trabalhar com a vigilância da saúde do trabalhador. In MENEGUEL, Stela Nazareth.

Epidemiologia: exercícios indisciplinados. Porto Alegre: Tomo Editorial, 2015. p. 175-188. Disponível em:

<<http://historico.redeunida.org.br/editora/biblioteca-digital/epidemiologia-exercicios-indisciplinados-pdf/view>> Acessado em: 08 Nov 2021.

MOREIRA, G. A. R; VASCONCELOS, A. A; MARQUES, L. A. M; VIEIRA, L. J. E. S. Instrumentação e conhecimento dos profissionais da equipe saúde da família sobre anotação de maus-tratos em crianças e adolescentes. **Rev. paul. pediatr.** v. 31, nº 2, p.223-230, 2013. Disponível em:

<<https://www.scielo.br/j/rpp/a/3PsQpTFF4zZnn8LJL9bgc5y/?lang=pt>> Acessado em: 09 Nov2021

NUNES, E. D. Saúde Coletiva: Uma história recente de um passado remoto. In: CAMPOS, G. W. S. et al. (org.). **Tratado de Saúde Coletiva**. São Paulo: HUCITEC; Rio de Janeiro: Ed. Fiocruz, 2006. p. 19-40

PEREIRA, Maristela de Souza; OLIVEIRA, Andressa Fonseca Felice de; MACHADO, Jéssica Pagliarini; VIEIRA, Nágilla Regina Saraiva; MIRANDA, Raíssa Neves; CUNHA; Samantha Sousa Nascimento; FLOR, Tatyanne Couto. Estágio Profissionalizante e Formação em Psicologia: o Trabalho com Grupos como Dispositivo Formativo. **Psicologia: Ciência e Profissão**, v. 38, n. 2, 2018. Disponível em <https://doi.org/10.1590/1982-3703002752017> Acessado em 08 Nov 2021.

PINTOR, E; GARBIN, A. D. C. Notificações de violência relacionadas ao trabalho e vigilância em saúde do trabalhador: rompendo a invisibilidade. **Revista Brasileira de Saúde Ocupacional**, v. 44, p. 01-09, 2019. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/rbso/a/WBVBQT5qySTwqGq5w49NgLp/abstract/?lang=pt>> Acessado em: 07 Nov 2021

RIO GRANDE DO SUL. **Resolução n.º 245**, de 13 de julho de 2018. Art. 1º. Disponível em: <<https://saude.rs.gov.br/upload/arquivos/carga20180730/18163022-cibr245-18.pdf>>. Acessado em: 07 Nov 2021

VELOSO, M. M. X; MAGALHÃES, C. M. C; DELL'AGLIO, D. D; CABRAL, I. R; GOMES, M. M. Notificação da violência como estratégia de vigilância em saúde: perfil de uma metrópole do Brasil. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 18, n. 5, p. 1263-1272, 2013. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/csc/a/PkkYlHmypoSBjMW6YSvMqKKg/?lang=pt>>. Acessado em: 07 Nov 2021.

Imagem 12



Fonte: Leandro Machado dos Santos

6

Acompanhamento Terapêutico Como Meio De (Re)Inventar O Cuidado Em Saúde Mental Em Tempos De Pandemia: Uma Análise Cartográfica

Amilton Gonçalves Schir; Douglas Casarotto de Oliveira

Porque arte é arte, dor é alegria presente
O homem é um animal que está sempre em conflito com a mente
E pra quem é muito louco até o ardor do sol surpreende
Pra falar do que sinto cantei
Cantei me expus e até me emocionei
(Criolo)

Este capítulo é fruto de um Trabalho de Conclusão de Curso de Psicologia da Faculdade Integrada de Santa Maria (FISMA), que teve como objetivo cartografar a experiência de um acadêmico de psicologia como acompanhante terapêutico ao longo da pandemia de Covid 19, a partir de sua inserção em um projeto de extensão em Acompanhamento Terapêutico (AT) e num CAPS II, no interior do RS. A partir de uma perspectiva cartográfica, propomos eu, Amilton (acadêmico que realiza o estágio), e Douglas (professor/orientador do estágio) como fio condutor da narrativa um acompanhamento paralelo entre os movimentos

institucionais (no Projeto AT e no CAPS) e os movimentos singulares produzidos no acompanhamento do caso de J¹.

A experiência e referências em AT surgem a partir do projeto de extensão Itinerâncias da Clínica Psicossocial: Rede de acompanhantes terapêuticos da FISMA, que teve seu início em 2013 num Centro de Atenção Psicossocial Álcool e outras Drogas (CAPS ad). Mais tarde, mudou sua sede para a FISMA, no segundo semestre de 2016.

O tempo dos encontros, da realização do trabalho, do início, da parada, da retomada, dos movimentos itinerantes desta jornada de AT estão dentro do cenário pandêmico de Coronavírus. Nessa perspectiva, observam-se crescentes problemáticas causadas pela pandemia, tais como o desencadeamento de sentimentos referentes à angústia, insegurança e medo, assim como um estado de pânico social. Impactos psicológicos associados a preocupações referentes ao desemprego, familiares contaminados, hospitais superlotados, falta de recursos para manutenção de higiene pessoal, escassez de suprimentos etc. estão diretamente relacionados a fatores de risco à saúde mental (SCHMIDT et al., 2020). O desinvestimento no Sistema Único de Saúde (SUS), nas políticas públicas pelo Governo Federal é outro fator de extrema relevância. Nesse sentido, é fundamental pensar em saúde mental e no bem-estar das pessoas, sendo essencial para nossa habilidade individual e coletiva (WHO, 2018).

Nessa conjuntura, o Acompanhamento Terapêutico emerge como um importante dispositivo de cuidado, incorporado como uma tecnologia do SUS.

¹ Nome fictício dado ao usuário com o qual tive a oportunidade de realizar o AT na pandemia. Agradeço imensamente a ele pelos encontros e aprendizados nesse percurso.

Embasado pelos princípios desse Sistema, sendo eles universalidade, equidade e integralidade, e que acresce com a proposta de desinstitucionalização, ultrapassando os limites fronteiriços das práticas de saúde, atingindo o meio social e criando uma nova forma de compreensão de loucura, antes exclusora, opressiva e reducionista (BEZERRA, 2007). O dispositivo do AT é uma atividade que busca retirar o indivíduo de sua situação de dificuldade para poder recriar algo de novo na sua condição (PITIÁ e FUREGATO, 2009). Diante do contexto de uma pandemia, verifica-se a necessidade de se (re)inventar, assim como a importância de trabalhar com novos meios de cuidado em saúde mental.

POR QUE CARTOGRAFAR? E FERRAMENTAS CONCEITUAIS

Quando diferentes linhas, níveis, percepções, pensamentos e construções se encontram, conseguimos traçar a intersecção que há entre elas e chamaremos isso de rizoma (DELEUZE e GUATTARI, 2000). E é por essas linhas rizomáticas dos encontros e desencontros, das intersecções, que realizo a cartografia dos movimentos do dispositivo do AT na pandemia do coronavírus.

Para os cartógrafos, no ato de pesquisar, não há necessariamente a pretensão de interpretar o mundo, ou compreender a realidade, mas produzir, produzir o mundo e construir realidades (FERIGATO e CARVALHO, 2011). Sendo assim, busco, por meio deste trabalho, a construção de saídas, saídas as quais ainda não sei como irão se construir, mas que, por meio do contato com diferentes frentes, mundos e realidades, tornar-se-ão produtos que servirão para essa construção.

O termo "cartografia" utiliza especificidades da geografia para criar relações de diferença entre "territórios" e dar conta de um "espaço". Assim, "Cartografia" é um termo que faz referência à ideia de "mapa", contrapondo à topologia quantitativa, que caracteriza o terreno de forma estática e extensa, uma outra de cunho dinâmico, que procura capturar intensidades, ou seja, disponível ao registro do acompanhamento das transformações decorridas no terreno percorrido e à implicação do sujeito percebedor no mundo cartografado (FONSECA e KIRST, 2003, p. 92).

O ato de cartografar é expresso, por Denzin e Lincon (2005), como um conjunto de práticas materiais (como notas de campo, entrevistas, conversações, fotografias, narrativas e memórias de si), os quais possibilitam um novo ato de pesquisar que torne o mundo mais visível e que esta pesquisa, por si só, já é capaz de transformá-lo.

A produção dos dados se deu a partir dos diários de campo produzidos entre os períodos de 01/08/2020 até 05/07/2021 em um CAPS do interior do estado. Somada pesquisa de materiais que expressam saberes de diferentes campos que emergiram a partir do cenário pandêmico e alguns conceitos e ferramentas eleitos a partir deles. A partir de então, foram produzidas narrativas analisadoras, visando dar conta dos objetivos propostos. Por meio da cartografia, a investigação desses territórios de produção de saúde busca captar suas dinâmicas, seus movimentos, seus acontecimentos e o que se passa no entre instituição-território, instituído-instituente (FERIGATO e CARVALHO, 2011). Buscando consistência na análise cartográfica proposta, utilizei também a experiência construída em meu percurso como participante do projeto de AT da FISMA desde 2019 até

julho de 2021, quando encerrei, juntamente com o estágio no CAPS a abrangência de conteúdos deste trabalho. Diante disso, cartografei minha experiência nesses caminhos e expus aqui.

Neste espaço, estão descritos alguns conceitos que servirão de referência para o desenvolvimento do texto e da compreensão do andamento do trabalho. A compreensão de teoria e conceitos são expressos abaixo no diálogo de Deleuze com Foucault.

Uma teoria é como uma caixa de ferramentas. Nada tem a ver com o significante... É preciso que sirva, é preciso que funcione. E não para si mesma. Se não há pessoas para utilizá-la, a começar pelo próprio teórico que deixa então de ser teórico, é que ela não vale nada ou que o momento ainda não chegou. Não se refaz uma teoria, fazem-se outras; há outras a serem feitas. E curioso que seja um autor que é considerado um puro intelectual, Proust, que o tenha dito tão claramente: tratem meus livros como óculos dirigidos para fora e se eles não lhes servem, consigam outros, encontrem vocês mesmos seu instrumento, que é forçosamente um instrumento de combate. A teoria não totaliza; a teoria se multiplica e multiplica. (DELEUZE, 1972, p. 71).

Sendo assim, são utilizadas algumas ferramentas conceituais neste que servirão para conectar e dar sentido à minha escrita. As ferramentas são: O conceito de Rizoma de Deleuze e Guattari e o conceito de Acompanhamento Terapêutico.

MOVIMENTO

Lembro-me que, no final de 2019, nós do Projeto AT estávamos em pleno movimento. Havia distribuição de Ats de nosso projeto em todos os quatro CAPS da cidade. Em dezembro desse mesmo ano, estávamos nos organizando para irmos a um evento entre projetos de AT em Florianópolis – Santa Catarina para compartilharmos experiências. Recordo-me de quando o professor e coordenador do projeto nos informou, em uma reunião semanal do grupo, sobre o convite da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) para participarmos do evento que reunia grupos de AT de vários cantos do Brasil: os sorrisos dos acadêmicos vieram à tona no momento!

Não sabíamos como iríamos ao evento, pois o recurso financeiro dos integrantes do grupo era limitado, mas tínhamos a certeza de que não perderíamos essa oportunidade. Vale lembrar que os integrantes do grupo eram acadêmicos do curso de Psicologia e a maioria de nós possuía bolsas de estudos do governo. Uns conciliavam as atividades acadêmicas com trabalho formal ou informal e outros sobreviviam com a ajuda dos familiares. Sendo assim, pensamos em realizar uma rifa para juntar o dinheiro para pagar uma van que iria realizar o nosso transporte, o qual seria o maior custo da viagem. Um dos integrantes do grupo, que trabalhava no ramo de turismo, ofereceu um pacote de viagem para Buenos Aires – Argentina para auxiliar na rifa; esse foi o prêmio do primeiro colocado. Outro integrante, que trabalhava com tatuagens, ofereceu uma tatuagem para o ganhador segundo colocado da rifa. Assim, saímos nos corredores da faculdade oferecendo rifas aos familiares, aos amigos, às pessoas desconhecidas que passavam pelo nosso caminho, itinerâncias; enfim, a todos que podiam comprar

um número e nos auxiliar a realizar essa viagem.

No dia 05 de dezembro de 2019, realizamos o sorteio na praça em frente à faculdade, local em que o grupo costumava se reunir nos intervalos das aulas, sendo um espaço de trocas extra-aulas, onde alguns fumavam um cigarro e conseguiam tirar um momento de descontração nas correrias do dia a dia. Realizamos o sorteio e logo a van estava esperando-nos para seguirmos viagem.

A viagem saiu com diversos imprevistos e inconstâncias. O grupo estava muito bem unido nessa viagem; contudo, cabe salientar a não presença de um integrante na viagem pelo adoecimento de seu pai, que veio a falecer meses depois. A morte do pai de outro membro do grupo meses antes e o adoecimento de meu pai que veio a falecer meses depois desse período, fatos que movimentaram afetos. O carro do coordenador do grupo, que estava indo para o evento com sua esposa, estragou no meio do caminho, e a mochila com o notebook do professor foi esquecida no táxi que os levou até o próximo destino. Mesmo assim, conseguimos participar do evento, que foi um espaço de fortalecimento das redes de AT do Brasil, e do próprio projeto de AT da FISMA.

PARADA

Em nível normativo relacionado às medidas de prevenção/contenção ao coronavírus, o Ministério da Saúde (BRASIL, 2020), por meio da Nota Técnica Nº12/2020-CGMAD/DAPES/SAPS/MS, reitera questões como o distanciamento social, a obrigatoriedade do uso de máscaras faciais e de Equipamentos de Proteção Individual (EPIs), e a não aglomeração de pessoas. O Conselho Nacional de Saúde (2020) elaborou a RECOMENDAÇÃO Nº 040, de 18 de maio de 2020, uma

recomendação de revisão à nota acima mencionada, referindo que há muito mais que essas recomendações para o pleno funcionamento do cuidado em saúde mental de base comunitária. Recomendações como a adoção de medidas de revisão aos pacientes internados em instituições psiquiátricas como meio de evitar a aglomeração nessas instituições, políticas públicas que garantam os recursos financeiros aos estados para a ampliação da capacidade dos serviços de atenção psicossocial de base comunitária, o monitoramento das Notificações de Tentativas de Suicídio e óbitos por Suicídio, com vistas a analisar os diferentes cenários e favorecer o direcionamento de novas ações, entre outros.

A nota do Ministério da Saúde foi retirada do ar, dias após sua publicação. Após o retorno das férias de fim de ano, a pandemia de Covid-19 já estava com grande disseminação no Brasil e no mundo. As orientações de restrição de encontros presenciais estavam reforçadas ao máximo devido ao medo da contaminação em massa de um vírus sobre o qual pouco se sabia. Sendo assim, o projeto teve suas atividades cessadas neste primeiro semestre de 2020. Não foi fácil para o grupo receber essa notícia; contudo, para o momento em que estávamos vivenciando, aquilo era necessário.

No projeto de AT

A parada foi anunciada. Contudo, a esperança da retomada pelos integrantes nunca foi deixada de lado. Sempre que possível, trocávamos mensagens de texto no grupo de Whatsapp do projeto de AT, seja para compartilhar algo pertinente à pandemia, aos movimentos da saúde mental no momento, às lutas que estavam sendo traçadas para fortalecer a saúde mental. E, por fim, as atividades acadêmicas do primeiro semestre de 2020 acabaram no final de julho.

No CAPS

As atividades coletivas também pararam. O CAPS nunca parou, sempre prestou atendimento aos usuários. Mas, os movimentos operados antes da pandemia, como a movimentação de grupos e de oficinas, já não estavam mais presentes.

Observei vários fatos acontecendo com a pausa de movimento causada pela pandemia, mudanças em questões de trabalho, renda, alimentação, saúde e preocupações existentes em maiores intensidades. Em nível periférico, o desespero das famílias nas favelas em situações de como vão sobreviver, comer, em uma época em que não podem exercer seu trabalho (SILVA, 2020). Logo, podemos ver quem, na verdade, está sofrendo mais as consequências da pandemia.

RETOMADA

No projeto de AT

No início de setembro, começou o segundo semestre das atividades acadêmicas de 2020. O Projeto AT se (re)configurou nessa retomada. Como (re)iniciar as atividades presenciais na pandemia? Inicialmente, o Governo Federal ditava as regras de distanciamento controlado; contudo, pela ineficácia de suas ações, os governos estaduais passaram a assumir essa função. Quando, por conseguinte, o presidente da República Jair Messias Bolsonaro assinou o documento em que passa a atribuir, oficialmente, essas funções para os estados da nação. Sendo assim, o Governo do Estado do Rio Grande do Sul iniciou o modelo de distanciamento controlado a partir da configuração por cores de bandeiras.

No CAPS

Para a retomada das atividades de estágio, a liberação das atividades presenciais naqueles campos de estágio ficavam a critério das instituições. No caso dos CAPS, que eram vinculados ao Núcleo de Educação Permanente em Saúde (NEPES), as atividades presenciais nas instituições eram negadas devido à cor da bandeira vigente (laranja, naquele momento). A brecha era que as atividades em território não estavam suspensas; sendo assim, o AT podia atuar nos territórios. A retomada do grupo estava acontecendo.

SURTO OU EXPLOSÃO DE AFETOS?

ObsErvAr & AbsOrvEr.

Muitos olham, poucos vêem; muitos falam, poucos dizem;
Muitos escutam, poucos ouvem; muitos observam, poucos
absorvem.

(Eduardo Marinho).

Em dezembro de 2020, tive a oportunidade de participar de um evento denominado de “AT na roda”, era uma roda de conversas promovida mensalmente pelo Projeto de ATs da FISMA, em que os ATs ficam responsáveis por organizar uma roda de conversa, a partir de um tema pré-determinado. Em uma das falas de um dos participantes do encontro, surgiu um novo entendimento sobre o surto. Em um meio mais tradicional, o surto é visto como um “descontrole”, algo “fora da normalidade”, que deve ser “contido”, “manejado”, “medicalizado,” “amortecido” em termos gerais. Enxergar o surto como “explosões de afetos” nos faz pensar toda a dinâmica de alguém, para além de algo que foge da racionalidade.

Em um dos encontros de AT, a irmã de J³ havia

falado sobre seus momentos de descontrole, surto. O “surto” era relatado como uma espécie de irracionalidade daquele sujeito, ao qual não fazia muito sentido, não tinha uma razão, um fim, um porquê. Ela relatava sobre a importunação de J³ naquela casa nesses momentos. Lembrei-me do termo “explosões de afetos” e consegui construir uma noção de linhas de modo que aquelas explosões fizessem sentido, ou talvez não fizessem, mas que podiam fazer parte da construção daquele amontoado de sentimentos e expressões ditas e relatadas em uma calçada de uma casa, com um microfone, voz e violão de J³.

Mais tarde, cerca de quatro meses depois, recebo uma ligação da irmã de J³ referindo que o mesmo teve um momento de “descontrole”, saindo a esmo pela rua, após ser contido em sua casa. Nesse momento de raiva, acabou quebrando a porta de sua casa, o Serviço de Atendimento Móvel de Urgência (SAMU) e a Brigada Militar (BM) foram acionadas para auxiliar no caso. Após esse fato, a sobrinha de J³ colocou-o dentro do carro e levou-o para o pronto atendimento da cidade, para uma possível internação. Enquanto isso acontecia, passei orientações de manejo para a família por telefone. Com isso, não foi necessário levar J³ para o serviço de emergência, pois ele acalmou-se durante o percurso de carro até o local de emergência, não sendo necessário chegar até lá, retornando então para sua casa. Londero e Pacheco (2006) referem que “o AT pode servir até mesmo como modelo de identificação no que diz respeito ao manejo do paciente, demonstrando (à família) condutas mais adequadas que facilitem a melhora de seu quadro” (p. 264), evitando, assim, o processo de internação.

O que J³ estava querendo dizer? Ele mora no mesmo pátio de sua família, passa a maior parte de seu tempo em casa, reclama de ser um homem só e de não possuir uma companheira. É perceptível, nos

acompanhamentos, a vontade de viver de J³. Mas, afinal, o que é viver? Quando nossa vida não vai ao encontro do modo de viver que almejamos e somos rodeados de rótulos e imposições institucionais. Como dar vazão a esses sentimentos? Seriam “surto” ou explosões de afetos?

LINHAS DE AÇÃO

Durante o processo de estágio no CAPS e por meio do contato com esse caso de AT de J³, inúmeras formas de produzir saúde, encontros, perspectivas e rumos para o caso acompanhado e para a instituição do CAPS em si foram se desenhando. Nesse caso acompanhado, havia a necessidade de movimento de vida de J³, que era afeito à música. A música era algo que o movia nas horas de pouco movimento e, quando a música não conseguia ocupar o espaço de expressão desses sentimentos de uma forma mais sutil, as explosões de afeto se faziam presentes.

O CAPS estava com os grupos e oficinas paradas, somente o grupo da ambiência virtual foi iniciado nesse tempo. A ambiência era um espaço para os usuários se encontrarem, como se fosse a sala de espera no serviço quando em atividades fora da pandemia. Nessa ambiência, anteriormente, os usuários conversavam entre si no aguardo das consultas; acolhiam quem entrava no recinto, era um espaço de livre expressão.

Oficina de rádio

Por meio de construções de ideias, surgiu, no Projeto AT da FISMA, a discussão sobre um grupo de rádio do CAPS, que estava parado na pandemia. Por meio de uma ligação com um psicólogo da equipe do CAPS, iniciou-se um movimento de retomada desse grupo, não

de maneira presencial devido aos empecilhos de encontros presenciais impostos pelo momento da pandemia que vivenciávamos.

O início do movimento aconteceu em dezembro de 2020, mas, somente em março de 2021, foi dado início à primeira reprodução de um programa na rádio universidade local. O programa teve sua retomada oficial após um ano de inatividade.

No caso acompanhado no AT, gravamos uma entrevista para o programa da rádio em janeiro de 2021, dando escuta à voz, autonomia e representatividade para J³. Em maio desse mesmo ano, deu-se início às primeiras reuniões semanais nas quais J³ estava presente virtualmente, interagindo com outros usuários, estagiários e trabalhadores do serviço. Compreendo que o AT auxiliou o CAPS a cumprir seu papel nesse processo de AT.

Os Centros de Atenção Psicossocial (CAPS) exercem um papel fundamental dentro da rede de assistência à saúde mental ao articularem os serviços e os usuários dentro do território, além de se apresentarem como um espaço privilegiado de produção de cuidado, de autonomia, e de inclusão social. (COSTA; FIGUEIRÓ; FREIRE, 2014, p. 839). As explosões de afeto de J³ foram diminuindo e o CAPS já tinha o movimento de dois grupos virtuais acontecendo. Movimentos.

Oficina de horta

Durante o mês de maio de 2021, também pensamos em realizar um outro movimento no CAPS, visto que o período de estágio estaria encerrando no início do mês de julho. Sendo assim, após a observação da experiência de outro estagiário FISMA em um CAPS ad da cidade, com movimento de retomada da horta daquele serviço, foram se construindo novas ideias.

No início de junho, realizamos uma limpeza na horta, que estava desativada há mais de um ano. Durante o movimento, J³ tocava violão e cantava, em um banco ao redor da horta, juntamente com outro usuário de serviço. A música era intercalada com o trabalho, com as trocas de conhecimentos que os participantes tinham sobre construção de horta, cultivo, saberes de seus antepassados. Naquele dia, deu-se início ao processo de revitalização e reconstrução da horta do CAPS, pensando em ser um espaço de produção de novos encontros e, quem sabe, do reinício de mais um grupo com menos pessoas em local aberto, em uma perspectiva de cuidado com a terra e, por que não, consigo mesmo.

Dentro da perspectiva decolonial (KOPENAWA, 2020), Xamã, pensador e principal liderança Yanomami, em entrevista de 1990, republicada em 2020 com Bruce Albert, antropólogo, que trabalha com os Yanomami desde 1975, dá o nome às epidemias de “xawara” (no português, minério da extração). Reitera que os homens brancos trouxeram várias doenças aos povos indígenas, desde as extrações de minério em garimpos, quando a fumaça é totalmente tóxica. Sendo assim, Kopenawa (2020) refere um meio de proteção ao povo por meio dos Pajés. Lembra que, antes da invasão do homem branco, eles eram felizes, tinham saúde, caçavam. Hoje, não dormem mais em suas malocas, mas sim embaixo de lonas de plástico, e já não caçam mais por ficarem doentes o tempo todo.

Com esse último relato, compreende-se outro ponto de vista da pandemia. Será que nós não devemos parar para pensar em como estamos nos conectando com a natureza, com a terra, o “nosso mundo”? Será que estamos atentos a ouvir os saberes daqueles que, muitas vezes, são “calados” pela ideia de passividade que o termo PACIENTE nos transmite, aqueles que ocupam

esta terra há muito mais tempo que nós, os nossos antepassados?

Olhamos para o processo de estágio onde os movimentos são interconectados. Embora o texto esteja contando de maneira mais sucinta os acontecimentos, as saídas aqui relatadas tiveram a conexão de vários outros pontos da rede. Uma troca com um usuário, com um trabalhador do CAPS, com um acadêmico na reunião do projeto de AT e com um residente em um evento virtual são pontos da rede para a construção desse processo de (re)invenção do CAPS. Finalizamos o processo no início de junho, quando ocorreu o término do período de estágio.

Imagem 13 – Horta do CAPS durante a parada de suas atividades na pandemia. Maio/2021



Foto: Acervo Pessoal. Amilton Schir

Imagem 14 – Horta do CAPS após a retomada das atividades na oficina da horta. Junho/2021



Foto: Acervo Pessoal. Amilton Schir

SAIR DE CENA

A expressão das vivências cartografadas e expostas neste capítulo estão permeadas de afetos, quem o lê sente. Criando, construindo tramas, unindo conceitos, ferramentas conceituais, tais como o rizoma para pensar que nada do que acontece está solto, mas ligado de alguma forma, pensando nas normativas de governo, perspectivas decoloniais, experiências de usuários do SUS, em como (re)inventar o cuidado em saúde mental em tempos de pandemia, como cartografar isso tudo, como expor para os outros sentirem, verem o que acontece, o que aconteceu, para não cometermos os mesmos erros, para evoluirmos como pessoas, profissionais da saúde, humanos. Para sabermos que nada se constrói do nada, seja o retomar de uma horta de um grupo, um cuidado humano com o usuário, temos um campo de forças aí no meio. Sentiram? Quais?

Sair de cena é necessário. É parte do processo. Assim, como o estagiário tem um período delimitado para executar suas práticas em um campo de estágio, o AT também tem. Há todo um processo para o início, o começo, a vinculação aos lugares, espaços, territórios. Ao finalizar, não é diferente. A ideia da criação da oficina da horta, como citei acima, fez parte desse processo, era o momento de depósito das energias finais do estágio, de como o AT acompanha e finaliza o processo de AT de uma forma mais leve e cria um espaço de uma outra vinculação com outras pessoas ao acompanhado.

Não é fácil entrar, muito menos sair. Mistura de afetos, sentimentos. Contudo, lembro-me do que meus colegas falavam: “É a rede!”.

Para Deleuze e Guatari (1995), uma rede é formada por fluxos, misturas, conexões tendo sempre

múltiplas entradas e saídas, tal como um rizoma. Um rizoma que, em geral, produz mais que um mapa que a toda hora está em mudança – na verdade, uma cartografia de território (COQUEIRO e FIGUEIREDO, 2017, pág. 44).

A rede foi criada e sempre estará presente; rede de ideais, de pessoas que acreditam nas mesmas coisas e lutam por elas. Sair e não sair. As linhas foram construídas e sempre estarão em permanente construção; basta enxergarmos onde está o ponto de intersecção dela. Nunca estaremos sós. Não estamos a sós. Somos uma rede. AbraSUS.

Imagem 15 – Caminho do protesto contra o presidente Jair Messias Bolsonaro em Santa Maria-RS.



Foto: Acervo Pessoal. Amilton Schir

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

BEZERRA, J. Desafios da reforma psiquiátrica no Brasil.
Disponível em:
<<https://www.scielo.br/pdf/physis/v17n2/v17n2a02.pdf>>.
Acesso em 20 out. 2020.

BRASIL. Ministério da Saúde. **Recomendações À Rede De Atenção Psicossocial Sobre Estratégias De Organização No Contexto Da Infecção Da Covid-19 Causada Pelo Novo Coronavírus (SARS-CoV-2)**. Disponível em:

<<http://conselho.saude.gov.br/recomendacoes-cns/1181-recomendacao-n-040-de-18-de-maio-de-2020>>. Acesso em: 08 de out. 2020.

CONSELHO NACIONAL DE SAÚDE. **RECOMENDAÇÃO Nº 040, DE 18 DE MAIO DE 2020**. Disponível em:

<<http://conselho.saude.gov.br/recomendacoes-cns/1181-recomendacao-n-040-de-18-de-maio-de-2020>>. Acesso em: 10 de out. 2020.

COSTA, M.G. S. G. da; FIGUEIRÓ, R.A.; FREIRE, F. H. M. de A. **O fenômeno da**

cronificação nos centros de atenção psicossocial: um estudo de caso. In: Temas em 52 Psicologia.v.22, n.4.

Ribeirão Preto, dez.2014. Disponível em: <<

http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-389X2014000400013>>. Acesso em: 27 jun 2021.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Felix. **Mil platôs-capitalismo e esquizofrenia**. Tradução de Aurélio Guerra Neto e Célia Pinto Costa. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1995. Revisado 2000.

DELEUZE G; FOUCAULT, M. **Intelectuais e o poder**. In FOUCAULT, Michel. Microfísica do Poder. Rio de Janeiro: Graal, 1998.

DENZIN, N.K.; LINCOLN, Y.S. **Handbook of Qualitative Research. Thousand Oaks: Sage, 2005**.

FERIGATO, S.; CARVALHO, Sérgio Resende. **Pesquisa qualitativa, cartografia e saúde: conexões**. Revista Interface: Comunicação Saúde e Educação. Fev. 2011.

FONSECA, T.M.G.; KIRST, P.G. **Cartografia e devires: a construção do presente**. Porto Alegre: UFRGS, 2003.

KASTRUP, V.; BENEVIDES, R. **Movimentos-funções do Dispositivo na prática da cartografia**. Em: PASSOS, E;

KASTRUP, V; ESCÓSSIA, L (orgs). *Pistas do Método da cartografia: Pesquisa-Intervenção e Produção de Subjetividade*. Porto Alegre: Sulina, 2009.

KOPENAWA, Davi. **O ouro canibal e a queda do céu**. Disponível em: <<https://www.n-1edicoes.org/textos/110>>. 2020. Acesso em: 03 nov. 2020.

LONDERO, I.; PACHECO, J. **Por que encaminhar ao acompanhante terapêutico?** uma discussão considerando a perspectiva de psicólogos e psiquiatras. *Psicologia em Estudo*. 2006, Maringá, v. 11 n. 2, p. 259-267.

MINISTÉRIO DA SAÚDE. **Política Nacional de Humanização (PNH)**. 2013. Disponível em:<https://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/politica_nacional_humanizacao_pnh_folheto.pdf>. Acesso em: 09 nov. 2020.

PITIÁ, A.C.A.; FUREGATO, A.R.F. **Therapeutic Accompaniment (TA): tool for psychosocial care within mental healthcare**. 2009. *Interface - Comunic., Saude, Educ.*, v.13, n.30, p.67-77, jul./set.

SCHMIDT, B et al. **Saúde mental e intervenções psicológicas diante da pandemia do novo coronavírus (COVID-19)**. 2020. *Estud. psicol. (Campinas)*, Campinas. Disponível em:<http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-166X202000100501&lng=en&nrm=iso>. Acessado em: 20 out. 2020.

SILVA, R. F. **O vírus nas favelas de São Paulo**. 2020. Disponível em: <<https://www.n-1edicoes.org/textos/141>>. Acesso em: 06 nov. 2020.

WORLD HEALTH ORGANIZATION (WHO). **Mental health: strengthening our response**. 2018. Disponível em:<<https://www.who.int/news-room/fact-sheets/detail/mental-health-strengthening-our-response>>. Acesso em: 6 out. 2020.

Imagem 16



Fonte: Leandro Machado dos Santos



Sobrevoos, Pouso e Linhas de Fumaça: Registros de um Diagnóstico Comunitário produzido por Residentes Multiprofissionais em Saúde da Família (RMSF/FURG)

*Aline das Neves Cordeiro; Daniela dos Santos;
Lara Irene Leite da Costa; Juliana Cotting Teixeira*

Decolando...

Inicialmente, destacamos que são inúmeras as formas pelas quais é possível diagnosticar um território em saúde. É possível traçar os principais agravos à saúde da população adscrita, os perfis epidemiológicos, as condições de vida. De outro lado, poderíamos nos debruçar, também, sobre dados relativos à vacinação, e sobre como residir em uma unidade de saúde nesses tempos pandêmicos nos gerou sentimentos de esperança e angústia ao mesmo tempo.

Porém, nossos corpos residentes, entusiasmados, desejanter e cada qual inclinado a determinados encontros e modos de produzir cuidado foram traçando linhas de um mapa não somente numérico e descritivo, mas também afetivo do território. Como o território pode

afetar a cada uma de nós, residentes multiprofissionais em Saúde da Família, nesses meses de atuação em meio à pandemia?

Assim, com o objetivo de apresentar os dados produzidos por nós, no processo de construção coletiva do diagnóstico comunitário, apresentamos a seguir a metodologia utilizada e os caminhos de produção e de análise dos dados percorridos nesta empreitada. Após, destacamos as características populacionais gerais de Rio Grande e, sobretudo, da população adscrita da São Miguel II – Unidade Básica de Saúde da Família, na qual vivenciamos o período de residência –, como também, aspectos de um território ampliado dessa comunidade.

Portanto, este texto é fruto das andanças de uma turma de residentes em Saúde da Família (uma professora de Educação física, uma Psicóloga e duas Enfermeiras) ingressante em março de 2021, em um momento ainda bastante crítico de disseminação de infecções pelo novo Coronavírus e marcado por um demorado e truncado processo de vacinação, bem como de inúmeras mortes evitáveis a cada dia em virtude disso. A escolha por apresentar o processo de construção do diagnóstico comunitário em saúde parte justamente da sua articulação com o campo da Saúde Coletiva, como “espaço institucionalizado, legitimado e cientificamente consolidado, apresentando uma natureza epistemológica e uma prática política diferenciadas fundadas na interface das Ciências Naturais e das Ciências Humanas e Sociais” (NOGUEIRA, BOSI, 2017, p. 1914). Logo, buscamos nos amparar tanto nos dados macropolíticos e de ordem epidemiológica sobre o território, como naqueles saberes do campo das Ciências Sociais e Humanas, em busca de um registro sensível e imagético, consistindo num produto ao mesmo tempo estético, ético e político, com repercussões possíveis para o campo da gestão e das políticas.

Esse exercício de decolagem e sobrevoo nos permitiu vislumbrar um olhar mais panorâmico ao número de pessoas e contexto sociocultural no qual essas estavam inseridas. Após, ensaiamos um tipo de pouso em questões que nos afetavam enquanto profissionais residentes imersas no serviço, como a problemática de gênero e de saúde mental identificadas no território.

Por fim, tecemos algumas estratégias que experimentamos visando enfrentar desafios e problemáticas vislumbradas nesse processo de diagnóstico, constituindo linhas de fumaça, na medida em que são possibilidades marcadas pela experimentação afetiva e, também, por certa provisoriedade, uma vez que tais ações eram parte dessa turma de residentes multiprofissionais. Vale destacar, também, que produzimos um curta-metragem¹ junto ao texto escrito, não necessariamente com o mesmo roteiro desse, mas como material independente, com sua autonomia própria, para que nossas vozes se tornassem mais polifônicas à medida que se encontravam com outras vozes, ouvidos e olhares.

Plano de vôo: caminhos de um movimento diagnóstico

Para o primeiro movimento, mais panorâmico, utilizamos fontes de dados bastante variadas, mas que compreendem, na sua grande maioria, bases de dados numéricos e populacionais. Buscamos nos censos produzidos pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) e sítio virtual da Prefeitura Municipal de

¹ Para acessar o curta-metragem, consultar: https://drive.google.com/file/d/1TJymh5FsRS-AA1flp2f_HnQckEpOWMYj/view. Acesso em 22/11/2021.

Rio Grande (PMRG). Utilizamos, também, o próprio sistema G-MUS para a geração de determinados gráficos, através do recurso de geração de relatórios².

Os dados não encontrados em tais bases foram conseguidos em conversas informais com moradores/as do bairro, como o seu Jordão³ e sua esposa, agentes comunitários de saúde, profissionais de saúde da equipe e de fora dela, bem como com lideranças locais com grande acento em espaços de controle social e participação popular, como o seu Moisés e a Bia, do fundo da Socoowski.

Pensando em contornos mais formais de metodologia, inspiramo-nos num movimento de pesquisa-experiência, encontrado nas pistas do método da cartografia (PASSOS, KASTRUP, ESCÓSSIA, 2012), que compreende toda pesquisa como intervenção na realidade, a qual apresenta implicações políticas e cognitivas sobre os objetos os quais traça, dissolvendo um suposto distanciamento entre sujeito, objeto e campo. Ao pesquisar e conhecer, intervimos na produção de mundos possíveis, e, por isso, toda pesquisa é uma experiência de intervenção e produção do real.

Ademais, orientadas pela metáfora da aviação, através dos movimentos de sobrevôo, de pouso e de traçados de linhas de fumaça, que logo mais se desmancham no ar, assim como os movimentos da própria vida. Diagnosticar, desse modo, tratou-se de um movimento aventureiro de decolar, sobrevoar cenários, traçar algumas imagens e pousar em determinado terreno, apenas um dentre vários possíveis. Tratou-se, de

² Os dados foram extraídos do Sistema GMUS e E-sus ao longo do mês de julho de 2021.

³ Utilizamos nomes fictícios para se referir aos atores da pesquisa.

Uma sensação de pesquisar: caminhar, saltar, tombar, experimentar; aprender a caminhar para produzir as metas; caminhar aprendendo a olhar o que nos chega, o que nos vem – aquilo que o mundo dá. Ao procurar o que se quer, a possibilidade de encontrar o que não se procura e que, no entanto, se mostra como aquilo que se precisa. Ética de acolhimento do imprevisto (SANTOS, KASPER, 2016, p. 597).

Uma ética do acolhimento do imprevisto percorreu, metodologicamente, a condução do diagnóstico e da produção do vídeo. Andanças pelo bairro, surpreendidas por um sem fim de pessoas sem máscara. Angústias quanto aos riscos do contato e do contágio, tentativas de encontros que não se efeturaram e entusiasmo com encontros outros que nos trouxeram muito. Conversas presenciais, outras online. Fotos e vídeos perdidos, limitações tecnológicas. Dados incompletos, imprecisos. Histórias ainda não contadas, ou dispersas no ar. Enfim, sem uma ética de acolhimento do imprevisto, não nos teríamos dado conta da multiplicidade que é parte componente dos nossos olhares, vozes e escutas sobre o território.

Assim, na seção seguinte, apresentamos o primeiro movimento de decolagem, culminando em um sobrevôo sobre alguns dados populacionais gerais e aspectos do território ampliado.

Sobrevôo: dados populacionais, unidades de saúde e território ampliado

A cidade de Rio Grande/RS está localizada no extremo sul do Rio Grande do Sul, e margem Sul do estuário que conduz as águas da Laguna dos Patos e

seus afluentes ao Oceano Atlântico. Foi fundada em 1737, pelo Brigadeiro José da Silva Paes. Em 1751, o até então povoado foi elevado à condição de Vila do Rio Grande de São Pedro, tendo seus limites demarcados. Em 1835, a Vila do Rio Grande de São Pedro passou a ser denominada Cidade do Rio Grande (PMRG, 2021).

O município possuía, até 2021, uma população estimada de 211.965 pessoas em uma área territorial de 2.709,391 km² e densidade demográfica de 72,79 habitantes por km² (IBGE, 2021). Em divisão territorial, a cidade era constituída de 5 distritos, sendo eles: Ilha dos Marinheiros, Povo Novo, Quinta, Rio Grande e Taim. Em relação à população residente, 102.245 pessoas eram do sexo feminino e 94.983 do sexo masculino. A média de moradores em domicílios particulares ocupados era de 2,94 por domicílio. A ocupação era de 189,429 pessoas residindo na zona urbana, enquanto na rural, eram 7.799 (IBGE, 2010).

No que se refere às suas características socioculturais, Rio Grande é um município marcado pela atividade pesqueira, pela zona portuária e se destaca pela arquitetura histórica, especialmente na região central. Apresenta, também, vocação para atividades de lazer e de turismo aquáticas, na medida em que apresenta um bairro Balneário de proporções quilométricas, chamado de Praia do Cassino. É coberto pela Laguna dos Patos, disponibilizando transporte exclusivamente aquático entre Rio Grande e o município vizinho (São José do Norte). Outro aspecto da sua geopolítica, refere-se à região das Ilhas, orientada por um modo de vida mais rural, através da agricultura, da pesca e da produção de itens da gastronomia local.

Assim, Rio Grande possui 54 bairros, dentre eles, destacamos a Vila São Miguel, onde se localiza a Unidade Básica de Saúde da Família (USF) São Miguel II. Entre as

unidades de saúde, conforme tabela 01, esse foi o local definido como campo de atividades práticas do Programa de Residência Multiprofissional em Saúde da Família-RMSF (SECRETARIA MUNICIPAL DE SAÚDE, 2021).

Tabela 01 – Unidades de Saúde do Município de Rio Grande

Saúde Mental	<ul style="list-style-type: none"> ● Ambulatório de Saúde Mental ● CAPS Dispositivo Saúde Mental Caps AD ● CAPS Dispositivo Saúde Mental Caps Conviver ● CAPS Dispositivo Saúde Mental Caps Infantil ● Serviço Residencial Terapêutico – SRT
Unidades Mistas/ 24 horas	<ul style="list-style-type: none"> ● UBS 24h Parque Marinha ● USF Mista Profilurb (Dr. José Salomão) ● USF Mista Quinta
Unidades de Saúde da família	<ul style="list-style-type: none"> ● USF Aeroporto (Dr. Jaime Copstein) ● USF Barra ● USF Bernardeth ● USF BGV ● USF BGV 2 ● USF Bolaxa ● USF Caic ● USF Cassino ● USF Castelo Branco (Dr. Lui Gonzaga Dora) ● USF Cidade de Águeda (Dr. Carlos Riet Vargas) ● USF Domingos Petroline ● USF Ilha da Torotama ● BSF Ilha dos Marinheiros (João Santos da Silva)

	<ul style="list-style-type: none"> ● USF Mista Quinta ● USF Povo Novo ● USF PPV (Vereador Ciro Cardoso Lopes) ● USF Querência ● USF Quintinha (ACS Evanilde Nogueira) ● USF Santa Rosa ● USF Santa Tereza ● USF São João ● USF São Miguel I (Dr. Vicente Mariano Pias) ● USF São Miguel II ● USF Senandes ● USF Taim
Unidades Básica de Saúde	<ul style="list-style-type: none"> ● UBS Hidráulica ● UBS Junção ● UBS Materno Infantil ● UBS Parque Marinha ● UBS Parque São Pedro ● UBS Prisional (Penitenciária) ● UBS Rita Lobato
UPAs – Unidade de Pronto Atendimento	<ul style="list-style-type: none"> ● UPA Cassino – Dr. Cesar Chiaffitelli ● UPA Junção – Dr. Airton Jorge da Silva Varela

Fonte: SMS, 2021.

A USF São Miguel II, em 2021, contava com uma equipe composta por técnicos de enfermagem, enfermeiros, odontólogo, auxiliar de saúde bucal, médicos, agentes comunitários de saúde, além da presença da Equipe Multiprofissional, antigo NASF, composta por uma psicóloga, um profissional de educação física, uma fisioterapeuta, uma nutricionista e

uma assistente social. Todos esses profissionais se organizavam para ofertar à comunidade acesso ao cuidado em saúde.

Segundo relato informal da enfermeira Carla, na época em que trabalhou na unidade, conta que as condições físicas da USF eram um tanto precárias. A USF funcionava em um sobrado, um prédio bastante sucateado. Não havia uma acessibilidade adequada e nem um espaço para a realização dos atendimentos à saúde da população. A equipe que ali trabalhava na época teve que enfrentar diversos desafios: depredação, assaltos, infiltração, mofo nas paredes.

Após apoio da comunidade e do conselho gestor local, conquistou-se a nova unidade, em 2006: um novo espaço de trabalho que garantia melhores condições de atendimento à população, bem como um espaço adequado para que a equipe desempenhasse suas funções. Com um ambiente físico qualificado, foi possível implantar novas formas de atenção à saúde: grupos, práticas integrativas e complementares (PICS), esquetes teatrais para informar a população acerca de temas em saúde, entre outras ações.

O bairro São Miguel possuía, até junho de 2021, 2 unidades de saúde da família, visto que era um bairro com muitas famílias, muitas vezes, reunidas em um mesmo terreno e/ou casa e uma extensa área marcada por uma divisão tênue entre um cenário mais rural e ribeirinho (ruas próximas à Lagoa) e urbano (ruas mais próximas ao Shopping Center e à Avenida Roberto Socoowski).

No que se refere ao território ampliado e acesso a dispositivos comunitários, seja de lazer, de mobilidade, alimentação ou serviços de saúde, identificamos que a área abrangida pela USF São Miguel II possuía 1 escola pública de Ensino Fundamental, não possuía centro de recreação infantil, tinham diversos centros religiosos,

desde cristãos a centros de religiões de matriz africana ou gnósticos, associação de moradores do bairro, conselho local de saúde, associação de pescadores, grande número de mercearias, padarias. Possuía, também, salão de beleza, Instituição de longa permanência para idosos/as, espaço privado de terapia holística, clínica privada de atendimento médico e pequenos empreendimentos privados, com empresas de internet, lojas de móveis e um shopping center, localizado bem próximo ao território da USF São Miguel II.

Havia ruas calçadas com pontos de ônibus em apenas metade do território e algumas ruas mais situadas no interior do bairro com esgoto a céu aberto. Havia alguns terrenos baldios, e, segundo relato de moradores, acabavam se tornando depósito de lixo, sendo propício para infestação de insetos e animais peçonhentos. Ainda havia, no bairro, recicladora, fábrica de negócios pesqueiros, restaurantes, lancherias, floriculturas, farmácias, serviços de manutenção de veículos e restaurante popular. As atividades de lazer dos moradores era frequentar o shopping center e ir à orla da Henrique Pancada, recentemente reformada, visto que não havia praças e centros esportivos públicos no território em si.

Além disso, apresentava uma extensão de ocupação conhecida como fundos da Socoowski, composta por moradores que, sem moradia e despejados da área destinada à construção da UPA Junção, alocaram-se ali em barracos de madeira e lata, sem luz e água. Alguns/mas moradores/as dessa área não estavam cadastrados/as na unidade devido ao fato de essas áreas de ocupação estarem em constante expansão. Destacamos essa região como altamente vulnerável, uma vez que as famílias que ali vivem não dispõem de garantia de moradia, de acesso à água encanada, à luz elétrica, e vivem com uma baixa renda oriunda de trabalhos

informais e precarizados. No entanto, em conversas com a liderança local do movimento de luta pela moradia e acesso a água e luz – a Gi –, essas famílias reivindicariam a formalização daquele espaço com registro de endereço e acesso às condições mínimas de moradia, uma vez que já seriam moradores dessa região há muitos anos. Aliás, ela destaca a proximidade com diferentes dispositivos comunitários do bairro, como o restaurante popular, unidades de saúde, central de integração de transporte coletivo, escolas públicas, serviços de reciclagem e empreendimentos geradores de trabalho e renda, presentes tanto na Vila São Miguel quanto nos bairros vizinhos.

Segundo relatos de moradores/as, o bairro, em seus primórdios, era composto majoritariamente por pescadores e suas famílias, que foram chegando, ocupando o lugar e realizando suas atividades de pesca para sobrevivência. Até hoje, junho de 2021, uma das principais formas de sobrevivência da população do bairro, especialmente os que moram mais próximos à lagoa, é a pesca. Os/As pescadores/as foram construindo suas casas às margens da lagoa e, a partir de lá, o bairro foi se expandindo.

Antigamente, o bairro apresentava precariedades, como falta de iluminação adequada, ausência de coleta de lixo, canos entupidos e ausência de paradas de ônibus devidamente identificadas. Após muita mobilização dos/as moradores/as do bairro, a população conseguiu algumas conquistas e avanços relacionados à infraestrutura do bairro, melhorando a qualidade de vida dos/as habitantes. Conseguiram não só paradas de ônibus e mais linhas do transporte coletivo circulando pelo bairro, iluminação adequada, mas também algumas atividades de lazer para a população, o que não se tinha com frequência até então.

Em conversas com os/as Agentes comunitários/as de saúde, identificamos que a população adscrita era, na sua maioria, composta por famílias vinculadas à economia informal da pesca, com destaque para o trabalho realizado por uma maioria de mulheres, descascando camarão e siri para a venda. Seriam casas de famílias simples, na sua grande maioria. Os modos de vida seriam de muito vínculo entre as vizinhanças, através do hábito de tomar chimarrão, cultivar plantas, visitar o shopping center, cuidar de animais.

O público mais jovem, de algumas regiões, costumaria ocupar algumas ruas e esquinas para encontro de amigos e uso de drogas, como álcool, maconha, fator que geraria preocupação e alguns conflitos entre os/as moradores/as. Uma possível justificativa para esse fato, apontada pelo presidente da associação de moradores, Ingo Redis, no ano de 1999, era o desemprego, que frequentemente levava sujeitos ao tráfico e ocasionava a prisão desses (JORNAL AGORA, 1999). Porém, vale ressaltar que tivemos relatos de que moradores/as envolvidos com o tráfico de drogas manteriam financeiramente familiares com o comércio de entorpecentes, bem como construíram casas suntuosas em meio ao bairro.

Ainda sobre as características populacionais, até junho de 2021, a USF São Miguel II atendia 1281 famílias, somando 4724 usuários/as, dos quais 2242 eram do sexo masculino e 2479 do sexo feminino. No que se refere à cor da pele, a Unidade atendia a pessoas brancas, pardas, amarelas, pretas e muitas não tinham informação a respeito da cor.

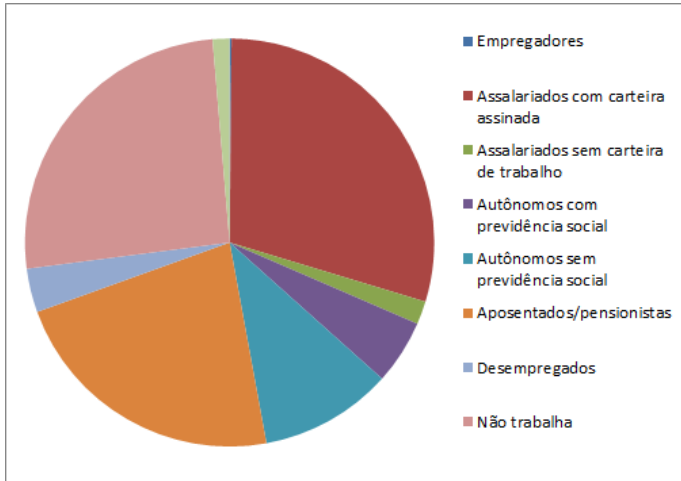
Do total de mulheres atendidas na unidade, 1168 estavam em idade reprodutiva. Havia 47 mulheres em acompanhamento pelo ciclo gravídico puerperal. Vale problematizar ainda que esses são os dados disponíveis

para geração de gráficos e de perspectivas mais numéricas pelo sistema G-MUS, demonstrando um panorama ainda bastante reduzido e limitado de informações para atendimento integral dessas populações, tendo em vista os princípios do SUS (BRASIL, 1990).

As crianças, com idade de 0 a 2 anos, que estavam sendo acompanhadas na unidade, representam 209 usuários/as, sendo 97 do sexo masculino e 112 do sexo feminino. A unidade tinha, em seu território, 424 adolescentes, sendo 214 do sexo masculino e 210 do sexo feminino. Do total de moradores/as que utilizavam a USF, 887 tinham acima de 60 anos, 407 do sexo masculino e 480 do sexo feminino.

Quanto à renda, 4 eram empregadores/as, 774 assalariados/as com carteira assinada, 48 assalariados/as sem carteira de trabalho, 134 autônomos/as com previdência social, 275 autônomos/as sem previdência social, 586 aposentados/pensionistas, 91 desempregados/as, 674 não trabalhavam e 35 tinham outras formas de renda.

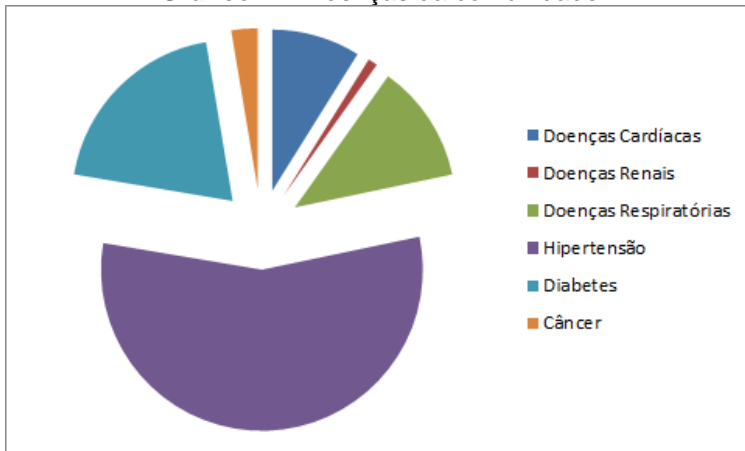
Gráfico 1 – Fonte de Renda dos/as moradores/as



Fonte: Acervo das Autoras

Quanto às doenças crônicas, 528 eram hipertensos/as, 186 diabéticos/as, 84 tinham problemas cardíacos, 9 com acometimento renal, 112 tinham problemas pulmonares e 25 tinham câncer.

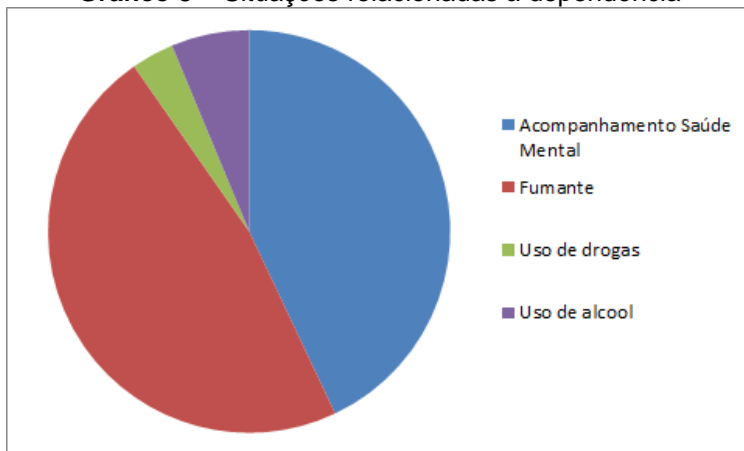
Gráfico 2 – Doenças da comunidade



Fonte: Acervo das autoras

No que se refere às dependências químicas, 226 já estiveram internados/as e/ou estavam fazendo acompanhamento relacionado à saúde mental, 249 fumavam, 33 faziam uso de álcool e 18 usavam drogas.

Gráfico 3 – Situações relacionadas à dependência



Fonte: Acervo das autoras

No que se trata da escolaridade, 604 frequentavam creche, 64 pré-escola, 14 classe alfabetizadora, 5631 tinham até o 4º ano do ensino fundamental, 839 do 5º ao 9º ano do fundamental, 324 possuíam fundamental completo, 16 cursaram ensino médio especial, 40 completaram o fundamental com EJA, 633 possuíam ensino médio, 125 tinham cursos de nível superior e 1482 não possuíam informação acerca da escolaridade. Ainda, a unidade atendia cerca de 18 acamados/as e 63 domiciliados/as de diferentes faixas etárias.

Pouso: recortes de gênero, raça, renda, escolaridade e sexualidade

Analisar os gráficos e dados numéricos descritivos com as características da população, realizando um recorte de gênero se faz importante e necessário visto que estamos inseridos/as em um contexto extremamente sexista, em que as mulheres acabam se tornando sujeitos mais vulneráveis.

Um sujeito está vulnerável quando um conjunto de fatores que são biológicos, epidemiológicos, sociais e culturais pode aumentar ou diminuir a exposição de alguma pessoa a um risco, doença ou dano (MENEGHEL et al., 2003). Especialmente durante a pandemia da COVID-19, mulheres, crianças e idosos/as se tornam mais vulneráveis à violência intrafamiliar, por exemplo, devido ao contexto estrutural vigente no Brasil, que viabiliza a exposição desses grupos a violências, desigualdades sociais e outros males (MELO et al., 2020).

Na interseção entre gênero e raça, vale destacar que, segundo o portal BI saúde, a cidade de Rio Grande apresentou uma onda de violência doméstica nos anos de 2017 a 2019, sendo o percentual ainda maior para violência física com agressão em mulheres negras, no ambiente residencial.

Parte dessas mulheres estava em idade reprodutiva e, dentre essas, há aquelas que vinham sendo acompanhadas na USF São Miguel II em seus períodos gestacionais e puerperais. Esse é um dado importante da caracterização da população do território, mas, em relação ao público feminino, não deve ser tratado como o principal e nem o mais importante. A saúde da mulher, por muito tempo, foi pensada apenas a partir do ponto de vista da concepção e da contracepção (COSTA; BAHIA, CONTE; 2007), portanto se faz necessário pensar a

mulher e sua saúde para além dos aspectos reprodutivos, levando em conta sua integralidade.

Em relação ao recorte étnico-racial dos dados coletados acerca da população do território, tem-se que a maioria dos/as usuários/as (mais de 3000 pessoas) foram identificados/as enquanto brancos/as, uma baixa porcentagem (menos de 500 pessoas) dos/as usuários/as foram declarados/as enquanto pardos/as e pretos/as, sendo os/as declarados/as pretos/as em menor quantidade. Entretanto, há cerca de 1000 usuários cujas informações acerca da identificação étnico-racial não constavam no sistema de informação utilizado pela USF São Miguel II.

A Política Nacional de Saúde Integral da População Negra (BRASIL, 2007) existe para definir diretrizes e estratégias a fim de promover a equidade e a melhoria das condições de saúde da população negra assistida pelo Sistema Único de Saúde (SUS). Pensando nisso, é necessário que haja melhor identificação étnico-racial nos Sistemas de Informação em Saúde para o melhor acompanhamento e avaliação da equidade e dos cuidados realizados a essa população no SUS (BRAZ et. al, 2013).

No território, em relação à renda, temos que boa parte da população possuía alguma fonte de renda: empregadores/as, trabalhadores/as com carteira assinada, trabalhadores/as autônomos/as com e sem previdência social, aposentados/as e pensionistas, além daqueles/as que possuíam outras fontes de renda. Há, também, aqueles/as que não trabalhavam ou estavam desempregados/as. A renda é fator importante ao se analisar as condições de saúde de um local.

Há, segundo Santos, Jacinto e Tejada (2012), uma relação entre renda e saúde. De acordo com os autores, ter uma renda pode propiciar aos sujeitos acesso a uma

melhor qualidade de vida, a serviços de saúde etc. Por outro lado, sem uma renda, o acesso a esses bens fica prejudicado, afetando diretamente a saúde. Além disso, por outro lado, sem saúde não há a possibilidade de trabalhar e conseguir renda para garantir melhor qualidade de vida.

Relacionado à escolaridade, temos um grande desfalque na informação, com boa parte dos dados incertos acerca do nível de escolaridade de parte da população. Ter acesso a informações que digam sobre o nível de escolaridade no território de abrangência de uma unidade de saúde é importante na hora de pensar ações para promoção de saúde para a população. O nível de escolaridade está ligado ao estilo de vida de uma pessoa e de seus comportamentos relacionados à saúde. Além disso, pessoas com maior tempo de educação formal tendem a se engajar mais em programas de prevenção de saúde (SOUZA, 2012).

Ainda, outro dado que não vem sendo alimentado no cadastramento de usuários é a orientação sexual e a identidade de gênero, identificada pela sigla LGBTQIA+. Notamos, em ação de Educação permanente com a equipe realizada em prol do mês do orgulho LGBTQIA+, que existem tabus no que se refere ao questionamento sobre identidade de gênero e sexualidade, bem como há, também, muitas confusões no que se refere aos conceitos de gênero, sexo e sexualidade. Algumas problemáticas decorrentes disso estão na produção de um acolhimento não humanizado às pessoas trans no SUS, como o não tratamento de pessoas trans pelo nome social, ou ainda, com o impedimento de acesso a serviços de saúde da mulher para pessoas com identidade de gênero trans, como a possibilidade de homens trans realizarem exames preventivos de câncer de colo de útero, mamografias e ecografias transvaginais. Embora nosso município

disponha do Ambulatório LGBT para acompanhamento de pessoas trans nos serviços de saúde, a Atenção primária é a porta de entrada dos serviços de saúde, e deve estar preparada para cuidar e acolher, de maneira humanizada, indo ao encontro da Política Nacional de Saúde Integral de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transexuais (BRASIL, 2013).

No que se refere ao acesso às práticas corporais/atividades físicas no tempo de lazer, estudo realizado no estado do Rio Grande do Sul (CROCHEMORE-SILVA et. al, 2020) demonstrou que são as mulheres e os indivíduos de baixa escolaridade aqueles que menos as praticam em meio à pandemia, consolidando ainda mais um cenário de privilégios no que tange ao acesso a esses serviços (KNUTH; ANTUNES; 2021).

No território em questão, a pandemia ocasionou uma interrupção abrupta no nível de atividades físicas de um número considerável de mulheres idosas e de meia idade do território, praticantes do projeto Vida Ativa (SMS) e público-alvo de ações, envolvendo residentes e estagiários de Educação Física, através da oferta diária de aulas de alongamentos, danças, confraternizações, ginásticas, entre outras. Essas mulheres eram, também, parte da significativa parcela de pessoas com doenças crônicas não transmissíveis no território (DCNT), como hipertensão e diabetes e tinham, nas aulas de práticas corporais/atividades físicas, um cuidado não medicamentoso ao controle e prevenção de tais comorbidades. Ademais, embora saibamos da importância das atividades físicas e práticas corporais na promoção, prevenção e recuperação da saúde (BRASIL, 2014; VIGITEL, 2019), mulheres de baixa renda e de maior idade, portadoras de comorbidades, são aquelas que apresentam menor nível de prática e de acesso a

essas ao longo da vida (VIGITEL, 2019), um cenário que extrapola esse diagnóstico em questão.

Ainda no que tange aos efeitos da pandemia na saúde da população adscrita, em conversas com Agentes comunitários de saúde e presidente do Conselho gestor local, o seu Manoel, o isolamento e a interrupção e/ou demora em determinados serviços de saúde são os principais danos causados à saúde das pessoas do bairro, repercutindo num cenário de saúde mental bastante vulnerável e de dificuldades e entraves em serviços antes facilmente acessados, como exames de rotina e preventivos e atenção secundária especializada.

Linhas de fumaça: estratégias possíveis experimentadas

Apresentadas as características populacionais gerais do município e bairro em questão, aspectos do território ampliado e alguns movimentos analíticos sobre determinadas demandas e desafios identificados, concluímos, por ora, considerando que esse processo diagnóstico nos permitiu, ao longo desses meses, elaborar algumas estratégias de enfrentamento a tais questões.

Algumas delas são o “Conexão Ativa: práticas corporais em tempos de pandemia”, que visava oferecer, duas vezes por semana, aulas ao vivo, pelo Facebook da USF São Miguel II. Esse foi um meio possível de retomar um projeto que já existia sob outra nomenclatura no território e que era bastante ocupado pela própria população, além de ser um espaço de promoção da saúde, educação em saúde e autocuidado.

Além disso, tendo em vista a demanda na unidade, foi implantado o grupo de gestantes na modalidade online, para prolongar a atenção produzida nos pré-natais, a

partir de temas relevantes à gestação, como amamentação, aspectos psicológicos da gravidez, nutrição da gestante, saúde bucal, práticas corporais na gestação, período puerperal, entre outros. Os encontros aconteciam quinzenalmente e contavam com a presença de diversos profissionais para realizarem diálogos e trocas com as gestantes participantes.

Um espaço que já existia, mas que teve continuidade através das plataformas online na unidade foi o “Espaço de expressão em tempos de pandemia”. Esse era um projeto de extensão da FURG, cujo público-alvo eram as pessoas idosas do território, dando a elas um espaço de voz, escuta e partilha em tempos de pandemia.

Além disso, conquistamos, mensalmente, nossas quartas “HumanizaSUS”, em que debatíamos, junto à equipe, temas pertinentes ao cuidado e ao acolhimento de demandas que chegavam à unidade.

Em setembro de 2021, foi implantado o projeto “Rede Girassol: multicuidado em saúde em meio a pandemia”, que ofertava atendimentos multiprofissionais à população, além de lives quinzenais de educação permanente em saúde ofertadas não só ao público, mas também à equipe, bem como grupo online de Educação em saúde com os/as participantes. O projeto contava com 50 participantes, sendo apenas um homem. O projeto, como previsto, ocorreu até setembro de 2022, e atendeu a usuários/as das Unidades São Miguel I e Marluz nas ações online e multiprofissionais.

Muitos foram os desafios para nos aproximarmos da comunidade e de suas necessidades durante a pandemia da COVID-19, mas buscamos utilizar as ferramentas tecnológicas como meios de nos aproximarmos da população, colocamo-nos à disposição e ofertamos cuidado em um momento histórico e sanitário

tão crítico, produzindo resistências cotidianas em defesa dos princípios do SUS, das políticas de Humanização e de diminuição das iniquidades em saúde, que se caracterizaram como a imagem em Saúde Coletiva perseguida nessa empreitada.

Esses movimentos apresentaram inúmeros desafios outros, colocados em virtude do necessário distanciamento social e do cenário massivamente voltado mais à recuperação de doenças que ações de promoção da saúde. Porém, apresentaram-se a nós como um cuidado possível em meio à pandemia, na medida em que busca, mesmo que em um cenário de centralidade na doença, ensaiar pequenos movimentos de saúde, de afirmação da vida, de conexões e vínculos, de afetos alegres e de enfrentamento permanente.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Gestão Estratégica e Participativa. Departamento de Apoio à Gestão Participativa. **Política Nacional de Saúde Integral de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transexuais**, Brasília: 1. ed., 1. reimp. Ministério da Saúde, 2013.

_____. Ministério da Saúde. Secretaria de Gestão Estratégica e Participativa. Secretaria Especial de Políticas de Promoção da Igualdade Racial. **Política Nacional de Saúde da População Negra**, Brasília: Ministério da Saúde, 2007.

VIGITEL. Ministério da Saúde. Secretaria de Vigilância em Saúde. Departamento de Vigilância de Doenças e Agravos não Transmissíveis e Promoção da Saúde. **Saúde Brasil 2018 uma análise de situação de saúde e das doenças e agravos crônicos: desafios e perspectivas**, Brasília: Ministério da Saúde, 2019.

BRAZ, R. M. et al. Avaliação da completude da variável raça/cor nos sistemas

nacionais de informação em saúde para aferição da equidade étnico-racial em indicadores usados pelo Índice de Desempenho do Sistema Único de Saúde. **Saúde em Debate**, Rio de Janeiro, v. 37, n. 99, p. 554-562, out/dez 2013.

Disponível em: <

<https://www.scielo.br/pdf/sdeb/v37n99/a02v37n99.pdf>>.

Acesso em: 23 de maio de 2021.

COSTA, A. M.; BAHIA, L.; CONTE, D. A saúde da mulher e o SUS: laços e diversidades no processo de formulação, implantação e avaliação das políticas de saúde para mulheres no Brasil. **Saúde em Debate**, Rio de Janeiro, RJ, v. 31, n. 75/76177, p. 13-24, jan./dez. 2007. Disponível em: <<https://www.redalyc.org/pdf/4063/406345310003.pdf>>. Acesso em: 23 de maio de 2021.

CROCHEMORE-SILVA, Inácio, et al. Prática de atividade física em meio à pandemia da COVID-19: estudo de base populacional em cidade do sul do Brasil. **Ciênc. saúde coletiva**, vol.25, no.11, Rio de Janeiro, Nov. 2020. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/1413-812320202511.29072020>>.

IBGE. **Cidades e estados**, Rio de Janeiro, 2021. Disponível em: <<https://www.ibge.gov.br/cidades-e-estados/rs/rio-grande.html>>.

_____. **Censo Rio Grande do ano de 2010**, Rio de Janeiro, 2010. Disponível em: <<https://cidades.ibge.gov.br/brasil/rs/rio-grande/pesquisa/23/27652?detalhes=true>>.

KNUTH, A. G.; ANTUNES, P. C. Práticas corporais/atividades físicas demarcadas como privilégio e não escolha: análise à luz das desigualdades brasileiras. **Saúde Soc**, São Paulo, v.30, n.2, 2021. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0104-12902021200363>.

JORNAL AGORA. Rio Grande: Organizações Risul Editora Gráfica Ltda, 1999.

MBI INFORMÁTICA. **Lista dos 54 bairros, distritos e localidades no município de Rio Grande (RS)**. São Paulo. Disponível em:

<<https://www.mbi.com.br/mbi/biblioteca/cidade/rio-grande-rs>>

br/>. Acesso em 21 de set. 2021.

MELO, B. D. et al. CEPEDS/Fiocruz. **Saúde Mental e atenção psicossocial na pandemia COVID-19: violência doméstica e familiar na COVID-19.** Rio de Janeiro:

Fiocruz. Disponível em:

<<https://www.arca.fiocruz.br/bitstream/icict/41121/2/Sa%C3%BAde-Mental-eAten%C3%A7%C3%A3o-Psicossocial-na-Pandemia-Covid-19-viol%C3%AAdom%C3%A9stica-e-familiar-na-Covid-19.pdf>>. Acesso em: 23 de maio de 2021.

MENEGHEL, S. N. et al. Impacto de grupos de mulheres em situação de vulnerabilidade de gênero. **Cadernos de Saúde Pública**, Rio de Janeiro, RJ, v. 19, n. 4, p. 955-963, jul/ago 2003. Disponível em:

<https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-311X2003000400018&script=sci_abstract&lng=pt>. Acesso em 23 de maio de 2021.

MOURA, A. L. S. P.; RECINE, E. Nutritionists and the comprehensive care of overweight individuals in primary care. **Revista de Nutrição**, Campinas, SP, v. 32, s.n., p. 1-14, 2019. DOI: <https://doi.org/10.1590/1678-9865201932e190008>.

NOGUEIRA, Júlia Aparecida Devidé; BOSI, Maria Lúcia Magalhães. Saúde Coletiva e Educação Física: distanciamentos e interfaces. **Ciência & Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 22, n. 6, p. 1913-1922, jun. 2017.

PASSOS, E; KASTRUP, V; ESCÓSSIA, L. Pistas do método da cartografia: pesquisa, intervenção e produção de subjetividade. Porto Alegre: Sulina, 2012, 207 p

PMRG. **Rio Grande, Cidade Histórica**, Rio Grande, 2021. Disponível em: <<https://www.riogrande.rs.gov.br/pagina/riogrande-2/#link>>.

SANTOS, A. M. A.; JACINTO, P. A.; TEJADA, C. A. O. Causalidade entre Renda e Saúde: Uma Análise Através da Abordagem de Dados em Painel com os Estados do Brasil. **Estudos Econômicos**, São Paulo, SP, v. 42, n. 2, p. 229-261, abr/jun, 2012. Disponível em:

<<https://www.scielo.br/j/ee/a/L46SYPh5qvncsL93ngmdRdN/?format=pdf&lang=pt>> . Acesso em 24 de julho de 2021.

SANTOS, J; KASPER, K. ANDANÇAS: PESQUISA E FORMAÇÃO COMO PROCESSUALIDADE SUBJETIVANTE.

Educação: Teoria e Prática, Vol. 26, n.53, p. 595-611, Rio Claro, SP, set/dez, 2016. Disponível em:

<<https://doi.org/10.18675/10.18675/1981-8106.vol26.n53.p595-611>>.

SECRETARIA MUNICIPAL DE SAÚDE. **Unidades de Saúde**, Rio Grande, 2021. Disponível em:

<https://www.riogrande.rs.gov.br/rgmap/index.php/unidades#saude/saude-USF/167.USF_sao_miguel_ii>.

SOUZA, D. E. Escolaridade como determinante da saúde autorreferida numa amostra da população de Salvador – Bahia – Brasil. In: SOUZA, D. E. **Determinação Social da Saúde**: Associação entre sexo, escolaridade e saúde autorreferida. 2012. 116 f. Tese de Doutorado (Doutorado em Saúde Pública) - Universidade Federal da Bahia - UFBA, Salvador, Bahia, 2012. Disponível em:

<<https://repositorio.ufba.br/ri/bitstream/ri/10927/1/Tese%20Dam%C3%A3o%20Ernane%20Souza.%202012.pdf>>. Acesso em: 24 de julho de 2021.

Imagem 17



Fonte: Leandro Machado dos Santos



Da Graduação À Pós-Graduação: O Processo De Formação Durante A Primeira Onda Da Pandemia De Covid-19 Pelo Olhar De Uma Residente E Uma Estagiária De Psicologia

*Mariana de Oliveira Garcia; Mariana da Cunha Aires;
Mariana Gauterio Tavares*

INTRODUÇÃO

No ano de 2020, as atividades teóricas e práticas de estágio em Psicologia Social, do quarto ano do curso de Psicologia da Universidade Federal do Rio Grande (FURG), localizada na cidade de Rio Grande/RS, e a assistência prestada pela Residência Integrada Multiprofissional Hospitalar com ênfase na Atenção à Saúde Cardiometabólica do Adulto (RIMHAS), vinculada a mesma universidade, teriam início em março, mesmo mês em que começaram a ser noticiados os primeiros casos de contaminação pela COVID-19, no Brasil, e ocorreram os primeiros óbitos. Nesse mesmo momento, foi decretado pela Organização Mundial de Saúde (OMS) o estado de pandemia (FERNANDES *et. al.*, 2020), tendo

início, então, sua primeira onda, que prosseguiu até dezembro de 2020, quando, então, iniciou-se a segunda onda (MOARES, 2021). Assim, o mês de março de 2020, que seria pautado pela inserção da residente e da estagiária de Psicologia na Unidade de Clínica Médica do Hospital Universitário Dr. Miguel Riet Corrêa Jr. (HU-FURG), onde são hospitalizados pacientes para atendimento exclusivamente através do Sistema Único de Saúde (SUS), acometidos por diferentes patologias, tornou-se diferente do esperado devido às modificações e adaptações necessárias para o contexto de pandemia.

Inicialmente, as aulas teóricas foram suspensas e retornaram, de forma remota, no mês de julho (UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE, 2020a). Junto a isso, as atividades práticas também sofreram alterações, visto que, até o início do mês de junho de 2020, os residentes multiprofissionais atuaram em regime de escala para diminuir a circulação no ambiente hospitalar, seguindo as recomendações da OMS (AIRES *et. al.*, 2021), e as práticas da estagiária passaram a ser de forma remota durante todo o ano de 2020. Fato que, segundo De Santana Filho (2020), pode vir a impactar a vida e o processo de ensino-aprendizagem em todos os níveis educacionais.

Nesse sentido, essa escrita se caracteriza como um relato de experiência que visa descrever os desafios e as potencialidades do processo de formação em nível de graduação e de especialização de uma residente e de uma estagiária em Psicologia, sob supervisão e preceptoria de uma psicóloga hospitalar, durante a primeira onda da pandemia de COVID-19 em um hospital no extremo sul do país.

MUDANÇAS NA FORMAÇÃO DURANTE A PANDEMIA DA COVID-19

- ESTÁGIO EM PSICOLOGIA SOCIAL

O curso de Psicologia da Universidade Federal do Rio Grande é estruturado dentro de um Quadro de Sequência Lógica (QSL), no qual as disciplinas possuem créditos (carga horária semanal), pré-requisitos e são ofertadas aos alunos em semestres específicos. O QSL é estruturado de forma que o aluno curse primeiro disciplinas de conhecimento básico e geral. Ao longo do curso, as disciplinas se tornam de conhecimento específico, possuindo como pré-requisito disciplinas de semestres anteriores que forneçam uma base de conhecimento (UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE, 2021). Além das disciplinas obrigatórias, os alunos do curso devem cursar número mínimo de horas em disciplinas optativas e realizar dois estágios, em Psicologia Social e em Psicologia Clínica e da Saúde, totalizando 720 horas de estágio. Para cada estágio supervisionado, é sugerido que os alunos realizem aproximadamente 240 horas de atividades junto ao local do estágio e 120 horas de supervisão acadêmica, estudos e elaboração de documentos do estágio. O Estágio em Psicologia Social, descrito neste capítulo, é uma disciplina obrigatória de 12 créditos semanais localizada entre o 7º e 8º períodos do curso de Psicologia (UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE, 2020b).

Com a decretação da pandemia e a consequente paralisação das aulas e das atividades práticas, incluindo as relativas ao estágio, houve uma quebra de expectativa em relação a esse momento, que representa uma das primeiras inserções do acadêmico no campo de prática da Psicologia. Segundo Moraes *et al.* (2021), o estágio

supervisionado é imprescindível ao estudante, pois é o momento em que ele passa de aprendiz para profissional, podendo se constituir até mesmo em um ritual de passagem. Ainda segundo as autoras, o estágio é o momento em que o aluno se depara com o real de sua profissão, sendo esperado que, nesse momento, surjam dúvidas, incertezas, angústias, ansiedades e questionamentos do próprio saber.

Seguindo as orientações do Conselho Federal de Psicologia (CFP), junto à Associação Brasileira de Ensino de Psicologia, as disciplinas, estágios e práticas presenciais dos cursos de graduação foram substituídas por atividades que fizessem uso de recursos educacionais digitais, tecnologias de informação e comunicação e outros meios convencionais (CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA, 2020a). Nesse sentido, conforme mencionado, houve uma paralisação das atividades da graduação de março a julho de 2020, quando houve o retorno das aulas de forma remota (online). O curso de Psicologia optou por manter suas aulas síncronas, através de encontros semanais ou quinzenais entre professores e alunos por meio de plataformas online (Google Meet, Zoom, WebConf), além de atividades assíncronas, como leituras, vídeos e escrita de trabalhos. O retorno do estágio em Psicologia Social, por sua vez, ocorreu de acordo com as especificidades de cada local de estágio, visto que uma das características desse campo é sua diversidade de contextos (CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA, 2020a).

O curso de Psicologia emitiu um regulamento interno relacionado aos estágios obrigatórios e não obrigatórios durante o período emergencial imposto pela faculdade em decorrência da pandemia de COVID-19 (UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE, 2020b). Nesse regulamento, são citadas como possíveis

atividades a serem realizadas no âmbito da Psicologia Social nesse período: participar e/ou construir espaços virtuais de acolhimento e práticas de cuidado, colaborar com a produção de materiais, participar de reuniões de discussões de caso, acompanhar, de forma remota, os usuários do local de estágio, contribuir para a disponibilização de canais remotos de atendimento, oferecer apoio na articulação de ações integradas e intersetoriais, entre outras (UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE, 2020b). A partir dessas recomendações e considerando as particularidades de cada local, foi possível construir estratégias para manter os alunos engajados em atividades teóricas ou práticas dentro de cada campo.

O campo de estágio HU/FURG, especificamente a Unidade de Clínica Médica, através da psicóloga supervisora local, permitiu à estagiária a participação no desenvolvimento de pesquisa, escrita de trabalhos e apresentações em eventos, propiciando, assim, o contato com temáticas do próprio campo. As supervisões acadêmicas com a psicóloga docente da Universidade retornaram em dezembro de 2020, também de forma remota, e trataram das atividades desenvolvidas no estágio, assim como das dificuldades encontradas por conta da pandemia.

Em situações normais, conforme mencionado, o estágio em Psicologia Social teria o início de suas práticas presenciais em março de 2020, através do acompanhamento dos pacientes internados na Unidade, da participação nas reuniões multiprofissionais e discussões de casos, sob supervisão da psicóloga local. Como forma de adaptação, essas atividades foram substituídas pela participação da estagiária na preceptoria das residentes da RIMHAS, de outubro de 2020 a maio de 2021. Esse espaço permitiu repassar os casos, discutir

sobre as condutas a serem tomadas, tirar dúvidas, além de aproximar a estagiária do contexto hospitalar e de suas práticas.

- RESIDÊNCIA MULTIPROFISSIONAL HOSPITALAR

A RIMHAS é uma pós-graduação *lato sensu* (especialização) com duração de 2 anos, em tempo integral, e com atividades teóricas e teórico-práticas (correspondendo a 20% da carga horária) e atividades práticas de formação em serviço (correspondendo a 80% da carga horária), caracterizando-se como uma residência multiprofissional de dedicação exclusiva com recebimento de bolsa pelo Ministério da Educação, e que conta com profissionais da Educação Física, Enfermagem e Psicologia. A carga horária semanal de atividades é de 60 horas, sendo que as atividades práticas são realizadas sob supervisão de profissionais de saúde preceptores e desenvolvidas no HU-FURG (OLIVEIRA; ROCHA, 2017).

De acordo com Velloso *et al.* (2016), a Saúde Coletiva pode ser entendida como um movimento que permite ver o ser humano em sua multidimensionalidade, onde só seria passível de ser compreendido através do cuidado interdisciplinar e interprofissional. Esse cuidado de saúde perpassa todos os níveis de atenção e, no contexto hospitalar, ocorre através das diferentes especialidades dedicadas ao cuidado do paciente hospitalizado, sendo a proposta das residências multiprofissionais um exemplo dessa forma de atenção em saúde.

O início da prática na residência junto ao período pandêmico, em que as informações ainda eram escassas e com a necessária adaptação aos protocolos a serem seguidos no hospital, como o uso de Equipamentos de

Proteção individual (EPI's), os cuidados frequentes com higienização e o distanciamento físico de pacientes e colegas, trouxe à tona medos e incertezas na prática da profissional residente.

Enquanto algumas equipes do hospital precisaram se organizar para atender aos pacientes com diagnóstico de COVID-19, outras precisaram estruturar-se para não diminuir o padrão de atendimento para os pacientes sem esse diagnóstico. A residente de psicologia encontrava-se inserida na segunda característica de equipe e, embora não estivesse realizando atendimento específico a pacientes com COVID-19, a chamada “linha de frente”, ainda assim a tensão e a atenção foram constantes. Foi possível experienciar o fenômeno de “traumatização indireta”, em que o indivíduo, mesmo que não esteja diretamente vivenciando o trauma, torna-se vulnerável a sofrer seus impactos físicos e psicológicos, nesse caso, da pandemia (RIBEIRO *et. al.*, 2020).

Aliado a isso, segundo Aires *et. al* (2021), há prejuízos no que tange à formação, pois, mesmo com o ensino remoto e a oferta de aulas online por meio de plataformas digitais, existe uma diminuição na relação teórico-prática por conta da pouca interação entre os residentes e as dificuldades com o acesso à internet ou por não possuírem recursos tecnológicos de boa qualidade. Esse fato trouxe à tona o medo de atuar sem formação adequada, já que uma grande parte dos residentes se insere no programa com pouca ou nenhuma experiência profissional.

DESAFIOS

Além dos desafios impostos pela pandemia, cabe salientar que, de forma geral, a formação de Psicologia no Brasil é deficitária em determinados aspectos, dentre eles

alguns de suma importância no contexto da pandemia como: a intervenção psicológica nas emergências e desastres; morte e luto; e diferentes modalidades de atendimento (GRINCENKOV, 2020).

O CFP (2020b) orientou que os atendimentos ocorressem de forma segura, sem colocar em risco a saúde dos profissionais atuantes durante o período da pandemia, e seguindo as recomendações da OMS. Dessa forma, os atendimentos psicológicos prestados nesse momento foram realizados com o uso de EPI's, mantendo o distanciamento possível dos pacientes e com frequente higienização das mãos.

O uso de EPI's afetou, sobretudo, o trabalho da psicologia, que é pautado na comunicação verbal e não verbal, pois, com o uso destes, muitas vezes, o entendimento ficou prejudicado e o distanciamento impediu, em muitos momentos, a aproximação e o toque. A brevidade das internações, com o objetivo de diminuir o número de pessoas internadas e circulando pelo hospital, também foi um desafio, fazendo com que a psicóloga residente tivesse menor período de tempo para trabalhar o sofrimento emocional dos pacientes, que, durante o período de pandemia, também foi potencializado pelo medo de contaminação e exposição ao vírus, além de outros sofrimentos trazidos pela pandemia, como isolamento social, problemas financeiros e luto. Esses sentimentos de luto também foram intensificados durante esse período, visto que a perda da saúde e a hospitalização se somaram a perdas já existentes, como a perda de liberdade, de autonomia e de contatos presenciais com pessoas queridas, podendo levar a um sentimento de solidão, visto que as visitas também foram restritas de forma a diminuir a circulação no hospital.

Silva e Lima (2020) relatam, em consonância com o que foi observado pela residente e pela estagiária, que

as reações mais frequentes de medo, durante a pandemia, são o medo do adoecimento e da morte, de perder pessoas queridas, do distanciamento, das consequências laborais e econômicas (como perder o emprego), da exclusão social provocada pelo estigma da doença e de transmitir a doença para outras pessoas. Esses medos atingiram não somente os pacientes, mas também seus familiares e amigos, visto que, por conta do distanciamento, muitos deles foram impedidos de visitar seu ente querido durante a internação. Para os cuidadores presentes no hospital, a estagiária pôde perceber, a partir dos relatos dos casos e das interações da residente com esses, que de fato ocorreram perdas econômicas decorrentes da pandemia, o que, muitas vezes, era motivo de sofrimento somado à hospitalização. Nesses casos, a intervenção do Serviço Social foi essencial na busca pelos direitos dos pacientes e seus familiares.

Além do trabalho direcionado aos pacientes e familiares/cuidadores, em alguns momentos o papel da psicologia foi direcionado também para o acolhimento emocional dos colegas profissionais de outras áreas atuantes na equipe, visto que a sobrecarga de trabalho aliada às vivências individuais resultantes da pandemia foram motivos para o desenvolvimento de sintomas de estresse e ansiedade, tendo esses a necessidade de um espaço de escuta.

A equipe também precisou lidar com constantes afastamentos por suspeita ou diagnóstico de COVID-19. A residente e seus colegas precisaram, em muitos momentos, realizar o RT-PCR (exame para detectar o coronavírus) e isolar-se em seus domicílios para aguardar o resultado ou fazer o isolamento a partir do resultado positivo, fato que trouxe à tona medos, sentimentos de solidão e a necessidade de criar estratégias de

enfrentamento para esse desafio que se tornou frequente no ano de 2020.

Outro desafio que se pôs durante esse momento foi a qualidade do acesso à internet, tanto por parte da estagiária no ambiente domiciliar quanto da residente e supervisora/preceptora no ambiente hospitalar. A privacidade para a realização de reuniões/preceptorias dentro do hospital também se mostrou como um desafio, visto que os espaços específicos para esse tipo de atividade são poucos e, durante a pandemia, com o predomínio das atividades online, a demanda tornou-se grande. Assim, por vezes, as reuniões de discussão de caso tiveram que ser adiadas por não haver um local hábil, com computador, webcam, microfone e boa conexão de internet, para que elas se realizassem, visto também que, muitas vezes, as salas eram compartilhadas por um número de pessoas que impedia a privacidade dos participantes.

POTENCIALIDADES

Apesar das dificuldades encontradas frente à pandemia de COVID-19, o estágio supervisionado em Psicologia Social teve andamento através de atividades realizadas totalmente de forma online, como participação em pesquisa, estudos teóricos e discussão de casos. Destaca-se nesse processo a flexibilidade dos docentes e supervisores de estágio na adaptação das atividades, proporcionando que, mesmo de forma remota, essas se mantivessem.

A adaptação às formas remotas de contato também se deu em relação aos pacientes hospitalizados e seus familiares e amigos, quando, em alguns momentos, a psicóloga residente pôde fazer uso de tecnologias para estreitar a distância entre aqueles que não poderiam estar

no hospital, fato que permitiu trocas de afeto e de esperança, além da quebra na solidão relatada pelos pacientes.

Mesmo diante dos desafios descritos quanto aos atendimentos da psicóloga residente aos pacientes hospitalizados, foi possível observar que a escuta ativa e qualificada e o uso de tecnologias para visitas virtuais foram de suma importância para a elaboração do adoecimento daqueles que eram atendidos. Através da criação de estratégias de enfrentamento e acolhimento para alívio dos sofrimentos advindos da hospitalização, os pacientes puderam ter seus sentimentos validados, fazendo dessa uma experiência por vezes menos dolorosa.

Para auxiliar e incentivar os profissionais residentes a seguirem seu trabalho no período de pandemia, o Ministério da Saúde deliberou sobre uma bonificação de 20% sobre o valor da bolsa paga aos residentes, enquanto durar o período pandêmico. Esse incentivo faz parte da ação estratégica "O Brasil Conta Comigo", que visa ao apoio aos profissionais da "linha de frente" (BRASIL, 2020). A ação foi instituída em Março de 2020 e revogada em Maio de 2022 (BRASIL, 2020a), sendo o valor da bonificação posteriormente incorporado à bolsa dos novos residentes. Assim, a residente de psicologia recebeu incentivo financeiro com o intuito de uma melhor assistência à população do SUS, nesse período.

Outro ponto relevante experimentado diante desse contexto foi a notada relevância do trabalho multiprofissional, em que foi necessário contar com as diferentes áreas de conhecimento para que se pudesse proporcionar aos pacientes atendimento integral e de qualidade frente à problemática já imposta. Nesse sentido, ressalta-se a importância dada à Psicologia

dentro da equipe, visto os diferentes impactos ocasionados pela pandemia na saúde mental dos usuários. Assim, foi possível perceber que o período pandêmico permeado por medos e incertezas também foi espaço de novos aprendizados, crescimento e reconhecimento profissional.

A potência no aprendizado também se deu através da criação de um espaço online de trocas mediado pela psicóloga supervisora e preceptora, em que, por meio de encontros online semanais, foram trazidos pela psicóloga residente os casos atendidos para discussão com a estagiária de Psicologia. Assim, foi possível realizar a construção de um saber a partir da observação das intervenções realizadas.

Os encontros respeitavam as orientações do Código de Ética do Psicólogo (2005) quanto ao sigilo profissional e proteção à confidencialidade e intimidade dos sujeitos. Esses encontros resultaram em possibilidades de aprendizado e de formação, tanto para a residente quanto para a estagiária, sendo que também a estagiária pôde estar mais próxima da prática de atendimento psicológico na vivência hospitalar. Nesse espaço se contou com a possibilidade de pensamentos conjuntos para formular estratégias de acolhimento ao sofrimento dos pacientes atendidos, além de proporcionar uma aproximação da graduação e da pós-graduação.

A partir dessa aproximação, foi possível, também, desenvolver, junto à psicóloga supervisora/preceptora, uma pesquisa, na qual se investigou o sofrimento psíquico e as alterações de comportamento em profissionais de saúde durante a pandemia de COVID-19 no município de Rio Grande/RS, sendo que, a partir dos dados coletados nessa pesquisa, estão sendo construídos o Trabalho de Conclusão de Residência (TCR) da residente e o Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) da estagiária. Além disso,

a partir dessa proximidade entre estagiária, residente e supervisora/preceptora, foram desenvolvidas escritas científicas por meio de resumos simples e expandidos para apresentação em eventos nos estados do Rio Grande do Sul, Minas Gerais e Mato Grosso¹, sendo enriquecedor para o desenvolvimento acadêmico e profissional dessas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A adaptação das atividades do estágio e da residência, durante o período de primeira onda da pandemia, permitiu que a aproximação da estagiária com o campo de estágio se mantivesse, assim como as atividades prestadas pela residente no hospital, buscando minimizar os prejuízos tanto para a estagiária e a residente quanto para os pacientes que receberam seus serviços. Nesse sentido, a flexibilidade dos docentes e profissionais envolvidos com a graduação e a pós-graduação foi essencial para que essas atividades pudessem ocorrer, ainda que de forma diferente do que pensado inicialmente.

Outro ponto relevante é o fato de que a pandemia potencializou o sofrimento mental de grande parte da população, trazendo à luz a importância do atendimento psicológico que, ao proporcionar a expressão de sentimentos, a promoção da saúde e o suporte emocional, possibilitou a amenização da dor. Assim, a possibilidade de seguir com as atividades, tanto teóricas quanto práticas do estágio e da residência, contribuiu para que os serviços prestados aos pacientes internados se mantivessem com qualidade.

¹ 19ª Mostra da Produção Universitária Virtual/FURG, 26ª Semana de Psicologia/UFU e II Jornada de Psicologia Hospitalar do Centro-Oeste/UNIC, respectivamente.

Ainda que a formação da psicóloga residente e as práticas de estágio da estagiária tenham ocorrido de forma diferente do que era inicialmente esperado, foi possível pensar em estratégias para manter o aprendizado com todas as limitações decorrentes da pandemia. O uso de tecnologias para permitir reuniões virtuais de discussão de casos, além da participação em pesquisa e escrita de trabalhos, contribuiu para o estudo sobre o campo e para a qualificação do atendimento prestado aos pacientes internados, seus familiares/cuidadores e aos profissionais da área.

Assim, embora a pandemia tenha exigido diversas adaptações para as práticas de cuidado em saúde destinadas aos pacientes hospitalizados realizadas pela profissional residente e imposto desafios no que tange ao campo de estágio da estagiária, por outro lado, mostrou as diversas possibilidades de realizar atendimentos psicológicos e de criar espaços de crescimento e de aprendizado nos diferentes contextos e limitações.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

AIRES, M. C. *et al.* Ser profissional de saúde residente frente à pandemia de COVID-19: relatos da vivência multiprofissional. **Brazilian Journal of Development**, v. 7, n. 9, p. 88427-88443, 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.34117/bjdv7n9-145>. Acesso em: 13 out. 2021.

BRASIL. Ministério da Saúde. Agência Saúde. **Saúde concede bonificação de 20% sobre o valor da bolsa de residência.** Ministério da Saúde, 2020. Disponível em: <https://www.gov.br/saude/pt-br/assuntos/noticias/ministerio-da-saude-concede-bonificacao-de-20-sobre-o-valor-da-bolsa-de-residencia>. Acesso em: 13 out. 2021.

BRASIL. Ministério da Saúde. **PORTARIA GM/MS Nº 1.142, DE 23 DE MAIO DE 2022.** Revoga as Portarias GM/MS nºs 492, de 23 de março de 2020, e 639, de 31 de março de 2020, que dispõem sobre a Ação Estratégica “O Brasil Conta Comigo”, e a Portaria GM/MS nº 3.945, de 27 de dezembro de 2021, que altera a Portaria GM/MS nº 580, de 27 de março de 2020. Ministério da Saúde, 2020a. Disponível em: <https://www.in.gov.br/web/dou/-/portaria-gm/ms-n-1.142-de-23-de-maio-de-2022-403214744>. Acesso em: 04 jan. 2022.

CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA. **Código de Ética Profissional.** Brasília, 2005. Disponível em: <https://site.cfp.org.br/wp-content/uploads/2012/07/codigo-de-etica-psicologia.pdf>. Acesso em: 13 out. 2021.

CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA. **Práticas e estágios remotos em Psicologia no contexto da pandemia da Covid-19 – Recomendações.** Brasília, 2020a. Disponível em: <https://site.cfp.org.br/publicacao/praticas-e-estagios-remotos-em-psicologia-no-contexto-da-pandemia-da-covid-19-recomendacoes>. Acesso em: 11 out. 2021.

CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA. **Coronavírus: cuidado com profissionais que atuam no SUS e no SUAS.** Brasília, 2020b. Disponível em: <https://site.cfp.org.br/coronavirus-cuidado-com-profissionais-que-atuam-no-sus-e-no-suas>. Acesso em: 01 out. 2021.

DE SANTANA FILHO, M. M. Educação geográfica, docência e o contexto da pandemia COVID-19. **Revista Tamoios**, v. 16, n. 1, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.12957/tamoios.2020.50449>. Acesso em: 13 out. 2021.

FERNANDES, F. A. *et al.* Overview of the initial growth phase in the number of cases and deaths caused by COVID-19 in Brazil. **Research, Society and Development**, [S. l.], v. 9, n. 10, p. e1539108560, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.33448/rsd-v9i10.8560>. Acesso em: 13 out. 2021.

GRINCENKOV, F. R. A Psicologia Hospitalar e da Saúde no

enfrentamento do coronavírus: necessidade e proposta de atuação. **Hu Revista**, v. 46, p. 1-2, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.34019/1982-8047.2020.v46.30050>. Acesso em: 11 out. 2021.

MORAES, A. S. Estágio supervisionado em psicologia da saúde durante a pandemia da COVID-19 no Hospital Santa Casa de Misericórdia do Pará. **Research, Society and Development**, v. 10, n. 1, 2021. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.33448/rsd-v10i1.11924>. Acesso em: 11 out. 2021.

MORAES, R. F. Medidas legais de distanciamento social: análise comparada da primeira e segunda ondas da pandemia da COVID-19 no Brasil [Internet]. **Brasília: Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada**, 2021.

OLIVEIRA, S. M.; ROCHA, L. P. Residência multiprofissional hospitalar com ênfase na atenção à saúde cardiometabólica do adulto. In: KNUTH, A. G.; AREJANO, C. B.; MARTINS, S. R. (Orgs). **Trajetórias de composição do Sistema Único de Saúde pelas residências multiprofissionais em saúde**. Rio Grande, RS: Ed. da FURG, 2017. Disponível em: <https://proresp.furg.br/images/noticias/ALANJUNTO.pdf>. Acesso em: 13 out. 2021.

RIBEIRO, E. G. *et al.* Saúde mental na perspectiva do enfrentamento à COVID-19: manejo das consequências relacionadas ao isolamento social. **Revista Enfermagem e Saúde Coletiva-REVESC**, v. 5, n. 1, p. 47-57, 2020.

Disponível em: <http://revesc.org/index.php/revesc/article/view/59>. Acesso em: 13 out. 2021.

SILVA, K. C. L.; LIMA, M. E. G. A INSERÇÃO DE DUAS PSICÓLOGAS RESIDENTES EM TEMPOS DE COVID-19. **Cadernos ESP-Revista Científica da Escola de Saúde Pública do Ceará**, v. 14, n. 1, p. 95-99, 2020. Disponível em: <https://cadernos.esp.ce.gov.br/index.php/cadernos/article/view/316/219>. Acesso em: 10 out. 2021.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE. **Diretrizes**

Acadêmicas Gerais para o ensino de graduação durante o período emergencial. Rio Grande, 2020a. Disponível em: <https://conselhos.furg.br/deliberacoes/coepea/pleno/2020/deliberacao-023-2020>. Acesso em: 13 out. 2021.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE. **Regulamento Interno para Estágios Obrigatórios e Não-obrigatórios para o período Emergencial no contexto da pandemia da COVID-19.** Rio Grande, 2020b. Disponível em: https://psicologia.furg.br/images/Anexo_II_-_Regulamento_Estgios_Obrigatrios_e_No-obrigatrios_ERE_Psicologia_2020_1.pdf. Acesso em: 11 out. 2021.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE. **Quadro de Sequência Lógica (QSL) - Curso: Psicologia.** Rio Grande, 2021. Disponível em: https://sistemas.furg.br/sistemas/paginaFURG/publico/bin/cursos/tela_qsl_visual.php?cd_curso=290*560. Acesso em: 11 out. 2021.

VELLOSO, M. P.; GUIMARÃES, M. B. L.; CRUZ, C. R. R.; NEVES, T. C. C. INTERDISCIPLINARIDADE E FORMAÇÃO NA ÁREA DE SAÚDE COLETIVA. **Trabalho, Educação e Saúde [online]**, v. 14, n. 1, p. 257-271, 2016. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1981-7746-sip00097>. Acesso em: 04 jan. 2022.

Imagem 18



Fonte: Leandro Machado dos Santos

9

Intervenções psicológicas em uma Unidade de Terapia Intensiva no contexto da COVID-19: estudo de caso sobre a importância da participação da família no processo saúde-doença

Ana Cristina Holszchuh Machado; Tarcis Murilo Sartor

1. INTRODUÇÃO

A rápida disseminação do novo Coronavírus por todo o mundo trouxe muitas incertezas sobre como controlar a doença e sobre sua gravidade. A imprevisibilidade acerca do tempo de duração da pandemia e os seus desdobramentos caracterizam fatores de risco à saúde mental da população em geral (ZANDIFAR; BADRFAM, 2020).

A pandemia de COVID-19 impactou a saúde mental e o bem-estar psicológico de todos, também ocorreram mudanças nas relações familiares, evidenciadas pelo afastamento de entes queridos e

amigos. Nesse sentido, os indivíduos vivenciaram alguns estressores, como o risco aumentado de ser infectado, adoecer e morrer, a possibilidade de inadvertidamente infectar outras pessoas, além da sobrecarga e fadiga ou mesmo da exposição a mortes em larga escala (TAYLOR, 2019; ORNELL et al., 2020).

Muitos aspectos psicológicos resultantes da pandemia de COVID-19, baseados em evidências, ainda estão em andamento devido à contemporaneidade e à complexidade do fenômeno. Nesse contexto, a família se apresenta como uma importante rede de apoio ao paciente acometido, que pode estar experienciando efeitos psicológicos negativos como sintomas depressivos, de estresse, tristeza, estado confusional e irritabilidade.

A Unidade de Terapia Intensiva (UTI) é um ambiente de alta complexidade destinado a pacientes graves. A internação nesse contexto de UTI desestabiliza não só o paciente, mas todo o sistema familiar. No contexto da pandemia de COVID-19, observou-se a necessidade de ampliar o cuidado não só com o paciente, mas extensivo à família, proporcionando maior convívio entre ambos, amenizando, assim, ansiedades e auxiliando na recuperação do paciente.

O momento vivenciado pelos pacientes e seus familiares demanda necessidades importantes durante o período de internação, que são definidas como algo essencial, determinado pelas pessoas e que, quando supridas, aliviam a angústia, reduzem a ansiedade e melhoram a percepção de bem-estar.

O presente capítulo pretende analisar e refletir sobre a atuação do psicólogo hospitalar em situações de terminalidade no contexto da pandemia da COVID-19, bem como sobre o processo de adoecimento e despedida

para as pessoas enfermas e seus familiares. O método utilizado é o relato de experiência profissional.

2. ADOECIMENTO E TERMINALIDADE: INTERVENÇÕES DO PSICÓLOGO HOSPITALAR

Toda doença carrega um potencial desorganizador, pois, muitas vezes, interrompe a rotina do indivíduo adoecido e de sua família, desse modo, impõe mudanças temporárias ou permanentes e denuncia a transitoriedade e limites da existência, sendo assim, ameaça a própria vida (CARVALHO, 2002).

Quando se pensa em atender às necessidades e aos desejos de pacientes com doenças fora das possibilidades de curativas atuais, é imprescindível a realização de cuidados adequados. Faz-se relevante ressaltar que, quando se trabalha com pacientes terminais, a prioridade é o conforto físico, e a ausência de dor, entende-se que não podemos ajudar o paciente, sem considerar devidamente sua família, bem como o papel desempenhado por esses familiares no curso da doença e como as reações desses contribuem para a própria reação do paciente (KÜBLER-ROSS, 1969/1996).

O trabalho do psicólogo nesse contexto objetiva dar suporte ao paciente grave e a sua família, não menos importante, apoio à equipe para auxiliar no tratamento do paciente e acolher suas angústias com o intuito de promover a todos uma compreensão das dimensões biopsicossociais da saúde, do adoecer e da morte humanizados (SILVA; GOMES, 2017).

As intervenções do psicólogo hospitalar com os pacientes de UTI objetivam proporcionar a expressão e compreensão de suas emoções e sentimentos, objetivando minimizar o sentimento de solidão, auxiliando na sua adaptação, orientando quanto às rotinas, aos

estressores do ambiente e a lidar com os sentimentos negativos que possam surgir diante desse contexto de crise, melhorando sua adaptação ao processo saúde-doença (MODESTO et al., 2020).

Apesar desses esforços, o autor supracitado complementa que, para os pacientes, há outra condição de origem do sofrimento, a sensação de solidão e isolamento, originado pela perda de contato físico com o meio externo, provocando sentimento de abandono e o pouco tempo de contato com a família por dia foi reconhecido como um dos pontos relevantes geradores de estresse em UTI.

Sobre a atuação do psicólogo em UTI, com os familiares, o profissional busca oferecer suporte psicológico, proporcionar um momento para expressão de sentimentos, dúvidas, angústias e, muitas vezes, preparar a família para comunicação de más notícias (óbito, cuidados paliativos). Diante disso, Wrzesinski et al. (2019) destacam sobre as visitas na UTI que a presença de familiares na unidade pode influenciar positivamente na recuperação.

As famílias expressam maior bem-estar quando entendem as informações sobre a condição clínica do paciente, diminuindo incertezas, anseios, confusões. Por isso, no ambiente da UTI, a família também deve receber cuidados da equipe (REIS et al., 2016). O familiar não necessita ser tratado apenas como ouvinte de informações, já que, quando a família coopera ativamente no processo de cuidado, os fatores negativos que permeiam esse momento são minimizados (BATISTA et al., 2019).

Nesse contexto, um fator importante é o ponto de vista que o paciente tem da UTI antes da sua internação. Isso irá refletir na sua percepção do processo saúde-doença durante o tempo de sua hospitalização, já que o

ambiente é frequentemente associado à ideia de terminalidade em que a morte é iminente. Além disso, o paciente pode, também, associar a experiências anteriores de algum familiar que adoeceu, passou por sofrimento e até mesmo chegou a evoluir a óbito nesse contexto (GOMES; CARVALHO, 2018).

Os autores ressaltam que a iminência da morte é uma condição saliente na UTI, visto que esse local está ligado a agravos de situação clínica, intercorrências e, muitas vezes, acabando em óbitos. As intercorrências com pacientes de outros leitos, até mesmo a morte, e a dúvida quanto à gravidade da patologia, podem gerar ansiedade e medo, fatores importantes para maximizar a fragilidade dos pacientes.

Nesse sentido, o papel do psicólogo da saúde, que atua no âmbito hospitalar, é orientar, dar suporte e apoio emocional, a fim de reduzir a ansiedade, desconfortos emocionais e estresses que são desencadeados pelo ambiente e pela situação clínica do paciente, tendo como objetivo proporcionar a aquisição de comportamentos adaptativos a esse meio (CARRIAS et al., 2017).

3. UNIDADE DE TERAPIA INTENSIVA

A Unidade de Terapia Intensiva (UTI) é local de atendimento a pacientes graves, sendo considerado um espaço onde se trabalha em situações de crise, os pacientes apresentam risco de vida, demandando vigilância constante e especializada. Dessa forma, caracteriza-se por ser uma unidade complexa que busca a manutenção da vida e a recuperação da saúde onde a internação de um parente próximo se configura como um evento agudo, imprevisto profundamente estressante para toda a família (WRZESINSKI et al., 2019).

Para Barth et al. (2018), a UTI gera alto grau de

estresse e ansiedade na família, o meio é visto por eles como um lugar ameaçador, pois o paciente está com risco iminente de morte. Podendo desencadear certos comportamentos e sentimentos, como incertezas, desamparo, desestabilização emocional, paralisação frente às decisões inesperadas e outras reações, como depressão ou doenças concebidas pelo estresse e pela ansiedade.

Os estressores relevantes dos familiares são: o choque emocional da necessidade da internação em UTI, a privação de contato com o familiar, comportamento do paciente e suas reações, modificação no aspecto de seu ente querido e aparelhos invasivos; sons do ambiente; procedimentos de urgência com pacientes no momento da visita; dificuldade de diálogo da equipe com a família; a compreensão com clareza do quadro clínico do paciente e condutas terapêuticas agressivas (CARRIAS et al., 2018).

Considera-se a UTI um ambiente exacerbador de emoções, sentimentos e frustrações, sendo assim caracterizado como estressante, por ser um meio que causa fragilização emocional, tanto para familiares como pacientes e profissionais que podem mobilizar estratégias de enfrentamento para lidar com o evento estressor (BATISTA et al., 2019).

Segundo Wrzesinski, Benincá e Zanettini (2019), no desenvolvimento de estratégias de humanização do atendimento hospitalar, especialmente em UTI, os psicólogos estimulam a integração do familiar como parte do processo terapêutico, destacam que a inserção da família, mesmo que, de forma virtual, no ambiente de UTI, é capaz de amenizar o sofrimento da família e do paciente.

A visita dos familiares é muito significativa para a melhora dos pacientes internados na UTI. Embora

existam direitos criados no Regulamento Técnico para Funcionamento das Unidades de Terapia Intensiva que garanta direitos aos familiares, muitas UTIs têm rotinas severas, que dificultam a preservação e o fortalecimento das relações afetivas entre o paciente e seus familiares (BARTH et al., 2018).

Nesse sentido, estudos especialmente acerca da UTI têm sido realizados, apontando para a necessidade de se desenvolver estratégias de humanização, integrando o familiar do paciente hospitalizado como parte do processo terapêutico. A partir disso, diversas questões têm sido levantadas enquanto critério de qualificação do cuidado intensivo integral, entre elas, a facilitação do acesso à equipe e à informação qualificada, além da garantia e confiança de que o familiar esteja recebendo o melhor tratamento possível (BATISTA et al., 2019).

4. MÉTODO

Trata-se de um relato de experiência profissional sobre a implementação da visita virtual realizada por dois psicólogos atuantes no âmbito hospitalar. A experiência ocorreu durante o ano de 2021 e objetiva descrever a prática de intervenções psicológicas como estratégia de apoio ao paciente em cuidados intensivos no contexto da pandemia de COVID-19. O Relato de experiência é um tipo de produção que trata de uma vivência profissional, cuja característica principal é a descrição de uma intervenção. Trata-se de expressão escrita de vivências capaz de contribuir na produção de conhecimentos das mais variadas temáticas (CÓRDULA; NASCIMENTO, 2018).

a) Participantes

Relata-se o caso de L, idosa, casada, mãe de quatro filhos biológicos, dona de casa e com ensino fundamental completo. L. S. M. morava com o esposo e um de seus filhos, o mais novo. Foi internada em um hospital da região sul do país, que ficava a, aproximadamente, duzentos quilômetros de seu domicílio, no primeiro semestre de dois mil e vinte e um, lá permaneceu aproximadamente um mês, até que foi a óbito. O presente caso foi selecionado devido às múltiplas intervenções psicológicas, em diversas fases do processo saúde-doença, o relato de experiência profissional vai ao encontro para descrever o que é singular (SHAUGHNESSY et al., 2012). Ressalta-se que outros critérios de inclusão foram a assiduidade dos familiares nas visitas virtuais, o vínculo formado com os profissionais e o desfecho do caso que evidenciou a credibilidade e o vínculo formado.

b) Considerações éticas

Foram tomados todos os cuidados éticos concernentes à proteção dos direitos, bem-estar e dignidade dos participantes. Cabe ressaltar que todos os nomes utilizados no presente artigo são fictícios, visando preservar a identidade do paciente, familiares e membros da equipe. Não obstante o capítulo, segue o que é estabelecido na Resolução nº 510, de 07 de abril de 2016 do Conselho Nacional de Saúde, onde, no Parágrafo Único do Art. 01, a qual estabelece que os casos que não serão registrados nem avaliados pelo sistema CEP/CONEP “VII – pesquisa que objetiva o aprofundamento teórico de situações que emergem espontânea e contingencialmente na prática profissional, desde que não revelem dados que possam identificar o sujeito”.

c) Procedimentos

No contexto da pandemia de COVID-19, visitas foram suspensas, como medida de prevenção e de proteção dos pacientes, da equipe e dos familiares. A partir da presença do psicólogo na UTI, foi implementada a visita virtual, respeitando o momento e oportunizando o contato, mesmo que virtual, entre paciente e familiares. O envolvimento entre equipe de saúde, paciente e familiar é fundamental e a Psicologia desempenha um papel essencial nesse contexto.

As visitas virtuais eram realizadas em função da condição clínica dos pacientes e das medidas sanitárias adotadas para prevenir a escalada de casos. Inicialmente se conduzia uma discussão de casos com a equipe da UTI, priorizando pacientes e/ou famílias que necessitassem de apoio para melhor enfrentamento do processo.

Para realização da visita, um dos psicólogos fazia contato com os familiares e, em horário previamente agendado, recebia-os no hospital. Nesse atendimento, era possível acolher e observar o estado emocional de cada familiar. Posteriormente, realizava-se a orientação sobre como poderia ser a comunicação entre o familiar e o paciente, acolhendo ansiedades e esclarecendo dúvidas do familiar antes da visita. Simultaneamente, o outro profissional verificava junto à equipe o estado emocional e clínico do paciente. Assim, embora nas dependências do hospital, a visita virtual ocorria através de videochamadas em tablets e/ou celulares disponibilizados pela instituição, por questões éticas. Após a visita virtual, os psicólogos buscavam compreender a percepção do familiar e do paciente sobre o momento e o impacto emocional reativo vivenciado, oferecendo apoio psicológico. Finalmente, encerravam os atendimentos com a evolução em prontuário dos principais aspectos observados.

No presente caso, as visitas foram realizadas uma vez por semana, todos os filhos viajavam para ver como a mãe estava e lhe passar mensagens de apoio, conforto e estímulo para auxiliar na sua recuperação. Ressalta-se que havia a necessidade de os familiares comparecerem ao hospital para realizar as chamadas de vídeo, pois os devidos cuidados eram tomados para que a imagem da paciente não fosse exposta. Além disso, para que a família pudesse receber apoio psicológico no momento de vulnerabilidade ao verem a familiar, entubada, sedada, inconsciente e ligada a máquinas. O serviço de Psicologia atendia aos familiares com horários previamente agendados, porém, devido às restrições e normas da instituição, somente um familiar por paciente, entretanto, houve uma exceção no caso de L., pois os filhos tinham que viajar e era melhor estarem acompanhados, por conta das múltiplas repercussões emocionais da visita, pois, muitas vezes, os familiares ficavam extremamente abalados frente a uma piora clínica.

As preocupações em relação ao processo saúde-doença manifestadas pela família puderam ser minimizadas com uma comunicação acolhedora pelos profissionais, demonstrando uma forma de cuidado com a família com esclarecimentos realistas e claros, mas sem lhes tirar a esperança, ao fornecer informações sobre as medidas terapêuticas, que poderiam afetar a paciente (REIS et al., 2016).

Sendo assim, foram oportunizadas três visitas aos familiares de L., os quais compareceram ao hospital e foram recebidos por um profissional do Serviço de Psicologia, que os acolheu. No momento do acolhimento, os familiares questionaram se isso seria uma despedida, então o profissional, psicólogo, buscou avaliar e entender quais as percepções, expectativas e entendimento dos familiares sobre a doença, o tratamento, o diagnóstico e o

prognóstico de sua mãe. Diante disso, foi possível ao profissional ter ideia das reações possíveis dos membros da família e preparar-se para ofertar suporte psicológico congruente com os sentimentos e as reações manifestadas sobre o quadro de L.

Através do contato contínuo com a equipe médica e considerando a dinamicidade do quadro clínico dos pacientes em UTI, os profissionais do Serviço de Psicologia tinham conhecimento do prognóstico da paciente, então, ao longo das intervenções, tentavam esclarecer alguns pontos que a família não sabia ou estava em processo de assimilação, percebendo o momento que estavam vivenciando e as repercussões na dinâmica familiar. Desse modo, eram orientados a passar mensagens de apoio e estímulo à mãe, passando uma estabilidade emocional, pois acredita-se que toda ação altera o ambiente de alguma forma.

Na primeira chamada de vídeo, que foi realizada no hospital, um filho entrou por vez na sala, teve seu espaço para se expressar e, através de observação direta, foi possível para o profissional perceber os impactos emocionais gerados em cada familiar, uns mais resilientes e otimistas, mas outros extremamente abalados. Após o término, o profissional conversava com todos, verificando suas percepções, emoções e sentimentos despertados, tentando, dessa forma, estabilizá-los emocionalmente, acolhendo-os e tirando eventuais dúvidas que restassem.

Na segunda vez, o ambiente já se tornara menos aversivo, relataram ao profissional do ritual realizado na primeira visita e antes da segunda, quando demonstravam a sua fé, realizando orações ao redor do hospital e próximo ao local onde L. estava internada, a visita prosseguiu sem intercorrências nesse dia, L., dentro de suas limitações, respondeu aos estímulos.

No dia da terceira visita, estavam agendadas

muitas famílias, a demanda estava muito alta, vários familiares foram atendidos, entre uma chamada e outra, quando o profissional foi chamar a próxima familiar, que estava desacompanhada na sala de espera, rapidamente identificou algumas características e associou erroneamente a filha de outra paciente, então avisou o profissional que estava na UTI COVID que já estava acolhendo a familiar e a próxima paciente seria a M., outra paciente que estava internada na unidade. A profissional que estava na área COVID se paramentou, entrou no quarto e se dirigiu ao leito de M., quando iniciaram a chamada, a familiar de L. disse “Essa não é minha mãe!”, rapidamente encerraram a chamada e desfizeram o engano, então, alguns minutos depois, a chamada foi realizada, os filhos de L. conseguiram vê-la, passaram mensagens de estímulo, apoio e carinho. No acolhimento após a visita, relataram ao profissional que os estava acompanhando que estavam felizes e perceberam a melhora desde o primeiro dia.

O filho de L. deixou uma mensagem aos profissionais poucos dias após a terceira visita, agradecendo o belo trabalho que os psicólogos têm feito no hospital, em especial com a sua mãe, que estava internada e foi através dessa ideia da visita virtual que ele e suas irmãs tinham a oportunidade de passar uma mensagem para mãe e dar força a ela para que fossem todos vencedores. Agradeceu a um profissional pela paciência e dedicação e disse que ambos eram pessoas abençoadas por Deus. Ressaltou que cada um que estava ao lado de L. soubessem que Jesus também estava com eles. Em nome de L., das suas irmãs e de seu pai, expressou sua gratidão. No intervalo de uma visita e outra, outra filha enviou um áudio para sua mãe, relatando que as coisas estavam tudo bem, para não se preocupar com o marido, nem com o cachorro ou o gato, todos estavam

bem cuidados, estavam rezando pela sua melhora e esperando o seu retorno para casa. Ressaltando que todos a amavam e para ficar tranquila.

Uma nova visita estava agendada para a próxima semana. Entretanto, naquela madrugada, os filhos de L. receberam a ligação do hospital e foram informados de que a mãe fora a óbito. Os filhos viajaram acompanhados pelo genro de L., pela manhã, chegaram ao hospital e quando foram direcionados ao local para assinar o atestado de óbito, para posterior liberação do corpo, relutaram em assinar, falaram que era um mero engano, assim como os profissionais já haviam se enganado outra vez durante a visita virtual, trocado as pacientes e isso estava se repetindo, que era outra pessoa e não L., pois falavam que a tinham visto bem há alguns dias e estava apresentando melhoras. Diante dessa situação, o Serviço de Assistência Social foi acionado, em conversa com os familiares, mencionaram os profissionais do serviço de Psicologia que os acompanhavam e sabiam quem era a mãe deles, então foi solicitada a presença dos profissionais.

Sendo assim, os profissionais se direcionaram ao local onde estavam os familiares de L., quando os familiares perceberam a presença dos profissionais começaram a chorar, mas conseguiram conversar, sentiram-se acolhidos e demonstraram segurança e credibilidade na má notícia recebida. Caso ainda restassem dúvidas, para confirmação do óbito, o celular com a imagem de L. foi trazido pela psicóloga que atuava na UTI COVID, nesse momento, os filhos não tiveram coragem de confirmar o óbito, delegando isso ao genro, que confirmou a má notícia.

5. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Através do presente caso, constata-se que as principais preocupações e dificuldades dos familiares de pacientes internados em UTI são com a morte, com a qualidade de vida após a alta, com curto período para visitas e com os cuidados prestados pela equipe. Por outro lado, verificou-se que alguns dos aspectos positivos da internação são o crescimento pessoal e profissional e o desenvolvimento da espiritualidade, essa última identificada como a principal estratégia de enfrentamento utilizada pelos familiares de L. (CABRAL; GABARRA; MORÉ, 2016).

Pelo fato de a UTI ser geradora de instabilidades para os familiares, é importante acolher a família, sendo mais que passar informações, é ter a capacidade de conseguir ouvir o familiar e reconhecer as necessidades que emergem deles, percebendo seus anseios e medos. A partir disso, oferecer cuidados que contemplem a família e o paciente. Admitir que a família faça parte da integralidade do paciente e que fazer parte do processo de cuidado pode interferir no resultado do tratamento é primordial (LUIZ; CAREGNATO; COSTA, 2017).

Quanto ao acolhimento, Vieira e Waischung (2018), declaram que a atuação do psicólogo em um hospital deve ser com a família, com o paciente e a equipe de saúde, objetivando a promoção e/ou recuperação da saúde tanto física como mental dos envolvidos. Os autores dizem que cabe ao psicólogo o auxílio e o suporte à família, apoiando, partilhando dúvidas, angústias e medos.

Percebe-se que o acolhimento, praticado pela equipe multiprofissional ao familiar, antes de ver o paciente internado em UTI possibilita a minimização do impacto da internação, redução das possibilidades de

desequilíbrio psicológico, estimula comportamentos adaptativos e resilientes, fortalecendo os recursos internos de enfrentamento dos familiares (CARRIAS et al., 2018).

O psicólogo tem que trabalhar as tomadas de decisões de problemas enfrentados pela família, possibilitando a promoção de habilidades de enfrentamento para lidar com as próprias emoções do processo de morte e separação. E com o paciente o trabalho do psicólogo numa UTI não é só a comunicação psicológica com objetivo de informação, mas vai além, abrangendo o acompanhamento e o auxílio na expressão, compreensão e elaboração de emoções e sentimentos (VIEIRA; WAISCHUNNG, 2018).

Ressalta-se que, diante desse contexto, é preciso destacar a importância da presença do psicólogo na UTI com a finalidade de acompanhar pacientes e familiares na tentativa de amenizar a angústia, a solidão e o sofrimento nesse momento de extremo desgaste emocional. Além disso, o psicólogo pode auxiliar os familiares a não estarem tão vulneráveis aos fatores de risco, tanto inerentes à própria internação como após uma perda propriamente dita, prevenindo então o luto complicado (FERREIRA; MENDES, 2013).

Percebe-se que os rituais relacionados à espiritualidade são um recurso importante para muitas famílias, auxiliando no enfrentamento dos desafios da hospitalização, terminalidade e na adaptação após as perdas. Diante disso, entende-se que a espiritualidade costuma contribuir com a maneira de atravessar situações difíceis e com o luto, podendo ser sustentada nesse contexto. Desse modo, nos casos em que a família menciona ter uma fé, podem ser incentivadas a realizarem rituais, entretanto, sem forçá-las, considerando que não há práticas certas ou erradas (CREPALDI, et al., 2020).

Destarte, a pandemia forçou muitos indivíduos e famílias a enfrentar a inevitabilidade da morte, do morrer e da perda, ao mesmo tempo em que causava ruptura com as tradições que cercam o processo de luto. Tradicionalmente, a experiência de perder um ente querido é, muitas vezes, acompanhada de práticas ritualísticas e espirituais, que servem como uma forma para as pessoas lamentarem a perda e iniciarem o processo de luto (BERTUCCIO & RUNION, 2020).

Em contextos anteriores à COVID-19, os rituais de despedida eram amplamente utilizados para promover apoio social, atribuição de sentido à perda e à promoção da partida. Em vista da impossibilidade da realização desses momentos durante a pandemia, vivências ligadas aos rituais demandaram adaptações que colaborem com a elaboração do luto (CREPALDI et al., 2020).

A visita virtual teve como objetivo manter ativo o vínculo e a assistência psicológica ao paciente durante sua internação. No contexto da pandemia de COVID-19, no primeiro semestre de 2021, não era possível manter nenhuma rotina de visitas presenciais aos pacientes. Nesse sentido, com a tecnologia disponível, foi possível manter as pessoas em contato com o ambiente externo. Foram organizadas rotinas focadas em comunicação, visitas virtuais e outras soluções para reduzir o sofrimento dos pacientes da UTI COVID, isso reduziu muito a carga emocional, psíquica e física dos profissionais de saúde em caso de piora clínica. Todas as intervenções aqui apresentadas foram de baixo custo, organização de recursos humanos possíveis e certamente tiveram impactos na instituição.

Através das práticas, evidencia-se a relevância da atuação do psicólogo no âmbito hospitalar em relação a diversos aspectos do processo saúde-doença. Foram implementadas estratégias de enfrentamento às

mudanças impostas pela pandemia, como ações remotas que os psicólogos ofereceram aos pacientes e seus familiares, visando auxiliar na compreensão e elaboração do momento, preparando-os, da melhor forma possível, para o manejo de sintomas emocionais. O papel da Psicologia, nesses contextos, é também o de possibilitar a expressão da subjetividade quando o paciente chega à terminalidade, o acolhimento psicológico prestado foi um auxílio nesse processo, permeado por repercussões na saúde física e mental na pandemia de COVID-19.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho relata e avalia a experiência de implementação da visita virtual em contexto hospitalar na região sul do país. A partir dessa experiência profissional, deve-se observar que a situação de internação do paciente em UTI acaba repercutindo emocionalmente na família como um todo, alterando a dinâmica e funcionamento familiar. Assim, pode-se afirmar que a visita à UTI promove aos pacientes e familiares sentimentos de segurança, bem-estar e, mesmo que virtualmente, oportuniza o contato entre eles.

As circunstâncias de adoecimento são facilitadoras na promoção de mudanças de perspectivas. Ao se dar conta, em termos concretos, da finitude e fragilidade, da escassez do tempo, o paciente e seus familiares podem perceber a ineficácia e tentar evitar, a qualquer custo, o sofrimento. Um dos objetivos de intervenção do psicólogo no contexto hospitalar é fazer com que passem a compreender o fato de que a dor e o sofrimento fazem parte da vida, bem como a falta de controle que se tem sobre circunstâncias naturais, como o adoecimento e a morte (WARE, 2012; 2009).

Quando os profissionais envolvidos reconhecem e

compreendem as dificuldades e os sentimentos dos familiares e pacientes, são capazes de realizar uma assistência mais qualificada e humanizada, promovendo bases para que o efeito estressor da hospitalização seja amenizado, gerando o mínimo de repercussões emocionais no paciente e em sua família. Pode-se considerar que a visita de familiares na UTI é de extrema importância para os pacientes internados, pois pode trazer benefícios terapêuticos significativos para o paciente. De modo geral, este relato possibilita entender sobre o papel da visita da família ao longo da internação no contexto da pandemia de COVID-19, bem como sobre as diferentes possibilidades de participação desses familiares na contribuição de algumas maneiras de pensar e de agir para auxiliar a equipe no atendimento ao paciente hospitalizado.

Portanto, através desse relato de experiência profissional, foi possível evidenciar a relevância da visita virtual na UTI, no contexto da pandemia de COVID-19, a qual visa minimizar impactos dos fatores estressores tanto para os pacientes como para seus familiares, prevenindo futuros agravos através de ações de acolhimento e cuidado aos pacientes internados como para seus familiares.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BATISTA V. C.; MONTESCHIO L. V. C.; GODOY F. J.; GÓES, H. L. F.; MATSUDA, L. M.; MARCON, S. S. Necessidades de Familiares de Pacientes Internados em Unidade de Terapia Intensiva. **Revista de Pesquisa e Cuidado é Fundamental Online**, v. 11, p. 540-546, 2019. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.9789/2175-5361.2019>.
- BARTH, A. A.; WEIGEL, B. D.; DUMMER, C. D.; MACHADO,

K. C.; TISOTT, T. M. Estressores em familiares de pacientes internados na unidade de terapia intensiva. **Revista Brasileira de Terapia Intensiva**, São Paulo, v. 28(3), p. 323-329, 2016.

Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/rbti/a/M7ChSXWFNV86SBQhxBNKMXh/>

CARRIAS, F. M. S.; SOUSA, G. M.; PINHEIRO, J. D. S.; LUSTOSA, M. A.; PEREIRA, M. C. C.; GUIMARÃES, A. E. V.; CUNHA, V. P.; SERAFIM, G. M. L. Visita humanizada em uma unidade de terapia intensiva: um olhar interdisciplinar.

Tempus – Actas de Saúde Coletiva, Brasília, v. 11(2), p. 103-112, 2018. Disponível em:

<http://dx.doi.org/10.18569/tempus.v10i4.1966>.

CARVALHO, M. M. M. J. **Introdução a psico-oncologia**. São Paulo: Livro Pleno, 2002.

CÓRDULA, E. B. L.; NASCIMENTO, G. C. C. A produção do conhecimento na construção do saber sociocultural e científico. **Revista Educação Pública**, Rio de Janeiro, v. 18, p. 1-10, 2018. Disponível em:

<https://educacaopublica.cecierj.edu.br/artigos/18/12/a-producao-do-conhecimento-na-construcao-do-saber-sociocultural-e-cientifico>.

CREPALDI, M. A.; SCHMIDT, B.; NOAL, D. S.; BOLZE, S. D. A.; GABARRA, L. M. Terminalidade, morte e luto na pandemia de COVID-19: demandas psicológicas emergentes e implicações práticas. **Estudos de Psicologia**, Campinas, v. 37, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1982-0275202037e200090>.

FERREIRA, P. D.; MENDES, T. N. Família em UTI: importância do suporte Psicológico diante da iminência de morte. **Revista SBPH**, 16(1), 88-112. 2013. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1516-08582013000100006&lng=pt&nrm=iso

GOMES, A. G. A.; CARVALHO, M. F. O. A perspectiva do paciente sobre a experiência de internação em UTI: revisão integrativa de literatura. **Revista da SBPH**, v. 21(2), p. 167-185, 2018. Disponível em:

http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1516-08582018000200010&lng=pt&tlng=pt.

KÜBLER-ROSS, E. **Sobre a morte e o morrer**. Tradução T. L. Kipnis. São Paulo: Martins Fontes. 1996. (originalmente publicado em 1969).

LUIZ, F. F.; CAREGNATO, R. C. A.; COSTA, M. R. Humanização na Terapia Intensiva: percepção do familiar e do profissional de saúde. **Revista Brasileira de Enfermagem**, v. 70(5), p. 1040-1047, 2017. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/0034-7167-2016-0281>.

MODESTO, L. DE A., TELES T. A. X., LIMA, H. C. DE F., TONIN, I. M. A., LINS, A. C. A. DE A. A atuação do (a) psicólogo (a) hospitalar na assistência ao paciente crítico. **Revista Eletrônica Acervo Saúde**, 12(10), 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.25248/reas.e3649.2020>.

ORNELL, F.; SCHUCH, J. B.; SORDI, A. O.; KESSLER, F. H. P. “Pandemic fear” and COVID-19: mental health burden and strategies. **Brazilian Journal of Psychiatry**, São Paulo, v. 42, p. 232-235, 2020. Disponível em: <https://www.rbppsy psychiatry.org.br/details/943/en-US/-pandemic-fear--and-covid-19--mental-health-burden-and-strategies>

REIS, L. C. C.; Gabarra, L. M.; MORÉ, C. L. O. O. As Repercussões do Processo de Internação em UTI Adulto na Perspectiva de Familiares. **Temas em Psicologia**, Ribeirão Preto: v. 24 (3), p. 815-828, 2016. Disponível em: <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=513754280003>.

SHAUGHNESSY, J. J.; ZECHMEISTER, E. B.; ZECHMEISTER, J. S. **Metodologia de pesquisa em Psicologia**. Porto Alegre: AMG Editora. 2012.

TAYLOR, S. **The psychology of pandemics: preparing for the next global outbreak of infectious disease**. Cambridge: Cambridge Scholars Publishing, 2019.

VIEIRA, A. G.; WAISCHUNNG, C. D. A atuação do psicólogo hospitalar em unidades de terapia intensiva: A atenção prestada ao paciente, familiares e equipe, uma revisão da

literatura. **Revista da SBPH**, v. 21(1), p, 132-153, 2018.

Disponível em:

http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1516-08582018000100008&lng=pt&tlng=pt.

WARE, B. **Antes de Partir**: Uma vida transformada pelo convívio com pessoas diante da morte. Tradução de C. Lopes. São Paulo: Geração Editorial, 2012. (Originalmente publicado em 2009).

WRZESINSKI, A.; BENINCÁ, C. S.; ZANETTINI, A. Projeto UTI Visitas: ideias e percepções de familiares sobre a visita ampliada. **Revista da SBPH**, v. 22(2), p. 90-108, 2019.

Disponível em:

http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1516-08582019000300006&lng=en&tlng=pt

ZANDIFAR, A.; BADRFAM, R. Iranian mental health during the COVID-19 epidemic. **Asian Journal of Psychiatry**, 51, 101990. 2020. Disponível em:

<http://dx.doi.org/10.1016/j.ajp.2020.101990>.

Seção II

COMPARTILHANDO EXPERIÊNCIAS POÉTICO-EXPRESSIVAS EM TEMPOS DE COVID-19

Imagem 19



Fonte: Leandro Machado dos Santos

10

2020, o ano em que reinventamos o contato

Lilian Ney

São as águas de março fechando o verão
É a promessa de vida no teu coração
Tom Jobim

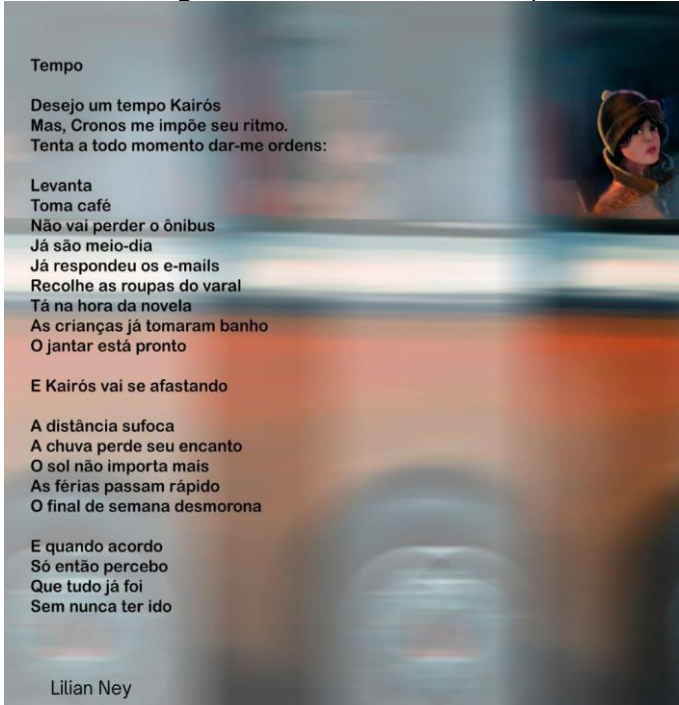
Do que é feito o tempo? Seriam aquelas pedrinhas minúsculas que entram nos sapatos quando caminhamos pela areia pedregosa? Ou quem sabe a água que escorre entre os dedos quando tentamos aprisioná-la nas mãos em concha? E se fosse um poema que nunca foi escrito? Ou quiçá uma estrela cadente que risca o céu deixando um rastro de pedidos por onde passa?

Ah! tempo tempo tempo, por que me consumes tão depressa? Por que não me deixas sonhar com um lugar onde eu possa nadar sobre pétalas de flores? Por que essa pressa toda? O que há lá no final que urge tanto teus passos? Tempo, tempo, tempo me deixa escrever meu destino!

Há algum tempo, escrevi esse poema sobre o tempo, sobre a urgência de querer um tempo Kairós, um tempo de viver saudades, de pensar lembranças, de caminhar desavisada por caminhos lodosos, de me deixar afundar na terra úmida, de sentir os cheiros da despedida,

de encharcar-me Eros, de desejos, de incompletudes, de olhares atentos, de vontade de escuta, de sensibilidades, de surpresas.

Imagem 20 – Poema sobre o tempo



Fonte: Lilian Ney

Escrevo porque sofro de transbordamentos. Escrevo para não me afogar no tempo que me consome. A imaginação é uma companheira sagaz. Provoca-me. Desacomoda. Transforma. Conversa comigo desde dentro dos meus transbordamentos. Escrevo para me contar e contar do Outro e contando do Outro me (re)conto e me (re)encontro. Escrevo para deixar gravado meus idos antes que se dissolvam e sejam esquecidos.

Escrevo sobre quase tudo. Muito mais em minha

mente do que no papel ou na tela do computador. As coisas que me afogam são as mais urgentes, é preciso nadar rápido para chegar em terra firme.

Escrevo sobre quase tudo. E de muitas formas. As poesias nascem como flores em meio às tempestades que se formam no fundo de uma taça de vinho. Lá no redemoinho do líquido rubro a deslizar pela garganta preenchendo as minhas solidões. Escrevo poemas porque sofro de transbordamentos e não sei o que fazer com todo o caos que eles provocam. Escrevo... Algumas vezes me curo como um beijo da mãe no joelho machucado pelo tombo da bicicleta. Outras, a ferida se abre e sangra, expondo o coração a palpitar quase fora do peito.

Escrevo sobre quase tudo. Meus gritos de insurgência enchem a página, clamo pela irmã assassinada em sua casa, choro pela mulher morta por exigir seus direitos, suplico que as dores não sejam eternas, rezo sempre para que a violência cesse em todos os lares, ergo a voz para falar das nossas vontades, chamo minhas irmãs e companheiras para seguirmos juntas atravessando o tempo, curando nossas feridas, que elas sejam apenas um joelho esfolado pelo tombo da bicicleta.

Escrevo memórias, lembranças, desejos, sonhos, vontades, reais e inventadas. Escrevo da pandemia, pande-mi-a, soletro a palavra, a palavra torna-se verbo e o verbo escapa entre os dedos e se derrama no papel escrevendo-se...

... o dia em que a terra parou

2020. É segunda-feira, 16 de março e estamos reunidos na secretaria da Pró-Reitoria de Graduação da FURG. Ainda é de manhã e a vontade de abraçar é

grande. Olhamo-nos um tanto atônitos, ninguém sabe exatamente como se comportar. Ninguém está usando máscara ainda, mas isso vai durar pouco tempo.

Um dia estávamos na Avenida pulando carnaval e um virar de horas nos impõe o tal “distanciamento social”. Um novo normal se estabelecendo e do qual não temos escolha, somos obrigados a vivê-lo, como um pacto do qual não se pode escapar.

Falávamos todas e todos ao mesmo tempo. Um dia intenso carregado de medos, inseguranças, ansiedades. Conversamos durante aquele que foi o mais longo dia da nossa jornada de trabalho e nos despedimos em passos lentos em direção à porta, dessa vez, só de saída. Não voltaríamos até que nos fosse dado o sinal, eu ainda olho pro céu, todas as noites esperando pelo resgate, olho e procuro o grande símbolo estampado sob a luz do holofote, indicando a volta, o abraço, os olhares, o aperto de mão.

Olho a minha sala, a minha cadeira, o computador que eu uso, as janelas, os móveis, cada lembrança estampada nas paredes que me fizeram companhia por tanto tempo e, de repente, tudo vira de ponta cabeça, e o que era normal, não é mais. Muito em breve vão falar de “um novo normal”.

Saio, sem olhar para trás, como alguém que caminha rápido para tentar escapar da saudade. Já é tarde demais, a saudade me acompanha, sentada no banco do carona até em casa. Não choro. E não sei direito o que sinto. Não sei, ainda hoje, o que senti naquele dia. Dilui-se nas horas intermináveis dos meses do ano de 2020.

O dia seguinte foi, talvez, o mais estranho, não eram férias, nem final de semana, mas eu estava em casa, às oito horas da manhã tomando café e pensando – e agora?

Liguei o computador, acessei o sistema da FURG, li e respondi os E-mails, trabalhei em algumas coisas pendentes, levantei várias vezes indo até a frente da casa, como se estivesse à procura de algo que eu não sabia o que era e nem sabia se estava lá. Angústia! Essa é a palavra que melhor define esses primeiros dias. Depois, outras palavras se somaram a essa, mas nunca a que eu achava – quanta ingenuidade – que me daria tranquilidade, – normalidade.

Talvez, esperasse o sinal estampado no céu. Mas essa esperança é escassa como a sombra projetada sob nossos pés ao meio-dia e a cada novo sol que se ergue por detrás do muro que divide a minha casa e a liberdade parece cada dia mais distante.

Normalidade. Segundo o Dicionário Online de Português é a “qualidade do que é normal, segundo as normas ou regras estabelecidas”. Seria isso, o “novo normal”, usar máscara, não sair de casa, confinamento, distanciamento físico, lavar as compras, lavar as mãos, passar álcool em gel e assistir estarrecidas e estarrecidos aos jornais noticiando centenas de mortes?

As águas de março (que afinal nem vieram) não encerraram só o verão. Encerraram vidas. Encerraram os dias e as horas, em uma hora outra, sem os limites de um cartão ponto. Fiz algumas promessas. Ilusão. Era preciso acreditar em alguma coisa para além do mar de mortes que assolava o planeta. Das promessas que fiz, manter-me viva foi uma das poucas que consegui cumprir.

Promessas. Outros dias foram chegando, e algumas das promessas que fiz na primeira noite de quarentena não se cumpriram. A primeira foi a de levantar, tomar banho, vestir uma roupa de trabalhar, tomar café e... não dava para entrar no carro e dirigir, mas caminhar até o computador e começar a jornada de mais um dia de trabalho.

Os moletons e as roupas confortáveis ganharam status de trabalho. Quando precisava ligar a câmera para alguma reunião, foram muitas, o socorro vinha em forma de lenços e echarpes colocados sobre os ombros. Os pés ganharam o conforto das pantufas nos dias frios e os chinelos de dedo nos dias quentes.

Tentei pensar em um lado positivo da pandemia (descobri alguns, não necessariamente positivos, mas que me fizeram olhar com mais atenção para mim e para as pessoas que vivem e convivem comigo). Pensei em como poderia dedicar mais tempo para o Doutorado e a escrita dos artigos.

Doutorado. Em 2019, dezembro, eu e mais três colegas embarcávamos em um carro transportando malas e transbordando esperanças (esperança do verbo esperar, de que fala nosso querido Paulo Freire), rumo à Argentina, mais precisamente Mar del Plata. Voltar aos estudos, às pesquisas, aos sonhos que, por um tempo, ficaram suspensos.

Encontrei-me nessa proposta de formação doutoral centrada na investigação narrativa e (auto)biográfica da educação pertencente ao Programa Específico em Investigación Narrativa y (Auto)biográfica en Educación, da Facultad de Artes y Humanidades da Universidade Nacional de Rosário-UNR.

A querida amiga e professora Aline Dorneles, minha orientadora nesse projeto lindo que estamos costurando, foi e está sendo uma companheira e tanto. Para além dos nossos encontros, mais específicos, nos quais discutimos sobre os caminhos que estamos trilhando, há também o incentivo de escrita para revistas e eventos na área da educação e nas pesquisas narrativas como forma de contar-se e de contar o outro.

Desde 2020, tenho participado do Projeto Redes de Investigación Narrativa (Auto) Biográfica no trabalho

docente: experiências da educação na América Latina, sob coordenação da Aline, que entrelaça, até o momento, redes de investigação e formação docente do Brasil e da Argentina, com a participação da Universidade Federal do Rio Grande (FURG), Universidade Federal do Estado Rio de Janeiro (UNIRIO), Instituto Nacional de Educação de Surdos (INES), Faculdade de Filosofia e Letras da Universidade de Buenos Aires, Universidade Nacional de Mar del Plata, Universidade Nacional de Rosário, buscando fortalecer os laços de cooperação internacional acadêmica e científica entre essas instituições públicas.

Outra experiência narrativa, muito importante e contributiva para minha investigação, é a participação no grupo Tramas Narrativas, também coordenado pela professora Aline. É um espaço para compartilharmos outros pensares em Educação, através de Redes de estudo e pesquisa fundamentados nos aportes teóricos e metodológicos da pesquisa narrativa como um modo de pensamento, como forma de organizarmos nossos conhecimentos, saberes, reflexões, descobertas, sobre e com as experiências em educação.

Nessa investigação, outras possibilidades se abriram e apontaram um outro olhar sobre a experiência, com a ação formativa, com os modos de pensar sentir¹ as minhas vivências. Como pensar, articular, transcrever a pesquisa na área das humanidades, permitindo-me uma escrita criativa e autônoma? Uma escrita humanizada e sensível que desse conta do meu modo de ver e de sentir o mundo, não o mundo isolado, mas de me perceber na perspectiva dos povos das florestas, dos povos

¹ Inspirada em pesquisadoras/es vinculadas/os ao campo dos estudos com os cotidianos, assumo a união de termos considerados dicotômicos pela ciência moderna, considerando a indissociabilidade entre eles, desde a perspectiva da epistemologia da complexidade.

originários, de que não somos uma coisa e a natureza outra, mas que somos constelação, somos a natureza, os rios, as montanhas, as estrelas, do mais minúsculo ser até a grandiosidade do céu e dos mares.

(Re)aprender a pensar sem amarras, sem uma boia salva-vidas, sem julgamentos, desnudando a palavra, o sentido, e, principalmente, a mim mesma. O que isso implica?

O pensamento freireano, “estar sendo”, “ser no mundo”, rege com certeza à minha intenção de escrita, na tentativa de compreender o papel da mulher na sociedade. Trazer para o bojo das discussões os saberes fazeres das mulheres trabalhadoras em educação não docentes da Universidade, possibilitando narrativas do “eu” que contam dos nossos problemas, sejam do trabalho ou da vida privada, da pandemia, dos rumos da política, dos lugares de invisibilidades, dos silenciamentos, dos transbordamentos.

Passou março, depois abril, e maio já ia pelo meio quando percebi que não tinha lido quase nada e escrito menos ainda. O que aconteceu com todo aquele tempo que eu julgava ter? O tempo corria como se tivesse pressa, já não era mais um tempo-relógio, mas outro, que eu não compreendia e não sabia acompanhar.

Fui aprendendo, aos poucos, a conciliar a hora-trabalho com os afazeres domésticos, aprendi a fazer pão, a comprar online, maratonar séries, rever filme antigo, bater papo sem compromisso no WhatsApp, rolar os feed de notícias no Facebook e Instagram e uma infinidade de outras coisas que eu nem percebia no meu cotidiano.

Composição de sentidos. Venho compondo minhas narrativas, escrevendo aquilo que me é significativo, o que me toca, o olho no olho, o abraço, a escuta atenta, a vontade de estar juntas, viver como vivemos a infância, não como uma etapa de vida a ser cumprida, mas como

um caminhar constante, como potência, alegrias, desejos, vontades, querer, desafios e descobertas.

Eu deveria ter escrito um diário, pois acreditar na memória, – essa traçoeira que gosta de pregar peças, como em um jogo de palavras ou um jogo de dados em que podemos ser sugados para dentro desse jogo e só sair de lá muitos anos depois – nem sempre vai representar o que se passou ou como se passou. Eu nem imaginava que iria precisar dessas lembranças e tinha certeza de que não eram tão importantes.

Hoje, mais de um ano vivendo em uma prisão sem grades, tentando voltar àquele outro tempo, como se ele fosse o único possível, percebo que muitas coisas se perderam envoltas nas névoas do esquecimento. Não sei se do esquecimento ou das coisas significativas. Talvez, eu tenha dado atenção para outras coisas do cotidiano, as coisas desimportantes de que fala Manoel de Barros, o olhar atento e amoroso com o qual fui aprendendo outras possibilidades.

Mas, espera, não me entendam mal. Eu falei ali em cima sobre a memória ser uma traçoeira. Não é no sentido só do dicionário, claro que, muitas vezes, tudo fica meio nublado, como aquela cerração que se levanta logo pela manhã e precisamos ir tateando o caminho pelo qual já passamos tantas vezes, como se fosse a primeira vez. Eu acho isso bom, porque eu posso ir ressignificando as realidades inventadas ou vividas.

Foram muitas essas (re)invenções. Promessas. Desejos. O corpo pedindo um pouco mais de calma. A mente desejando mais paz. Os olhos fingindo não ver todo o mal. A voz embargada ouvindo o noticiário nacional. A vida passando depressa. E a gente se distanciando das pessoas que partiram cedo demais. Aí, foi preciso esse (re)inventar-se que foi deixando marcas. Marcas de um tempo mais inventivo.

Uma das marcas importantes foram os Saraus. Antes da pandemia fazíamos alguns saraus por ano. Faço parte de um coletivo de escrita, mais especificamente de poesia – Poetas Papareias², e uma de nossas prioridades são os saraus. Foi preciso nos reinventarmos. Não era mais possível viver poesia presencialmente. A internet foi nossa plataforma, o Facebook, foi o mais eficaz, mas estamos estudando outras formas mais interativas.

Na última segunda-feira de cada mês, propomos um tema diferente para envolver todas e todos participantes, fossem com poesias autorais ou lendo poetas que mais lhe significavam. Os saraus ganharam corpo e, a cada nova edição, mais pessoas se juntavam a nós. O sarau ganhava nova roupagem e nós um novo olhar sobre o fazer poético.

Outro coletivo de escrita, Escritores de Quinta³, também foi afetado pela pandemia. Na semana anterior à quarentena (ainda sem saber que estaríamos sujeitos a ela), retomamos as narrativas que iriam nos acompanhar durante o ano. Os encontros são essenciais para esse processo, mas fomos tão atravessados pelo contexto que não seguimos adiante. E, durante alguns meses, a prosa ficou ali, suspensa no tempo.

Essas escapadas da realidade me permitiram sobreviver em meio ao caos. Funcionaram como uma epifania. A narrativa era meu bote salva-vidas num oceano profundo e tempestuoso. Era preciso deixar emergir de meu próprio corpo essas sensações que me

² “Papareias” faz referência ao apelido (Papareia), que os moradores de Rio Grande receberam, após a chegada dos primeiros habitantes europeus, devido ao terreno arenoso e aos constantes ventos. Apelido que grande parte da população rio-grandina carrega com grande orgulho.

³ O coletivo ganhou esse nome porque as reuniões eram feitas às quintas-feiras.

invadiam. As reuniões, os saraus, os telefonemas, as curtidas no Facebook, as lives foram a maneira que encontrei de estar junto das pessoas que amo, que me trazem conforto e que me são muito caras.

Esses encontros são janelas que se abrem diante dos meus olhos e a natureza que me invade, se tatua na alma, chega como um cheiro de infância, uma cantiga de ninar, um colo de mãe, um primeiro beijo, o pôr-do-sol na praia nos últimos dias de verão, como uma egrégora tingida de toda essa vibração amorosa.

Paralelo a essas janelas tão encantadoras, também reaprendi a conversa, a escuta, o fazer pedagógico dentro da Diretoria Pedagógica – DIPED, na Pró-Reitoria de Graduação – PROGRAD, da nossa FURG.

No momento da escrita dessa narrativa, atuo como Coordenadora Pedagógica e as responsabilidades, agora, não recaem só sobre o meu trabalho, mas como trabalhar em equipe numa perspectiva da horizontalidade, da ética, da estética, da política, sem deixar de lado toda a poeticidade que o nosso trabalho possibilita.

Assim, como nos saraus e outros encontros culturais, também reaprendi a partilha através das janelas do computador. As reuniões para discutir sobre os processos de Monitoria, dos Espaços de Aprendizagem Colaborativa, das Tutorias para Coordenação de Curso, dos Projetos de Ensino, o Programa de Educação Tutorial e mais outras demandas sob nossa responsabilidade foram se resignificando, adaptando-se a esse novo “normal” de aproximar a distância.

Foi preciso essa parada forçada para que eu pudesse prestar atenção em mim. Para me reencontrar. Para que eu me olhasse de novo, mais atenta. Desse olhar surge a narrativa, porque preciso dizer aquilo que me habita. Falar do indizível. Narrar para ser lida. Porque

preciso ser lida. Materializo toda minha essência, meus medos, minhas alegrias, minhas saudades, meus sonhos. Escrevo para falar-me, recriar-me, procurando nas representações gráficas que imprimo no papel esse eu inquieto que não se contenta com o ente, mas que busca sempre o Ser.

Eu não estava preparada para a pandemia, assim como não se está preparado para o amor, nem para se ter filhos (por mais que se faça cursos, nada nos prepara para todas as situações que vamos viver), nem para a morte, nem para o casamento ou o não casamento, para as amizades e a dissolução delas, para um dia de chuva ou uma tarde na praia, para aquele filme que esperamos ansiosos pela estreia e saímos de lá decepcionados, para ouvir de novo aquela música que marcou nossa adolescência e o primeiro beijo... nada nos prepara para a vida e, mesmo assim, Viver é uma grande aventura...

... de volta à narrativa

Retorno à minha narrativa, para me ler, percebo outros eus inscritos nessa escrita, quase intuitiva, digo quase intuitiva, porque foi sendo conduzida muito mais pela emoção do que pela razão.

Releio meu texto inúmeras vezes, desde o momento em que o estou escrevendo e recordando cada fato, cada simulacro de memória, imperceptíveis umas, vívidas outras. Recorro a Poulet, que diz: “Graças à memória, o tempo não está perdido, e se não está perdido, também o espaço não está” (POULET, 1992, p. 54-5). Mas, se esse espaço muda, sai do seu curso normal, normal antes da pandemia, em um tempo-espaço em que era permitido abraçar, e sair para dançar, e tomar um chope depois do expediente, e viajar, e... e como viver nesse tempo que “não se deixa, ver, tocar, ouvir,

saborear, nem respirar como um odor” (ELIAS, 1998, p. 7) e que ainda assim é uma vivência concreta e sempre tão presente?

Escrevemos para pensar (MARQUES, 2006) em constante diálogo com o outro e, ao escrever, vou me contando, no caminhar da escrita, no próprio ato da escrita e voltar ao texto, às tantas releituras que vou fazendo, vou também (re)construindo novos saberes, no sentido de desmontagem desses saberes, e de novas significações para os saberes (re)construídos, narrando-me constantemente...

... eu narradora de mim

Narro minha própria história, não através da história em si, do tempo linear, do tempo relógio, dos dias que se sucedem, mas a partir dos acontecimentos mais importantes e significativos, pois cada pessoa dota de significados o mundo que nos rodeia e desses acontecimentos fui selecionando cuidadosamente aqueles que mais marcaram esse espaço-tempo.

Narrar é buscar na memória esses acontecimentos que se constituem em diferentes dimensões. Inscrevem-se aí, em um tempo-espaço, uma “evocação do passado. É a capacidade humana de reter e guardar o tempo que se foi, salvando-o da perda total” (CHAUÍ, 2000, p. 125).

Recordo um poema que escrevi, um ano antes da pandemia, nem pensávamos em algo tão assustador. Um poema de fevereiro de 2019. Um poema de resistência. Da palavra pensada. Da palavra que não pode ser calada.

*trago no peito
a dor das distâncias
que o tempo
não pode aplacar*

*carrego nas mãos
a infinitude do adeus
escorrendo entre os dedos
molhando o caminho*

*olho a mulher
tentando atravessar o caminho
tateando na densa poeira
a procura de si*

*resisto
insisto
conquisto
meu próprio porvir*

Ao (re)ler meu poema, sinto como se o poema me lesse, assim como a minha narrativa me lê e me diz de mim e descortina sentimentos, saberes, fazeres. E esse tempo-espaco também é meu refúgio, uma paisagem a qual posso voltar sempre que sentir o desmoronar do tempo, tempo acelerado e conduzido por esse tempo Chronos que tenta a todo momento sufocar nosso tempo Kairós. Vou em busca do meu porvir. Do meu tempo.

Quando lemos algo especial como esse poema que se volatiliza em nossa memória ou o retorno ao meu texto, extraio dele e dos seus contextos a ideia que me cativou e que me persegue, compondo meu imaginário desde aquele instante fugaz que me puxou para dentro até que se transforme em algo diferente...

... escrevo para arquivar-me

Voltar à minha narrativa é como escrever uma carta para mim mesma, sou remetente e destinatária do meu próprio gesto de escrita. Nesse gesto de me (d)escrever,

me leio enquanto escrevo e retorno esse olhar sobre mim mesma ao reler minha história. Dessa forma, mostro-me a mim mesma, um cara a cara, como se estivesse em frente ao espelho, não um espelho comum, mas aqueles espelhos dos parques de diversão que nos modificam, mostrando quantos de nós existem e é nesse olhar que me ressignifico.

Assim, “a razão narrativa desemboca no saber contar um fato real ou imaginário, despertando no ouvinte o desejo de significar experiências vividas, que não retornam mais” (GROSSI e FERREIRA, 2001, p. 30).

Como escritora, tenho alguns medos e inseguranças e, às vezes, paraliso diante da folha em branco ou do cursor piscando e me olhando impaciente. Começar é só o começo, dizem no senso começo, ou outros que, achando que tudo sabem, repetem que é só começar com uma letra maiúscula e terminar com um ponto final. Discordo desses pensares.

Assim como Clarice Lispector, também compartilho da ideia de que uma história não começa com uma letra maiúscula e termina com ponto final. Trago nas minhas escritas tantos ecos, presenças, vivências, vozes... que compõem minhas falas e ações que ressignifico nessas escritas – escrevivências...

... voltando ao começo

Pensar no eu-narradora-escritora-leitora, contando os acontecimentos, não como um ser independente, mas que sente e sabe das emoções provocadas por aquilo que narra. Nessa narrativa autobiográfica, eu me conto, desde um outro tempo, um distanciamento temporal e geográfico, em que estão implicadas a escolha das palavras, dos momentos mais significativos, dos sentimentos que precisam ser repensados, e esse contar,

dá-se na voz de uma narradora que é, ao mesmo tempo, autora e leitora de si mesma.

Quem fala a mim mesma, leitora da minha própria história? De que lugar essa narradora fala? Qual a sua posição em relação à história que conta? Entre os muitos tipos de narradores elencados pelos estudos narrativos, pensar como narradora dessa história me permite mais uma vez olhar a mim mesma distanciada tanto pelo tempo-geográfico, como pelo tempo-narrativa, sem a intenção de (re)produzir uma verdade, a realidade como aconteceu, mas me fazer ouvir, em uma tripla abordagem: autor, narrador, personagem.

Assim, leitora, narradora e autora, trazemos a marca da historicidade, viajantes no/do tempo. Não há como fugir da temporalidade. Viajar no tempo, fora da ficção dos filmes e livros, só é possível pela/na memória. E só o conseguimos até a presente data, até o momento exato em que estamos viajando, indo e voltando, o olhar escrutinando o vivido, reinterpretando-o, sem modificá-lo, mas sempre nos ressignificando.

Esta é mais uma das minhas experiências de autora-narradora-leitora em diálogo comigo mesma e com o outro. Um ressignificar constante, um sempre caminhar entre linhas, pontos e espaços em branco. Uma escrita-leitura que ganha fôlego a cada nova virada de página, a cada volta ao começo, não o começo inscrito no papel, mas um começo que é sempre recomeço ou dito de outra forma, desde antes até agora, um agora-ontem, um agora que não cessa, que é contínuo e no qual sempre outros agoras vão se somando...

... escrevo

Escrevo sobre quase tudo. Quase tudo me atinge o peito. Quase tudo é vida que pulsa em meu peito. Quase

tudo é muito pouco para escrever. Quase tudo é muito pouco para se viver.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARROS, Manoel. **Poesia Completa**. São Paulo: Leya, 2011.

CHAUÍ, Marilena. **Convite à Filosofia**. São Paulo: Ática, 2000.

CONCEIÇÃO EVARISTO – “A escrevivência serve também para as pessoas pensarem”. Disponível em:

<https://www.itausocial.org.br/noticias/conceicao-evaristo-a-escrevivencia-serve-tambem-para-as-pessoas-pensarem/>

Dicionário Online de Português. Disponível em:

<https://www.dicio.com.br/normalidade/>

ELIAS, Nobert. **Sobre o Tempo**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Esperança: um reencontro com a Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

GROSSI, Yonne; FERREIRA, Amauri. **Razão narrativa: significado e memória**. História Oral (4). São Paulo: ABHO, 2001.

LISPECTOR, Clarice. **Uma Aprendizagem Ou O Livro dos Prazeres**. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.

MARQUES, Mario Osorio. **Escrever é preciso: o princípio da pesquisa** / Mario Osorio Marques. -5. ed. rev. - Ijuí: Ed. Unijuí, 2006.

POULET, G. **O Espaço Proustiano**. Rio de Janeiro: Imago, 1992.

Imagem 21



Fonte: Leandro Machado dos Santos

11

Portas e janelas, música, trabalho e fotografia: narrativas de um professor em pandemia

Alan Goularte Knuth

“Nesse corredor
Portas ao redor
Querem escolher, olha só
Uma porta só
Uma porta certa
Uma porta só
Tentam decidir a melhor
Qual é a melhor
Não importa qual
Não é tudo igual
Mas todas dão em algum lugar
E não tem que ser uma única
Todas servem pra sair ou para entrar
É melhor abrir para ventilar
Esse corredor”
Portas – Marisa Monte

O presente registro de experiência foi sedimentado a partir da chamada deste livro em sua generosa abertura às expressividades e ao reconhecimento às afetações da emergência pandêmica, sem ignorar a centralidade que o trabalho passou a desempenhar em nossas vidas. Ah! O trabalho, essa categoria essencial para o sustento, para a

cidadania, para a vida, origem de análises diversas, das sociológicas às econômicas. Neste capítulo, um professor de uma universidade pública federal apresenta narrativas pandêmicas, recorrendo a recursos musicais e imagéticos, os quais foram permeados, cercados, atravessados pelo trabalho docente na condição de distanciamento social imposto pela pandemia entre 2020 e 2021.

Durante a pandemia, pudemos observar a súbita transferência de atividades de ensino, pesquisa, extensão e gestão da graduação e pós-graduação nas universidades para o universo remoto. Daria para imaginar uma disciplina de pós-graduação denominada “*Debates em Saúde Coletiva*” transferida para uma plataforma com 30 pessoas conectadas e sem qualquer vestígio de presencialidade? Ou outra chamada de “*Corporeidade III*” ofertada remotamente para estudantes que nunca haviam se encontrado com o docente em questão? Orientações de trabalhos de pesquisa, bancas, revisões, eventos, processos seletivos, mesas redondas, mesas quadradas, “tudo enquadrado, remoto controle”. Tudo em tela. Todas as câmeras desligadas, conexão. Sabe-se do poderio econômico que cerca as experiências de ensino a distância, anterior à pandemia, mas ele não alcança a força dos encontros, dos diálogos e desencontros promovidos pela presencialidade no trabalho com interface na educação e na saúde. É para lá que voltaremos, assim que possível. Não se trata de reificar o trabalho, mas ele passa por tudo o que se viveu e ainda mais durante a pandemia de COVID-19.

E, diante de toda essa ruptura com o que tínhamos, ainda assim, perceber que estávamos ali protegidos, podendo seguir trabalhando, recebendo os salários, desviando do vírus, podendo se vacinar com certa prioridade. Notar que a vida de todos os brasileiros foi

duramente afetada, mas que há algumas vidas deixadas para trás, há existências relegadas, ignoradas, invisibilizadas. Reclamemos das telas e do trabalho remoto, mas enxerguemos que a ampla maioria não conta com trabalho algum, persiste com insegurança alimentar, sobrevive com ajuda alheia à espera de disputas políticas levianas, mesquinhas, até o estabelecimento de um auxílio emergencial de baixo valor ou a disponibilidade de vacinas a toda a população, após muitíssima pressão popular, midiática, política. “Le da igual” já cantou o grupo Cultura Profética, clamando por um basta em tanta politicagem nefasta (“*La realidad del caso es que no hay salida de este laberinto de la economia*”). Ser brasileiro, desgovernado por um governo autoritário, negacionista e corrupto fez a pandemia demorar, em ondas e ondas, além do que esse povo merecia. Houve um ataque explícito à ciência, à saúde pública, à assistência social e à cultura. Daí, portanto, não restou mais nada.

No particular, a COVID-19 interrompeu a primeira semana de aulas na Universidade Federal do Rio Grande (FURG) em março de 2020, reconfigurou todas as existências, incluindo aquelas vinculadas com a saúde coletiva e nos acompanha até agora, um ano e oito meses depois. A própria pandemia é um evento de saúde coletiva, sentida em todas as suas nuances e a partir de qualquer referencial teórico.

Aqui, portanto, da experimentação como professor remoto, da invasão do trabalho à sala de casa, das fotografias pela janela em tempo de distanciamento, dos links, câmeras e microfones, do desejo de sobrevivência, da lamentação pelas perdas, da repulsa pelo negacionismo como estratégia política até o reconhecimento do Sistema Único de Saúde (SUS) como um marco de proteção aos brasileiros e o advento da vacina como estratégia para retomadas... Daqui para lá,

de lá para cá, o Brasil sofreu muito. Todos que se importaram sofreram. Seria preciso ser absolutamente alheio, desumano, para não perceber a COVID-19, é inimaginável que exista quem não tenha sido tocado, mesmo que minimamente, mesmo que superficialmente ou de maneira passageira. O *rapper* Criolo perdeu sua irmã Cleane para a COVID-19. O presidente da república vociferava absurdos como “é uma gripezinha”, “quer que eu faça o que, não sou coveiro”, imitava uma pessoa com falta de ar às gargalhadas. Induzia pessoas a não usarem máscaras e mentia sobre a eficácia das vacinas. Criolo revidou com “*Teu representante alimenta com feno*” na canção que foi batizada com o nome da irmã. Ainda cantou:

Pilaco da morte, você é pequeno

...

Um tiro na cara, um tiro na nuca

Um tiro no amor, outro na cultura

Cleane – Criolo & Tropkillaz

Como professor e morador de um pequeno apartamento no quarto andar, enquanto ressignificava o trabalho e a atuação na Saúde Coletiva, o amparo da música e da fotografia como pilares de existência e sentido para a vida pandêmica foram o contraponto para as portas e janelas que se fecharam – as portas dos cinemas, dos estabelecimentos comerciais, das universidades, das igrejas, das academias de ginástica, dos bares. Uma parte desses registros imagéticos foram publicizados em mídias sociais e o restante foi revisitado no álbum de fotos e legendas pandêmicas para a composição deste capítulo.

No contexto pandêmico, da escrita, do trabalho, da música, da fotografia, dos afetos, de portas e janelas é que

se estabelece a presente narrativa com visita às memórias e avivando as esperanças para o que está por vir.

Abre a janela!
Abre a janela da favela
Você vai ver a beleza que tem por dentro dela
Abre a janela moço!
Abre a janela – Ponto de Equilíbrio

Imagem 22



Foto: arquivo pessoal. Alan Knuth

Legenda: Distanciamento social, março de 2020 (oitavo dia). Do que não sinto saudade? Daqueles encontros indesejados. Do pedágio. Do chato corneteiro na arquibancada. De bafo alheio. Do sertanejo universitário na balada. Da conversa sem graça no corredor ou elevador. Nenhuma saudade das reuniões. Não sinto saudade de aluno que não cumpre obrigações básicas. De mentiras mentirosas. De quando falta assunto. De ogro urrando na academia. Da resposta burocrática. Não sinto saudade de fila. Do “vamos falando” ou “não vai casar?”. De velório. Do papo fascista na esquina. De racista. De levar gol aos 40 do 2º tempo. Não sinto saudade de papo de crente. Daquele beijo desencaixado. De visitar o Cristo. De lugares abarrotados. De abastecer o carro. Da chuvarada em plena estrada. De dias nublados na praia. De falhar. De não ter dado aquela resposta afiada. De ter enviado aquele direct. Do resto todo sinto saudade

Imagem 23

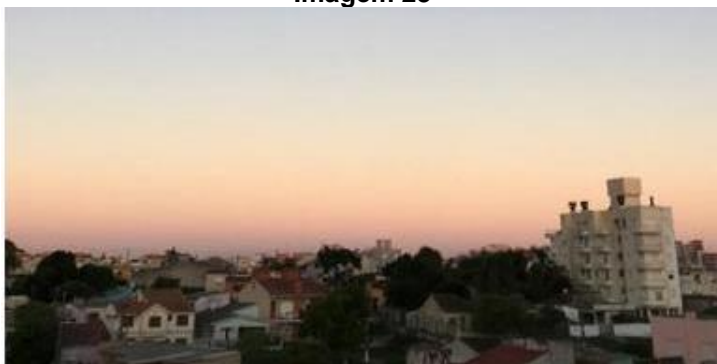


Foto: arquivo pessoal. Alan Knuth

Legenda: Distanciamento social, da janela, maio de 2020 (dia 70 por aí). Antônio Abujamra encerrava o programa de entrevistas “Provocações” com a pergunta “o que é a vida?”. É incrível como nenhum respondente se safa bem. Tenho o implicante costume de me colocar essa questão, derivando para outras como “qual o sentido da (minha) existência?”. Felizes os que não se colocam em situação tão lamuriosa. Pensar dói, já li por aí. Enquanto estamos distanciados, ceifados, limitados, sentimos falta de muitas ações que invadiam nossa rotina. De certo, elas são tramadas na subjetividade, pois o que sinto falta é diferente do que fará falta a outra pessoa. Viajar, trabalhar, torcer, abraçar, beber, brincar, comer, cantar, caminhar com e sem parceria. Sim, a vida encontra figura entusiasta nessas

ações e perante o acontecimento do vírus e do verme, somos atingidos por angústias, medos, raiva, indignação, inconformismo. Tudo depende de como somos afetados e parece que a potência da vida está nas coisas que identificamos como simples. Do afeto e da simplicidade parecem emergir as melhores experiências da vida. Não que ela seja isso, não que seu sentido se resuma a tal. Dotados de desejos e cercados de tantas ambivalências, há o que virá e a concretude de tudo mudar.

Imagem 24



Foto: arquivo pessoal. Alan Knuth

Legenda: Certas formas de existência apenas seguem (aqui me refiro à Ramilonga, a existência bela e fundamental de Ramil). Pouco importa o discurso negacionista, o distanciamento social, as desigualdades. Certas formas agem por impulso e instinto. Certas vezes me confundo entre os limites do humano e animal. Certas vezes, prefiro os últimos

Imagem 25



Foto: arquivo pessoal. Alan Knuth

Legenda: Além da janela, praia do Laranjal – aquilo que serve de amparo, de proteção. De março a dezembro de 2020 (a vida toda) também foi meu refúgio, asilo, resguardo, toca, esconderijo, fuga, guarida, porto, retiro.

Imagem 26



Foto: arquivo pessoal. Alan Knuth

Legenda: Grite poesia! Viva o SUS! Vacinas sim! Fique em casa, se puder! Vidas negras importam! Quem mandou matar Marielle? Não existe racismo reverso! Houve ditadura no Brasil! Tudo é político! Viva as universidades, viva a ciência, viva a cultura!

“Eu me vali deste discurso panfletário
Mas a minha burrice faz aniversário
Ao permitir que num país como o Brasil
Ainda se obrigue a votar por qualquer trocado
Por um par de sapatos, um saco de farinha
A nossa imensa massa de iletrados
Parabéns, coronéis, vocês venceram outra vez
O congresso continua a serviço de vocês”
Luís Inácio (300 picaretas) – Paralamas do Sucesso

Nas primeiras semanas de distanciamento social, ventilou-se a ideia de que poderíamos sair melhores dessa experiência. Não foi o que se viu em muitas direções. Por outro lado, desde janeiro de 2021, pudemos ver uma onda de pessoas postando a sua experiência com a vacinação nas mídias sociais.

Mas, Jorge Drexler nos dá um respiro na canção *Movimiento*:

“Somos una especie en viaje
No tenemos pertenencias, sino equipaje
Vamos con el polen en el viento
Estamos vivos porque estamos en movimiento”

E ainda:

“Nunca estamos quietos
Somos trashumantes, somos
Padres, hijos, nietos y bisnietos de inmigrantes
Es más mío lo que sueño que lo que toco”

Sigamos em movimento e sonhando!

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ADRIANA CALCANHOTO. **Esquadros**. Nova Iorque: Columbia, 1992.

MARISA MONTE. **Portas**. Rio de Janeiro: Sony Music, 2021.

CULTURA PROFÉTICA. **Le da igual**. San Juan: Sobrevolando Discos LLC, 2015.

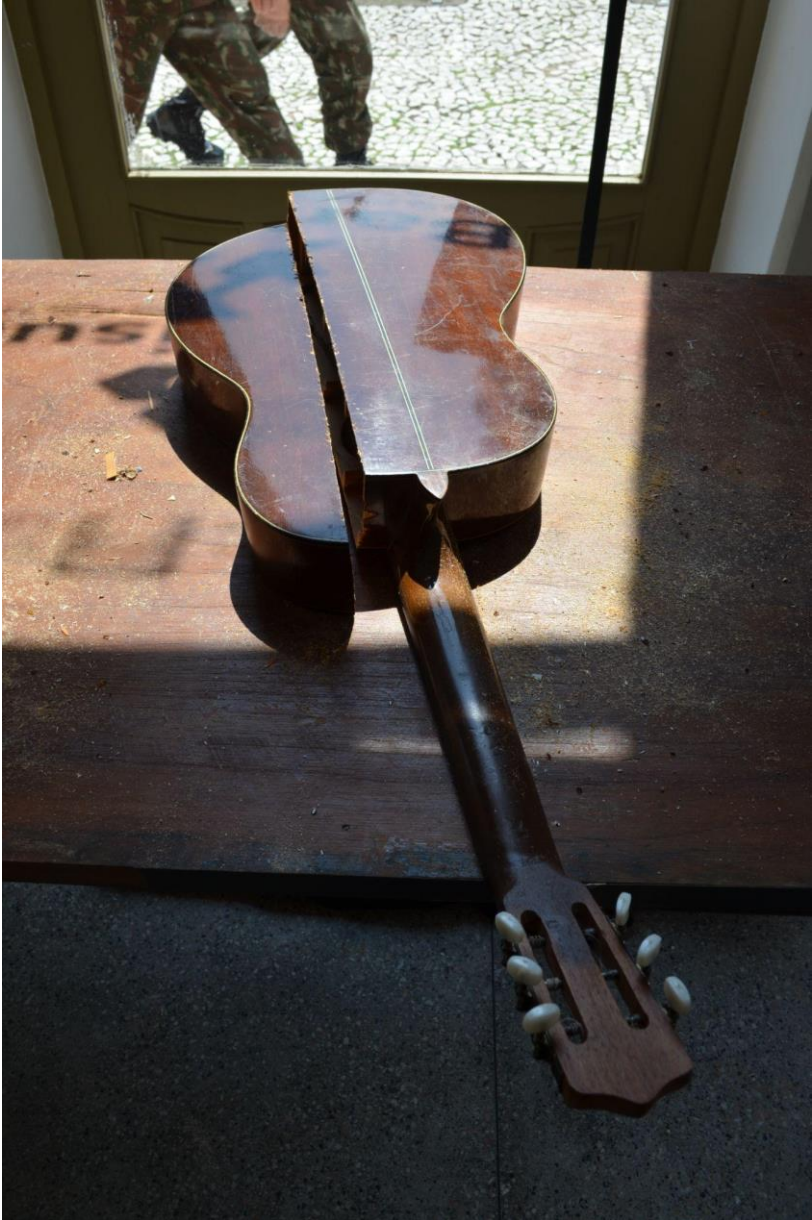
CRIOLO & TROPKILLAZ. **Cleane**. São Paulo: Oloko Records, 2021.

PONTO DE EQUILÍBRIO. **Abre a janela**. Rio de Janeiro: Sound System Brazil, 2018.

PARALAMAS DO SUCESSO. **Luís Inácio (300 picaretas)**. Rio de Janeiro: EMI Music Brasil Ltda, 1995.

JORGE DREXLER. **Movimiento**. Madrid: WM Spain, 2017.

Imagem 27



Fonte: Leandro Machado dos Santos

12

Cartas da formação docente em tempos pandêmicos

Aline Machado Dorneles

Primeiras palavras...

*Escrever é modo de deixar
que nossos silêncios também falem...
Marisa Vorraber Costa (2019)*

As cartas que apresento no presente texto é um convite para encontrar na e pela escrita narrativa modos de viver a docência em tempos outros, em que os silêncios das nossas vozes estão presentes nas paredes de nossas casas. Afastamo-nos da alegria de estar em sala de aula, de caminhar nos corredores de uma Escola, do reencontro e das trocas de sorrisos de viver o cotidiano escolar. Vivemos tempos cruéis e doloridos causados pela pandemia da Covid-19. E, atrelado a isso, nós docentes somos também cruelmente atacados pelos governos e pela sociedade que não reconhecem o papel social e humano da escola, que não preservam a vida quando decidem ao retorno de um ensino presencial.

É preciso deixar que os silêncios também falem, como nos convida Marisa Costa no prefácio do livro

Pesquisa, alteridade e experiência. A autora diz da necessidade de correr os riscos de inventar outras maneiras de não apenas olhar o presente, mas de tentar penetrá-lo cautelosamente, e, assim, dialogar com as singularidades, que, até hoje, são inviabilizadas. Ao escrever as cartas, apresentadas a seguir, encontro-me no presente, nos desafios emergidos diante da pandemia, de viver o imprevisível, o inesperado, e, como professora, buscar na e pela narrativa modos de reinventar o meu fazer e estar na profissão.

Tempos em que se busca administrar e conviver com o trabalho e com a própria vida dentro de casa. Com o desafio de encontrar estratégias para se fazer presente, e, assim, tentar resgatar o papel da escola presente e viva na vida de cada estudante. Mas, cabe questionar: quem cuida de nós professores e professoras? É preciso falar do bem-estar docente. Por isso, decido partilhar, na escrita de cartas, meus desejos, dilemas e sensibilidades silenciadas. As cartas trazidas são mediadas por perguntas e reflexões que me movem a pensar no bem-estar na docência.

Carta I – Chegamos até aqui...

Rio Grande 24 de setembro de 2020

Viver é um rasgar-se e remendar-se
Guimarães Rosa (1986)

Nos últimos meses, ou melhor, nos últimos 180 dias vividos dentro de casa, de março até o momento da escrita desta carta, posso afirmar que os dias são outros, o viver é outro, o pensar é outro... Rasgar-se e remendar-se nunca foi tão necessário, talvez seja por aí que costuro e remendo meus dias, e, assim, desejo nas palavras

trazidas nesta carta um apresentar-se de mim, mas não como algo pronto e acabado. Pois, como nos diz Guimarães Rosa no livro Grande Sertão: Veredas – [...] o mais importante e bonito, do mundo, é isto: que as pessoas não estão sempre iguais, ainda não foram terminadas – mas que elas vão sempre mudando. Afinam ou desafinam. Verdade maior. É o que a vida me ensinou [...]. No desafinar dos dias, com a insegurança frente ao invisível e cruel vírus que busco me transformar, e quiçá desejo cultivar a esperança frente à crueldade de um vírus e o descompromisso político e ético com a vida das pessoas.

Como professora, alimento meu compromisso com as pessoas, e, assim, almejo criar caminhos que favoreçam a transformação do Outro, afinal, não somos sempre iguais, ainda não fomos terminados. Nesta carta, alimento meu desejo de partilhar desafios, angústias e dilemas vividos ao ser professora dentro de casa, frente à tela do computador com as infinitas mensagens que chegam a todo momento.

Encontro, na escrita narrativa, uma maneira de expressar meus sentimentos e aprendizagens. O caminho da aprendizagem é longo, pois escrever com sentimento é algo que incomoda, e me desafia o tempo todo. Como professora de Química, fui levada na formação inicial a repetições de ideias, teorias, sem ao menos me questionar sobre minha experiência. Mas, esse caminhar me oportunizou fazer escolhas, e essas escolhas se tornaram inesquecíveis e fazem parte da minha história. Assim, decido, na formação continuada, fazer mestrado e doutorado como maneira de encontrar-me, e, assim, construir caminhos investigativos com o olhar atento ao estudo da experiência.

Ao escrever, encontro modos de viver a formação continuada a partir da própria experiência de escrever, e,

nesse processo de indagação, encontro sentido para as teorias estudadas. Meus escritos retratam minha experiência com a narrativa no meu fazer docente, e, neste ano pandêmico, não será diferente. Talvez a diferença esteja no que será narrado, no encontro com o inesperado que me leva a repensar, questionar e reinventar a minha sala de aula, o meu fazer docente. Até a próxima carta... Um abraço!

Carta II – Por isso escrevo...

Rio Grande, 20 de outubro de 2020.

Até poucos dias atrás mirava o calendário, alegrava-me com os feriados, com o desejo de ter mais tempo em casa. Aqui estou na véspera de mais um feriado, e por horas esqueço o dia do mês, da semana, e acreditem esqueço dos feriados. Dias outros que a cada amanhecer peço muita saúde a todos. Agradeço por compreender a beleza de estar vivo, de escutar o som dos pássaros e som das árvores com o vento sutil que embala os dias, e lentamente sopra ao pé do ouvido a lindeza de estar bem e em casa.

Aline Dorneles (Diário de pesquisa – 2020).

Nos últimos meses, há um inquietamento em viabilizar um futuro, um futuro incerto e de infinitos questionamentos, angústias e dilemas. E, por isso escrevo, e faço reflexões deste presente vivido a cada dia. Como mulher, professora e pesquisadora, encontro-me entre conflitos de estar em casa e de trabalhar em casa.

A pandemia da Covid-19 desacomodou a mim e demais docentes do seu lugar de ser e fazer a profissão docente. Há o desejo de criar possibilidades para o encontro e para a conversa com nossos alunos e com os colegas de profissão. É presente, nos últimos dias, o

desejo de criar caminhos, de se mostrar presente, e nem cabe aqui remeter a questão do ensino e aprendizagem. É a vontade de expressar e reafirmar que nós professores estamos aqui na busca de acolher o outro.

Por isso escrevo, e, ao escrever, encontro-me no tempo presente, e nele busco fazer o melhor, e, na medida do possível, me fazer presente! Seja ao escrever um e-mail para os alunos, somente para saber como estão. E, fico tão agradecida quando respondem, nem sempre alegres, porém com o desejo de partilharem seus pensamentos e suas angústias.

Por isso escrevo, como modo de narrar e documentar o sentimento de saudade do chegar à sala de aula, dos sorrisos e do sentimento de realizar meu trabalho docente.

Por isso escrevo, para reforçar a ética da profissão docente, do trabalho árduo, sem valorização profissional, sem salários dignos e, acreditem, por anos pago parcelado, realidade triste e dura vivida por cada professor e professora do estado do RS.

Ao escrever, encontro-me com minhas reflexões teóricas permeadas pelo olhar da experiência ontológica que, enquanto experiência, dá-se antes de toda atividade reflexionante. O verdadeiro motor da reflexão é a experiência do desconhecido e do estranho. “Trata-se aqui, sempre, de algo ou de alguém que se encontra à nossa frente e, como tal, dirige-se a nós e inquieta-nos, devido única e exclusivamente ao fato de ser outro que nós mesmos” (FLICKINGER, 2020, p. 28). O autor aponta inquietudes que nos levam a pensar a ideia de reflexão humana como uma reação ao que nos acontece no mundo.

Por isso escrevo e ao escrever acalmo meu coração aflito em pensar e vivenciar uma tragédia social e política. Pois entendo que nós professores e professoras

somos vozes e gritos de uma sociedade silenciada, por isso não podemos nos calar! Por isso escrevo e questiono como (re)existir e (re)inventar a docência em tempos de pandemia?

Carta III – Quem pensa no bem-estar docente?

Domingo, 01 de novembro de 2020.

*Às vezes tenho a impressão de que
escrevo
por simples curiosidade intensa.
É que, ao escrever, eu me dou as mais
inesperadas surpresas.
É na hora de escrever que fico consciente
das coisas,
das quais, sendo inconsciente, eu antes
não sabia.
Clarice Lispector (2010)*

Chegamos a novembro, e já contamos os dias para o final do ano de 2020. Como descrevemos o ano de 2020? Que difícil pensar o que está sendo e que doloroso será viver essa retrospectiva. O que aprendemos? O que vivemos? Que sentimentos cultivamos neste ano de 2020?

Nas últimas semanas, talvez o que mais escuto e, também, digo é que estamos cansados de estar horas e horas do dia, da semana e do mês na frente das telas frias de um computador, sem o calor de um abraço, sem sorrisos, sem conversas com presença de olhares, chimarrão e gestos.

Por isso, encontro-me no escrever, e, assim, alimento meu desejo de estar presente comigo e com o Outro. Ao escrever, posso viver inesperadas surpresas, nem sempre felizes, mas necessárias, pois é sobre o

escrever nas palavras de Clarice Lispector, que me encontro com o que antes eu não sabia.

Resgato pela escrita um modo de trazer a conversa como experiência e, assim, o convite de abrir uma brecha no tempo, nesse tempo kronos, que nos controla com prazos, e-mails, whatsapp e tantas outras tentativas de comunicação. Então, decido, nesta carta, pensar perguntas mobilizadoras para meu escrever, e, assim, abrir essa brecha nos afazeres, e permitir um tempo para mim.

Quem pensa no bem-estar docente? Essa pergunta me provoca desde que recebi o convite para, no dia 10 de novembro de 2020, fazer uma fala sobre o tema. Então, como falar de bem-estar no contexto vivido? Como narrar a história de vida e profissão de professoras e professores que, dentro dos seus lares, buscaram modos de se fazer presente na vida de cada estudante? As instituições de ensino estão preocupadas com o bem-estar na docência? Quem se preocupa com o bem-estar de um professor ou professora?

As perguntas levam-me a pensar no significado de bem-estar atrelado ao emocional, o social e, principalmente, a condições de trabalho que oportunize o prazer e a felicidade de se fazer o que se faz. Remeto aqui à ideia filosófica de Espinosa sobre a potência de agir quando somos afetados. Desse modo, “o afeto é uma afecção que faz variar positiva ou negativamente a potência de agir” (GLEIZER, 2005, p. 13). O aumento da potência de agir constitui a alegria, enquanto a variação negativa constitui a tristeza.

O bem-estar docente está direcionado à nossa potência de agir, que favorece a passagem para um estado mais potente do próprio ser, a alegria. A afetividade, primeiramente, tem uma relação com si mesmo na busca do que nos alegra; é encontrar razões

que nos fazem aumentar nossa potência de agir. E o que nos alegra no viver e fazer docente?

Partilho algumas reflexões que, até o momento, possibilitam-me pensar em 3 princípios formativos para almejar um bem-estar docente. O primeiro princípio, acredito ser o encantamento pela profissão escolhida. Alegro-me em ser professora, de poder ser afetada pelas histórias de cada um, da participação ativa dos estudantes, com suas perguntas, seus saberes e aprendizagens. O fato de encantar-me não me faz ser ingênua frente à histórica desvalorização da nossa profissão, mas é no encantamento que encontro força para seguir na luta pelo reconhecimento do nosso trabalho, e, principalmente, é no encantamento que consigo criar modos de incentivar a escolha e permanência de acadêmicos nos cursos de Licenciatura.

Segundo princípio formativo que penso estar atrelado ao bem-estar docente é o encontro com a experiência. Nos últimos tempos, e agora mais intensamente, diria que muitas coisas acontecem, a cada dia um novo desafio, seja organizar uma aula online ou de pensar na produção de materiais para cada estudante receber em sua casa, ou adaptar-se às diferentes plataformas virtuais entre uma reunião ou outra, ufa poderia seguir! Mas, resumo dizendo que não temos fôlego para viver uma experiência.

A experiência, quando vivida, nos permite adentrar em outro tempo, como, por exemplo, neste momento de escrita da carta, aqui posso dizer que vivo uma experiência, ao me permitir desacelerar e, com calma, resgatar as expectativas, os desejos, as aprendizagens, as intenções e, nesse narrar, quiçá fazer de um acontecimento uma experiência.

O terceiro princípio formativo é o trabalho coletivo, os processos de formação em Rede. Como vivenciado na

partilha de experiências da Rede Cirandar, um projeto de extensão da Universidade Federal do Rio Grande – FURG, que, na sua 9ª edição, se reinventa e fortalece os processos de formação horizontal do trabalho em Rede. No Cirandar, os princípios do encantamento e da experiência são potencializados nas Rodas de Conversa. Nessa edição, temos uma Rede de 16 coordenadores que promovem encontros síncronos a cada mês com um coletivo de professores, técnicos em educação da Universidade, professores da Escola e acadêmicos das Licenciaturas.

Desse modo, relembro de Paulo Freire e finalizo afirmando que o bem-estar docente se faz com gente. Como documentado no muro de uma Escola no Chuí – RS. A imagem a seguir é o registro de quando tínhamos fomento e podíamos Cirandar nas Escolas. Com esta foto, me despeço, animada para seguir meu estudo sobre o bem-estar docente!

Imagem 28 – Registro da Escola no Chuí – RS



Fonte: Autora (2013).

Carta IV – Estou com saudade de mim

Domingo, 31 de janeiro de 2021

*Estou com saudade de mim.
Ando um pouco recolhida,
atendendo demais ao telefone,
escrevo depressa, vivo depressa.
Onde está eu?
[...] enfim, mas que medo – de mim
mesma.
Clarice Lispector (2010)*

Retornei à escrita das minhas cartas, fiz uma releitura de cartas já tecidas, reescrevi alguns trechos e parei. Depois de 5 ou 6 dias, retornei à escrita, e parei novamente. Senti a necessidade de parar, como trazido por Clarice Lispector, é preciso parar! O mês de janeiro sempre teve para mim um significado especial, faço aniversário no dia 26 e adoro comemorar o começo de um novo ciclo de vida. Lembro-me da expectativa da chegada do novo ano quando criança, os preparativos da festa de aniversário na garagem de casa, os convites rabiscados por mim em folhas coloridas, o bolo e docinhos feitos pela madrinha, e, assim, viver a simplicidade e a alegria de ser criança.

Penso que estava com saudades de mim, e, neste mês de janeiro do ano de 2021, decidi que iria viver o hoje, e, assim, me permitir não fazer nada, sim! Como foi difícil, nos primeiros dias de férias, compreender que minha casa agora poderia ser vivida sem estar horas e horas em frente à tela do celular e do computador trabalhando. Então, decidi ir mais devagar, e mesmo com medo de mim mesma, encontrei-me com livros já lidos e com meu diário que, a cada novo ciclo, escrevo reflexões e desejos. Aproveitei o jardim, plantei flores, tomei banho de piscina

e tive o prazer de deitar no sofá numa tarde chuvosa.

O que desejo levar desse encontro comigo mesma? Desejo dias menos intensos, e, para isso, necessito encontrar um equilíbrio entre viver e trabalhar em casa. E, para isso, ter disciplina de parar e viver o agora, disciplina de encontrar o essencial a ser realizado naquele dia, sem preocupação com a lista de tarefas que ficarão anotadas na agenda, na folha de rabisco e no diário. Procuro escrever tudo que preciso fazer (faço várias anotações), e percebo que, desse modo, consigo desacelerar o turbilhão de pensamentos.

Permita-me dizer do prazer que tenho em escrever cartas e saber que terei na Rede do Cirandar um coletivo que acolhe, dialoga e escuta. Cada vez mais compreendo que nós professoras e professores nos fortalecemos em Rede, na partilha dos nossos escritos, reflexões, dilemas e desejos.

Retomo aqui a pergunta que mobiliza a escrita das minhas cartas e, assim, um tempo de reencontro com meus escritos, leituras e estudo. Quem pensa no bem-estar docente? Quero aprofundar o estudo a partir dos três princípios formativos, já apresentados na carta II, e, assim, almejar encontrar caminhos de constituir um bem-estar docente.

O encontro com a dimensão estética no ser e estar na profissão pode nos levar ao encantamento ou, talvez, um (re)encantar-se pelo ser professor e professora. Aqui relaciono esse encantar-se estético com as dimensões da ética e da política na docência. Para isso, encontro-me com um pequeno livro em tamanho, mas intenso nas reflexões trazidas, intitulado a Boniteza de um Sonho escrito por Moacir Gadotti (2003). O autor diz que a esperança ainda alimenta a difícil profissão de ser docente, mesmo diante de um grande mal-estar presente nas narrativas entre os docentes, com os sentimentos de

impaciência, decepções, perplexidade, paradoxalmente, existe ainda muita esperança.

O encontro com dimensões formativas que alimentam a esperança aqui trazida do verso esperar encontrar-se no trabalho em Redes de formação de professores e professoras. Gadotti (2003) afirma que é o sujeito que aprende através da sua experiência. Não é um coletivo que aprende. Mas é no coletivo que se aprende. No diálogo com a realidade, com autores, com meus pares, com a diferença.

Aqui remeto ao encontro com a experiência, como um princípio formativo que penso estar atrelado ao bem-estar docente. Para isso, é necessário tempo, vontade, oportunidade e desejo de sistematizar suas experiências e escrever sobre elas, e ter a possibilidade de partilhar e publicizar essas experiências.

No Cirandar, há esse convite para o encontro com nossas experiências, não há modelos, roteiros, e sim uma Rede de professores e professoras que, no coletivo, aventuram-se a viver o inesperado, as diferenças e diversidades.

Desse modo, finalizo minha carta com o terceiro princípio formativo, sendo para mim compreendido como um princípio aglutinador, pois é no trabalho em Rede de coletivos de professores e professoras que emerge o encantamento e o encontro com a experiência. É nas Rodas de Conversa permeadas de afetos, de reencontros, mesmo que online, que cada docente encontra caminhos para cultivar o bem-estar.

No Cirandar, nos alimentamos em nossa potência de agir, com a escrita de cartas mensais, com a escuta e leitura atenta à carta do outro, nos encontros permeados de sorrisos e transbordados de emoção que fomentamos a importância de estabelecer Redes de Conversação. Antes da pandemia, a docência, muitas vezes, se fazia só,

com poucas conversas trocadas nos corredores da escola, mas agora desejamos o encontro, pois sentimos falta da escola, das risadas, dos gestos, do café entre uma aula e outra, das comemorações em datas festivas, e dentre tantas coisas que nos fazem acreditar que o bem-estar docente se dá na conversa e na partilha entre pares.

A NARRATIVA DA EXPERIÊNCIA DOCENTE

A experiência aqui é trazida como um modo de viver, como um caminho para compreender nosso papel como professores e professoras que afirmamos pela narrativa a importância da educação pública deste país, e mesmo diante de ataques e desvalorização docente, buscamos criar sentido e interpretações a tudo que nos acontece.

Nas cartas apresentadas, busquei documentar minhas experiências como um acontecimento que me coloca a pensar, que me faz questionar e que me levam a querer investigar. As cartas são composições de sentidos a respeito da docência em tempos pandêmicos e de como podemos pensar e cultivar o bem-estar na docência.

Componho, a seguir, meu entendimento sobre a experiência/sentido como um princípio formativo a partir da perspectiva filosófica de Jorge Larossa (2002, 2015). Para o autor, as palavras têm poder e determinam nosso pensamento. Assim, a palavra experiência pode ser definida como aquilo que nos passa, o que nos acontece e o que nos toca.

O mesmo autor, no seu livro Tremores: a vida, como a experiência, afirma que “a relação com o mundo, com a linguagem, com os pensamentos, com os outros, com nós mesmos, com que se diz e o que se pensa, com o que somos e o que fazemos, com o que já estamos deixando de ser” (LAROSSA, 2015, p. 74).

“A experiência aqui não é trazida como instrumento, ou uma palavra que se faz presente no dizer ou escrever. A experiência possibilita abrir caminho para o pensamento, para a linguagem, para sensibilidade e para a ação” (LARROSA, 2015, p. 75). É abrir-se para outro modo de pensar e fazer, e se arriscar a perguntar, dar abertura para as possibilidades do que não se sabe. A experiência é cada vez mais rara, como afirma Benjamin, no texto O narrador, em que resgatar a importância da narrativa e do narrador, destaca que: “o narrador retira da experiência o que ele conta: sua própria experiência ou a relatada pelos outros” (1994, p. 201)

Jorge Larrosa também resgata as afirmações de Benjamin, ao observar a pobreza de experiências que caracteriza o mundo. “Em primeiro lugar pelo excesso de informação. A informação não é experiência, ela não dá lugar para a experiência” (LARROSA, 2015, p. 18). Nos últimos tempos, é quase uma imposição ser “bem-informado”, e nisso a ideia de saber muito sobre tudo, caso não se saiba, é possível a busca instantânea da informação, afinal, ela está em nossas mãos, na tela do celular. Nunca foi tão fácil “saber das coisas”, ser um sujeito “bem-informado” (LARROSA, 2015). Tal contexto, leva-me a refletir sobre os processos de formação de professores, como oportunizar a experiência do conhecimento, ao invés da informação? Assim, é necessário refletir a respeito da experiência do conhecimento, do fazer pedagógico em sala de aula, e com isso documentar, na escrita, as nossas perguntas, inquietações e desejos.

Até aqui, apresentei alguns entendimentos, pensamentos e provocações ao pensar os processos formativos da docência. Tive a proposição de que cada docente possa se sentir envolvido e convidado a ser autor da sua sala de aula, ser protagonista desse fazer, por

vezes, silenciado e desacreditado. Desejo que o encontro com suas histórias e as histórias dos seus pares possam fortalecer esse exercício de escrita da experiência.

Vamos dar continuidade à conversa da experiência da escrita, para isso resgato a possibilidade de reencontro com o ato de narrar histórias. Walter Benjamin busca o resgate da narrativa, e nela o conceito filosófico da experiência, na década de 1930, com vestígios da Guerra Mundial em 1914. O autor destaca o declínio da experiência. No texto, O narrador reflete o papel da narrativa, resgata o momento econômico da época, com o fim da atividade artesanal pela substituição do trabalho mecânico nas linhas de montagem das indústrias, e, conseqüentemente, no plano cultural, com o desaparecimento da narrativa, como uma forma “artesanal de comunicação” (BENJAMIN, 1994).

Benjamin (1994) relembra a narrativa como uma forma artesanal de comunicação, pois o interesse não é transmitir o “puro em si” da coisa narrada como uma informação ou um relatório. A narrativa é um mergulho em nossas histórias de vida, nas histórias do nosso fazer docente. Como no ato de bordar, em que a artesã resgata em cada bordado o registro do seu fazer, da sua história (DORNELES, 2016).

Outro autor que estudo é Jerome Bruner, para o autor, a narrativa é a forma de organizar a experiência humana. A narrativa permite viver a experiência, aqui compreendida como o modo de documentar pela escrita nossas experiências educativas. Diante disso, quero trazer algumas reflexões a respeito da narrativa, não com a preocupação de como elaborar um texto narrativo, mas de como a narrativa torna-se um importante instrumento de construção da realidade (BRUNER, 1991).

A narrativa permite assumir uma posição moral, mesmo que seja uma posição moral contra as posições

morais (BRUNER, 1997). Tal afirmação fortalece nossa esperança, em tempos de desvalorização da educação e dos docentes, de desrespeito aos saberes e experiências, como também o desconhecimento da construção de conhecimentos culturais, sociais e científicos na formação acadêmica dos profissionais da educação. Assim, a escrita narrativa torna-se artefato para documentar nosso fazer, e, por meio das histórias de sala de aula, firmar nossa posição moral, ética e estética enquanto docentes que lutam pela educação deste país.

Compreender a escrita da experiência pelo viés narrativo é “[...] explorar o que a palavra experiência nos permite pensar, o que a palavra experiência nos permite dizer, e o que a palavra experiência nos permite fazer no campo pedagógico” (LARROSA, 2015, p. 38). Reafirmo o papel formativo da narrativa, para além de um viés reflexivo da docência, mas da potencialidade de investigar o nosso fazer docente, nossas experiências educativas.

A narrativa da experiência docente presente na escrita de cada carta, a leitura entre pares, e a partilha da composição das cartas finais são estratégias de formação que viabilizam e convidam cada docente a sair do silêncio. A escrita da experiência torna-se um caminho de constituição de autorias do fazer educativo, de professores autores de sua prática pedagógica.

Por fim, o texto apresentado teve, em cada palavra escrita, um modo de retratar e documentar as experiências da docência em tempos de pandemia e, assim, pensar no bem-estar docente. Escrevi em primeira pessoa, mas nesse dizer de mim também almejei dizer do Outro. A intenção foi partilhar as compreensões construídas desse viver e, assim, fortalecer um posicionamento político e ético da docência.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BENJAMIN, W. O narrador, considerações sobre a obra de Nicolai Leskov. In: BENJAMIN, W. *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. Obras escolhidas, v.1. 7 ed. [Trad. Sérgio Paulo Rouanet]. São Paulo: Brasiliense, 1994.
- BRUNER, J. *A Construção Narrativa da Realidade*, v.1. 18 ed. [Trad. Waldemar Ferreira Netto]. pp. 1-21, 1991.
- BRUNER, J. *Atos de significação*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.
- COSTA, M. Prefácio. In: GUEDES, A.; RIBEIRO, T. *Pesquisa, alteridade e experiência: metodologias minúsculas*. Rio de Janeiro: Ayvu, 2019.
- DORNELES, A. Rodas de Investigação Narrativa na Formação de Professores de Química: pontos bordados na partilha de experiências. *Tese de doutorado*. Programa de Pós-Graduação em Educação em Ciências: Química da Vida e Saúde, Universidade Federal do Rio Grande, Rio Grande, 2016.
- FLICKINGER, H.G. Da experiência da arte à hermenêutica filosófica. In: ALMEIDA, C.; FLICKINGER, H.G.; RONDEN, L. *Hermenêutica Filosófica: nas trilhas de Hans-Georg Gadamer*. Coleção Filosofia. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2000.
- GADOTTI, M. *Boniteza de um sonho: ensinar-e-aprender com sentido*. Novo Hamburgo: Feevale, 2003.
- GUIMARÃES ROSA, J. *Grande sertão: veredas*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.
- LISPECTOR, C. *Crônicas para jovens: de escrita e vida*. Rio de Janeiro: Rocco Jovens Leitores, 2010.
- LARROSA, J. Notas sobre a experiência e o saber da experiência. *Revista Brasileira de Educação*, jan-abr, n. 19, p. 20-28, 2002.
- LARROSA, J. *Tremores: escritos sobre experiência*. 1 ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2015.

Imagem 29



Fonte: Leandro Machado dos Santos

13

O Hospital na Pandemia

Gicelda Mara Ferreira da Silva

(adaptado do poema A ESCOLA de Paulo Freire)

O Hospital Universitário da Universidade Federal do Rio Grande, sob administração da Empresa Brasileira de Serviço Hospitalares – (HU-FURG/EBSERH) "é o lugar onde se faz amigos", "Não se trata só de prédios", equipamentos, exames, agendas de consultas e cirurgias, farmácia,

Saúde e doenças...

Porque hospital "é, sobretudo, gente, "

"gente que trabalha, que estuda", de perto e longe, que socorre, ensina e "se estima".

Superintendente "é gente", chefias, médicos, enfermeiros são "gente".

Administrativos, psicólogos, assistentes sociais, psiquiatras, técnicos,

engenheiros, motoristas, maqueiros são gente.

Docentes, estudantes, voluntários e tantos mais, são gente.

Pacientes, acompanhantes são gente.

Cada funcionário que cozinha, limpa, recepciona, cuida da segurança "é gente".

E o hospital universitário "será cada vez melhor na medida em que cada um", cada uma se encontra, em meio às complexidades, comprometido(a) profissionalmente e bom colega. "Nada de ilha cercada de gente por todos os lados. Nada de conviver com pessoas e depois descobrir que não tem amizade a ninguém. Nada de ser como o tijolo que forma a parede, indiferente, frio, só". "Importante" no hospital além do nosso emprego e da assistência, "é também criar laços" e cuidar de quem cuida num "ambiente de camaradagem, é conviver, e se amarrar" nele. "Ora, é lógico..." numa instituição "assim vai ser fácil" curar, ensinar, pesquisar, inovar, humanizar e defender o SUS superando o impacto da pandemia COVID-19. Afinal, estamos loucos(as) pela retirada das máscaras e poder garantirmos presenças compartilhando Há-Bra-SUS, sendo e fazendo gente feliz.

A seguir a versão original que cabe publicizar por conta da FURG ser “escola” e para as pessoas conhecerem.
Poema Original:

A Escola

Por Paulo Freire

Escola é...
o lugar onde se faz amigos
não se trata só de prédios, salas, quadros,
programas, horários, conceitos...
Escola é, sobretudo, gente,
gente que trabalha,
que estuda, que se alegra, se conhece, se estima.
O diretor é gente,
o coordenador é gente,
o professor é gente,
o aluno é gente,
cada funcionário é gente.
E a escola será cada vez melhor
na medida em que cada um
se comporte como colega, amigo, irmão.
Nada de ilha cercada de gente por todos os lados.
Nada de conviver com pessoas e depois descobrir
que não tem amizade a ninguém
nada de ser como o tijolo que forma a parede,
indiferente, frio, só.
Importante na escola não é só estudar,
não é só trabalhar,
é também criar laços de amizade,
é criar ambiente de camaradagem,
é conviver, e se amarrar “nela”.
Ora, é lógico...

numa escola assim vai ser fácil estudar, trabalhar,
crescer,
fazer amigos, educar-se, ser feliz.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

FREIRE, P. A Escola. Xapuri Socioambiental - Comunicação de Resistência. <https://xapuri.info/para-paulo-freire-como-homenagem-o-seu-proprio-poema-a-escola/>. Acesso em 19-01-23.

Imagem 30



Fonte: Leandro Machado dos Santos

14

A Importância De Dizer A Palavra E Narrar Sobre Dias Pandêmicos - A Escrita Como Possibilidade De Encontro E Conversa

Débora Medeiros do Amaral; Aline Dorneles

CARTAS, UM CONVITE À CONVERSA-ESCRITA

No ano de 2019, iniciamos uma nova caminhada no campo da pesquisa e do estudo, e, também, da experiência, quando orientanda e orientadora ingressam no Doctorado en Educación, no Programa Específico de Formación en Investigación Narrativa y (Auto)biográfica en Educación – Universidad Nacional de Rosario/UNR. A pesquisadora, aqui orientada por Aline Dorneles, atuou na gestão escolar por 10 anos, nas funções de coordenadora pedagógica e diretora escolar. Viver, pensar e sentir a escola são movimentos que transformam. Em nossas trajetórias formativas e profissionais, percebemos que os conhecimentos construídos de forma coletiva na escola nos trazem a este doutorado, movidas pelo compromisso social de narrar as experiências vividas no cotidiano escolar, na ousadia de sermos e fazermos escola.

Nos movimentos da pesquisa, nessa busca e

atenção às pistas que deixamos ou encontramos no caminho, encontramos na escrita das cartas uma possibilidade metodológica, uma forma de convite à conversa-escrita, em especial nesses dias pandêmicos. Carlos Skliar (2018) nos contou que *uma conversa abre uma brecha no tempo*, uma conversa capaz de nos fazer ausentar-nos da urgência e da pressa, uma conversa-pausa. As palavras de Skliar e seu olhar sobre a conversa nos permitem pensar sobre os encontros da escola: a sala de aula, o café com os professores, as reuniões com os pais, os tempos-espacos¹ formativos,... Quantas conversas, pausas, brechas, partilhas, saberes e também ausências de encontros, olhares, afetos com as escolas fechadas em função da pandemia provocada pela COVID-19.

Este texto busca falar um pouco sobre a importância de dizer as palavras, as palavras pronunciadas nesses diversos encontros, seja a palavra falada ou a palavra escrita, a palavra escrita para registrar as incertezas, as dores e as ausências desses dias singulares. Compreendemos em conversa-leitura com Fiori (2017) que dizer a palavra, a nossa palavra, a palavra da escola é um aprendizado. No encontro com as memórias sobre a escola, compreendemos que dizer a palavra no contexto da educação básica, muitas vezes, faz-se pela oralidade, pela palavra falada. Talvez, nós educadoras tenhamos nossas rotinas de trabalho tão marcadas pela urgência e pela pressa, que nos faltam tempos e espaços para a conversa-escrita. Em alguns momentos, a escrita que se vive na escola é para cumprir

¹ Inspirados nos estudos e pesquisas com os cotidianos (Nilda Alves, 2002 e Regina Leite Garcia, 2003) unimos esse e outros termos, compreendidos pela ciência moderna como excludentes e/ou dicotômicos com a intenção de, na perspectiva da epistemologia da complexidade, revelar a indissociabilidade e a retroalimentação constitutivas desses pares correlacionados.

os processos burocráticos, comunicar ações e organizar rotinas. Encontramos, na oportunidade de dizer a palavra por meio da escrita das cartas, uma possibilidade de conversar sobre algumas inquietações provocadas pelo isolamento social, pela ausência do abraço, pela comunicação virtual, pela falsa sensação de termos mais tempo.

Nesse sentido, a escrita de cartas é um convite à conversa-escrita. Entendemos que uma conversa-escrita se dá por meio de movimentos entre as palavras faladas e as palavras escritas, sendo assim um convite a narrar o vivido pela linguagem escrita. Encontramos na escrita das cartas a possibilidade de vivenciarmos o lugar da escrita. Desse modo, a escrita de cartas no contexto escolar é um convite aos educadores a “aprender a escrever a sua vida como autor[a] e como testemunha de sua história, isto é, biografar-se, existenciar-se, historicizar-se” (FIORI, 2017, p. 12)

Acreditamos que as palavras faladas vão ganhando novas formas quando transformadas em palavras escritas. Na escrita de cada carta, as palavras que vão sendo escolhidas cuidadosamente, com o compromisso de contar sobre as descobertas, sobre as inquietações, enfim, sobre a vida.

Assim, nesse trilhar, temos redescoberto a presença das cartas nas nossas vidas e nas nossas trajetórias profissionais. Nesse sentido, este breve texto busca compartilhar duas cartas escritas em um contexto pandêmico.

Carta 1 – Uma carta ao tempo!

Tempo!

Escrever tem sido uma vontade, uma presença e uma busca nesses dias pandêmicos. Os dedos não param, são tantas mensagens, e-mails, textos e mais textos que exercem o compromisso de comunicar, pedir, avisar, construir. Os cadernos vão sendo preenchidos de listas, demandas e ideias de trabalho que aumentam a cada dia. O exercício da escrita aumentou com o trabalho remoto. E junto com a escrita a leitura! A primeira ação da manhã, ainda com os olhos abrindo, é o susto por poder ter perdido alguma mensagem importante, ter deixado algum compromisso passar, ter esquecido alguma reunião.

Acordar! Uma ação que eu gosto de fazer de forma espontânea, no tempo e nos sinais do corpo, o que é um sonho e um privilégio de poucos dias, pois geralmente meu sono é interrompido pelo som do despertador, e na soneca, me iludo a cada 5 minutos pelo prazer de voltar a dormir. Um dia desses, sonhei que eu era estudante, e rapidamente voltei a dormir, fazendo conta de cabeça do meu percentual de frequência. A gente bem que podia ter a mesma regra no trabalho, direito a 25% de tempo livre, de vida para fazer o que tem vontade!

Trabalhar, escrever, dormir, acordar, resistir! Cinco verbos que vem marcando meu cotidiano, provocando marcas no tempo, no corpo e na vida. Resistir, insistir, resistir! Mas como? Efeito ostra? Efeito bolha? Não brigar mais por política? Não fazer enfrentamentos? Cuidar mais de mim?

Quantas perguntas! Somos grandes companheiras! Desde pequena, quando ainda olhava o mundo por debaixo da franja, tinha a habilidade de fazer perguntas e já me intrigava com a vida e o tempo. Lembro de olhar para o céu

e pensar: será que alguém nos observa? Me perguntava sobre o nome das coisas, as origens e amava fazer perguntas às pessoas! Quem tu é? O que tu faz? De quem tu gosta? De onde tu conhece meu pai?

Nesse acelerado do tempo, nessa insistência cada vez mais forte que ele tem de passar pela gente, ou de nos fazer correr sobre ele, fui perdendo ou guardando em algum lugar pedaços de mim: perdi um tanto de inocência, um tanto de fé, um tanto de crença no outro, a franja, a liberdade de dormir mais, mas a habilidade com as perguntas seguem aqui, me acompanham! Parece que elas só aumentam! Nasce uma pergunta, que gera outra, que chega acompanhada de muitas perguntinhas.

De 2020 para cá, tenho vivido dias de muitas perguntas! Algumas eu ainda não tive a ousadia de escrever, ou mesmo pronunciar em voz alta. Os tempos de incerteza são como adubo para fazer brotar perguntas. Quando inseguros, nos perguntamos mais sobre a vida, sobre o que fazer, e o que se passa. Aos poucos, vamos perdendo a capacidade de perceber o presente, o tempo do agora, porque somos envolvidos por um conjunto de perguntas que nos levam ao futuro.

O mundo virou! E nós, seguimos aqui, abrindo brechas, provocando pausas nesse presente acelerado, acreditando no poder do encontro e no poder da palavra. Nos movemos entre sentimentos de caos e esperança. Mas na roda se faz o giro!

Tempo, quantas vezes cantei como um pedido de trégua: tempo, tempo, tempo, faço um acordo contigo! Na maioria das vezes, parece que esse acordo é esquecido, pois têm dias que escorrem entre os dedos, têm dias que não dou conta do tanto de cobrança, trabalho, sonho! Ah e sono! Mas tem momentos que você me escuta, e quando a gente entra em acordo, e nesses momentos eu passo a entender o que o Skliar (2018) escreveu: “uma

conversa abre uma brecha no tempo”. Nossas tréguas se dão, em sua maioria, nos encontros! Os passeios com meu filho, aqueles olhos brilhando e aquele tanto de conversa, regada a perguntas e descobertas sobre a vida ainda está aqui, presentes em mim, Ali, você me permitiu te viver com outra intensidade. A maternidade passa muito depressa, você não perdoa, um dia a gente tem um bebê no colo, um conjunto de perguntas e preocupações com o futuro, e, no outro, eles estão crescidos, cuidando de si e fazendo suas escolhas de uma forma lindamente independente. Mas há brechas no tempo, ah as brechas no tempo! Quando li Skliar, pensei que as brechas eram pausas, uma tentativa de parar o tempo. Mas aqui, em conversa contigo nesta carta, começo a perceber as brechas como um portal pactuado com a memória, que a gente entra e quase revive a alegria de um momento.

Nesta breve carta, busco contar um pouco de mim, das construções e pensamentos desses dias pandêmicos e da necessidade de conversar com e sobre o tempo! Eu ainda sou a menina que mirava o mundo por debaixo da franja! Eu ainda tenho o riso solto, a curiosidade no olhar, a alegria no encontro e a segurança num abraço. Ainda gosto das perguntas e de saber das pessoas. Acho que essas presenças que ainda me acompanham foram alimentadas na escola, na convivência com as crianças, as famílias, as descobertas e os muitos desafios. Sim, eu tive a alegria de ser professora, coordenadora pedagógica e diretora escolar, mas isso você sabe, afinal, organizamos muitas de nossas ações escolares controladas e orientadas por você, planejando cada ano letivo, fazendo contas para dar conta do futuro! “Preparando” professores e estudantes para alcançarmos nossas metas e compromissos escolares. Na busca por um amanhã que parecia estar à venda. (KRENAK, 2020)

E foi essa urgência de futuro, essa busca por uma

ideia de um amanhã, que me levou a pensar sobre a Escola do Presente! Que escola podemos ser para as crianças de 4 anos, suas especificidades e necessidades? Que escolas podemos ser para os estudantes da Educação de Jovens e Adultos (EJA) de mais de 60 anos? Para eles, a escola que prepara para algo não é suficiente! O que precisamos para ser uma escola do presente? Como superar as armadilhas sutis do cotidiano que nos fazem viver um futuro que, por vezes, não chega? Quantas horas gastas para preparar um menino para o mercado de trabalho, para o concurso, para o vestibular? Um menino que não consegue chegar ao Ensino Médio porque teve sua vida interrompida por 8 tiros. E se, somente se, ao invés da preocupação com o futuro e com o preparar a gente tivesse falado sobre a vida, sobre as dúvidas e incertezas do agora?

Tempo, ouvi dizer que você se apresenta de diferentes formas: passado, presente, futuro! Você tem seu lado Chronos, mas tem seu lado Kairós. Uma poeta linda, que amo, Cora Coralina, escreveu que *se a gente cresce com os golpes duros da vida, podemos aprender com os toques suaves na alma*. E, assim, desejo viver experiências contigo, pois é com teu lado Chronos, que aprendo a importância do teu lado Kairós. E, é na sua versão Kairós que as brechas se abrem!

Estamos buscando superar as cicatrizes desta Pandemia que ainda não terminou, e creio que não terminará tão cedo. O número de mortes provocará dores, inquietações e sentimentos de impunidade. Como educadora, não deixo de me perguntar acerca das marcas, ausências/presenças e sentidos da escola neste contexto pandêmico. Quase dois anos com as escolas fechadas! Lembrei das palavras de Ribeiro e Skliar (2020, pág. 1):

O mundo parece estar se decompondo. Em sua decomposição, o esqueleto de algumas hipocrisias começam a se mostrar em sua gelidez e fealdade: o discurso neoliberal como remediador e democrático; a meritocracia como produtora de subjetividades obliteradas em sua potência; o absurdo da culpabilização da coisa pública pela falência do Estado; a política de mesmidade e homogeneidade como rota civilizatória e educativa; a educação como mercadoria; o pobre como culpável pela pobreza; o aluno que não aprende como culpado pela não aprendizagem; o professor como vilão da educação; o flagelo e o genocídio como políticas de governos; e a vida como bem substituível ou descartável.

E, mesmo assim, quando uma Pandemia coloca o mundo em pausa, essa percepção da pressa e da produção, em sobreposição à vida, nos vence. Morrer no presente, para garantir a economia no futuro. Por poucos dias, acreditei que pudéssemos aprender com o isolamento, com as ausências, com as perdas. Mas continuamos marcados por uma sede e necessidade de futuro, e *o futuro não é outra coisa senão a negação do sujeito e a proposição de algo diferente de quem se é: “deixa de ser tu para que possas ser alguém aceitável na confraria dos normais”* (RIBEIRO e SKLIAR, 2020).

E, para finalizar a escrita do texto, fico a pensar sobre a possibilidade de fecharmos essa conversa-escrita por meio de outras aberturas. Uma provocação que se faz pela compreensão de que *o fechar é movimento, um movimento que pode provocar outras aberturas, outras conversas*. E nos chamam para um compromisso epistemológico, para um movimento em que *pesquisamos/escrevemos para narrar, dividir o que nos passa, acreditando na importância de dar, compartilhar as*

experiências, não para apresentar um modelo, mas para talvez possibilitar o pensamento, produzir inquietações. (SILVA e RIBETTO, 2019, pág. 110) Então, assim como as autoras, vou fechando essa carta, abrindo possibilidades de outras conversas, outras ressonâncias.

Com afeto, presença, saudade e memória

A menina que mirava o mundo por debaixo da franja

Carta 2 – Uma escrita aos professores da Educação Básica

Queridos professores da educação básica, em especial os professores Caiqueiros com quem constituo minha docência.

Nesses dias tão singulares, onde a vida parece ter entrado em colapso total, acordei muitas vezes pensando em vocês, pensando na escola e em especial pensando nas ausências da escola e de vocês professores na vida das crianças, dos adolescentes e dos jovens e adultos. O distanciamento físico nos tirou a oportunidade de atentar aos corpos, as formas de andar, e tantas formas de nos contar sobre a vida, sobre as violências, sobre as exclusões, que os nossos estudantes criam e encontram para nos comunicar sobre o mundo.

Ao ler a proposta da escrita desta carta, da problemática de um evento sobre educação ambiental, fiquei inquietada com a pergunta “Que mundo queremos”? Ao longo da minha existência humana, sempre fui acompanhada pelas perguntas, desde criança, gostava de perguntar: qual teu nome? Quem tu é? Porque o nome da mesa é mesa? Será que alguém nos observa e a gente não vê (e olha que não existia Big Brother na época)? O que é o amor? Desenvolvimento infantil? Será que todas

as crianças se desenvolvem da mesma forma? Quais os sentidos e possibilidades da escola? Que histórias sobre as escolas vêm sendo contadas por meio dos programas de pós-graduação? Será que é possível uma ciência prudente, para uma vida decente (Boaventura Souza)? Para além da pergunta que mundo queremos, penso, quem podemos ser no mundo que temos?

No início da minha formação, no curso de Pedagogia, por algumas leituras e ideias, próprias dessa etapa da formação, eu acreditava que uma revolução aconteceria, algo que mudasse de forma eficaz o mundo, as relações, as pessoas, resultando na garantia de uma vida justa e igualitária. Ainda desejo essa vida, para mim, meus amigos e companheiros de docência, e, em especial, para as crianças, adolescentes, jovens e adultos, estudantes da educação básica, com quem aprendi a ver e compreender a vida para além das minhas experiências, ou seja, ver a vida de forma coletiva. Porém, o caminho que percorri e construí com professores da educação básica, as impotências que compartilhamos ao redor da mesa grande nos encontros formativos, com pautas ambientais, humanas, educativas, enfim, diversas, me mostraram que as revoluções acontecem no cotidiano da escola. A revolução não é única, não é de um herói, de uma liderança, de um ser considerado elevado. Ela é plural, ela é feita nos movimentos diários, nas tomadas de decisão, nos processos de escuta e, também, nos processos de escrita. Ela é feita pelas crianças que ainda sorriem e brincam, apesar da miséria e da fome, ela é feita pelos estudantes do sexto ano, com quatro anos de reprovação e que continuam acordando cedo nas manhãs frias para estar na escola e ouvir os mesmos saberes que não conseguem entender, ela é feita pelos professores da educação básica, que são afrontados dia a dia por nossas formas de fazer ciência e de dizer o quão errada são suas

práticas, mas eles continuam lá, produzindo saberes, reinventando à escola e sendo referência de cuidado e educação na vida de uma comunidade.

Então, partindo dessas memórias, que a escola me deu, quando pude atuar como coordenadora pedagógica e diretora escolar, convido vocês a pensarem comigo, quem podemos ser no mundo que temos? Creio que essa pergunta pode apresentar outras possibilidades de pensamento e caminhos a serem trilhados, que, para além de pensar sobre o mundo que temos, nos coloque como parte desse mundo, como integrante e responsável por ele.

Vocês professores da educação básica, com suas práticas e esperanças, me mostraram que há uma tomada de decisão importante, um compromisso individual com o fazer educativo que vai para além das condições que se tem. Essa postura de vocês me faz pensar sobre o mundo, e sobre ser anterior a pergunta do mundo que queremos, pensar quem podemos ser no mundo que temos. Penso que nossas práticas precisam ter um compromisso maior com o presente, talvez mudando o presente, possamos ter um futuro outro.

Esses dias pandêmicos, apesar de assustadores e de provocadores de ausências, também provocaram presenças, entre tantas lives que pude ver e ouvir, lembro com intensidade de uma frase de Boaventura Souza quando frisou que somos 0,01% da vida do planeta, e que é enorme o estrago, a destruição que esse percentual de vida produz. Sim, essas informações nos levam para o futuro, mas e hoje? O que podemos fazer hoje? Se esse percentual consegue destruir, não conseguiria respeitar, para que o mundo se reorganize?

O esperar da escola, das práticas docentes, me permite esperar sobre a construção de mundos outros, que são construídos dia a dia na escola. Penso que se

podéssemos olhar para além das ausências, as escolas de educação básica, em especial as públicas, poderiam nos ensinar muito sobre quem podemos ser no mundo que temos.

Nossos professores conseguem ser presença, mesmo quando o caminho é de ausência. Vi, ouvi, senti e chorei com experiências construídas por eles na Pandemia causada pelo COVID-19. Chorei ao ver a emoção de alguns vendo seus alunos/estudantes/parceiros de tardes, manhãs e noites. Me emocionei ao ver vídeos das crianças da Educação Infantil recebendo as caixas com materiais e recadinhos de suas professoras. Transbordei de encantamento ao acompanhar as presenças que esses professores e professoras foram construindo nesses dias tão singulares.

Essas experiências, ainda que singelas, me permitem a construção da pergunta, que segue a ecoar: quem podemos ser no mundo que temos? Há muitos caminhos e experiências que precisam ser construídos e conhecidos, caminhos que possibilitem o desenvolvimento da sensibilidade solidária, por meio de múltiplas vivências e reflexões partilhadas, caminhos que desnaturalizem desigualdades, violências e qualquer tipo de opressão.

Enfim, ...

“No futuro não se tratará tanto de sobreviver como de saber viver. Para isso é necessária uma outra forma de conhecimento, um conhecimento compreensivo e íntimo que não nos separe e antes nos una pessoalmente ao que estudamos.”

(Boaventura de Sousa Santos, 1988)

Um grande abraço!

“... ser caiqueiro é pra sempre!”
Débora Medeiros do Amaral

Cartas, memórias e compromisso social

A escrita, aqui a escrita de cartas, dentre tantos conceitos e compreensões, ocupa um lugar importante no campo da memória. Garcia (2004, pág.1) argumenta que:

[...] la memoria, incluso la denominada individual, se construye sobre la base de narraciones que constituyen formas de discursos y modos de organizar experiencias, por ejemplo las pasadas, que son culturalmente dotados de significado, y que para ser inteligibles a la persona, grupo, sociedad, o colectividad a quien se presentan hay que expresarla en relatos lógicos que muestran la verosimilitud de lo que se está recordando o relatando. Ciertamente, en la vida cotidiana encontramos cantidad de narraciones sobre las experiencias colectivas.²

À medida que compreendo que narrar e relatar constituem o campo da memória, percebo que as cartas, e, em especial, as pedagógicas, são registros capazes de contar sobre os contextos e cotidianos escolares, e, assim, guardar as marcas e cicatrizes desta pandemia. As memórias escolares nos permitem revisitar e visibilizar as experiências coletivas de formação docente e discente vividas no cotidiano escolar e, assim, narrar, de forma

² [...] a memória, mesmo a chamada memória individual, é construída com base em narrativas que constituem formas de discurso e formas de organizar experiências, por exemplo, experiências passadas, que são culturalmente dotadas de significado, e que, para serem inteligíveis para a pessoa, grupo, sociedade, ou coletivo a quem são apresentadas, devem ser expressas em relatos lógicos que mostrem a plausibilidade do que está a ser recordado ou recontado. Certamente, na vida cotidiana, encontramos uma série de narrativas sobre experiências coletivas (Tradução livre das autoras).

autobiográfica, a constituição de saberes da experiência, bem como reconhecer as professoras como protagonistas de saberes pedagógicos, que produzem documentações narrativas da experiência pedagógica, uma vez que

estas experiencias colectivas de movilización intelectual y político-pedagógica, que suponen procesos de formación y desarrollo profesional docente centrados en la investigación pedagógica de la experiencia escolar, se vienen pensando y estudiando como modalidades nuevas o alternativas de organización social y técnica de y entre educadores para la producción, publicación, circulación y validación de saberes pedagógicos desde la recuperación, reconstrucción y documentación de la experiencia escolar (SUÁREZ, 2019, pág. 33-34)³.

Nesse sentido, partindo da contribuição de Suárez, penso que a escrita de cartas no contexto escolar pode contribuir na construção de relatos capazes de produção de documentação narrativa da experiência pedagógica. A experiência do doutorado, o achado das cartas como proposta metodológica e a compreensão da escola enquanto espaço de produção de conhecimento provocaram em mim movimentos de busca por pistas, presenças, memórias e escritas. E, como diz o ditado

³ Essas experiências coletivas de mobilização intelectual e político-pedagógica que envolvem a formação de professores e processos de desenvolvimento profissional centrados na investigação pedagógica da experiência escolar, estão a ser consideradas e estudadas como formas novas ou alternativas de organização social e técnica de/e entre educadores para a produção, publicação, circulação e validação dos conhecimentos pedagógicos baseados na recuperação, reconstrução e documentação de experiência escolar (Tradução livre das autoras).

popular, quem procura acha!

Nesse sentido, as cartas compartilhadas neste breve texto contam sobre dias pandêmicos, o compromisso social da memória e a necessidade de dizer a palavra. Uma escrita de si, uma escrita sobre os cotidianos vividos na escola e sobre os conhecimentos que surgem nesses cotidianos mesmo em momentos de reinvenções e de luto. Desejo que este texto seja uma provocação para pensar o lugar da escrita na prática docente e seu compromisso com a memória. Acredito que cartas podem ser um caminho possível para guardar a memória, dizer a palavra, estar em conversa e, também, para o reconhecimento de educadores como escritores, como narradores de suas práticas, pesquisadores de seus fazeres. Talvez, as cartas sejam ações potentes de memória social e política capazes de registrar nossas formas e descobertas de ser e fazer escola, mesmo em tempos tão sombrios.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

GARCIA, J. M. Las formas del recuerdo. La memória narrativa. *Revista Athenea Digital*, nº 6, 2004.

KRENAK, A. *O amanhã não está à venda*. São Paulo: Companhia das Letras, 2020.

RIBEIRO, T.; SKLIAR, C. Escolas, pandemia e conversação: notas sobre uma educação inútil. *Série-Estudos - Periódico Do Programa De Pós-Graduação em Educação da UCDB*, v. 25, n. 55, set/dez. 2020.

SILVA, D. P. A.; RIBETTO, A. Cartas e conversações - uma experiência de pesquisa escrita na diferença. IN: GUEDES, A. O.; RIBEIRO, T. (orgs.). *Pesquisa, alteridade e experiência – metodologias minúsculas*. Rio de Janeiro: Ayyu, 2019.

SANTOS, B.S. Um discurso sobre as ciências na transição

para uma ciência pós-moderna. Revista Estudos Avançados, 2(2), 46-71, 1988. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-40141988000200007.

SKLIAR, C. Elogio à conversa (em forma de convite à leitura). IN: RIBEIRO, T.; SOUZA, R.; SAMPAIO, C. *Conversa como metodologia de pesquisa, por que não?* Rio de Janeiro: Ayvu, 2018.

SUÁREZ, D. Relatos de experiencia, redes pedagógicas y prácticas docentes: documentación narrativa de experiencias escolares en el nivel inicial. IN: ARANGO, G.M. *Narrativas de experiencia en educación y pedagogía de la memoria*, Buenos Aires: CLASCO, 2019.

Imagem 31



Fonte: Leandro Machado dos Santos

15

Realidades descontinuadas

Andrew Oliveira de Oliveira

Quando penso no que já vivi me parece que fui deixando meus corpos pelos caminhos.
Água Viva, Clarice Lispector (2020, pp. 60-61).

O mundo parou, por um momento tudo pareceu se perder no fluxo inconstante da realidade, a vida falhou em sua própria continuidade, tropeçou sobre o seu próprio eixo e a rotação ficará invulgar para si. Estranhou-se o que estava acontecendo, poucos acompanharam a velocidade com que o ar entrava nos organismos para processar uma informação tão melancólica, parecia uma peça trágica, uma trapaça, mas de uns tempos até esse impasse contemporâneo, toda a história da humanidade pareceu ter se transformado em um fluxo demasiado de eloquência e ruína. Os homens encararam o abismo e se deixaram ser engolidos por ele, a esperança sofreu alterações com o avanço dos ponteiros, o seu significado passou a ser tangente ao da debilidade em vida, estagnados, ninguém tentou mudar essa concepção.

Doce e consciente de sua grandeza, a natureza tentou se curar nesse meio tempo, revitalizar-se novamente, florescer diante da desgraça dos que difamaram seu âmago. Limpou suas veias sobre a superfície debilmente visível, mas ela jamais tivera essa

chance de se recuperar, a sua essência está demarcada pela brutalidade dos que andam sobre duas pernas, aqueles que supõem serem detentores do conhecimento primeiro. Mas a natureza faz uso de caminhos inusitados para parar a humanidade, foi assim que os segundos se congelaram, o calor se tornou um alerta, a extinção uma solução e o ar definiu uma guerra invisível, separou a humanidade e a fez definhir.

O suspiro ficou em suspenso e a calamidade se instaurou, ninguém ousou soltar o fôlego, romper o silêncio com essa pequena oscilação, deixar o som dos pulmões vibrar para além do corpo, que diante de um fim em latência, podia ser de tamanha ruptura, de tamanha imprudência, de tamanha fatalidade. As pessoas tentaram se rebelar, não aceitaram muito bem a situação que se instalara mesmo antes de estarem prontas para lidarem com a solidão, já que no fim o que todos temem é a solidão, melhor o som das máquinas que provêm oxigênio e o som abafado de passos brancos do que a vida muda, preservada, segura por estar afastada. Os homens sempre foram fracos para lidar com a própria companhia, acham em si as mesmas características que negam no restante.

Ainda estamos parados? Não sei ao certo, pois ficar adormecido diante de tanta incerteza por tanto tempo faz com que fiquemos cegos, e temo ter perdido um pouco da sensibilidade que outrora tive, mas suspeito que ela pode ser recuperada, mesmo quando o mundo impõe suas limitações sobre nossos corpos, eu não vou permitir que meu corpo seja doutrinado com o medo, eu quero aprender a viver com valentia, deixar o ímpeto de se resguardar por conveniência e finalmente voltar a viver.

Queria ser como os pássaros, livre, leve, rápido, voar na imensidão do céu azul e ter comigo o instinto que me leva adiante sem comprometer a natureza, ser ousado ao pousar em meio às cercas elétricas, divisar o céu com asas

belamente esculpidas, ser meridiano onde a cidade se levanta em concreto obsoleto, ter para mim todo o ar almejado e desejado. Em sonhos eloquentes imploro para a grande mãe fazer de mim uma grande árvore, onde a cada rajada de vento a minha essência se fragmente e viaje pelo mundo afora, deixando as cores do outono colorirem a minha grandeza com alegria, e a primavera permitir meu levantar na alvorada dos que se perdem no desconhecido; imploro também para que me faça parte do mar, inconstante, incerto, eterno, tão vasto que para mim se tornaria confuso onde termina o eu e onde começa o outro, permitindo uma troca de olhares, pois ao se verem refletidos em mim eu poderia enfim me ver refletido nos outros, e em concomitância sermos algo apenas e algo além. Entretanto, sendo demasiadamente humano, estou preso ao chão que corroto com meus movimentos obsoletos.

Estou me adiantando, como sempre me perco nas palavras que tento enunciar antes mesmo de ser viável pronunciá-las, talvez eu jamais seja capaz de declamar meu coração com exatidão, pois ele se expressa através de mistérios e charadas, até tenho tentado equilibrar esse ímpeto, mas não tenho intenção de aniquilá-lo, seria cruel impor esse limite ao pulso poético em meu sangue, pois, se assim o fizesse, encontraria no crepúsculo o meu próprio fim. Não entrei em contato com você em muito tempo, tudo tomou um espaço considerável para ser dito, mas faz parte da vida, atualmente ela volta ao que antes fora, em passos curtos, já que ainda temos que ter prudência quanto às nossas atitudes. Apesar disso, vejo-me preparado para narrar minha curta odisséia, agora que sinto estar apto para voltar a respirar o mesmo ar junto de você, estamos finalmente retornando.

Eles falaram que era o fim, então desejei ser tudo o que eu estava predisposto para ser, pois se as rodovias dessa cidade eram as minhas raízes eu gostaria de trafegar

por elas novamente, mas a única coisa que realmente conheci foi a maneira como dedilhei as ondas salgadas no litoral. Como um piano, toquei a água, domando sua sinfonia, fui maestro na sua intempestiva narrativa, e sendo a sua força as chamas que movimentavam a cidade eu podia ser capaz de enfrentar qualquer adversidade, assim constatei ter vigor para não ceder à solidão, pois assim como o mar sou selvagem e um pouco confuso. Por vezes, acreditei estar alcançando um completo estado de paz na escuridão, absorvendo as partículas de pó, confinando meus suspiros em utopias, confiando promessas a palavras inviáveis. Aceitei a matéria boêmia que movimenta os nossos destinos, pois tudo é incerto, e nossas realidades para sempre serão descontinuadas, foi assim que grande parte dos artistas se revelaram por debaixo do manto da história como seres etéreos, atravessando delírios e guerras, eles captaram no ar o brilho da lua e tentaram ver a beleza que viria a seguir, assim, fizeram de suas vidas obras de artes, obras primas, mas temo que ainda sejamos demasiadamente comuns.

Quebraram-se corações que nem ao menos se sabia que existiam, pois era final de verão quando tudo teve início, havia pessoas nas ruas comemorando por diversos motivos, inúmeros eventos, qualquer incidente era motivo para felicidade, até não ser, e todos aceitaram que o outono em seus traços amarelados era o prelúdio da vida desbotando de sentido. Será a história de nossas vidas, contaremos para gerações que jamais entenderão o que realmente aconteceu, contudo, certamente lembraremos que nem todas as pessoas tiveram a oportunidade de inspirar até o final, para se alegrar com a notícia das portas finalmente se abrindo. Salvamos cada traço de humanidade que restou dessa experiência fragmentada, afinal, fomos verão mesmo quando o que restara para se partilhar fora o inverno, as conversas

tornaram-se superestimadas, batemos panelas das batentes de nossas janelas, em ressonância tentamos derrubar o que insistia em nos dizimar. Acredite em mim quando falo que jamais deixaria o mundo me torcer para algo que não sou, eles tentaram nos arruinar, nos empurrar no desfiladeiro, parte do tempo conseguiram, porém, resistimos pintando as ruas de vermelho, foi quando a crença de melhora reviveu por entre as fissuras da violência.

Havia um preço a se pagar pela solidão, pelas desculpas dadas para continuar cativo do meu palácio branco onde todos os móveis não possuem cor ou identidade, a não ser a impassibilidade da minha mente. Optei por me afastar de algumas pessoas que tanto gostei e admirei, mas elas sempre tiveram seu tempo contado para comigo, elas eram insanas, apenas mentiam para si mesmas, e com o terceiro olho na minha alma eu as via mentirem para mim, agora elas me odeiam, pois as dedurei sem embaraço, e o olhar perplexo foi de saber que elas pouco se lixaram ao voltarem a ser devassas. Sei que isso é complicado para se explicar, mas a minha vida também é uma confusão, a única coisa que ainda não me odeia é o meu âmagô, pois ele viu em mim um outro não vicioso como aqueles que tive de abandonar. Eles continuaram falando de mim, como se eu fosse a notícia mais interessante a ser reportada, riram de mim por eu me negar a voltar a respirar as ruas, os bares, as suas atmosferas degeneradas pela falta de ponderação. Quando me perguntam como não fiquei triste, faltam-me palavras para descrever a carência de desalento da minha parte, pois achei de uma beleza primitiva e doce a comoção acerca da solitude quando aceita em sua forma mais pura, desde que descobri essa intuição foi como ter as estrelas brilhando apenas para mim, ter a maresia a precipitar o prazer de imergir no mar, de submergir na

água sem o medo de ser carregado por ela, ou de me deixar ser inoculado para a face recôndita das profundezas como deixou Virginia Woolf.

Tantos avanços haviam sido feitos antes da precipitação dessa dívida recair sobre nossas costas, até mesmo pude ser capaz de me entregar à sensação de estar apaixonado novamente, quando jurei ser impossível, pois eu quebrei seu coração no passado, e, para reparar tal erro, parti o meu em dois, dando-lhe parte do meu sem que você soubesse, mas eu amei de novo, não porque me forcei a essa sensação para me sentir parte da humanidade, apenas fui atravessado por esse sentimento, ele falara através de mim, confinando minha rigidez, e permitindo uma delicadeza jamais entregue a ninguém. Vivemos noites especiais, fugindo dos olhares alheios para explorar corpos antes frios pelo abandono, escolhemos palavras específicas para criar uma língua própria, aludindo a terras jamais desbravadas, porém isso fez parte dos diversos finais que vivi. Nas primeiras semanas, trocamos cartas, confidenciando segredos, comentando como estávamos vivendo aquela loucura toda, não me arrependo do que lhe falara, apenas acho que houve uma falha na nossa comunicação, pois pude sentir toda a sua vontade de estar presente, mas não era assim. Sumiu-se, nem ao menos notei, outros afligimentos ocupavam meu sossego, tormentas na rua roubavam minhas noites de sono, outros olhares escondidos nas névoas da mente me inquietavam ao me deitar, talvez na sua presença eu não fosse acometido por essas visões, pois, ao seu lado, era possível dormir sabendo que esses devaneios eram reais, existentes mesmo sem se perceber

A primeira amostra da melhora não fora motivo de alegria, eu vi o mundo tentando se reerguer em meio a tantas rachaduras, o meu humor parecia a inconstante que movimentara Clarice Lispector por tanto tempo em

sua vida, eu estava feliz, mas não naquele momento, e notei não saber apontar qual foi a última vez que esboçara um sorriso devido ao presente, até mesmo com a possibilidade de viver o futuro, minhas esperanças eram altas, mas havia barreiras para que eu as sentisse. Sentia-me febril, infeliz, as trajetórias que me levaram até aquele momento foram responsáveis por diversos paradigmas internos, a minha subjetividade quase me cansara, aquiescia em perguntas que me interpelavam, dúvidas incógnitas ao meu ser, haveria vida após aquilo? O medo continuaria sendo meu companheiro, e, ao meu lado, ele teria um lugar guardado pela minha própria pessoa? Eu não sei, o contexto de tudo era brutal, as gotas de chuva caindo sobre o para-brisa, as pessoas enclausuradas em seus carros, esperando por seu momento, não havia comemoração, as pessoas não estavam reunidas lá para comemorar, mas sim para tentar dar fim a um conflito que nem mesmo elas começaram, a cultura deu conta de fazer todos os inimigos, olhando através das janelas, suspeitávamos uns dos outros. O céu estava escuro, mesmo sendo manhã, nem ao menos o dia parecia querer celebrar, a integridade física de tantas pessoas foi parte de uma estatística, as pessoas viraram números, apenas números, quantos morreram? Dois mil e quinhentos? Apenas isso? Semana passada estavam morrendo três mil pessoas por dia. Esse foi o sentimento coletivo, quando foi que nos tornamos tão frios ao ponto de achar que centenas de pessoas morrendo por dia não é algo novo, que, na verdade, apenas fazia parte do show? Vivemos como números, em uma matemática onde a exatidão é supérflua.

Parece que eu havia sacrificado parte da minha juventude, sentia-me tão jovem antes de tudo, o brilho do sol me instigava, as ruas me convidavam a desbravá-las,

eu não sei onde foi que me perdi nesses meses. É difícil acreditar que perdi traços daquela inocência, pois quando tudo estava indo para frente na minha vida, de repente, fui acometido pela estagnação do horror, uma inquietação cuja fala se aproximava dos impulsos que eu tanto lutara contra, eu havia perdido a batalha em minha carne, e meus segredos, todos que guardei para você, meu ódio-amor, será que você ainda se lembra de mim? Quando estávamos resgatando os traços de uma amizade corrompida por corações secundários, fomos interrompidos, a arte de sermos eternos fora interrompida, e meus segredos foram enterrados, e não faço ideia de quando terão a oportunidade de verem a luz do dia novamente, pois até mesmo eu me esqueci deles, já que descobri existirem outras dores importantes de serem investigadas, a nossa tristeza fora santuário de diversas noites minha, mas eu tive que lhe deixar ir, mesmo tentando te manter perto, segredo que também permanecerá de baixo da terra. Meus olhos estavam abertos de forma selvagem, tentando captar todas as informações da internet, porém tudo me deixava triste, a tempestade batia na minha janela e eu não a quis fechar, optei por deixar suas gotas molharem os livros sobre a minha bancada, desejei que deles escorresse tinta, para escrever nas paredes a dificuldade que eu tive de aceitar estar sozinho no início dessa guerra abstrata, estava me curando do nosso caos, mas sozinho eu não parecia melhorar. Foi em meio a uma das noites mais dolorosas, flertando com o fim, que me descobri apaixonado, sim, apaixonado pela minha companhia, a dor finalmente deu abertura para a prosperidade, pude tentar ser autêntico sem me sentir pressionado por exigências externas, criei um mundo apenas meu, teria lhe convidado para conhecer esse novo eu, mas fazia parte do sonho estarmos a mil sóis de distância, de dissonância, e não

importa como isso acabe, eu pude ser feliz, e irei lembrar desse segredo enquanto continuo envelhecendo.

O mundo era tão cheio de cores, e a única cor que prevaleceu na santidade da minha loucura foi a do sangue que se negava a gotejar, eu não o vi correr, mas me sentia em constante hemorragia, perdendo e tentando recuperar o pulso da minha cólera dentro da armadura em que me permiti morrer, minha pele passara de um tom vivaz para a palidez dos enfermos internados e afastados de suas famílias, pois a aparência deles era uma ofensa às mentiras contadas por nossos governantes e denunciadas pela mídia sensacionalista, eu achei que aquela tonalidade combinava com a minha constância, com as lágrimas derrubadas todas as noites, ninguém as viu, ninguém as notou, mesmo meus olhos falando por mim. Todavia, o reflexo doentio me entristecera, posicionei-me no pouco espaço que dispunha, voltei a me movimentar em passos incertos, não me importando com os vizinhos, pulei para alcançar a altura do céu, dancei as mesmas músicas repetidamente, sempre sem dominar a doçura com que os corpos se expressam, ainda sou muito rígido, mas até mesmo isso se tornou motivo de orgulho, também corri, sem a mesma independência que é correr em meio à natureza, mas o suficiente para enrubescer de excitação. Jogava-me no chão, pois a ele estaria preso, mesmo ansiando pelo céu. Se fosse para me lembrar dessa época no futuro que fosse livre de desprezo, eu queria memórias as quais poderiam ser compartilhadas com leveza.

Muitas pessoas passaram a lutar contra si mesmas, elas se descobriam como estranhas, desgostavam de suas personalidades, a energia de que emanavam era o suficiente para se sentirem estressadas, deslocadas, o corpo passou a ser um cárcere para suas potencialidades, inativas e incapacitadas de transitarem nas ruas. Notaram que suas atividades anteriores à

catástrofe eram superestimadas, pois só se fazia uma ocorrência linear de eventos para, no final, culminar em um local onde as pessoas perceberam serem insuficientes para lidarem com as demandas que criavam, foram açoitadas pela própria identidade, não havia quem resgatasse os atributos de paixão. Muitas entraram no paradigma de avançar e prosperar, mantendo-se isoladas e estudando em si algo que fosse viável de ser explorado e incentivado, e muitas outras se jogaram porta afora, descuidaram-se, acreditaram deterem o poder de serem irrefreáveis, muitas perceberam não apenas serem paráveis, mas serem efêmeras.

Os números apenas subiram, o meu medo tornou-se imanente ao meu cerne, os índices não foram o suficiente para frear atitudes egoístas, se era o fim do mundo, as pessoas preferiam que ele acabasse logo, mas de forma prazerosa. Homens e mulheres romperam um acordo oculto, frequentaram as ruas, casas lotadas, locais fechados, infringiram a lei imaterial que era capaz de curar o tempo e salvar o ar desperdiçado. Optaram pelo sexo, escondidas, esgueiraram-se pelas ruas ansiando por satisfazer o gozo da carne, desejo algum é realizável, a sua condição é de permanecer inalcançável, assim, as pessoas procuraram satisfazer vontades de forma instantânea, tangenciando o perigo, para após se considerarem invencíveis por não terem sentido as consequências de seus atos. Obtive diversificados relatos, poucos foram sobre a prudência de condicionar suas ações para preservar o pouco que se tinha, muitos compensavam a falta de amabilidade a partir da coragem que sentiam por ocasionar fissuras no prenúncio de tanta morte, as pessoas tornaram-se egoístas, mesquinhas, pararam de pensar, a criatividade passou a ser usada para uso próprio, para contornarem os números e, mesmo assim, deleitarem-se do que ainda é orgânico e vivo.

Ademais, não apenas o sexo fora motivo para insensatez, como disse, as pessoas não gostaram de dividir seu tempo consigo mesmas, passaram a se reunir na ganância obtusa de que o tempo passaria mais rápido, mas isso foi um erro, foi por causa desse tipo de atitude que esse pesadelo não acabara.

A janela do meu quarto se tornou a protagonista da minha vida, permiti-me ser secundário diante dela, ela foi televisão, pois, quando escondido, assistia às brigas dos vizinhos e escutava-as, quanta insensatez, todos estavam perturbados! Entretanto, meu programa favorito era assistir a diversos pássaros pousarem no muro do vizinho para descansar, até que optassem por se esgueirar por entre as plantas cultivadas logo abaixo. Foi através dessa tentativa que mantive meu contato com a natureza, sentindo-me parte de um todo, pois tinha em minha mente a certeza de que esse sonho mal roteirizado só acabaria se nos déssemos conta de que, para haver futuro, deveríamos ser conscientes no presente para não olharmos o passado com tanta dor. Porém, sempre há os que desafiam as medidas, principalmente os que dizem deterem as leis em suas mãos, tão presunçosos e egoístas. Além disso, minha janela foi pintura, do amanhecer ao anoitecer, eram inúmeras as gravuras, o sol e o céu se revezavam para criarem novas percepções da realidade. Estava encarcerado como um pássaro, mas foi em meu quarto que me senti livre, foi nele em que renasci para voar.

Olhava pela janela, encarava o céu, às vezes, estava limpo, muitas vezes, estava fechado, a janela estava sempre aberta, fosse dia ou noite, fizesse sol ou não, fossem as torrentes de chuvas esparsas ou concentradas, e meu coração continua rasgado por essa ferida que a terra impôs, mas ela não dói, descobri nela outras maneiras de se fazer ser, a letargia e a paranoia não me dominaram, assim como o tempo, eu aprendi a controlá-lo. Entretanto, nem tudo é

perfeito, que graça teria se assim o fosse? A minha mente parece estar se cansando, algumas vezes me vejo no reflexo da janela, ele parece entediado, um pouco envelhecido, perdi o costume de me contemplar nos espelhos, não tendo lugares para frequentar, o próprio substrato que compõe a minha face se tornaram indiferentes, pois anseiam pelas ruas para voltarem a ser distintos e novamente chamativos, mas, até lá, deixarei que a minha aparência não seja algo importante, pude me desfazer dessa repressão, deixei de me infringir a mágoa da fome, existem motivações para as quais eu devo me voltar com cuidado, a cultura não impregna meu quarto com suas exigências estúpidas, de certa forma, eu encontrei liberdade mesmo estando encarcerado, o meu corpo enfim se revelou.

Estive fraco, mas mantive ao meu lado os livros dos quais tanto comentei sozinho, imaginava-me perante os personagens das grandes ficções que lia, comentava sobre o que havia compreendido de seus mundos e o que abarcava o meu, porém, sempre me encontrava sozinho ao lado da estante, era a forma que encontrava para tratar o tédio cotidiano, os dias se repetiam, sem nunca demonstrarem interesse em serem algo além. O sol entrava pelas frestas da persiana, propositalmente mal fechadas, para que, durante a noite, a poluição luminosa preenchesse meu quarto, fazendo dele um espaço maior que o vácuo em meu peito, o qual pulsava constantemente, demandando por novos sentidos, novas línguas as quais pudessem comunicar a minha verdadeira condição. A magia da luz incidindo pelas fissuras era surreal, fazia do meu palácio branco uma pedra ornada em mistério, deixando-me consciente das mudanças no mundo afora, se as tempestades despertavam em furor, facilmente me defrontava com o castigo dos deuses, os flashes ininterruptos atravessando a atmosfera, fazendo as paredes retumbarem em hesitação. Nesse intervalo, onde céu e terra

se digladiavam, eu, pelo contrário, decidia me levantar da cama, abandonando as cobertas e lençóis, sentia-me seduzido pelas luzes, seguia-as, caçando o retinir de sua sinfonia. Era vítima daquele amor, entregava-me àquela dança, desenhando círculos com os pés no assoalho limpo à tarde, o isolamento me fez ansiar por maneiras de retornar a forma primordial do ser o qual nunca foi genuinamente abandonado. Em momentos como esses, meus ombros pendiam para os lados e as palmas das mãos preparavam-se para o voo, acreditava ser capaz de estilhaçar o vidro da janela com a força do meu corpo e me lançar em direção aos raios, entregava-me a uma identidade dionisíaca e pura quando o céu gritava o meu sufoco para fora, impedindo-me de adormecer em meio ao choro compulsivo. Foi em meio à mágoa do céu que aprendi a parar de fantasiar com o vazio.

Sonho em rever dias ensolarados além de mim, pois sinto me debater preso nas mesmas paredes, persistindo entre dias e noites, evitando meus sonhos já que neles eu sei que vou viver uma mentira. Espero que tudo isso signifique algo, aprendi que ter medo é ter esperança, então me deixe acreditar que, nem tudo, por mais mínimo que possa parecer, ainda não está totalmente perdido. Pequenas mudanças também são revoluções, estive definhando, mas logo me curei, tornando-me algo novo. O que fora triste será memória e trajetória para que eu viva perto do que deixei partir. Disperso-me na minha mente, através de entre meios pelos quais me sinto estranhamente acolhido.

Em um momento de efervescência intelectual, quando voltada para a delicadeza da movimentação das mãos, onde deixava meu legado sobre páginas em branco, pude pintar, com certa liberdade, a qual havia perdido em anos anteriores, através das tintas me convenci de comunicar com essa dança as minhas verdadeiras intenções para com o mundo. Os movimentos

pareciam incertos, mas cunhavam sobre a superfície uma forma distinta e clara, sem rigidez, atingi a perfeição da minha obra, e, quando não eram sobre papéis, aventurava-me nas paredes, esboçando embarcações, na esperança de convidar aventureiros para admirarem a capacidade da minha criação de renovar os meus dias entediados. Com o verão adentrando novamente, alterando a atmosfera, minhas paredes sofriam o impacto da sua chegada, pois optava por pintá-las com ondas maiores que a minha altura, mas, com a chegada do inverno, pintava-as de branco novamente, para retornar ao meu cômodo a imanência pacífica de sua existência nula e passiva. A minha integridade não era tão homogênea quanto a minha arte, precisava de um milagre para ter esperança e atravessar a tormenta, pois, com a chegada dessa doença, vi-me como uma criança perdida, desamparada, sem rumo, pois a cronologia do meu imo era potencializada pelo exterior, o qual é extrínseco a mim, e, mesmo assim, sempre íntimo da minha evolução. Nas terras desconhecidas da minha casa, não sabia como poderia ficar seguro, não havia perigo, apenas o tempo correndo e os meus sonhos se esvaindo, a minha maldição foi acreditar que isso terminaria em breve, mas logo me dei conta do erro de ter sido presunçoso, e, com as rotas acessíveis à cidade fechadas, perdi a decência de me prometer diferentes futuros, pois, como estávamos intervindo dentro de nossos lares, não vi motivo para desejar destinos. Sempre fui um pouco complicado, mas o mundo também estava, o que me restara de real foram as palavras privadas cantadas para ninguém ouvir.

Portanto, foi através da loucura que tive acesso à minha poética, claro, tão azul e amargurada quanto às margaridas que roubamos daquele canteiro naquele último verão, quando decidimos fotografar a lua à noite com nossos celulares, os quais não tinham capacidade

para captar com dignidade o brilho refletido. O azul se tornou um tom prevalente em meu cotidiano, tornou-se a minha tonalidade favorita, visto que acompanhava facilmente as baladas dos meus fones, enquanto a tonalidade do amor se tornou aversiva para os meus olhos. Não fiz da tristeza a minha arte, logo ela se tornaria o oposto do que eu gostaria de deixar como herança para o mundo. Do azul surgiu a alegria, ainda na matriz do céu, foi nesse período de otimismo que pintei os batentes dos cômodos e os corrimões de azul, devido ao fato de esse pigmento enfatizar a perspectiva que me faltou, foi assim que constatei querer prolongar a substância da minha permanência indomesticável.

O lado bom de ser anônimo é saber melhor do que ninguém sobre a sua própria história, ser dissonante sem poderem lhe roubar a identidade, não há quem possa discorrer em relação às palavras que você ainda não falou, afinal de contas, você jamais estivera lá, e para os inconformados o que resta é afirmarem viver um *deja vu* permanente. Incondicionalmente é um pouco complicado, pois, na medida em que não te conhecem, falta-lhe a substância para saber sobre os outros, ao retornar para a monotonia de sempre após semanas e adentrando a margem de anos, momentos em que se encara o outro, estabelece-se um estranhamento mútuo. Com isso, estabeleceu-se esse paradigma do vale da incerteza, onde rostos reais ficaram embaçados, estreitando as semelhanças que as pessoas encontravam umas nas outras. Isso auxiliou no desespero coletivo, visto que as pessoas temeram ficar quebradas além do possível e não terem valentia de gerirem o caos ocasionado e de também não conseguirem refrear a sensação de viverem sem a familiaridade de dividirem as mesmas ruas de sempre. Todavia, sabemos que as pessoas nunca foram qualificadas para lidar com a disparidade criada entre o divino e o

empírico, nem mesmo eu, nem mesmo você, alguns aprenderam a sustentar esse fardo, você aprendeu?

Hoje me vejo redescobrimdo as ruas que perdi no ano anterior, elas parecem se alongar, fugir de mim, estou me defrontando novamente com a realidade de que o mundo é muito maior do que eu jamais fora capaz de perceber da minha janela, isso me faz temer a grandeza das coisas, se diante da cinzenta massa que compõe impérios os maiores desbravadores sentiram-se diminutos, quem seria eu, que, em meses, apenas minguou? Admiro cada uma das pedras que levantaram essa cidade, mas também as amaldiçoou, não pertença à cidade alguma, à pessoa alguma, sou cria do tempo, e esperei por seu andar para refulgir. Contudo, sou atraído de fato para as praças, onde mais uma vez permaneço em ressonância com o universo, tendo as estrelas sobre mim, o perfume da terra molhada a me rodear, a maresia do mar a tocar minha pele, o calor do sol a aquecer meu corpo, reavivando nele o que pode ser reconhecido, deixando o que outrora fora gélido, que vida a ser vivida! É entrar no paraíso sem ao menos saber que é possível ter acesso a essa forma de transcendência. O verdejante das árvores corta o céu e sombreia minha visão, permitindo que ela se perca no horizonte, alcance o que da janela não fora possível, demoro a me convencer que essas cores são verdadeiras, possíveis, pois do meu quadro o qual pincelava a cidade só era possível ver diferentes tonalidades de cinza e o azul através de seus espaços verticais.

Os transeuntes passam indiferentes, sem notar onde seus pés pisam, não santificam a terra na qual colocam seus pesos, nem ao menos tentam captar as formas deformadas sob a palma de seus pés, continuam a progredir como andarilhos sem destino ao certo, mas a diferença é que eles sabem para onde vão, apenas não entendem o porquê de irem para onde vão, a inércia é uma engrenagem fundamental para manter a manutenção

desse sistema inoperante, o qual nunca se preocupou com quem pereceu e jamais irá. A justificativa de seu funcionamento é afastar de si a responsabilidade da sua inclemência, brutalizando o prazer de viver sobre o céu azul. As pessoas esqueceram-se do prazer de caminhar sem rumo, encontrar, em um beco qualquer, um café qualquer e um conhecido há muito tempo ausente, o tempo não as ajudou a escolher com sabedoria os sacrifícios que realmente são indispensáveis de se fazer, meses em casa para descobrir que as pessoas ainda não despertaram do jogo no qual elas são apenas figurantes.

Aos poucos, tenho me aventurado pelos quarteirões do nosso bairro, bom, do meu, ele algum dia foi seu também, mas você se mudou faz alguns meses, você seguiu a sua vida. Por outro lado, eu continuei encerrado dentro de casa, selado nos mesmos ciclos, mas agora exploro novos começos, dando fins ao que acabara me deixando paralisado pelas amarras da apreensão. Dou-me a permissão de aproveitar a brisa quando sozinho, ainda não me sinto confortável na presença de outras pessoas, portanto evito contatos prolongados, e a nossa cultura é conhecida por essa afabilidade afobada. O abalo anterior ainda demarca a minha carne, as marcas da impermanência continuam a significar meu corpo sobre as dobras da cisão estabelecida entre os diversos eus. Apesar disso, ao deixar de lado os martírios consigo distanciar-me da constância amarga e tirar proveito das pequenas revoluções que ocorreram enquanto estive omitido do outro lado da minha janela.

Quando chove e não noto a chegada do dilúvio, sou acometido pela estranheza do cheiro do relvado molhado, decido me esquivar por entre os corredores do meu prédio para alcançar a saída, pois me tornei um caçador de trovões, a cada degrau, anseio sentir na pele as gotas da

chuva, já não tenho a mesma paciência de sempre, agora ela se reserva apenas para as causas que se simbolizam para os que têm sensibilidade para interpretar as narrativas erradicadas pela maioria cega e muda. Pulo degraus, meu coração tem incendiado meus dias e com ele deixando-me impaciente, pois quero sentir o mundo lá fora, por isso preciso acalantar esse fervor com as tempestades, elas continuam gritando por mim.

Diga-me, você se lembra de quando brigamos em novembro anos atrás? De repente, afastamo-nos, pois não houve palavras para serem gritadas, a única coisa que restara foi o sufoco da nossa inabilidade para comunicar o que devia ser verbalizado, e, perto do fim da humanidade, resolvemo-nos. Destino ou coincidência? Ainda suspeito que você veja o futuro com os seus olhos, jamais fui capaz de descrever as cores deles, mas eles sempre foram distintos e registraram o mundo com uma singela curiosidade, a mesma que captava a minha imagem irregular nas ruas.

Eu não sabia que eu era seu, até não ser mais. Quando os meus ombros deixaram de ser leito para suas angústias, jamais imaginara que seria substituído dessa forma, mas essa é a forma que a nossa geração ama atualmente. Tive que perder tantas coisas as quais eu supunha ser impossível viver sem, até tudo ser retirado de nós, para descobrirmos que vivemos muito bem com o pouco que fica.

Talvez surja a pergunta de por que lhe escrevo? Em parte, por me lembrar de você com certa recorrência, mas, de forma muito incipiente, na mesma velocidade em que me vem à lembrança, esqueço-me, também por não termos encerrado aquela história, saberia dizer se aquela tivesse sido a nossa conclusão, pois as flores selvagens nos cercavam, e o fogo sobre elas aquecia nossa aversão para com o outro. Naquela semana, anterior à pandemia, você

me buscou de carro na mesma praça em que deixamos as nossas memórias divergirem nossos caminhos, e o caso é: quero lhe falar sobre suas últimas palavras. Para mim, a mágica estava nos pensamentos preguiçosos que advinham da primavera, mas sem relevância desistiam de virem à tona. Como que palavras que eram para significar “me desculpe” se metamorfosearam para “eu te odeio”, quando na realidade a única coisa que eu sentia era te amar incondicionalmente? Sei que você tentou ver o melhor lado da ruína de nossas vidas, mas não espere por mim, já vi o que nos aconteceu, ficamos afastados, atados às impressões terceirizadas sobre a nossa amizade. Com a distância, deixamos de ser tolos, porém não é por isso que devemos deixar a cidade, agora em tons outonais, azul para sempre, visto que juntos somos as cores que faltaram durante o confinamento, por isso verbalizo adeus aos diversos significantes que discordavam dos meus sentimentos. Hoje você vem me buscar na entrada do meu prédio, para trafegarmos pela costa da praia, encontrar o paraíso nas ondas partidas, nas pessoas perambulando pelo calçadão, nos pássaros pousando sobre a areia branca e se divertindo inocentemente. Possivelmente, algumas discordâncias não são o suficiente para apagar constelações como as nossas. Seus olhos não estão velados, você não comenta sobre a nossa briga por ela ser pequena diante do que nos separou por tanto tempo. Finalmente, estamos diante da oportunidade de despertarmos e nos permitirmos captar novas memórias, novos segredos e sermos intermitentes enquanto somos infinitos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Lispector, C. (2020). *Água-Viva*. Rio de Janeiro: Rocco.
Woolf, V. (2021). *As Ondas*. Belo Horizonte: Autêntica.

Imagem 32



Fonte: Leandro Machado dos Santos

16

Vilões vilões violam violentam violas violões

Leandro Machado dos Santos

Vilões vilões violam violentam violas violões foi o nome dado à ocupação artística realizada nos meses de outubro e novembro de 2021, no espaço *Majestic*, na *Casa de Cultura Mario Quintana*, em Porto Alegre/RS.

Frente ao convite para ocupar a *CCMQ*, corri ao poema *Violões que choram* – do poeta simbolista *João da Cruz e Souza (1861-1898)*; em verdade, fui buscar na gaveta dos guardados um rascunho de projeto. Admito que a escolha se deu influenciada pela realidade absurdamente violenta imposta sobre o povo brasileiro. Um contexto de sucessivos golpes antidemocráticos; de desmonte do Estado; de destruição da memória e do patrimônio nacional; de aprofundamento das tragédias ambientais; de ressurgimento do fascismo; de retirada de direitos trabalhistas; de alta do desemprego e das desigualdades; de intensificação da violência policial – miliciana; de extermínio das populações nas periferias; de retorno da fome; de medidas que provocaram o óbito de milhares de pessoas a partir da exposição à Covid-19 – atualmente, aos dezessete dias de 2023, registrou-se o número de 695.410 óbitos confirmados (catástrofe que só

não se fez ainda maior devido à existência do Sistema Único de Saúde e da ação corajosa dos seus trabalhadores).

Referente ao processo de construção do Projeto – dentro do espaço *Majestic* – ele se deu aos poucos, no ritmo em que os materiais solicitados foram sendo reunidos. O que permitiu viver num estado de observação – imaginando, resgatando, realizando trocas e ponderações necessárias perante o que ia sendo decidido. Entender o pensamento em elaboração teve importância. O espaço *Majestic* é localizado no térreo, na ala oeste. Lembra um quadrado, com pé direito alto, paredes em tom claro e ampla área de janelas envidraçadas por onde entra a luz solar.

Utilizei os seguintes materiais (listados na ordem em que foi possível obtê-los):

Violões – no total foram reunidos 23 instrumentos. A maioria recebeu cortes por serra elétrica e/ou perfurações por furadeira – sendo ainda amarrados, suspensos ou assentados sobre o piso em pequenos agrupamentos;

Fragmento do poema Violões que choram – impresso sobre adesivo, colado diretamente na parede, logo após a entrada, à direita;

Tarrafa de pesca – na entrada da sala, à esquerda, acima dos violões suspensos, aberta com o auxílio de fios de nylon presos a pontos específicos das janelas e corrimões;

Giroled – na cor âmbar, fixado ao teto, posicionado a poucos metros atrás da *Tarrafa de pesca*, propagou luz intermitente desde o momento em que foi instalado até o término da Ocupação. Alertando as urgências.

Sabendo da limitação contida em um único ponto de vista, fiz o convite a amigos atuantes nas áreas da Educação, das Artes e da Cultura, para conjuntamente

dotarmos de pluralidade esse discurso – reflexão – encontro – ocupação. A muitas mãos, celebramos a memória e a poesia, cantamos, dançamos, escrevemos nas paredes, sorrimos, abraçamos, fizemos música – desobrigados de andar pelos mesmos caminhos e obter os resultados de sempre.

Ao longo dos sessenta dias, a convite ou de modo espontâneo, pessoas se aproximaram trazendo percepções. Individualidades que contribuíram para que se ampliasse a diversidade de entendimentos – mesmo quando os encontros deram-se através das janelas da Sala ou das postagens nas redes sociais.

De tempos em tempos, faz-se necessário um novo mergulho nos registros, nas vivências e lembranças a fim de seguir ampliando a compreensão do que tenha sido essa movida. Ao decantar as experiências e apurar os sentidos – enquanto negros pensadores – afirmamos a importância de ocuparmos os espaços públicos, produzirmos conteúdo e nos fortalecermos diante da guerra de narrativas, pois são muitas as tragédias em curso.

Agradecimentos:

A Diego Groisman, à época Diretor da CCMQ e Equipe, por todo apoio e carinho; A Ana Dos Santos, Delma Gonçalves, Duan Kissonde, Fátima Farias, Felipe Merker, Lilian Rocha, Tiasmin Ohnmacht, Renato Borba, Rita Lende, pela confiança, parceria e afeto; A todes es amigues que de perto ou nas distâncias jogaram luz.

Leandro Machado dos Santos

Imagem 33



Fonte: Leandro Machado dos Santos

SOBRE AS(OS) AUTORAS(ES)

Alan Goularte Knuth – Doutor em Epidemiologia (UFPel). Docente do curso de Educação Física, do Programa de Pós-graduação em Saúde Pública e da Residência Multiprofissional em Saúde da Família da Universidade Federal do Rio Grande (FURG). Docente do Programa de Pós-graduação em Educação Física da Universidade Federal de Pelotas (UFPel). Integra o Grupo de Estudos em Saúde Coletiva dos Ecossistemas Costeiros e Marítimos (GESCEM/FURG). Membro do Grupo de Trabalho Temático (GTT) Atividade Física e Saúde do Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte (CBCE).

Aline das Neves Cordeiro – Residente Multiprofissional em Saúde da Família (RMSF) pela Universidade Federal do Rio Grande (FURG). Enfermeira pela Universidade Federal do Rio Grande (FURG). Membro do Núcleo de Estudo e Pesquisa em Enfermagem (NEPES). Auriculoterapeuta pelo Instituto RS.

Aline Machado Dornelles – Doutora em Educação em Ciências. Professora adjunta na Escola de Química e Alimentos na Universidade Federal do Rio Grande (FURG) e professora permanente no Programa de Pós-Graduação em Educação em Ciências na FURG. Coordenadora do Projeto Redes de Investigação Narrativa (Auto) Biográfica no trabalho docente: experiências da educação na América Latina, sob coordenação da Aline, que entrelaça, até o momento, redes de investigação e formação docente do Brasil e da Argentina, com a participação da Universidade Federal do Rio Grande (FURG), Universidade Federal do Estado Rio

de Janeiro (UNIRIO), Instituto Nacional de Educação de Surdos (INES), Faculdade de Filosofia e Letras da Universidade de Buenos Aires, Universidade Nacional de Mar del Plata, Universidade Nacional de Rosário, buscando fortalecer os laços de cooperação internacional acadêmica e científica entre essas instituições públicas.

Amilton Gonçalves Schir – Psicólogo. Graduado pela Faculdade Integrada de Santa Maria (FISMA). Apoiador do projeto de extensão Itinerâncias da Clínica Psicossocial Rede de Acompanhantes Terapêuticos. Apoiador do coletivo da Gestão Autônoma da Medicação (GAM), em Santa Maria - RS.

Ana Cristina Holzschuh Machado – Graduada em 1995 na Universidade da Região da Campanha. Especialista em Terapia Cognitivo-Comportamental pela Universidade da Região da Campanha, Preceptoria em Saúde pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Gestão em Psicologia da Saúde e Hospitalar. Pelo ITEPSA/ Monteiro Lobato. Psicóloga Hospitalar da Empresa Brasileira de Serviços Hospitalares, lotada no Hospital Universitário Dr. Miguel Riet Corrêa Jr. (HU-FURG/EBSERH) desde março de 2018.

Ana Paula Moreira Ferreira – Graduanda em psicologia pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Seu foco de estudo e prática profissional envolve as relações raciais, principalmente a saúde mental da população negra.

Analice de Lima Palombini – Docente do Instituto de Psicologia UFRGS, com atuação no curso de Graduação em Psicologia, na Pós-Graduação em Psicologia Social e Institucional e no Programa de Residência em Saúde

Mental Coletiva. Supervisora acadêmica do estágio curricular de ênfase em processos clínicos.

Andreli Dalbosco – Psicóloga graduada pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) e psicodramatista em formação pelo IDH. Também trabalha com yoga e é bibliotecária há mais de 8 anos, com experiência na área da educação, atualmente, coordena uma biblioteca escolar.

Andrew Oliveira de Oliveira – Graduando em Psicologia pela Universidade Federal do Rio Grande. Integrante do NUPPADES/FURG (Núcleo de Estudos sobre Psicoterapias Psicanalíticas, Arte e Desenvolvimento Humano). Quando me perguntam como eu definiria minha personalidade, tenho, por vezes, a sensação de verbalizar apenas a palavra "livros", não que isso seja o suficiente, mas traduz grande parte da minha vida, que é a leitura. Além disso, minha principal inclinação é a Psicanálise atravessada pela Psicologia Social, assim como pela filosofia e pela linguística.

Bruna Rosa Farias – Psicóloga Quilombola da Comunidade São Manoel/Dona Geraldina-Piratini-RS. Graduada em Psicologia pela Universidade Federal do Rio Grande (FURG). Desenvolve pesquisa sobre mulheres quilombolas, ancestralidade negra, afrocentricidade e mulherismo africanos. Co-criadora do dispositivo clínico PsicoQUILOMBologia e da QUILOMBOteca (espaço afrocentrado, lúdico e formativo para crianças).

Carine Ortiz Fortes – Mestranda no Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (PPGPSICO/UFRGS). Psicóloga pela

Universidade Federal do Rio Grande (FURG). Atualmente, integra o Núcleo de Infância e Família (NUDIF/UFRGS), o Núcleo de Estudos e Pesquisas ELÉÉKÒ – Agenciamento Epistêmicos Descoloniais Antirracistas (UFPel/UFRGS) e Núcleo de Estudos Afro-Brasileiros e Indígenas (NEABI/FURG). Durante a sua graduação, integrou o Grupo de Estudos em Saúde Coletiva dos Ecossistemas Costeiros e Marítimos (GESCEM/FURG), o Grupo de Estudos Epistemologias Negras (NEABI/FURG), o Programa de Educação Tutorial (PET/FURG), o Laboratório de Pesquisa e Extensão em Arte e Psicanálise (LEXPORTE/FURG), Saúde Mental e Direitos Humanos – Produzindo Estratégias de Cuidado em Rede (SMDH/FURG). Atuou como bolsista no Subprograma de Apoio Pedagógico ao Estudante Indígena e Quilombola (APEIQ/FURG). Foi bolsista e coordenadora dos Projetos de Ensino Grupo de Estudos Feminismo Negro e Clube de Leitura 4P – Poder Para as Palavras Pretas (NEABI/FURG) através do Programa Institucional de Desenvolvimento do Estudante (PDE/FURG). Realizou os Estágios no Programa Família Acolhedora (PFA/PMRG) e no Centro de Atendimento Psicológico (CAP/FURG). Também atuou em Estágio Não Obrigatório na Coorte de Nascimentos – Um estudo sobre desenvolvimento infantil e qualidade de vida das famílias (PMRG) em 2019. Possui temáticas de interesse tais como relações étnico-raciais; políticas públicas; necropolitics; colonialidade; gênero; raça; classe; sexualidade em uma perspectiva interseccional; intelectualidades negras; saúde mental coletiva; desenvolvimento infanto-juvenil; subjetividade; determinantes sociais em saúde; psicologia comunitária e institucional; psicologia social; e psicanálise.

Ceres Braga Arejano – Doutora em Enfermagem (UFSC), Professora Adjunta do Instituto de Ciências Humanas e da Informação da Universidade Federal do Rio Grande (ICHI/FURG) e Coordenadora Adjunta do Programa de Residência Multiprofissional em Saúde da Família (RMSF/FURG). Membro do Grupo de Estudos em Saúde Coletiva dos Ecossistemas Costeiros e Marítimos (GESCEM) da FURG e da Rede de Pesquisa sobre Drogas da Secretaria Nacional de Políticas sobre Drogas/SENAD.

Daniela dos Santos – Residente Multiprofissional em Saúde da Família (RMSF) pela Universidade Federal do Rio Grande (FURG). Enfermeira pela Universidade Federal do Rio Grande (FURG). Membro do Grupo de Ensino e Pesquisa sobre Enfermagem, Gênero e Sociedade (GEPEGS). Integrante do grupo de Ensino, Pesquisa e Extensão Viver Mulher (FURG). Membro da Comissão Técnica do Conselho Municipal de Saúde (Rio Grande - RS).

Débora Medeiros do Amaral – Doutoranda no Doctorado en Educación, no Programa Específico de Formación en Investigación Narrativa y (Auto)biográfica en Educación, Universidad Nacional de Rosário.

Diogo Dias Ramis – Natural de Rio Grande - RS, é advogado, Bacharel em Direito e graduando em Psicologia, ambos pela Universidade Federal do Rio Grande. Atua no Espaço de Expressão na modalidade de Estágio Obrigatório em Psicologia Social. Também atua como Redutor de Danos em contexto de festas no Coletivo Changa – Redução de Danos, de Pelotas – RS e atualmente facilita um grupo psicoterapêutico de ajuda mútua para universitários que usam drogas. Possui

interesse em temáticas relacionadas à Psicologia Social, à Redução de Danos e ao uso de substâncias psicoativas.

Douglas Casarotto de Oliveira – É graduado em Psicologia pela UFSM (2004), esp. em Violência Doméstica Contra Crianças e Adolescentes pela USP (2007), esp. em Humanização da Gestão e Atenção do SUS (2009) pela ESP-RS/UFRGS, Mestre em Educação pela UFSM (2009) e Doutorando em Psicologia Social e Institucional na UFRGS, integrante do grupo de pesquisa Travessias – Narrações da Diferença. É servidor público na Prefeitura Municipal de Santa Maria – RS e participa como psicólogo da equipe do CAPS ad II CIA do Recomeço. É docente do Curso de Graduação em Psicologia da FISMA e integrante do Grupo Ítaca, o qual realiza atividades de ensino na área de Redução de Danos. Como experiência profissional anterior, destacam-se a função de Coordenador da Política de Atenção à Saúde Mental do município de Santa Maria - RS, no período de setembro de 2007 até julho de 2009 e o trabalho no Acolher Sentinela: Serviço de Cuidado e Prevenção a Violência Física, Psicológica e Sexual de Crianças e Adolescentes e suas Famílias, no qual ocupou as funções de psicólogo e de coordenador. Como docente, coordena, desde 2013, o projeto de extensão Itinerâncias da Clínica Psicossocial – Rede de Acompanhantes Terapêuticos. Como pesquisador, destacam-se as experiências nas áreas da Saúde Coletiva e Educação com temas ligados à Reforma Psiquiátrica e Gestão, à Política Nacional de Humanização, à educação em saúde mental, educação sobre drogas e, mais recentemente, à Gestão Autônoma da Medicação.

Estephani de Almeida Vargas – Antropóloga graduada pela Universidade Federal Fluminense (UFF) e Psicóloga pela Universidade Federal do Rio Grande (FURG). Desenvolveu pesquisa sobre Relações Raciais e Atenção Primária em Saúde. Integrante do Grupo de Estudos em Saúde Coletiva dos Ecossistemas Costeiros e Marítimos (GESCEM). Foi bolsista do Programa de Apoio Pedagógico ao Estudante Indígena e Quilombola (APEIQ) na FURG.

Fernanda Camilotto Bortoluzzi – Psicóloga graduada pela Universidade Federal do Rio Grande (FURG). Formação em Terapia de Aceitação e Compromisso pelo Instituto Brasiliense de Análise do Comportamento (IBAC). Desenvolve pesquisa sobre saúde mental, atenção básica, psicologia social e psicologia comportamental contextual.

Fernanda Pereira Moraes – Graduanda em Psicologia pela Universidade Federal do Rio Grande.

Flavia de Moraes – Psicóloga graduada pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Graduação em Enfermagem pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul, doutoranda pelo Programa de Pós-graduação em Neurociências pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Gabriela Del-Ponte – Mestranda em Psicologia Social e Institucional pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), com ingresso em 2023. Psicóloga (CRP 07/37212), graduada pela Universidade Federal do Rio Grande (FURG) em 2021. Ao longo da graduação, realizou pesquisas de caráter qualitativo vinculadas ao Laboratório de Pesquisas e Estudos em Psicologia Social

(LAPEPSO) e ao Núcleo de Estudos do Trabalho e Constituição do Sujeito (NETCOS), tendo como interesse as áreas de Psicologia Sócio-Histórica, Psicologia Histórico-Cultural, Lesbianidade e Psicologia Social do Trabalho. De 2021 a 2022, foi bolsista do Apoio Pedagógico ao Estudante Indígena e Quilombola (APEIQ) e, entre os mesmos anos, coordenou o projeto de ensino “Grupo de Estudos em Psicologia Histórico-Cultural” (2021-2022). Entre 2020 e 2021, realizou estágio obrigatório no Centro de Referências Especializado de Assistência Social – Medidas Socioeducativas (CREAS-MSE). Em 2020, atuou como entrevistadora na “Coorte de nascimentos de Rio Grande: um estudo sobre desenvolvimento infantil e qualidade de vida das famílias”.

Gabriela Viana de Oliveira – Nascida em Campo Grande/MS, mas criada em Piracicaba/SP. É graduanda em Psicologia pela Universidade Federal do Rio Grande (FURG) desde 2018 e atua no Espaço de Expressão, na modalidade de Estágio Obrigatório em Psicologia Social. Possui interesse pelas temáticas da Psicologia Social, Saúde Coletiva, Uso de Substâncias e Redução de Danos; já atuou junto ao coletivo Changa de Redução de Danos em contexto de festa e atualmente desenvolve um grupo psicoterapêutico de ajuda mútua para universitários que fazem uso de substâncias.

Gicelda Mara Ferreira da Silva – Pedagoga pela Universidade Federal de Rio Grande (FURG), atuou como Educadora Popular e, atualmente, é Assistente Administrativa do HU-Furg/Ebserh.

Jackson Pereira Cardoso – Preto, LGBTQIA+. Psicólogo Comunitário e Clínico, mestrando em Psicologia (PPGPsi

– FURG). Pesquisador e supervisor de estágios no Grupo de Estudos em Saúde Coletiva dos Ecossistemas Costeiros e Marítimos (GESCEM – FURG), pesquisador do Núcleo de Estudos Afrobrasileiros e Indígenas (NEABI – FURG), membro do PsicoQUILOMBologia. Cocriador do Klinâmen: Psicoterapias Grupais. Atua e pesquisa na área da clínica grupal.

Jéssica Aguirre da Silva – Graduada em Psicologia na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (2021). Bacharel em Letras na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (2013). Atua como Psicóloga Clínica com atendimento a partir de abordagem de orientação psicanalítica e experiência na área da Socioeducação e Políticas Públicas do Sistema Único de Assistência Social (SUAS).

Josiane Flores Pinheiro – Graduanda do Curso de Psicologia (UFRGS) com conclusão prevista para 2023. Mãe, Empreendedora da Panos Subversivos e Funcionária Pública na Corsan há 12 anos.

Juliana Cotting Teixeira – Residente Multiprofissional em Saúde da Família (RMSF) pela Universidade Federal do Rio Grande (FURG). Doutorado e Mestrado em Educação em Ciências: Química da Vida e Saúde (PPGEC), pela Universidade Federal do Rio Grande (FURG), na linha de pesquisa “Implicações das práticas científicas na constituição dos sujeitos”. Graduação em Educação Física Licenciatura pela Universidade Federal do Rio Grande (FURG) e Bacharelada em Educação Física pela Uniasselvi. Pesquisadora do Grupo de Estudos em Educação, Cultura, Ambiente e Filosofia (GEECAF), da Universidade Federal do Rio Grande (FURG).

Juliano Barros Dalmas – Graduado em Psicologia pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS).

Lara Irene Leite Da Costa – Atualmente, atua no programa de Residência Multiprofissional em Saúde da Família da Universidade Federal do Rio Grande (FURG). Graduada em Psicologia pela Universidade Federal de Uberlândia (UFU), com ênfase em Psicologia Clínica e Social. Os principais temas de interesse em estudo e pesquisa envolvem infância e adolescência, maternidade, vulnerabilidades sociais e Psicanálise.

Leandro Machado dos Santos – Nasceu em Porto Alegre/RS, em 1970. Bacharel em Artes Visuais – habilitação Pintura, pela UFRGS (Porto Alegre/RS, 2003) e Licenciatura em Educação Artística em 2007, pela mesma Universidade. Ainda possui Especialização em Saúde Mental – Hospital Psiquiátrico São Pedro, Residência Integrada em Saúde, Escola de Saúde Pública (Porto Alegre/RS, 2007). Realizou mostras individuais como Arqueologia do Caminho, em 2019, no Centre Intermondes, em La Rochelle, França; e, em 2018, Desenhos Esquemáticos apresentada na Pinacoteca Aldo Locatelli, em Porto Alegre – RS. Também participou de mostras coletivas ao exemplo de Sopro e tempestade, na galeria Bolsa de Arte em Porto Alegre – RS, em 2021, e Rua!, em 2020, no Museu de Arte do Rio, Rio de Janeiro – RJ. Obteve premiações no 5º Concurso de Arte Impressa Goeth-Institut Porto Alegre, em 2020 e no 1º Prêmio Aliança Francesa de Arte Contemporânea. Aliança Francesa Porto Alegre, em 2017. E, atualmente, desenvolve Vilões vilões violam violentam violas violões, na Casa de Cultura Mario Quintana, em Porto Alegre/RS e o projeto Lojas Africanas: Territórios de Afeto – esse com financiamento do Pró-cultura RS Fundo de Apoio à

Cultura (FAC), do Governo do Estado do Rio Grande do Sul.

Leonardo Roman Ultramari – Natural de Arvorezinha/RS, é graduando em Psicologia pela Universidade Federal do Rio Grande (FURG) desde 2018. Atuou no Espaço de Expressão na modalidade de estágio obrigatório em Psicologia Social. Atualmente, também é integrante dos projetos de pesquisa “Artes musicais: processos criativos e subjetividade” e “A psicopatologia da vida cotidiana: DSM, CID e psicanálise”. Interessa-se, especialmente, pelas temáticas da Análise de Discurso, da Psicanálise, da Psicologia Social, dos estudos sobre Gênero e Sexualidade e pelas suas interfaces.

Letícia Ferreira Coutinho – Psicóloga graduada pela Universidade Federal do Rio Grande (FURG). Desenvolve pesquisa sobre saúde mental e atenção básica. Também estuda o desenvolvimento infantil. Foi bolsista do Programa de Educação Tutorial (PET) Psicologia FURG.

Lilian Ney – Mulher-Mãe-Feminista-Educadora-Escritora-Poeta. Escrevo porque a palavra insiste, existe, resiste, persiste, transborda! Escrevo porque não cabe em mim todo o assombro, a inquietação, o maravilhamento diante da vida! Participo de dois grupos de escrita: Poetas Papareias e Escritores de Quinta, ambos de Rio Grande. Trabalho como Pedagoga na Universidade Federal do Rio Grande (FURG). Sou doutoranda do Programa Específico de Formación en Investigación Narrativa y (Auto)biográfica en Educación, da Facultad de Artes y Humanidades, pertencente à Universidad Nacional de Rosario (UNR), Argentina.

Mariana da Cunha Aires – Psicóloga Especialista em Atenção à saúde cardiometabólica do Adulto na modalidade de Residência Hospitalar (RIMHAS – HU/FURG). Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal do Rio Grande (PPGpsi/FURG).

Mariana de Oliveira Garcia – Psicóloga pela Universidade Federal do Rio Grande (FURG). Residente no Programa de Residência Integrada Multiprofissional Hospitalar com ênfase na Atenção à Saúde cardiometabólica do adulto (RIMHAS – HU/FURG).

Mariana Gauterio Tavares – Psicóloga Mestre em Temas em Psicologia (Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação Universidade do Porto – FPCEUP). Doutoranda em Ciências da Saúde (PPGCS/FURG). marianatav@gmail.com

Mariana Schuh – Graduada em Psicologia pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Mattheus Vinicius Gomes Pessano – Psicólogo graduado pela Universidade Federal do Rio Grande (FURG). Integrante do Núcleo de Estudos do Trabalho e Constituição do Sujeito (NETCOS-FURG). Mestrando em Psicologia Social e Institucional pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (URFGS). Desenvolve pesquisas sobre trabalho, educação, Psicologia Social e Psicologia Histórico-Cultural.

Pedro Alves Fagundes – Estudante de psicologia na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) e estagiário do Centro de Estudos da Família e do Indivíduo (CEFI) no Núcleo de Psicologia Sistêmica. É bolsista voluntário do NEFIES (UFRGS).

Renata Cecconello Mônico – Graduada em Psicologia pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS).

Renata de Lima Corrêa – Estudante de Psicologia pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS).

Rita de Cássia Maciazeki-Gomes – Doutora em Psicologia. Professora do curso de Psicologia, do Programa de Pós-Graduação em Psicologia (PPGPs) e da Residência Multiprofissional em Saúde da Família da Universidade Federal do Rio Grande (FURG). Cofundadora do Grupo de Estudos em Saúde Coletiva dos Ecossistemas Costeiros e Marítimos (GESCEM-FURG). Coordenadora do Núcleo Sul da Associação Brasileira de Psicologia Social (ABRAPSO).

Sophia Caldas de Souza – Graduada em Psicologia na Universidade Federal do Rio Grande (FURG). Foi bolsista do PET Psicologia (2017-2021) e estagiária no Centro de Referência Especializado em Assistência Social – Medidas Protetivas (2020-2021). Durante a graduação, desenvolveu pesquisas nas áreas de Parentalidade, Maternidade e Gênero, tendo interesse por Psicologia da Infância e da Adolescência e áreas afins da Psicologia com a Assistência Social.

Stela Nazareth Meneghel – É graduada em Medicina (UFRGS - 1977), com especialização em saúde pública pela ENSP (1978), mestrado e doutorado em Ciências Médicas pela UFRGS (1989; 1996) e pós-doutorado no Programa de Pós-graduação em Psicologia Social da Universidade Autônoma de Barcelona (2005/6). Atualmente, é professora associada da UFRGS e coordenadora do Mestrado Profissional em Saúde da

Família (UFRGS). Participa do Grupo de Estudos Rotas Críticas: desigualdades sociais, generificadas e racializadas (UFRGS).

Tarcis Murilo Sartor – Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal do Rio Grande (FURG). Graduado em Psicologia pela Faculdade União de Campo Mourão (UNICAMPO/2014-2018). Especialista em Psicologia Escolar e Educacional (2019), Psicologia Hospitalar e da Saúde (2020) e Programa Saúde da Família (PSF) (2021). Psicólogo Hospitalar da Empresa Brasileira de Serviços Hospitalares lotado no Hospital Universitário Dr. Miguel Riet Corrêa Jr. (HU-FURG/EBSERH) desde setembro de 2020.

EDITORA E GRÁFICA DA FURG
CAMPUS CARREIROS
CEP 96203 900
editora@furg.br

ISBN978-65-5754-187-6



9 786557 541876